

RESISTENCIA

N.º 1

COIMBRA — Quinta feira, 21 de fevereiro de 1895

I.º ANNO

É INEVIT/EL

Atravessamos evidentemente um período transitorio, pologico, que terá curta duração.

Na consciencia colectiva achase firmemente arraigada a idéa de que a nação está vilmente explorada pelos que a dirigem. Já de há muito que entre o sentimento nacional e as instituições políticas deixou existir a correspondencia que torna absolutamente necessaria para que estas possam subsistir. Os precedentes historicos confirmam-as; as influencias actuaes todas conspiram para a sua substituição.

Sentindo a privação da unica base sobre a qual se podia firmar a cohesão política, vendo que contra ellas se levantam protestos cada vez mais violentos, os representantes das instituições saem do caminho da malidade. O imperio do direito deixa de existir, domina a arbitrariedade. Pretendem impôr-se pela força.

Querem toda a serenidade, dignidade e energia devia exercer a função moderadora no Estado, equilibrio a acção dos diferentes poderes, trabe um juramento solemne guardando a constituição. Quem a manter-se sempre superior a luctas partidarias; quem devia ser-se tenazmente a que o poder politico fosse conquistado por honrosos aventureiros, deixa de obedecer ás indicações constitucionais, apoia incondicionalmente os favoritos.

Quem vê-se privada da sua intervenção nos negocios publicos. O momento, que mais directamente symbolisa a forma de governo, é o lido pela carta constitucional de todo o prestigio. Deixa de apresentar a vontade nacional, para ser creado submisso do poder executivo. Este arroga-se a função de lidar com as cõrtes abertas, e acham bem. Quer que lhes seja dada confiança em questões de vitalidade, e ellas consentem. Que as arbitrariamente; arroga o direito de lhes fechar as portas de S. Bento sem haverem ouvido a sessão annual, e as rias batem as palmas, alguns seus membros enaltecem em effusos ao paiz os actos do governo.

Os partidos monarchicos, sem programas, sem idéas definidas

a resolução dos multiplos e complexos problemas que a nação enfrenta na ordem economica, sciencia, administrativa, moral e jurídica, conquistam adeptos pela letalidade e pela corrupção; mantem em meio d'ellas uma ficticia coheção, põem de lado, na distribuição d'empregos publicos, os meritos e as necessidades, para compensarem seus partidarios ou obterem novas vantagens; influem deletoriamente sobre as forças vivas da nação, submettendo-as aos seus caprichos e gambiões.

E a monarchia não pôde conter os seus desregramentos. Não pôde obstar a que sejam descaudados os interesses da nação,

offendidos os seus direitos, quem desacatou as leis que traçavam a norma do proceder.

E os honrosos honestos vão-se afastando cada vez mais da politica activa, e não se recorre a todos os meios para enojar os mais honrados e cauderes.

Mas a cada vez se fazendo e vai cadando os espiritos. Registram-se os crimes praticados pelos honrosos. Os interesses offendidos, os direitos lesados geram odios que não podem comprimir-se.

Desapparece a indiferença politica e entra numa phase revolucionaria. Buende-se suffocar os primeiros gritos, abafar os primeiros protestos, concentrando num só organo, que se publica no diario official, a larga dictadura, todas as funções politicas. Mas essa concentração prova evidente do enfraquecimento das instituições, dá margem a abusos e mais profundos desvarios.

As ambições, os mais descomedidos interesses individuais e collectivos exercem a maior pressão sobre o governo, e este cede, porque só ali encontra apoio.

Atacam impudentemente as garantias individuais dos cidadãos.

Mas a indignação publica augmenta; reconhece-se a inadiavel necessidade, para a defesa do que se conquistou em aturados esforços, longos sacrificios, a custa de muitas victimas, de oppôr a força á força para restabelecer o imperio do direito. Esta convicção leva a actos de heroismo.

A irritabilidade nervosa apodera-se dos representantes das instituições. Executam-se actos de verdadeira loucura.

E a indignação, afirmando a sua vontade, prepara num movimento brusco, a substituir as instituições encetando o caminho da normalidade.

III. **Que esperam?**

A Fimancia, que é o jornal que no Porto apresenta o mais importante e mais monarchico, desata-se nas segundas e terças meditações a respeito da monarchia liberal e do sr. D. Carlos, o primeiro...

«Desse modo o sr. D. Carlos considerou como um grande estopada a arte de governar, e se lançou incondicionalmente nos braços dos ministros favoritos, o paiz comprehendendo pouco ou nada havia a esperar de quem se dedicou dos seus deveres politicos e fôz-se obrigado a que se tinha comprado a monarchia liberal por um solemne juramento, e que a forma monarchica ainda servava das instituições liberaes, se lhes fôz um proceder á altura das graves circumstancias em que se acha o paiz; mas é tal que a fé monarchica esta profundamente abalada, o que deixa alimentar pensamentos aos que ainda tentarem um supposto em favor da monarchia liberal.

«Não só nós a reconhecer esta descrença em instituições, que se alastra extraordinariamente por toda a nação. O proprio partido progressista, o *Correio da Noite* o claramente.

«E as tristes condições da nossa politica, do os animos se exaltam e a indignação em todos os peitos, que o rei do Paiz, e a sua camarilha tão amada, trata a Villa Viçosa dar-se ao grato prazer de coelhar e lebrar.

«Ponto, isto está abaixo de tudo.»

«Que espera então a *Provincia* seus correligionarios? O sr. D. Carlos andar comente á caça dos coelhos e presente passar o tempo a ver se caça, ou não, a pontaria?

Mensagem da Comissão Republicana do Porto

Não cessam as manifestações de sympathia no nosso amigo dr. Cerqueira Coimbra, pelo seu nobilissimo proceder, como não cessam os protestos contra a perseguição pelo governo monarchico que são dignos.

Entre muitas cartas de homens graduados na politica portugueza e mensagens de estudantes, sobresae pela vehemencia da phrase e pela dignissima attitudé dos seus signatarios, o seguinte documento que abaixo publicamos e onde, a par de justissimas verdades, se manifesta uma altiva independencia que torna ainda mais ridiculas certas ameaças do governo.

Eis a mensagem enviada ao dr. Cerqueira Coimbra em nome dos nossos queridos camaradas do Porto:

Ex.º sr.

Dr. Antonio Cerqueira Coimbra.

O acto d'indecorosa perseguição politica que vos feriu brutalmente, surpreendendo a consciencia nacional de ha muito identificada com um certo grau de tolerancia politica, ganha á custa de tantos sacrificios, não podia deixar de sobresaltar esta intemerata cidade, onde a lucta pela liberdade foi mais sangrentamente porfiosa e a victoria conseguida mais solidamente radicada.

Vinha o paiz effectivamente encarando com espanto e vergonha a anarchia epileptica da dementada situação que nos desgoverna e avilta. Aberto a todas as vistas o abysmo temeroso de desmoralização e descredito que prepararam os diversos governos que de ha muito se revezaram no poder, via o paiz indignado a violação propositada de todas as leis fundamentais do estado, e a dissolução caprichosa dos ultimos laços de moralidade e de justiça. Parecia até que um unico empenho impulsivava o poder, o de persuadir as nações estrangeiras de que a patria portugueza se transformara porfim num vasto manicómio, a que seria indispensavel vestir uma camisa de forças; pois que a isto se reduz a rutella d'uma intervenção estrangeira.

O que, porém, ninguém esperava nem presumia é que os homens que se caracterisaram carnavalescamente de atletas destemidos nas cadeiras do poder, para surgirem a cada passo nas columnas do *Diario do Governo* desmascarados em pygmeus ridiculos e immoraes; os mesmos que fizeram da bandeira da patria a rodilha esfarrapada sobre a qual tantas vezes ajoelharam tremulos e confusos perante as nações estrangeiras, — os mesmos que ainda ha pouco ouviram silenciosos e encolhidos os eccos vibrantes da manifestação com que o altivo tribunal da nossa gloriosa marinha de guerra respondeu nobremente a uma injusta e calumniosa insinuação, — que estes homens viessem um dia cevar num zeloso funcionario publico o rancor insciente da sua raivosa impotencia perante a propaganda republicana, que os actos dementados da sua incapacidade fomentam e alargam acima de toda a expectativa. E pois bem certo que não tem limites a audacia dos cobardes quando os anima a confiança (tantas vezes illusoria) da impunidade!

E todavia o partido republicano, organisando-se publicamente com homens da vossa estatura e da vossa seriedade, mantém-se evidentemente no campo legitimo da mais stricta legalidade. Preocupado neste mo-

mento menos com a forma do governo do que com o grave risco, que corre a autonomia da nacionalidade, o partido republicano, vendo aproximarse o momento em que um governo tão desequilibrado ha de fatalmente provocar uma tremenda reacção, apressa-se em fazer conhecer os seus homens mais dignos e valiosos, ao mesmo tempo que estuda as mais instantes questões d'administração publica, para poder obstar a uma funesta anarchia, que nas melindrosas circumstancias em que nos achamos seria a ultima phase da nossa independencia.

Tem medo o governo da nossa vasta organização?

Compreende elle que no dia em que fôr conhecida, e adquira a plena confiança de todas as classes sociais, sahirá uma voz unisona de todos os labios e um impulso de energia de todos os corações que para sempre o expulsará dos altos logares que desprestigiou e deshonrou? Combata então, se ainda é tempo, a onda que avança com exemplos de severa moralidade e adopte processos de sabia e elevada administração.

Colocar-se, porém, fóra da estrada da lei que devia acatar, para, da encrusilhada do arbitrio apedregar impunemente o primeiro cidadão desprevenido, que passa ao alcance do seu raio visual, é abusar de mais da paciencia d'um povo. Zumba-lhe muito embora o enxame adulador dos zangãos esfaimados que sugam os ultimos favos da colmeia do erario!

O povo honesto e laborioso que se afadiga e que trabalha não os applaude nem os tolerará. Cada baga de suor que o fisco lhe rebusca para perpetuar a devassidão onde tudo se submerge desde a honra da nação até aos ultimos vestigios das nossas liberdades, arranca-lhe da alma um fremito invencível de indignação e desespero.

E a indignação e o desespero d'um povo são os poderosos impulsores das grandes commoções sociais.

Senhor, victima d'uma violencia inaudita que marca uma das maiores vergonhas da nossa historia democratica, console-vos ao menos a certeza de que o golpe que vos feriu, e feriu o paiz inteiro, assignalou ao mesmo tempo um sem numero de valiosas adhesões ao partido que vos conta entre os seus mais insignes e devotados correligionarios.

Porto, 16 de fevereiro de 1895.

José Nunes da Ponte
M. Amandio Gonçalves
Manoel Jorge Forbes de Bessa
Duarte Leite.

Vice-reitor da Universidade

Diz o nosso collega o *Tempo*:

«Os jornaes annunciam a nomeação de um vice-reitor para a Universidade.

«Não é preciso porque ha lá um reitor. Mas emfim o thesouro não se afundará mais cedo por se pagar mais um ordenado.»

O illustre collega não necessitava de ir muito longe para saber que o lugar de vice-reitor da Universidade não tem ordenado. Como, porém, não quiz ter um incommodo, que era leve, ahí fica o correctivo.

Reforma administrativa

Diz-se que irá hoje á assignatura a reforma administrativa do sr. João Franco.

Desde já podemos afirmar que, se nessa reforma forem offendidos interesses d'algumas localidades que tenham a força sufficiente para opporem resistencia, ella será executada do mesmo modo que o foi o celebre decreto sobre os passaportes.

Em todo o caso cá esperamos por mais essa belleza, que será devidamente apreciada.

Os professores

Corre em Coimbra, com certa insistencia, que o sr. João Franco deu feria á mocidade turbulenta, nos dias 22 e 23, para, couraçado na sua ingenua adhesão, dizer ao professorado portuguez aquillo em que ha dias vêm fallando as gazetas, isto é: meus senhores! muito juizo, muito silencio, senão dispersem!

Acho natural. E acho natural, porque é, entre nós, de uma trivialidade inaudita que Costa Cabral se apresente sob a mascara de Rodrigo da Fonseca.

Reparemos, então.

Estamos positivamente num momento de grande solemnidade historica. Os professores portuguezes vão decidir com a sua attitudé do prestigio d'uma classe e, em parte, tambem dos destinos da honra nacional. Se elles aceitam o ukase submissos, ver-se-ha como aquelles a quem compete a altissima missão de guiar e fiscalisar a mentalidade do seu paiz, dando uma prova de subserviencia ou de medo, não podem mais merecer a confiança d'uma patria, que no desenvolvimento da intellectualidade de seus filhos mergulha as mais poderosas raizes da sua esperanza. E Portugal, que ao presente experimenta em todas as zonas dos seus nervos um poderoso abalo de revolta, poderá levar essa crise á decisão insubornavel de que resultará o anathema para aquelles que vão depôr junto a um governo chato e sonoro o producto das suas conquistas, que um rei não protegee nem os ministros patrocinaram, mas conseguidas na brecha ardente, onde se erguem, na immaculada pureza do seu valor, os triumphos da Inteligencia.

Se, pelo contrario, como de todo o ponto é provavel, os lentes devolverem a intimação governativa com o mesmo gesto fulminante com que se aponta a escada ao primeiro importuno que nos invade a casa de chapeu na cabeça, — elles darão a esta cobarde geração de portuguezes um exemplo de viril dignidade que não deslumbrará pela audacia, mas que se imporrá pela isenção.

E então se notará como, fóra dos baldões da politica e das paixões sectarias, uma classe fica, equilibradora e compensadora, que, mesmo sem sahir da sua orbita social, será incentivo á todos os pusillanimes e servirá de contrapeso á acção de todos os desvariaes.

Assim a obra da Revolução será harmonica e concludente porque, havendo já a convicção politica e o desespero para a impellir, haverá tambem na tradição ethica essa força pairando ao de cima da demagogia das ruas e da declamação dos clubs que, em collaboração com outras, será sufficiente para a serenar.

De tal maneira, na Historia, forças aparentemente extranhas ao grande rio politico podem, num dado momento, avolumar ou diminuir, regulando-o, o aqude revolucionario.

Se essa altissima columna protectora, com raizes na raça e na tradição, tivesse existido em 31 de Janeiro, não se desfaria a obra dos revolucionarios numa grande chimera alada. Se, inversamente, ella tivesse projectado a sua sombra no solo brasileiro, não se desvirtuaria a obra de Benjamin Constant na demencia de uma onda sanguinaria.

Desejo referir-me em especial á Universidade, ultimamente tão em evidencia pela demissão do seu illustre secretario.

O que o sr. João Franco queria, sei eu. Que ao fundo da Rua Larga continuasse o velho edificio a projectar a sua sombra numa scenographia medieval. As janellas bem fe-

A Tuna compostelana

chadas para que a ventania rebelde que este seculo vem soprando pela sua guela d'allucinado não fosse lá dentro desarrumar a papelada; os lentes de volta, sob a cara rapada, examinados em costumes pelo João Franco e recebendo todos os annos, no juramento da praxe, a particula monarchica; e o foro academico deitado á porta ferrea, prompto a lançar as maxillas ao primeiro estudante rebelde que passasse.

Mas os tempos mudaram. As janellas abriram-se, a revolta nalguns cerebros é medonha e o foro academico é um pobre bicho empalhado, estatelado na sua jaula como uma fera vencida.

Quanto a este ponto, portanto, o João Franco illude-se. Se realmente possui essa idéa e a tem em grande apreço, como é natural, lembro-lhe um expediente. Funde uma Universidade nas charnecas do Fundão, nomeie para corpo docente alguns montanhizes da Estrella, faça-a frequentar por selvagens de Suizo e mande vir, para reitor, um negro da Guiné. Assim é possível, mas para cá já não colhe. Felizmente.

Mudaram os tempos. Quanto á questão de momento, e pelo que respeita á obediencia á ordenança ministerial, em breve se saberá a attitudé dos lentes.

Diz-se, todavia, por ahí, á bocca cheia, que elles vão protestar.

Assim se diz, assim o quero crer, assim o desejo. Assim o desejo é bem de ver que não é sob o ponto de vista estreitamente egoista do facciosismo politico.

Não. Caso se leve a cabo essa deliberação, só d'ella reverterá honra para a seriedade humana. Nós, os republicanos, nada lucraremos com isso, porque amanhã, do alto da nossa barricada, continuaremos a ver accessas as fogueiras no acampamento d'esses homens que são na sua grande maioria, como se sabe, progressistas ou regeneradores.

Sabermos todavia applaudir o acto que se diz projectado, porque nelle veremos uma coisa bem simples mas bem grande: uma boa acção.

Seja o que for porém! Ficamos na expectativa...

Este paiz é um neurasthenico da alma que tem, porventura, a etiologia da sua doenca na surmenage guerreira d'outros tempos e na exaustão jesuitica. Doença certamente exarcebada pela descarga nervosa que lhe promoveram as luctas heroicas e os chiffrins que, neste seculo, o trouxeram de armas na mão.

Está requisitando o grande tonico, a um tempo glorioso e terrivel, que só a plebe desgrenhada sabe produzir no meio das ruas, amassando a sua miseria nas lagrimas do seu desespero.

Mas, a par d'isso, exige tambem um tratamento psychico, applicado numa esphera de acção mais mansa e serena. Esse podem dar-lh'o, neste momento, e em parte pelo menos, os professores portugueses. Para isso basta lembrarem-se que este paiz está em taes circumstancias, que desalentado é fatal-o.

E vive-se na Historia parecendo morrer-se, como se morre similando a vida.

A Hungria vencida é ainda hoje a Hungria heroica e a Polonia morta é ainda hoje a Polonia viva!...

Antonio José d'Almeida.

A censura aos lentes

A Tarde declara que o sr. reitor da Universidade garantira ao governo, que não tornariam a dar-se em Coimbra factos como os que motivaram a circular que ultimamente lhe foi dirigida.

Não sabemos de correspondencias que a esse respeito tenha havido entre o governo e o sr. reitor da Universidade; mas o character d'este alto funcionario leva-nos a suppor, que é pura invenção do órgão official do celebre ministro do reino a declaração que se lhe attribue.

O que em todo o caso podemos afirmar é que por ora ainda não foi reprehendido professor algum, nem houve a minima explicação dada pelos lentes republicanos.

Chegou hontem á noite a esta cidade a Tuna Compostelana, que vem numa viagem de cumprimento á mocidade das escolas portuguezas.

Rejubilamos extremamente com a chegada a Coimbra do brilhante grupo que vem lançar nesta sorumbatica terra portugueza a alegria turbulenta da sua mocidade. Adeantadamente tinham chegado aqui na terça feira á noite tres membros da Tuna. São tres rapazes muito intelligentes, com a physionomia animada pela alegria vivaz da raça hespanhola, temperada pela doce melancholia propria d'esse glorioso paiz tão cheio de romantismo e de lenda.

Os estudantes da Universidade receberam com a classica fidelguia portugueza os seus camaradas de S. Thiago de Compostela e, no instante entusiasmado das suas almas quentes pelo ardor dos 20 annos, elles mostraram como lhes é incentivo e dentro d'elles arde a fogueira generosa dos grandes ideaes.

As 6 1/2 horas da tarde desceu da alta a Estudantina de Coimbra, a bandeira á frente, os vivos correndo pelo ar, os corações juvenis dando descargas de entusiasmo como pilhas electricas, communicando á população um frenido desusado.

Na estação velha toda a academia. Um silencio ruidoso. A massa negra das capas oscilla como uma onda, que suffoca momentaneamente os impetus de embate. Um silvo ao longe: Viva a Hespanha! Viva! Os estudantes hespanhoes caem nos braços dos portuguezes. Parecem amigos velhos. E são-n'o em verdade, porque o coração das duas patrias pulsando nos peitos da mocidade bate o mesmo sentimento. Viva! Viva a Hespanha fidalga, a Hespanha heroica, a Hespanha gloriosa!

Da estação velha para a cidade tudo a pé. Enrouquecem as gargantas, congestionam-se as faces, o cortejo attinge a mais alta vibração humana.

Recepção no Theatro-circo. Fallaram dois estudantes de Hespanha.

O primeiro avança no palco numa bella attitudé modesta que não esconde por completo a tradicional altivez hespanhola. Feições levemente maceradas que dois olhos brilhantes espiritualizam. Estende o braço. Silencio enorme e ancioso. La ouvir-se a eloquencia hespanhola magnetica, feita de lava como nós sabemos que ella é. Em verdade esse hespanhol não desmentiu a patria que possui a voz immensa de Salmeron.

Não é, talvez, um ardente, mas é com certeza um temperamento essencialmente nervoso. Oratoria brilhante, com algumas passagens bastante declamatorias, mas que dominam a assemblea pela grandezza suggestiva das imagens. Os seus labios não são positivamente um vulcão, mas ha tanta intellectualidade nas suas palavras, uma agudeza tão penetrante no seu pensamento. — tudo sob uma gase tão leve e ondulante de eloquencia natural sabida dos labios como é produzida no coração, que o seu pensamento nos lembrou uma aguia, que, vestida pela penugem branca d'um cygne, fosse pelo espaço, enamorado e vago, tentando alcançar as estrellas.

O segundo academico que fallou, tambem multissimo bem...

Fallaram em nome da academia de Coimbra, e brilhantemente, varios rapazes, de entre os quaes se destacou Marreiros Netto, um temperamento ardente, de palavra colorida e d'uma eloquencia vehemente.

Depois lá foi o cortejo immenso pelas ruas da cidade. Vim-o então das janellas da nossa redacção, que estavam illuminadas, e d'onde saudámos os brilhantes filhos de Hespanha.

Era surprehendente o effeito que a ruidosa manifestação tomou na rua da Calçada. A Tuna Compostelana, de bandeira alçada, no lugar de honra, á frente a Estudantina de Coimbra tocando um ordinario. Parecia uma immensa seara humana que um sopro glorioso animasse em movimentações triumphaes. Das nossas janellas gritámos: Viva a Hespanha! Viva a mocidade hespanhola!

E nessa saudação e nas nossas palmas procurámos fazer-lhes sentir que, como nelles, os nossos nervos vibram sob o mesmo entusiasmo, no nosso cerebro lateja a mesma idea e os nossos corações se dilatam pela mesma fé — a fé numa conquista commum, embora separada em dois destinos diferentes.

A Tuna Compostelana foi, após o seu percurso pelas ruas da cidade, cumprimentar o sr. reitor ao Paço das Escólas. Felicitamos a Academia de Coimbra pela maneira briosa como recebeu os seus collegas de Hespanha e em particular o nosso amigo Marreiros Netto, a alma d'essa manifestação, o academico illustre e sympathico, prompto sempre a dar o fogo da sua organização válida ás grandes causas.

Ajudar a bem morrer

O governo, roído de remorsos, por ter assassinado a monarchia, vae nomear mais conegos. Comprehemem decerto. Ou não? E' para o De-Profundis!

O ministro da guerra

Devastador, mais terrivel que a carga dos couraceiros em Waterloo, o sr. Pimentel Pinto avança por sobre os seus superiores até ser general.

Attingindo o ambicionado posto em Portugal, tel-o-emos depois reformando os seus collegas da Europa. Depois d'isto Napoleão, elle!

Em seguida o sr. Pimentel reformará os cavallos que estiverem graduados acima do seu.

Que o cavallo d'um ministro tambem tem os seus direitos. Já o dizia Caligula.

Os hespanhoes e as "Novidades,"

Diz esta folha:

«Referindo-se á demissão do secretario da Universidade de Coimbra, a Correspondencia de España escreve o seguinte, que traduzimos mesmo em hespanhol para que não possam accusar-nos de o ter desvirtuado na traducção.»

Não sabemos se percebem: «... Traduzimos mesmo em hespanhol...»

As Novidades traduziram para hespanhol o que tinham lavrado em portuguez.

Agora se os leitores quiserem comparar o que as Novidades põem na bocca dos hespanhoes e o que elles effectivamente dizem, leiam attentamente o que se segue:

«La prensa de oposición explota la reciente medida de orden público tomada por el gobierno lusitano. Hacia mucho tiempo que varios funcionarios públicos, bisanando de republicanos, venian atacando á las instituciones vigentes, tanto en los centros republicanos como por medio de la prensa.»

«Mientras sus doctrinas no han influido en la opinion pública, el gobierno no se ha preocupado de la cuestión. Era forzoso adoptar las debidas providencias, y se ha comentado por separar de su cargo al secretario general de la Universidad de Coimbra, uno de los más acérrimos propagandistas republicanos de aquella ciudad.»

«Esta medida ha unido el gobierno portugués la de amonestar á varios catedráticos afiliados en la misma escuela política, para que se abstengan de manifestar publicamente sus doctrinas contrarias á las instituciones.»

«A la persecución realizada se une la saludable advertencia que se ha comunicado al rector de la Universidad para que haga saber á los catedráticos la represión del ministro por las ostensivas manifestaciones de sus ideas políticas, contrarias á la monarchia. Y añadiendo que, si advertidos persistiesen, serían suspendidos en sus cargos.»

«Estas disposiciones de buen gobierno han sido muy bien recibidas por la gente de orden que desea la prosperidad nacional.»

CARTA LISBOA

Lisboa, 20 fevereiro de 1895.

Ainda hontemebi a carta em que me pediam para dar duas vezes por semana algu noticias do que por aqui se passa que me surprehendeu não foi a licação do jornal, pois já sabia que os amigos, organizando o partido com elementos intelligentes e hobs, deviam trabalhar numa grandepaganda republicana. O que me zelhendeu foi lembrar-se de minha lhes escrever as cartas de Lisboa quando eu, fora algum bilhete muil pressa escripto aos amigos, poucaizes mais gasto a tinta.

Isto não conta com a minha mais que proverviacompetencia litteraria, o que me a, confesso, pois até para tratar da politica eu entendo ser necessario umerto cuidado no modo de escrever, e não se alcança facilmente. Emfim, amigos querem, faço-lhes a vontade.

—Primeiro que tivou fallar lhes da impressão que temoduzido aqui a organização do part republicano do Norte.

Ninguem põe em vida, até os mais interessados na def da monarchia, que todos os grupos partido, organizados no Norte do p, estão moral e intellectualmente supores a todos os rebanhos monarchicoque por esse paiz fóra arruinam e pervem tudo.

Não me esquecet de dizer que a perseguição movida a meu amigo dr. Coimbra e o seu dijsimo proceder, ainda mais augmentan o entusiasmo pelo partido republicano Norte. Todos os votos dos republicos sinceros e desinteressados são para e a organização de todo o partido no pz, saia tão firme e disciplinada como já iste do Mondego para cima.

—Fallando do govno quero contar-lhes que, no meio de da a sua pretendida força, não invoca rei e a guarda municipal para decretar. Se o ministerio cae ou não cae, é pou difficil para que sobre elle se dê uma pinião plausivel. O mais certo é subir sr. João Franco a presidente do conselho. E depois d'isto, só lhe falta ser rei. Não começará a guerra civil e lá vem

D. Miguel chegou barra

e mais cantigas, e o caco, e os partidarios de D. Carlos e de João Miguel. Vae ser bonito.

Mas antes que venha a força vamos fallando do que está.

O ministerio está a por se ver livre do sr. Ferreira d'Almeida, a quem chamam por cá, navegador de tinas e lobo... do Mar Morto. O sr. e senhor que entrou no ministerio, tendo simplesmente a recommendal-o, saber de bofetadas, parece que não quer sair de lá como um burro. E assim corre que o sr. ante Ribeiro morto por se ver livre d'um physico.

Quem parece que está muito disposto a conter os seus petos perante as ferocidades do sr. Ferreira d'Almeida é o sr. ministro de guerra. Espera-se mesmo que, a parte de discussões entre o Reporter e o Universal, o primeiro órgão do ministro de guerra, o segundo do da marinha, as duas cheguem ao ponto de uma conflagração entre os dois. E deve ter graça e aborragem d'um couraçado por um cabelleiro.

Progressos da arte da terra... —Não deixa de ser muito comentado ter o celebre sr. Ferreira d'Almeida feito

um discurso aos marinheiros recomendo-lhes fidelidade ás flices, apresentando como principal de realhorica o augmento de 40 no soldo.

Sabem quem é o sr. Ferreira d'Almeida? E' o homem ainda ha pouco estava prompto a dar-se contra a monarchia!

Se quiserem que eu e porme-norise todos os actos de Ferreira d'Almeida contra as inções antes de ser ministro, estou pto a satisfazer esse desejo, de que que seja. Talvez mesmo que se pedirem, eu o faça.

—Aprecia-se aqui poms e variadas formas, o procedimen sr. reitor da Universidade, na quaes representações aos lentes.

Acredita-se que elle mandou dizer o que se publica uade, que narra ter o reitor tomado ansabilidade de que não haveria a mais motivos para reprehensões.

Acida a dignidade dos lentes reputamos, parece que a Tarde levanta uma calunnia contra o sr. reitor, que é certamente editor das opiniões dos pisores.

Eheio que ainda teremos muito que vi

—Antonio Ennes continúa desempenhado o seu cargo de informador da guerra contra os pretos, em Lourenço Marques, recebe este illustre patriota cincocenta réis diarios, pelo desempenho de importantes funcções.

Este Ennes está pedindo tambem, chronica cial.

Parece, as expedições á Lourenço Marques v a importar em perto de tres mil co de réis.

—O sr. Carlos lá está caçando em Villa Viçosa

O paiz, os olhos postos nas peças de caça sua magestade caça.

Que não nada para um povo ser feliz, como v que o seu rei não fallha a pontaria a boelho.

Jocelli.

João Menezes

Sahi na tel feira á noite para Lisboa, onde fassar as ferias de entrudo, o nosso querido e a todos os titulos sympato amigo e collega João de Menezes

Desejamos aalentoso academico umas expletivas ferias. Apesar, é claro, de lantarmos a ausencia do nosso amigoerdadeiramente insubstituivel na da nossa redacção, pela vivacidade do seu espirito, que a um taler originalissimo allia os dotes da m caustica ironia que imaginar se de.

Partido republicano

Os srs. drs. Marj Amandio Gonçalves e Manoel lge Forbes Bessa foram no domi, a Vianna do Castello afim de acar a organização da comissão tpicipal republicana, que tem de agir o partido naquelle importante stricto.

Pelas informações qnos dá a Voz Publica, antes de u semana devem estar nomeadas to só a comissão de Vianna as de todas as terras importat do districto.

E' assim que os rplicanos respondem ás ameaças e potencias do governo. Quando desordem e a anarchia lavram neartidos monarchicos, onde tudo dissolve num montão de lama, partido republicano, conscio da a força, com a serenidade dos forte organiza-se para amanhã, na hcaprema, quando a administracão estrangeira lhe bater á portavel a este desventurado paiz col sua acção honesta e moralisadoi.

Elevador

Affirma o órgão do partido governamental d'esta cidade queirão em breve iniciadas as obras de elevador. Embora não fosse benaproveitado o ensejo para essa declaração já tantas vezes repetida, porce no entrudo aproveita-se tudo pa ridicularisar, e a local da referia folha pôde suscitar novas ameaças a alguns edificios, por patuscos qe se lembrem de fazer novos estudos sobre o decantado elevador, registmos com prazer a repetição da prozessa e muito folgaremos de a vprida.

O elevador representa para para um importante melhoria para o sr. Ayres de Campos dos poucos meios de que se lançar mão, para evitar que a passagem pelo primeiro loga administração municipal seja traste completo. O mercado já a historia. No matadouro já falla. As ruas acham-se em estado de conservação. Dirid sensivelmente os redditos do cipo, e não se faz um estudo para apurar as causas d'esse. Da gerencia finda passam for actual dividas passivas importantes, que desequilibram necessamente o orçamento.

Mas o sr. Ayres de Camposel ainda mostrar que mereceu a confiança que nelle depositaram os res. Faça o elevador.

Política estrangeira

Está, finalmente, em Hespanha, na patria amada a que votou a sua vida inteira, o mais illustre dos exilados d'hoje—Ruiz Zorrilla, o revolucionario de principios inquebrantaveis, que, na firme austeridade do seu character nobilissimo, nunca desceu, como tantos outros, á bajulação da realza.

Exemplo notavel de austera firmeza de convicções, e, ao mesmo tempo, contraste frizantissimo com a traição vergonhosa dos transfugas da democracia, basta collocar perante o vulto venerando de Zorrilla a figura antipathica e execrada de Castellar. Emquanto o exilado voluntario recusa terminantemente, depois da traição de Sagunto, voltar á patria vilipendiada, curvar-se a rasgar perante o poder que não reconhecia, Castellar dá a mão á monarchia vencedora, e campeia infrememente a traição desvergonhada; e lá no exilio distante, Zorrilla, sempre respeitado e venerado sempre, recebia nas homenagens da Hespanha inteira e no respeito de todo o mundo, a consagração do seu elevado espirito.

Vida illustre de combate e de intranquillidades, votada inteiramente á obra da revolução e ao resurgimento do seu paiz, Zorrilla baqueou por fim. Quebrou a doença aquelle espirito inquebrantavel, e obrigou-o a acceder a voltar á Hespanha, quando o não fez ás mais nobres instancias dos seus amigos mais dedicados.

A Inglaterra e a Russia — o leopardo do occidente e o urso branco do polo — que ha seculos vêm afiando as garras na esperança d'uma lucta proxima que decida do imperio opulento das Indias, parece que estiveram a depôr por momentos os seus odios seculares, e que negociações diplomaticas foram encetadas para uma approximação dos dois collossos da Europa.

Mas é difficil congraciar quem tão intimamente se odeia. Dizem os jornaes russos — o *Gradjanine* e o *Svet*, que mallogradas serão as negociações entabuladas.

E entretanto o imperio da India, que no Pamir tem a chave da guerra, entre as duas collossas potencias, continuará sendo atravez da Historia o facho da lucta, prestes sempre a incendiar-se...

O Egypto continúa vergando, subjugado á administração ingleza, violentamente imposta e tenazmente mantida. Acontece, porém, que o Khediva do Egypto, que manifestou desde sempre a mais absoluta reluctancia á denominação da Inglaterra,

aproveita todas as occasiões de mostrar á Inglaterra que está pouco disposto a supportar-a, e que aneia por sacudir o jugo já inexplicavel da despotica protecção.

E é assim que um ministro egypcio Nubar-Pachá, quasi tão anglophilo como os proprios inglezes, foi demittido do governo pelo Khediva.

Rocha Gomes

Morreu na sua casa de Ponte da Barca o sr. Manoel Bento da Rocha Gomes, quintanista de Direito.

Lamentamos esta occorrença. Alguns dos redactores d'este jornal foram companheiros e condiscipulos do desditoso moço, que, ao ver quasi coroados os seus esforços, tombou para o tumulo numa idade cheia de illusões e alegria.

O curso do 5.º anno fez-se representar no funeral, por maneira bem sentida e commovente.

Associamo'-nos a essa homenagem e enviamos ao curso do 5.º anno e á familia do nosso desditoso amigo a expressão do nosso pezame.

O governo e o Banco de Portugal

Os jornaes discutem acaloradamente o contracto realisado entre o governo e o Banco de Portugal.

Parece-nos que é tempo perdido estar a discutir sobre tal assumpto. De tudo, ha simplesmente que meditar sobre dois pontos:

1.º O governo adquiriu pelo convenio celebrado mais alguns mil contos para gastar.

Gastar já se sabe o que é. Este termo encontra completa definição no dictionario do sr. Mariano de Carvalho.

2.º A circulação fiduciaria eleva-se a 63 mil contos, o que não é exigido pelo commercio nem pela industria, e pôde determinar uma crise horrivel.

João de Deus e as Academias

Numa importante reunião, decidiu a Academia de Lisboa que as manifestações a João de Deus não poderão por forma alguma assumir o mais leve caracter politico, evitando-se assim equívocos e especulações.

Accrescentam os jornaes da capital que esta deliberação foi tomada por causa d'uma noticia inserta por nós no *Defensor do Povo*.

Comgratulamo'-nos com a occorrença.

Nunca imaginámos que a Republica possa resultar sómente das manifestações democraticas das academias. E porisso applaudimos sem reservas o seu momentaneo afastamento das luctas politicas, ao tractar-se de prestar homenagem a uma

alta individualidade sobretudo educativa e litteraria.

Mas, ao mesmo tempo, damos palmas por havermos tão facilmente conseguido desfazer os indignos planos de ministros, auctoridades e alguns academicos, que preparavam manifestações realengas e ficaram, d'esta maneira, com as caras... que Deus lhes deu.

DR. MANSO PRETO

A'cerca d'este nosso dedicado amigo e querido correligionario, teem alguns zoilos propalado boatos, que ou denunciam estupidez, ou patifaria.

As declarações, que ao sr. dr. Manso Preto se attribuem, devem bastar para que a sua velha fé republicana não possa mais ser esquecida ou menosprezada.

Não basta, porém, isso.

Ultimamente correu em Coimbra que a declaração, publicada no *Defensor do Povo*, das antigas convicções democraticas do sr. Manso Preto, era uma denuncia ao governo, e justificava as infamissimas referencias, que a outros correligionarios nossos fizeram certos homens sem vergonha jornalística nem pudor politico.

Cumpre-nos, pois, dizer que aquella declaração foi feita a pedido do sr. dr. Manso Preto, isto é, que, longe de ser uma denuncia, foi um acto de boa cortezia para com um prestante correligionario nosso.

E, para de vez quebrar os dentes a pessoas insidiosas, que desejam encobrir rancores pessoais com referencias injustas, damos publicidade á seguinte carta, que muito nos honra e que colloca o nome do sr. dr. Manso Preto tão alto, que nem velhocos, nem garotos, poderão mais lançar mão d'elle para colorir indignos propositos:

Sr. redactor da *Resistencia*—No n.º 4:681 do jornal *O Seculo* e numa noticia, cujo titulo é *Republicanos de Coimbra lê-se: Entre os novos adherentes á causa do povo contam-se os seguintes cidadãos:.....; dr. José Joaquim Manso Preto;.....*

As pessoas que lerem esta noticia e me não conhecerem não de suppôr que eu até agora tenho sido monarchico e que só ultimamente me converti á causa republicana.

E' claro que semelhante proceder não deshonraria ninguem; pelo contrario

seria muito louvavel, quando filho de sinceras convicções; porém é tambem verdade que considerando-me eu o decano dos republicanos portuguezes (o que por um lado não é muito lisonjeiro para mim) é custoso ver-me reduzido de repente á simples condição de neophyto.

Declaro pois que não sou *recruta*, mas um soldado com muitas dezenas de annos de servico e que infelizmente se acha, pela sua idade, reformado, de corpo senão de espirito, e fazendo parte do respeitavel batalhão dos veteranos republicanos.

E já que principiei a fallar de mim, permita-me, mesmo para convencimento do que acima digo, continuar mais um bocadinho narrando-lhe algumas notas biographicas da minha modesta e obscura existencia:

Tendo em 1828 e na idade de 4 annos acompanhado meu pae para o Brazil, para onde se viu forçado a emigrar pelos seus sentimentos liberalissimos, regressé á Patria em 1834.

Tinha pois 12 para 13 annos quando (em 1836) foi proclamada a liberal Constituição de 1820; e este facto em logar de me entusiasmar, como acontece em geral a todas as creanças, com o apparecimento de illuminações, descargas e todos os mais festejos proprios, pelo contrario inspirou-me certa tristeza, sem duvida devida á ingenuidade propria d'aquella idade e aoicio da gratidão que já então possuia em alto grau e que ainda hoje (apesar de tão velho) conservo.

Com effeito julgava ingratitude para D. Pedro, duque de Bragança, o desprezar, regeitar a Carta Constitucional que, segundo então me parecia, de tão boa vontade nos tinha dado, e para implantar a qual tantos sacrificios tinha feito, etc. por ventura o da vida.

Nestes sentimentos me conservei por bastante tempo, até que o desenvolvimento da razão, e como consequencia a critica dos factos, e mesmo a leitura me levaram á convicção de que a minha gratidão era mal cabida e que do systema monarchico representativo nada se podia esperar a bem das nações.

Foi isto em 1846 e já então fiz parte da fracção republicana que reagiu contra a *emboscada* de 9 de outubro d'este anno, fracção, que foi continuamente augmentando e que por ventura foi a causa da intervenção estrangeira, que então teve logar.

Ficando vencidos, tratámos de ver se era possivel a desforra e para isso formamos nesta cidade uma sociedade secreta, a qual sempre e em todos os paizes aonde funcionou, teve por objectivo o estabelecimento da Republica. Esta sociedade de que fui um dos seus nove iniciadores e sempre secretario do seu mais elevado tribunal, propagou-se de uma maneira admiravel por todas as principaes terras de Portugal, chegando a ter muitos milhares de proselytos, todos armados.

Em 1850 entrou, como quasi sem-

pre acontece a lavrar a intriga filha de despeitos e de ambições mal cabidas e tanto incremento tomou que deu por terra, nos fins d'este anno, com esta instituição.

Dos seus socios infelizmente poucos restam e apenas sei da existencia do meu excellente amigo Abilio Roque de Sá Barreto, residente na sua casa proximo de Condeixa e que tambem fez parte do supremo tribunal.

Veio a regeneração, e eu vendo, principalmente depois do golpe de estado de 2 de dezembro em França, que a realisação do nosso ideal estava muito afastada, filiei-me no partido progressista, por ser o mais avançado, no qual servi com a maxima lealdade; porém esta filiação, era apenas temporaria e assim logo que principiou a rair a organização do partido republicano voltei á primeira forma e ahi me conservei, mais como verbo de encher, porque a minha idade não permite outra coisa, do que como valioso elemento. Já vê pois do exposto que a minha declaração é perfeitamente fundamentada.

Finalmente devo declarar-lhe solemnemente que nunca tive ambições pessoais e menos agora as posso ter, quando a minha carreira vae no fim, porém que sempre tive uma grande ambição mais nobre e generosa que conservo cada vez mais forte e viva, que é de ver feliz a minha patria.

José Joaquim Manso Preto.

Carnaval

Para os ultimos dias de entrudo projectam-se as seguintes diversões:

No sabbado 23 e terça feira 26, haverá *soirées masques* na Assembleia Recreativa, na praça do Commercio. Promettem ser festas muito concorridas, a julgar pelos esforços que a direcção d'aquella casa emprega, para que as familias dos socios e os convidados passem umas noites agradaveis neste meio tão sensaborão.

O Gremio Operario, na rua das Covas, tambem dá uns bailes onde os seus associados e as suas familias passarão as noites do carnaval em intima familiaridade e divertimento. Nesta associação ha um theatrinho onde alguns socios amadores levam á scena comedias simples, pelas quaes se vão instruindo na arte dramatica, o que é muito louvavel.

E' digna de ver-se a ordem que esta associação, composta na sua maioria de operarios, mantem nas suas reuniões, e o escrupulo que as suas direcções teem na admissão dos socios.

No *Gymnasio de Coimbra*, diz-se, haverá uma *soirée* dançante no domingo; — porém, ainda não é positivo.

Em varias casas particulares ha tambem reuniões, as quaes não enumeramos por desnecessario.

FOLHETIM

TONY RÉVILLON

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE

1789-1792

I

O SENHOR DUQUE

Na vespera tinha chovido. Pela valleta, ao meio da rua, corria ainda uma enxurrada grande. A tempestade continuava. Uma grande nuvem negra obscurecia todo o horizonte, e esquadres d'outras nuvens, brancas, cinzentas, bronzeadas, passavam, impellidas pelo vento, sobre o azul profundo do ceu. Por vezes, interrompia-se o desfilar das nuvens, e o sol, conseguia a custo enviar para a terra um raio furtivo, que immediatamente se apagava. As nuvens recomegavam a succeder ás nuvens e o espaço a encerrar-se cada vez mais em trevas.

Além, a comprida rua tortuosa subia por entre as suas duas linhas de conventos mudos, de officinas silenciosas, de casas desertas. Ao longo d'ella havia

centenares de taboetas, mas as suas palavras desapareciam todas perante uma outra que ninguem tinha traçado, e que se via, contudo por todas as paredes:

A fome.

A fome, realmente, estava por toda a parte nesta cidade maldita.

Fôra ella que impellira para fóra das viellas estreitas esses milhares e milhares de seres humanos, de rosto sulcado de rugas, peito estrangulado e voz cava. Eram velhos e novos; mas todos pareciam velhos, mesmo as creanças, pela espantosa uniformidade que a miseria imprime a todos. A mesma physionomia tambem — a d'um animal atacado, enfurecido, que ahate a cabeça e olha por baixo, antes de se decidir a fazer face e a atacar de frente o inimigo, de cabeça erguida e olhos coruscantes.

As coisas, — effeitos da fome, — caminhavam a par com os homens.

O pão, sobre os balcões dos padeiros, parecia improprio para alimentar; a carne, nos grampos dos salchicheiros, parecia, de resequida, impossivel de utilizar; por toda a parte dominava uma pesada impressão de frio; — pois o fumo ascendia, porventura, das lareiras apagadas?...

A algumas portas, fileiras de mãos e de creancitas esperavam a sua vez de adquirirem um pedaco d'aquella pão que não alimentava. O resto da população ia e vinha, sem trabalho, inquieta, dirigindo-se de preferencia para um pequeno largo, onde, a um canto, havia uma pe-

quena fonte. Sobre os degraus da fonte, alguns homens fallavam entre si a meia voz. Cobertos de andrajos, blusas enodadas, um farrapo por camisa, os braços nus e as pernas nuas, emmagrecidos, estes representantes da miseria pareciam estar em assembléa. De tempos a tempos olhavam em volta de si, e viam a multidão dos esqueletos que representavam. Ou então levantavam a cabeça, e olhavam as nuvens encastelladas no ceu.

Nem um grito se ouvia, mas um grande murmúrio surdo, continuo, sobre o qual se destacavam uns rangidos estridentes — o ranger das lanternas penduradas de cordas que atravessavam a rua.

Estas lanternas eram as do arrabalde de Santo-Antonio; mas nem já se accendiam de noite.

Estava-se a 12 de julho de 1789. De repente, o murmúrio subiu. Distinguiram-se vozes. Abriu-se uma brecha nas fileiras...

Um correio a cavallo descia pelo arrabalde, procedendo uma berlinda de posta que era seguida por dois carros de bagagens.

Os cavallos chegavam a galope, mostrando as cabeças egues, como baixos-relevos gregos, ostentando a largura dos peitoraes, o vigor dos membros, a força e a harmonia da sua belleza. As mãos levantadas, caíam sobre a calçada num movimento seguro, cadenciado, sonoro. Dir-se-ia o symbolo da

omnipotencia soberba e esmagadora. As librés brilhantes representavam o luxo, os chicotes dos postilhões a alegria, a enormidade dos carros de bagagens a riqueza.

E o quadro das casas desoladas, dos miseraveis esfaimados, do ceu negro, da rua cheia de covas, engrandecia ainda pelo relevo do contraste as proporções d'esta opulencia.

Ao fundo do carro recostava-se sobre almofadas, quasi imóvel, um homem, vestido de seda, cingido espada, as mãos cobertas de rendas, a fronte estreita e clavada, os olhos d'um azul frio, os labios delgados. O seu rosto só exprimia um sentimento, mas absoluto — a indifferença.

Indifferente, com effeito, mas habituado a regular a sua vida como o seu creado de quarto regulava o seu relógio, o Senhor Duque voltava da sua propriedade em Versailles para cumprimentar o rei, que tinha um optimo appetite, beijar a mão da rainha, que era formosa, e assentar-se entre os deputados da nobreza nos Estados geraes.

Doze seculos antes, o seu primeiro antepassado, depois de ter despedido numerosas espadeiradas para auxiliar um guerreiro franco a augmentar o seu dominio, recebera d'este guerreiro uma pequena propriedade em recompensa dos seus servicos. Então, substituindo por um vestido de pelle de lontra a sua armadura militar, casou-se com a filha d'um dos seus camaradas, e passou os

seus dias a caçar e as suas noites a saturar-se de carne e de vinho.

Seu filho, seguiu o seu exemplo, e o seu neto imitou seu filho.

Com o andar dos tempos, a pequena propriedade tornou-se uma terra honrada exempta de encargos, d'impostos, ao abrigo dos credores e do Estado. O seu possuidor, que se tinha dado apenas o trabalho de nascer, dava-se ainda o de gastar os seus rendimentos. E a verdade é, que, se os rendimentos se tornavam insufficientes, o rei lembrava-se das espadeiradas vibradas a favor do seu antepassado pelo antepassado do gentilhomem, e concedia a este um governo, uma sinecura ou uma pensão. Em troca, o gentilhomem vestia-se bem, batia-se bem, e gastava — sem fazer ao rei a injuria de contar, — o dinheiro que devia á generosidade soberana.

O Senhor Duque era o representante d'esta tradição. Considerava o rei como o primeiro dos seus paes, respeitava polidamente a rainha, e considerava o resto da humanidade com uma linha infinita de zeros, á frente dos quaes a ordem que preside á marcha do universo tinha collocado algumas unidades ducaes.

Nem amor nem odio, nem enthusiasmo. Nem mesmo o leve recôa e do perigo futuro: — os philosophos os de vam de o desembaraçar de

A carruagem de posta ranco que a mente.

do que Lisboa-lhe á von-

NOTICIARIO

Consta que o illustre director dos Hospitais da Universidade e decano aposentado da faculdade de medicina, sr. dr. Mirabeau, será nomeado para o lugar vago de vice-reitor da Universidade. Quer se attenda ao valor scientifico quer ao caracter, a escolha não pôde ser mais acertada.

Da revolução ao imperio

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o folhetim que hoje colocamos a publicar.

Romance, em que palpita o interesse mais dramático e se sente pulsar a alma revolucionaria da França no periodo heroico que assombrou o mundo, romance bem escripto e cuidadosamente traduzido, elle ha de interessar os nossos leitores e afirmar no nosso meio litterario o nome do celebre Tony Révillon, seu auctor, tão pouco vulgarizado até hoje entre nós, e, todavia, tão merecedor de o ser.

Um industrial tentou suicidar se, ingerindo massa phosphorica. Recolheu ao hospital, e o seu estado é de gravidade.

Os srs. Antonio Jacob Junior, com padaria ao Arco d'Almedina, e Joaquim Miranda & Filho, com fabrica de bolacha e padaria na rua da Moeda, avisaram por circular que mandaram aos seus freguezes e amigos que, desde 16 d'este mez, estão habilitados a fornecer pão alvo e de primeira qualidade.

Os trigos rijos nacionaes fazem uma farinha trigueira e grossa, e, posto que seja mais rica em propriedades alimenticias, produzem pão menos volumoso e de menos apparencia que as farinhas do trigo exotico que importamos.

O nosso publico, não comprehendendo isto, e levado só pela apparencia, por causa da cor do pão, gritava contra os padeiros, que não provinha do fabrico, mas da farinha. Já ha pão alvo, rejubile-se o publico, se é motivo para isso.

Vae adquirindo melhora dos padecimentos que ultimamente o acometteram o sr. Joaquim Martins de Carvalho, illustre redactor do nosso collega o *Conimbricense* com o que muito folgamos. Fazemos ardentes votos pelas suas melhoras completas.

Na terça feira foi atropellada por um carro, proximo de Santo Antonio dos Oliveas, Maria do Rosario, de 9 annos de idade, sendo logo em seguida levada para o hospital, onde ficou em tratamento. O cocheiro evadiu-se, não podendo ter sido preso.

No dia 10 do proximo mez de março terá logar a procissão de Passos nesta cidade, que, segundo o costume, será com todo o esplendor.

Chegou hoje a esta cidade o distincto engenheiro sr. Pedro Ignacio Lopes e sua ex.^{ma} filha, hospedando-se em casa do nosso amigo dr. Guilherme Alves Moreira.

Uma festa intima

Na segunda feira, 25 do corrente mez, deve realizar-se no theatro de D. Luiz um espectáculo particular, exclusivamente para as familias dos promotores d'esta festa e alguns convidados.

Representa-se a opera *Fausto*, convenientemente modificada e adequada ao fim em vista, pelo nosso querido amigo sr. dr. Augusto Costa Pereira.

O *arreglo* da musica é devido ao illustre mestre da banda do regimento 23, sr. José Antonio Ribeiro Alves, que proficientemente tem dirigido os ensaios de côros e orchestra.

Senhoras pertencentes ás familias da melhor sociedade de Coimbra, fazem os papeis de Margarida, Sichel e Martha e tomam parte nos côros.

Mario Gayo, João Roque, José Doria, Pedro Nazareth e Francisco Martins, desempenham respectivamente os papeis de Mephistopheles, Fausto, Valentim, Wagner e adjunto de Mephistopheles.

A orchestra é composta de amadores e musicos do 23.

Ensaaiador, José Doria; contra-regra, Francisco Paula; ponto, Francisco Rocha.

A festa promette ser brilhantissima.

Felizes os que nella tomam parte e os que para ella forem convidados.

Para suffragar a alma da sr.^a D. Maria Joaquina Correia Pina, mãe do sr. bispo conde, que falleceu ha pouco, haverá hoje, 21, missa na

egreja do Carmo mandada rezar pelo Definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, ás 9 1/2 horas da manhã.

Na egreja do Collegio Ursulino, á mesma hora, haverá missa de *requiem e libera-me*.

Na egreja do Carmo, com a assistencia dos pobres da freguezia de Santa Cruz, resará tambem uma missa de *requiem*, ás 9 horas, o coadjutor d'esta freguezia.

A Misericordia tambem mandará cantar uma missa com *libera-me*, na egreja do collegio dos orphãos.

Na *Assembleia Recreativa* continúa a ser muito concorrida a aula de conversação franceza, dirigida pelo sr. Lepierre, professor distinctissimo da Escola Industrial Brotero.

A *Assembleia Recreativa* prestou um bom serviço aos socios com a creação d'esta aula, que era muito desejada nesta cidade.

Foram nomeados substitutos do juiz de direito d'esta comarca, os cidadãos drs. Francisco Eduardo d'Almeida Leitão, José Soares Pinto de Mascarenhas, Accacio Hypolito Gomes da Fonseca e José Joaquim Ferreira.

A crise commercial, que afflige o paiz, alastra-se medonhamente com todos os horrores que d'elle são consequencia. As fallencias succedem-se, a desconfiança paira sobre todos como uma ameaça terrivel á nossa indifferença e egoismo.

No Porto acaba de pedir moratoria a casa commercial Tavares &

Esteves, com um passivo importantissimo. Em Coimbra, praça que por tanto tempo serviu de exemplo pela honestidade, têm se succedido tambem as fallencias e assim no resto do paiz.

Qual é a causa d'isso? Não é difficil de averiguar.

Os governos da monarchia, com as suas corrupções e esbanjamentos, e o fisco com as suas exaccções, têm empobrecido o paiz, levando-nos ao maior desprezo e degradação.

E esta crise, quer moral quer economica, só poderá apagar-se pela austeridade dos caracteres, nascida d'uma radicaada convicção de principios honestos.

Correram desanimadissimas as feiras de Montemor, Cantanhede, Ançã e Poiães. A causa foi a miseria em que se encontra o povo, o mau tempo e a cobrança dos impostos, que se prolongaram por todo este mez.

EXPEDIENTE

A *Resistencia* é enviada, entre muitos outros cavalheiros com cuja cooperação contamos, áquelles que assignavam o *Defensor do Povo*.

Regularisar-se-ão assim, da fórmula mais simples, os respectivos debitos e creditos.

Consideramos assignantes as pessoas que não devolverem o 1.º e 2.º numeros da *Resistencia*.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente, todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado

HERMINIO BARBOSA

CARTEIRA

d'um

IMPRESSIONISTA

Vae sair do prelo em edição simples mas elegante o *Livro d'um novo*, em que o auctor reúne as suas primicias litterarias, sendo um verdadeiro *album d'um impressionista* novato, d'um observador principiante.

Ha nelle, notas collidas ao acaso na vida real, apreciações de relance, impressões momentaneas e phantasias pueris num estylo grave e moderno.

A *Carteira d'um impressionista* é util a todas as damas, cavalheiros e viajantes, pois que a sua leitura se torna um passatempo util e agradável.

Os pedidos devem ser dirigidos — A Camisaria Moderna, Rocio, 105, Lisboa. — A Herminio Barbosa, rua Direita de Benfica, 442, Lisboa. — A Manuel Joaquim d'Almeida, rua Nova, Vizeu. — A Henrique Francisco de Lemos, rua de affrigo, Vizeu.

foi reço 400 réis

pelos lentos de porte, a quella importancia stampillas.

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes desconto de 50%

LIVROS DE MISSA

13 Magnificas encadernações em peles de crocodillo, phoca e vitella, etc.

CASA HAVANEZA

COIMBRA

BALAUSTRAS

14 De barro, bonito modelo para platibanda ou jardim, vende-se uma porção.

Praça 8 de Maio, 15

TABERNA PORTUGUEZA

47, R. Martins de Carvalho, 49

(Antiga rua das Figueirinhas)

13 Grande deposito de vinhos genuinos para mesa e sobremesa, de diversas qualidades e preço engarrafados e por medida.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000
Fundo de reserva 203.000\$000

12 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias, ou estabelecimentos assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou no do Visconde da Luz n.º 86.

Banco Commercial do Porto

11 Os dividendos d'este Banco pagam-se no B.º Commercial de Coimbra.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

Casa filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50 — RUA FERREIRA BORGES — 52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de *para-raios, telephones, campainhas electricas, etc.*, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de *Cimento da Companhia Cabo Mondego* que substitue com vantagem o cimento, inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ebano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

AOS VIAJANTES

7 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegada da Alemanha e Inglaterra.

Fernão Pinto da Conceição

CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

6 COIMBRA

Grande sortimento de cabeleiras para anjos, teatro e carnavaal.

CALDEIRA DA SILVA

CIRURGIÃO-DENTISTA

5 Participa aos seus clientes que achando-se restabelecido da doença que o accommetten, continúa a dar consultas, todos os dias, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

BENGALAS

4 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

Coimbra

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

3 Neste bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu actual proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attensões devidas e proporcionando-lhes todas as comodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continua a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

Julião d'Almeida & C.^a

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

2 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lasinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se e alugam-se cabeleiras proprias para anjos e para theatros.

SANDALO MIDY
Pharmacotico de Fielesse em Paris
Estas capsulas acabam com os funcos em 48 horas, supprimindo a Cope-hiba, Cucheas e Infecções.
Dep. em Paris, 3, rue Trivandri e sua primy, Paris.
1 Rua Coimbra — Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

RESISTENCIA

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frlas

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

TYPOGRAPHIA OPERARIA
COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 2

COIMBRA — Domingo, 24 de fevereiro de 1895

I.º ANNO

A circular aos lentes sobre faltas

A *Coimbra Medica*, de 20 de fevereiro, publica um artigo de fundo do sr. dr. Lopes Vieira, professor de medicina legal, com o seguinte titulo — «O segredo medico e a exigencia de declaração da molestia nos attestados abonatorios de faltas dos empregados das repartições e estabelecimentos dependentes do ministerio do reino.»

Nem o valor scientifico d'aquelle jornal, nem a auctoridade medico-legal de quem na regencia da sua cadeira e a proposito de perturbações mentaes tem por costume apresentar-se aos seus discipulos como exemplar de — *individuo desequilibrado*, são motivo para tomar a serio este artigo.

Mas é curioso exhibir ao publico a summula de tão incoherente e desequilibrado escripto.

Acceita o segredo medico, como facto legal no nosso paiz; de um saber facil e superficial, julga o segredo medico indicado tão sómente no art. 290 do código penal, o qual transcreve; não conhece o art. 966 da nov. ref. judiciaria e o art. 2511 do cod. civil, segundo os quaes o segredo medico vae até ao ponto de não poder ser revelado num depoimento de testemunha.

Por outro lado acceita que pode exigir-se do medico o prestar-se este a declarar nos attestados a especie da doença a que se refere, salvo as hypothese de — molestia secreta, ou — molestia cuja designação deva occultar-se ao proprio doente, tal como tuberculose, lesão cardiaca, etc.; e opina que na primeira hypothese o medico declare no attestado um catarrho agudo das vias urinaes em vez de blenorragia, uma inflamação local aguda em vez de orchite, etc., e que na segunda hypothese se inscreva no attestado o mesmo diagnostico ficticio que servin para illudir o doente.

Estupenda cabeça que originou tão estupenda sentença!!

Risum teneatis perante este medico-legista que assim ensina a passar attestados positivamente falsos.

Não será pois muito mais serio, digno e respeitavel, o proceder dos medicos que, conscios dos seus deveres, nem revelam o segredo medico (que aliás o sr. Lopes Vieira concorda em que não deve revelar-se) nem tambem se prestam, tão sómente por subserviencia a uma circular de um obscuro empregado da repartição de contabilidade, o sr. Alfredo de Castro, a passar attestados, que correspondam ao estulto molde burocratico talhado por aquelle empregado, mas que sejam, alem de mentirosos, tolos na forma?!

Pois *inflamação local aguda* no caso de orchite (como propõe aquelle professor de medicina legal) é porventura designação séria e scientifica; que corresponda a um diagnostico preciso e exacto?!

Se o ensino d'aquelle professor de medicina legal e hygiene corresponde áquelle escripto, o sr. ministro do reino prestará á instrução superior maiores serviços com

a aposentação forçada d'elle, do que investigando das opiniões politicas dos professores que, sendo republicanos, podem desempenhar com vantagem real as elevadas funções do professorado.

Se no ministerio do reino se teimar na estulta e illegal exigencia de que nos attestados se declare a doença, existe ainda uma solução, que cobre a dignidade do medico, embora seja uma violencia praticada pelo governo sobre o empregado doente. A solução é esta — o empregado, que não queira sujeitar-se ao desconto dos vencimentos, dispensa o seu medico do segredo profissional; e este declara honradamente no attestado qual a doença do seu cliente, com a nota de que este o libertou do segredo medico.

Haverá ministro do reino que tenha a leviandade de collocar os empregados publicos sob tal violencia, a qual ha de ter inumeros inconvenientes em multissimos casos, sem ter jámais vantagem de especie alguma?!

Não o acreditamos por hominagem ao bom senso.

Um sudario

Ainda bem que vamos sendo eficazmente auxiliados pelos proprios jornaes da realza, na campanha de desvendar os escandalos da administração monarchica.

Sobre um unico ramo da administração publica, o que se prende ás veniças do ministerio da marinha, ahí vae o que escreve um jornal monarchico:

«O nosso orçamento dota com 2.774.764\$430 réis o ministerio da marinha, enquanto o de Hespanha tem a dotação de 4.050.531\$000.»

«Mas, enquanto a tonelagem de todos os navios da nossa marinha é de 21.361, a da esquadra hespanhola é de 139.200, mais do sextuplo, enquanto as despesas com o seu ministerio não chegaram a ser o duplo das nossas! Com menores despesas tem maiores marinhas de guerra a Dinamarca, a Suecia, a Noruega, a Grecia e a propria republica Argentina, que ajuda ha pouco impoamente nos affrontos.»

«O systema ruinoso da nossa administração, a falta de lino e de patriotismo dos governantes, fez, porém, com que, ao mesmo tempo que ao paiz se exigiam sacrificios em nome da defeza nacional, essa defeza fosse uma irrisão, uma comedia torpissima.»

«Gastamos 2.774 contos de réis por anno com a marinha de guerra e não temos navios para desempenhar em termos uma comissão de serviço; custam-nos o arsenal da marinha mais de 700 contos e é preciso mandar comprar lá fóra, quanto antes, uma corveta, porque não temos nenhuma em estado de servir.»

«O orçamento do ministerio da marinha, no anno corrente, é de 2.774 contos.»

«Pois 12 navios da nossa marinha a *Guardiana*, *Bartholomeu Dias*, *Mindello*, *Afonso de Albuquerque*, *Tamaga*, *Liberal*, *Zaire*, *Rio Lima*, *Bengo*, *Mandocoy*, *Africa* e *India*, importaram em réis 1.987.078\$630, menos 787 contos do que aquella quantia.»

Salientamos a passagem em que o sequaz da monarchia condemna a propria monarchia.

O *Novidades*, que, não sabemos porque, faz suas as palavras que transcrevemos, commenta-as d'um modo edificante, e ainda mais expressivo por ser d'uma folha assoldada a todas as *torpezas monarchicas*.

«O sudario é já mais que sufficiente para que o remedio se não demore»: eis as palavras com que o *Novidades* fecha a transcripção.

Que todos vejam o sudario, que o *Novidades* apresenta a todos; e que o paiz não descure o remedio... que até aquella folha pede.

Mas não se supponha que estes senhores expõem estes sudarios para que sejam devidamente corrigidos; é questão de rivalidades pessoais entre os magnates da politica.

Entretanto continuem... para manter o prestigio das instituições.

Dr. Antonio Coimbra

Não são apenas os jornaes de todos os matizes e de todos os pontos do paiz que protestam com vehemencia contra a demissão indigna, illegal e vergonhosa do nosso querido collega dr. Coimbra.

Além das cartas, bilhetes e visitas recebidas hora a hora, multiplicadamente, pelo nosso amigo, — chegam-lhe de todas as classes sociais, de comissões republicanas e de varias corporações academicas as mais significativas provas de confraternidade politica e de adhesão plena.

Lamentamos que a falta de espaço nos obrigue a não publicar todos esses valiosos documentos.

Não queremos, entretanto, deixar de referir quanto entusiasmo nos despertaram as phrases energicas e severas, com que o procedimento do governo para o sr. dr. Coimbra foi apreciado na mensagem, que acaba de receber d'um numeroso grupo de academicos de Lamego.

Honra seja aos nobres rapazes d'essa antiga cidade beirão!

Não se poderia indicar mais dignamente o caminho, que todos os estudantes portuguezes devem seguir no difficil transe por que a nossa querida patria está passando.

Vamos, sim, meus amigos!

A Republica chama-nos. Esse monumento augusto, como bem dizeis, ha de erigir-se bem cedo, para salvaguarda da honra nacional.

O partido republicano

Os nossos illustrados collegas *A Voz Publica* e *Provincia* desmentem a noticia, dada por alguns jornaes monarchicos, de que os lentes da escola medico-cirurgica do Porto assignaram um auto em que se obrigaram a não intervir em mais acto algum do partido republicano.

Não era effectivamente crível que espiritos illustrados e independentes se sujeitassem a receber a admoestação do furioso ministro do reino, e muito menos que fizessem o protesto que se lhes attribuia.

Para que o acreditássemos, seria necessario supôr que havia professores de ensino superior que desconheciam d'um modo completo os direitos que a todos os cidadãos são garantidos pelas nossas leis; mais do que isso, seria necessario admitir que não havia nelles a minima noção do que seja dignidade.

Ora, não obstante ter baixado muito o nivel da moralidade e o egoismo anarchico ir invadindo quasi todas as classes, não podemos admitir que espiritos illustrados, como devem ser os dos professores da escola medica do Porto, se collocassem numa situação que os exporia á irrisão não só do publico mas dos seus proprios discipulos.

Nem sequer é crível, que o director da escola medica levasse a sua audacia a apresentar aos professores um auto para estes declararem que renunciavam a direitos que não lhes vêm do desequilibrado ministro do reino, nem este lhes pode tirar.

Os nossos illustres correligionarios drs. Duarte Leite, Amandio Gonçalves e Forbes de Bessa, seguiram no dia 22 para Vizeu e Guarda, a fim de promoverem nestas cidades a organização de comissões republicanas.

Sabemos que em Poiares está em via de organização o partido republicano, que allí conta os mais valiosos elementos. O nosso dedicadissimo correligionario, sr. dr. Jeronymo Silva, tem sido incansavel em promover o desinvolvimento da democracia nesta localidade.

O governo e o ministro da marinha

Investem as *Novidades*, numa ébria furia de miseraveis prestes a sobossobrar, contra o ministro da marinha, sr. Ferreira d'Almeida.

De mãos arqueadas na cinta, como velha regateira que vê fugir os máus lucros da sua exploração infame, essa folha da mais repellente *chantage* atrai ondas de lama, remques virulentos e torpissimas insinuações para o mesmo ministro, cuja candidatura advogava por occasião dos escandalos parlamentares do *Cazengo*, em que a honorabilidade pessoal do sr. Neves Ferreira e a de seu irmão Hintze Ribeiro ficaram para sempre manchadas.

O contraste não pôde espantar ninguém. Aquelles, que hontem recebiam para elogiar, embolsam hoje para fazer censuras indignas.

Mas o artigo das *Novidades* de quinta feira ultima apresenta-se com um tal ar de argumentação, que não virá fora de proposito critical o nos seus pontos fundamentaes, para que os homens honestos fiquem elucidados e o programma da *Resistencia* se affirme em toda a altura do seu desamor por facciosismos inuteis no momento actual.

Portaria de censura, portaria de advertencia, ou portaria da reprimenda, ao sr. Antonio Ennes sómente, ou tambem ao sr. D. Carlos, — o diploma que o ministro da marinha acaba de expedir não é outra coisa, em face das leis de todos os paizes monarchicos, do que uma *ordem real*, transmittida por intermedio d'uma secretaria d'estado, mas originada na vontade do sr. D. Carlos, como a propria portaria expressamente declara.

Bem sabemos que o rei não tem a responsabilidade do que essa portaria encerra. Mas tambem elle a não tem do que estatuem as leis e decretos, que trazem a sua assignatura, pela razão simples de que é irresponsavel.

O ministro, pois, responde pelo que diz a portaria; mas o rei é o auctor da determinação, que ella contém.

E como querem as *Novidades* ver nesse diploma uma censura ao poder real, ao mesmo poder, que agora tanto bajulam, e que, em vida do finado rei Luiz, tão asperamente vituperaram? Pois o rei havia de ordenar uma censura a si mesmo? Pois ha nada mais falso de senso?

Quererá objectar-se que D. Carlos nem chegou a conhecer a portaria senão depois da edição retardada, que d'ella deu o *Diario do Governo*?

Mas isso é comprometter a realza e desmascarar a dictadura, que as *Novidades* tem defendido em todos os campos, inclusive nos da Guiné.

A censura, deve, pois, entender-se restricta ao sr. Antonio Ennes, que, aquecido pelos *cincoenta mil réis* diariamente vencidos nas suas comissões varias, dispensara já a entidade *governo*, fizera d'ella um verbo d'encher, e se dirigira ao rei, como quem só com os da sua egualha trata.

Nada ha mais digno de censura e advertencia em face de todas as leis positivas.

O rei de Portugal, pela nossa carta, exerce o poder executivo por intermedio dos seus ministros, que tambem são responsaveis pelos actos do poder moderador, privativamente exercido pelo rei.

Qualquer comunicação, que tenha de ser dirigida ao rei e que respeite a negocios publicos, ou emanar d'um funcionario publico, ou

d'um particular, só pode chegar ao seu conhecimento *official* por intermedio da respectiva secretaria d'estado.

Quando assim não seja, o rei não deverá receber a comunicação.

Ora o sr. Ennes, que já teve o prazer de ser ministro e secretario d'estado, devia conhecer isto muito bem e, portanto, commetteu uma grave falta collocando á margem o ministro da marinha e entendendo-se directamente com o rei.

Ou supportará o commissario de Moçambique que já esteja realizado algum plano tenebroso, que combinasse em Lisboa com *certos amigos*, para o completo estabelecimento do governo pessoal, por meio da supressão do proprio gabinete?

Talvez. Como quer que seja, porém, ainda não foi realizada esta fantasia e portanto — servir-se do governo como intermediario, eis, em conclusão, o que o sr. Ennes deveria ter feito e o que não fez.

Advertil-o como a portaria teve em vista, é, pois, um acto regular, constitucional, legalissimo.

Allegam-se, porém, os serviços do sr. Ennes.

Não sabemos o que os cincoenta mil réis diarios terão feito produzir ao antigo jacobino.

Mas, seja o que fôr, por mais levantados que esses serviços se revelem, o ministro da marinha não podia deixar de fazer o que fez, reservando-se condécorar o governador de Moçambique, ou duplicar-lhe mesmo a conta diaria, para quando o entender necessario.

A observancia das boas regras, consignadas claramente nas leis, não se oppõe por forma alguma ao reconhecimento de quaesquer serviços reaes, que um funcionario leve a cabo.

Eis aqui desfeitas as bases d'uma accusação, que tão impetuosa parece ao primeiro aspecto e que, afinal, se revela, á parte a infamia e a obscenidade, completamente destituída de razão.

Levamos a cabo esta pequena tarefa, porque nos está parecendo que o sr. Ferreira de Almeida, não obstante a vaidade indesculpavel que o levou a entrar para um governo de ha muito condemnado pela opinião publica e por elle proprio na celebre porcaria do *Cazengo*, não obstante as deslealdades que praticou, não pôde ser censurado por um acto que é harmonico com as nossas leis. Mas o governo do celebre sr. João Franco e do repugnante sr. Carlos Lobo d'Avila, e os miseraveis que na imprensa o defendem são assim: premeiam traições, castigam actos d'honradez.

Censura aos lentes

Podemos afirmar que até hoje não foi dado conhecimento a nenhum professor da celebre circular do governo.

Justiça d'el-rei

Foi apprehendido o nosso collega o *Nordeste*, e o *Correio da Noite* publica os artigos por que se fez a apprehensão, não havendo o minimo procedimento contra elle.

Mandam-se censurar os professores republicanos de Coimbra e do Porto e nada se ordena para os de Lisboa.

Julgará o sr. João Franco que a provincia é mais molle do que Lisboa e que pode carregar-lhe á vontade?

compostelana

As da cidade continuaram até sexta feira á noite animadas pela alegria tumultuosa dos endiabrados tunos, que espalharam pelas ruas da sombria Coimbra, como quem solta uma ave gorgante, a sua irrequieta mocidade.

Como os nossos leitores já sabem, a tuna chegou a Coimbra na quarta feira, á noite, e da recepção extraordinária que os estudantes de Coimbra, e em geral toda a população, lhes fizeram, demos conta no primeiro numero da *Resistencia*. Limitar-nos-emos por agora a fazer a *reportage* da estada entre nós dos illustres filhos da nação hespanhola.

Quinta feira, ás 2 horas da tarde, foram os estudantes de S. Thiago recebidos pelo sr. reitor, no paço das escolas, numa sessão de solenne cumprimento. Foi de um effeito a um tempo magestoso e vivo, esse acto.

A recepção realisou-se nas salas da reitoria. Entre aquellas paredes sombrias, de que resalta uma nota de aspera severidade, produziu um magico effeito desusado a musica movimentada dos hespanhoes, que tem a animal-a a viveza do espirito andaluz, evocando do passado todo o mysticismo d'uma raça, em cuja alegria ha sempre a nota sentimental e lyrica, como na sua tristeza sempre destaca o sulco d'um irrequietismo gritante.

Falou o sr. reitor saudando os tunos, falou um estudante portuguez cumprimentando os estudantes de Hespanha, respondendo aquelle rapaz que preside á tuna compostellana e cuja eloquencia vertiginosa é a um tempo o nosso espanto e o nosso desespero. O nosso espanto, porque raramente, na propria Hespanha, a terra lendaria dos grandes oradores, se encontrará quem faça da palavra um instrumento delicioso que a um tempo e de tal fórma fascina e empolgue. O nosso desespero, porque é impossivel recolher no espirito a onda avassaladora d'aquella palavra em que ha um fragor de cascata, soando sob um céu de meiguice como esse que se projecta sobre os lagos azues de Italia.

Aquelle homem fascina, aquelle homem domina. Ouve o a gente e pasma um segundo, para entrar em seguida numa vibração heroica e para alfin cair num cansaço agonizante de quem se desespera por não poder alcançar, nem seguir, a luz de aquelle espirito, que foge deante de nós, deixando-nos vencidos, mas que nos não larga, atrahindo-nos como um iman.

E' indisciplinavel! Uma verbosidade inaudita e imponente, mas ao mesmo tempo tão idilica e mansa que parece uma cavalgada de heroes de espadas ao sol, gritos de guerra na bocca, caminhando para um recinto desvaído, sobre uma estrada forrada de velludo e coberta de açucenas...

Quinta feira á noite sarau no theatro circo. Muita gente, muito entusiasmo, um ar immenso de fraternidade aquecendo os espiritos. Na platêa a massa negra das capas, que se erguem de quando em quando em saudações vehementes. Os camarotes cheios de senhoras, com *toilettes* de gala, sorridentes e bellas, paralyzadas e extaticas como rolas, succumbidas naquelle ardor de entusiasmo, mas enviando para o palco, onde os tunos galhardamente communicam pedaços da alma ás cordas dos violinos, os seus olhares tão doces que até pareciam ter todo o langor das noites tepidas d'essa Andaluzia phantastica.

Coitadinhos dos corações! Obrigados a inenarravel tristeza no ninho doce dos peitos, ao menos mandavam aos olhos que enviassem a esses filhos das quentes terras do amor, a noticia das suas ternas palpações.

Coitadinhos dos corações...

3 actos.

O 1.º todo preenchido por musica e canto.

No 2.º a representação de uma comedia. Consistiu num velho tema: um estudante bohemio que, querendo

apanhar dinheiro ao pae, se finge doente com medico á cabeceira e receituário a caminho da botica. Depois, tudo se descobre, a cabula fica em evidencia e a bohemia academica conta mais uma aventura de espirito, congenere d'essas que todos vós conheceis bem, ó venerandos papás portuguezes.

O terceto da zarzuela *los Africanistas*, arranjada para hespanhol, desempenhada por tres estudantes intelligentissimos, que cantaram divinamente fazendo vibrar a sua larynge em notas que ora eram d'uma melancholia dolente, lembrando as canções dos camponeses da Escossia, ora d'um arreganho audacioso palpitando sob o endiabrado atrevimento hespanhol.

No 3.º acto, como no 1.º, musica magnifica. Brandos motivos que são scenas de amores com beijos tranquilos sobre a relva humida ao clarão meigo da lua. Movimentações ondulantes e garridas, retenindo uma alegria metalica.

E sobre tudo, estendendo o seu manto colorido e agasalhador uma alegria sincera, um entusiasmo doído que não espera que os violinos deixem de estremecer, nem que o canto se esvaia das gargantas, para cair sobre tudo e sobre todos como um orvalho perfumado em cima de peitos anciosos onde o moço fogo dos rapazes escaldja.

Findo o sarau. As palmas estalam no ar pesado. Um ruido ensurdecido avoluma-se como um gaz que se condensa. As capas erguem-se no ar como aves negras. Dir-se-ia que eram aves funebres, de agoiro, erguendo-se sobre o tumulto d'uma saudade...

E d'ahi talvez. Seria já a saudade dos tunos que em breves horas iam sair de Coimbra... Mas era ainda uma saudade risonha. Sim, os tunos foram embora, mas em breve voltarão!...

Mas para que de tudo ficasse ainda uma nota heroica, o presidente da tuna hespanhola tomou a palavra, falando do camarote do nosso illustre amigo e prestante correligionario dr. Emygdio Garcia. Arrebatou, empolgou, e de novo lá foram quantos o ouviram numa caminhada febril atraz da sua palavra delirante.

Respondem-lhe os estudantes de Coimbra srs. Thomaz de Noronha, Peres, Fortunato de Almeida e Silveira, que em palavras elegantes e entusiastas cumprimentaram a mocidade hespanhola. Tambem recitou uma formosa poesia o estudante de medicina Francisco Pinheiro.

Todos muito applaudidos, e especialmente o sr. Silveira, um bello temperamento litterario, que com habilidade se serviu de uma imagem feliz quando, referindo-se á Via Lactea, disse que a tradição popular portugueza lhe chama a estrada de S. Thiago.

Na sexta feira, ás 4 horas da tarde, lá foram os tunos para o Porto. Em breve e na volta, cá os temos outra vez.

Alegre-vos com esta noticia, ó corações femininos...

Sim, corações femininos! Porque mais de um de vós caiu rendido e varado pelo hypnotisante olhar hespanhol...

Em complemento da nossa *reportage* diremos que os tunos foram distribuidos pelas casas dos estudantes de Coimbra, onde estiveram hospedados. Não encontrariam ahi, talvez, as commodidades que mereciam, mas acharam lá, com certeza, a mais sincera e fraternal amisade.

O presidente da tuna de S. Thiago de Compostella esteve hospedado em casa do nosso querido amigo, o talentoso professor de Direito, dr. Emygdio Garcia.

S. ex.ª, que é um velho amigo dos hespanhoes e um espirito lucidissimo que tem ainda hoje o fogo dos annos juvenis, quiz assim dar uma prova fidalga da sua grande amizade pela Hespanha e pela mocidade das escolas.

No dia da chegada da tuna a Coimbra e na recepção que lhe foi feita no Theatro Circo, falaram va-

rios academicos. Na nossa chronica passada apenas citámos Marreiros Netto, por não podermos de momento saber os nomes dos outros oradores. Podemos hoje, a esse respeito completar as nossas notas. Es ses academicos foram os srs. Cunha e Costa, Fortunato d'Almeida e Vicente Madeira. Todos falaram muito bem, dando ás suas palavras a enorme vibração do seu entusiasmo.

Quando na quarta feira á noite a tuna compostellana, acompanhada da estudantina de Coimbra e de uma enormissima multidão de estudantes e populares passava em frente da nossa redacção, a mocidade de Coimbra quiz fazer uma ovação ao nosso illustre correligionario, sr. dr. Guilherme Moreira, prestando-lhe assim uma homenagem ás grandes qualidades do seu talento e ao enorme prestigio do seu merecimento pessoal. S. ex.ª, porém, furtou-se, com a sua modestia, a essa prova de apreço da academia, recolhendo-se á parte menos evidente das nossas varandas, mal estalou na rua uma salva de palmas. Não sendo por isso visto pela multidão, esta passou adeante, seguindo o caminho da alta.

Não o matou!

O nosso collega o *Tribuna Popular* julgou que reconhecera, atravez da mascara transparente, um antagonista a quem prestou homenagem como a um *espirito superior*, chamando-lhe *amavel*.

Illudiu-se. D'*amavel* não tem nada, e revelou-o no ultimo numero do jornal.

Sentimos que se desse o engano.

Confiança, em qué?

É sabido que, todas as vezes que o governo se propõe fazer qualquer tramoia, d'essas que já não espantam ninguém, consulta, como para se escurar na auctoridade dos consultores, e empanar assim a miseria do acto que vae praticar, a celebre *Procuradoria Geral da corôa*, que tem já a pesar-lhe na consciencia (?) muita patifaria aconselhada.

E veja-se mais esta.

Todos sabem que o mano João Arroyo, que é lente da Universidade ha, pelo menos, 8 annos, sem nunca ter regido cadeira alguma depois do concurso, se tanto, se anichou em Lisboa, em commissões bem prebendadas, que lhe dão o melhor de 8 contos de réis annuaes, e que ainda ha pouco foi nomeado pelo governo administrador da Companhia real dos Caminhos de ferro, com dois contos e quatrocentos mil réis por anno.

Mas porque é necessario, que este Topa-a-Tudo accumule com o seu ordenado de lente da Universidade mais esta pingue conezia, o governo foi á *Procuradoria Geral da corôa* pedir a consulta para pretexto que cohoneste a pouca vergonha. E então a *Procuradoria*, que está sendo a chancellia dos escandalos da administração publica, deu o seu voto, bem ponderado, sobre o caso:—*Que aquelle logar nos Caminhos de ferro deve ser julgado de commissão, e que, por isso, o loiro Arroyo deve accumular com o ordenado de lente, o ordenado da commissão!*

Sr. João Franco! Nova consulta á *Procuradoria* para que ella diga que o exercicio d'essa commissão é compativel com o do professorado. Vá, que tem consultor magnifico para esse assumpto.

E quando ha professores que estão regendo a cadeira como substitutos vencendo pouco mais de sete centos mil réis, temos um energumeno palavroso e rhetorico, que tem sabido arranjar a sua vida nas aguas turvas das administrações monarchicas, abotoando-se, ao todo, com nada menos de vinte e dois mil duzentos e vinte e dois réis por dia... sem trabalhar.

O desgraçados, que tendes o ventre cheio de fome e a cabana cheia de miseria... se não podeis comprar espingardas, arrancae as pedras das calçadas!

Só agora!

Vae em cinco mezes que o governo depois de longas hesitações e não podendo soffrear por mais tempo a anciedade geral, mandou organizar uma expedição, para ir a Moçambique reprimir os ataques do gentio rebelde, que havia algumas semanas infestava todo o districto de Lourenço Marques, e ameaçava tomar de assalto a capital.

Disse-se então, que as forças expedicionarias eram manifestamente insufficientes para conter em respeito a pretalhada insubmissa, dez vezes superior em numero, regularmente provida de armas e munições, e que ellas pouco mais podiam fazer do que limitar-se a defender a cidade de qualquer surpresa; que era necessario contar com a insalubridade do clima, a exercer os seus naturaes effeitos sobre a saude das tropas, reduzindo assim o numero, já de si insignificante, dos combatentes.

O governo mesmo mostrou ou fingiu reconhecer a procedencia d'estas razões, prometendo por essa occasião enviar em seguida o segundo troço da expedição, que deveria ser bastante numero para repellar os ataques dos insurrectos, e reduzir-os á mais completa obediencia.

Afinal, o que succedeu? O que desde logo estava previsto.

Depois de mez e meio de viagem, a bordo d'um navio que custou ao thesouro quasi o dobro do que o vapor offerecido pela Mala Real, que de mais a mais era devedora ao Estado, chegaram as tropas a Lourenço Marques. Os soldados, estropiados pela viagem, e principalmente pela pessima alimentação que lhes era fornecida a bordo, não podiam entrar em lucha, e muitos d'elles iam em tal estado que tiveram de recolher ao hospital. Tratou-se da defeza da cidade, que era tudo quanto podia fazer-se, attendendo á impossibilidade de investir com o inimigo, que começou logo a retirar-se para o interior, dificultando aos nossos uma sortida decisiva.

Decorreu assim muito tempo.

E o governo, ás reclamações instantes da opinião, alarmada com os boatos pessimistas que iam correndo, correspondia com uma reserva systematica e com uma indifferença criminosa. E, quem sabe? Talvez pensasse em fazer calar os protestos da consciencia nacional contra os offerecimentos dos commandantes das forças navaes inglezas e allemãs, fundeadas na bahia, accetando depois a cooperação em comum para rechaçar os rebeldes. Levassem-nos depois os inglezes, em paga dos serviços prestados o tão cubicado porto de Lourenço Marques. O que era isso, se ao menos ficava affirmada mais uma vez a gratidão profunda do lord presidente do conselho para com a generosidade britannica?

Se esse foi o pensamento do governo, illudiu-se na sua expectativa; e o fervoroso applauso, com que foi recebida entre nós a recusa d'essa cavilosa oferta pelas auctoridades portuguezas de Moçambique, deve ter levado ao governo a convicção de que a dignidade nacional, tantas vezes espesinhada por elle, e por extranhos com a sua annuancia, não podia, sem grave risco para as instituições, deixar de ficar illesa neste ponto.

As ultimas noticias da Africa Oriental, dando conta dos recentes recontros com o gentio, expedidas por um *commissario a cincoenta mil réis por dia*, vieram demonstrar o que já de ha muito não era para pessoa alguma objecto de duvida: a bravura dos nossos soldados, mas ao mesmo tempo a cynica incuria dos nossos governantes, que vão expôr algumas centenas de soldados a uma derrota quasi certa, tendo de haver-se com um adversario conhecedor do terreno, que se esconde agora entre o matto para se mostrar de surpresa d'ahi a pouco, e que não conta menos de 15 a 20 mil homens.

Depois, não serão bem eloquentes os factos occorridos nos ultimos cinco annos? A morte do tenente Valadim, a prisão de Manoel A. de

Sousa e Paiva d'Andrade, e muitos outros desastres, ahi estão para attestarem a ignominia de governos e instituições que, por desgraça nossa, continuam dirigindo os destinos d'este paiz.

Só agora, volvidos cinco mezes, é que o governo parece resolvido a enviar outra expedição, que ha tanto tempo deveria ter partido para o mesmo destino da primeira. Só agora fica cumprida a sua promessa de então, o que prova a sinceridade com que foi feita. Essa expedição, partindo de Lisboa no meado de março, só estará em Lourenço Marques no fim de abril. E não poderiam os pretos ter occupado, a esse tempo, todo o districto meridional da nossa provincia de Moçambique?

Mas não deve surprehender-nos isto. O sr. ministro da guerra entende que os officiaes do exercito portuguez servem só para ir ás recepções ao paço, e acompanhar o sr. D. Carlos nas caçadas de Villa Viçosa.

Secretario da Universidade

Dizem os jornaes que a nomeação do novo secretario da Universidade é negocio decidido.

Appareceu, pois, quem queira pactuar com a infamia do governo.

Verá o que lhe resulta d'essa nobre isenção.

Grande rei, o sr. D. Carlos!

Escreve o *Novidades*, a proposito de qualquer coisa:

«O chefe do estado, que tem affirmado sempre o seu proposito de se consubstanciar com o paiz nas suas dores e nas suas angustias, etc.»

Grande verdade esta! Sempre que o nosso povo recebe em cheio as humilhações do estrangeiro; todias as vezes (e não são ellas poucas...) que somos expoliados pelas nações amigas; em todas as occasiões (é verdade que são bem raras...) em que o povo soffre as exacções dos governos e se revolve nas suas misérias; o chefe do estado consubstancia-se com as nossas dores... atirando aos patos bravos na lagôa de Obidos, ou caçando coelhos mansos na Tapada de Villa Viçosa.

Grande rei, o sr. D. Carlos!

Já é

Um jornal d'esta cidade deseja estar tão bem informado, que manda para o seu correspondente da capital noticia telegraphica dos artigos que os collegas de Coimbra publicam.

Expedição a Lourenço Marques

Faz parte da expedição, que no dia 12 do proximo mez de março sae para Lourenço Marques, o nosso prezado amigo e distincto official de engenharia, o sr. Antonio dos Santos Viegas, filho do sabio professor da Universidade, o sr. conselheiro Antonio dos Santos Viegas.

Desejamos-lhe as maiores venturas nessas longinquas paragens, já que o dever o obriga a separar-se da sua extremosissima familia e dos seus amigos.

Visita regia

Escreve um jornal hespanhol:

«Ha llegado á Lisboa S. M. el rey del Congo D. Alvaro de Agua Rosada. «Suponemos que algún dia sus primos le devolverán la visita.»

Assim o desejamos tambem... e boa viagem!

Relações com o Brazil

Diz-se que será nomeado nosso ministro no Brazil o sr. Thomaz Ribeiro, que partirá immediatamente para o Rio de Janeiro a tomar conta da nossa legação.

Diz-se tambem que da legação portugueza não fará parte nenhum dos empregados que a ella pertenciam na occasião da ruptura d'essas relações.

CARTA DE LISBOA

22 de fevereiro de 1895.

A proposito da politica em Lisboa, o carnaval vem por alguma forma distrahir os espiritos e não é raro ver-se que a cocotte substituiu as invectivas dos politicos.

Em todo o caso não está absolutamente despreocupado o espirito publico. De quando em quando passa um rumor de crise ministerial. E' sempre motivado por actos do sr. Ferreira d'Almeida. Este personagem parece ter sido inventado pelo governo para nelle se concentrarem todas as attentões do publico. A antipathia contra o ministro da marinha é enorme. Os officiaes estão indignados com elle, pois o seu trabalho até agora tem sido unicamente de vinganças.

O sr. Ferreira d'Almeida, que não tem talento de qualidade alguma, que é um mediocre banalissimo, só tem a recommendal-o, segundo ouvi a um illustre jornalista monarchico, a qualidade de ser algarvio, que lhe dá uma certa verbosidade. Mais nada; e mesmo o seu excesso de palavras é um excesso de logares communs. A sua ambição é ser ministro.

Ha dias, num conselho de ministros, perante certas propostas do sr. Almeida, o sr. Hintze propoz que se pedisse a demissão do ministerio. Immediatamente o sr. Ferreira d'Almeida disse que transigia agora, mas que veriam que elle não quer fazer mal aos seus camaradas, pois ha de apresentar nos seus planos muitas coisas boas para elles.

Em todo o caso ninguém o acredita, pois o sr. Ferreira d'Almeida muda de opiniões a cada passo. Assim o vimos progressista, depois regenerador, em seguida até poucos dias antes de entrar no ministerio, collaborador revolucionario da Vanguarda (que desminta se é capaz) e agora monarchico enragé. Em S. Carlos o assumpto das conversas é elle. E que conversas! Varios officiaes de marinha vão immortalisar o ministro publicando um jornal para tratar especialmente do lobishomem do mar. Temos que ver...

—No paço dos nossos reis, continúa a intriga politica. Ha dois grupos: o do sr. D. Carlos e o da sua esposa. O do sr. D. Carlos predomina, e portanto o sr. João Franco tripudia. Deus os conserve para bem do partido republicano.

—D. Carlos, o primeiro, lá anda por Villa Viçosa caçando coelhos. Diz-se que S. M. F. vai publicar um livro intitulado — *A caça dos coelhos ou principios venatorios do regimen constitucional*. Será prefaciado ao que se diz pelo sr. Ramalho Ortigão, bibliothecario da Ajuda, antigo republicano e antiquissimo escriptor que já ninguém lê, pois os seus livros, onde tanto se falla de hygiene e toilettes, acham-se admiravelmente substituidos em hygiene, pelos sabonetes do Congo e em toilettes pelo Grandella.

—Enquanto o sr. D. Carlos anda á

caça, a miseria tambem faz a sua caçada por Lisboa.

Ante-hontem começou a distribuição dos cartões para os subsídios de beneficencia da camara municipal. O numero de requerimentos entrado na caixa das petições, este anno, trepçou. Feliz povo!

Cada vez se está mais desanimado. E agora que o sr. Ferreira d'Almeida quer fazer reformas no arsenal ficam mais algumas centenas de operarios sem trabalho!

—A organização do partido republicano do Norte, continúa a impressionar immenso os politicos de Lisboa.

Creio bem que das commissões organisadas para cima do Mondego partirá um grande impulso favoravel ao partido. Muitos republicanos esperam que em Lisboa será acceto com enthusiasmo o plano do Norte. As sympathias pelos homens das commissões republicanas augmenta constantemente.

—Tem produzido a melhor impressão a attitudede dos estudantes de Lisboa, deliberando que não se dê por forma alguma caracter politico ás manifestações em honra de João de Deus. Assim se espera que procedam as outras academias.

—Os bailes de mascaradas estão pobres e pouco concorridos. O dinheiro vae faltando. Mas ainda ha para dois annos, dizia-me hontem um monarchico. Depois, o grande calote nacional.

—Os coelhos e veados de Villa Viçosa apresentaram uma mensagem ao rei pedindo-lhe que os addidos das repartições sejam nomeados caça real para prover as vagas. E as noticias da caçada serão d'aqui em diante: El-rei matou hontem dez coelhos e vinte amanuenses. Vê se que os animaes collaboram com o governo.

—Quinta feira á noite o artigo das *Novidades* contra o sr. Ferreira d'Almeida era o assumpto das conversações em S. Carlos e nos cafés. Em S. Carlos o sr. Lino d'Assumpção amigo do sr. Antonio Eunes gritava contra o sr. Ferreira d'Almeida, e prometia combater-o ainda que para isso tivesse de fundar um jornal.

Affirma-se que o artigo das *Novidades* fôra inspirado pelo sr. Carlos Lobo d'Avila.

Todos se admiravam de que as *Novidades* gritando ainda ha poucos dias pelo sr. Ferreira d'Almeida agora o esteja descompondo.

Todos se admiram, menos os que conhecem aquelle jornal, está claro. Certo é, no fim de tudo, que o sr. Ferreira d'Almeida, marinheiro de Cacilhas, não estará muito tempo a salvo.

—Conta-se que o sr. Hintze Ribeiro dissera que se desejavam a queda do ministerio, teriam de se arrepender, pois ficaria no ministerio novo o sr. João Franco, presidente do conselho que era peor do que elle. Quem nos dera!

—Explica-se a attitudede aggressiva do sr. Mariano de Carvalho contra o governo por não o quererem fazer par do reino. Não é exacto. Quem quizer a

cabellos negros, desgrenhados pela carreira, escapavam-se do lenço que lhe apertava a cabeça.

—Sou eu! disse ella. Que me quer?

O Senhor Duque deixou cair a sua bolsa, e, dirigindo-se aos seus creados:

—Continuem! disse elle.

Os postilhões firmaram-se nas suas sellas, os cavallos agitaram-se...

No momento em que o carro começava a andar, um objecto arremessado da multidão passou pela portinhola e veio bater nos pés do Senhor Duque.

Olhou sem se baixar. Era a sua bolsa.

Deu um salto, como para se precipitar, e, com a cabeça pela portinhola:

—Canalhas! exclamou elle.

Respondeu-lhe um clamor immenso.

A mulher, ao pé da fonte, continuava inclinada sobre a filha; e, acima d'ella, em volta d'ella, de toda a extensão do largo, dirigiam-se cabeças devastadas, de olhos ardentes, estendiam-se braços nus de punhos fechados. Os olhares seguiam o carro, os punhos ameaçavam-no.

O sol, neste momento, desembaraçou-se das nuvens, vencedor, illuminando a legião livida dos Gaulizes e a equipagem do Franco, de abobadas...

II

CADET TRICOT

A rapariga voltou a si com um estremecimento. As palpebras agitaram-se-lhe. Reabriu os olhos.

explicação verdadeira pega-a ao quinto poder do estado, que tem assento na contabilidade publica.

Diz-se que uma das vagas na camara alta será para o sr. Pimentel Pinto. Estamos a ver se elle reforma os pares mais velhos, para ficar general de divisão da camara alta.

Espera-se com curiosidade a reforma administrativa. O sr. João Franco trabalha nella desesperadamente.

Falla-se em novas eleições, apesar de estar o vinho mais caro.

Jocelli.

O que convem fazer

Está tudo perdido, é o que se ouve em todas as conversas ácerca da administração dos negocios publicos. A emigração augmenta d'uma maneira extraordinaria, e dentro em pouco não teremos braços para a agricultura. O commercio lucha com uma crise de tal ordem, que as fallencias e as concordatas succedem-se umas ás outras. O povo não pode pagar mais, porque está pobre, e mal ganha para viver. A divida publica chegou a um ponto tal que os seus juros absorvem quasi toda a receita. Os credores são caloteados, não se lhes pagando o que se lhes deve. Gastamos com o exercito perto de 7 mil contos, e não temos senão generacs.

O ouro desapareceu de todo e hoje não temos senão papelada, que amanhã nenhum valor terá. Os generos de primeira necessidade estão carissimos, a vida está-se tornando difficil, porque diminue a receita e augmenta a despeza.

A fome aproxima-se com todos os seus horrores. Brevemente teremos uma administração estrangeira a tomar conta do que é nosso. O governo fechou as portas de S. Bento aos representantes do paiz, rasgou a constituição, supprime todas as liberdades, e decreta a pena de morte para todos aquelles que se rebellarem contra elle.

Não somos, em summa, um povo livre e soberano. Está tudo perdido, é o que se ouve por toda a parte.

E de quem é a culpa de tantos males que estamos soffrendo, senão de nós mesmos que não temos olhado como deviamos para as coisas publicas?

Saiamos do nosso indifferentismo, e da inação em que temos vivido, e tomemos todo o interesse pela causa publica. Quem for liberal e patriota, e quizer trabalhar pelo bem do paiz, venha collocar se ao nosso, lado que sem duvida levaremos de vencia o inimigo que temos pela frente, e veremos estabelecido o imperio da lei, da justicia e da moralidade, e terminado este estado de cousas que nos envergonha e nos avilta, e nos leva fatalmente á ruina e á escravidão.

Levou logo as mãos ao rosto, mas retirou-as immediatamente, e, vendo sangue nos dedos, empallideceu; os labios fizeram-se-lhe brancos; os dentes desceram-se-lhe...

E nem um grito, nem uma lagrima!

Quando pôde fallar:

—Mãe, disse ella, isto não me fez mal.

E voltou se para o rapaz de cabellos empastados:

—E's tu, disse ella ainda, quem me levantou de debaixo dos cavallos?

Elle fez-se vermelho até ás orelhas e não respondeu nada.

Olharam-se.

A rapariga, de doze annos, parecia ter oito; tão delgada e tão pequena que era inacreditavel. Seria possivel que uma creatura humana possesse caminhar com pés tão pequenos e servir-se de tão pequenas mãos? Um sopro a derrubaria.

Mas sobre aquelle corpo emmagrecido e fraco havia uma cabeça estranha e encantadora. A massa de cabellos negros, aos anneis, emaranhados, torcidos, apenas escondia metade d'uma fronte larga, intelligente e sonhadora. Os olhos negros de-pediam de vez em quando longos olhares dominadores; o nariz, correctissimo, dilatava ás narinas como para aspirar melhor a vida; os labios, um pouco grossos, entreabriam-se sem cessar sobre uns dentinhos irregulares, brancos e cerrados. De tempos a tempos soltavam-se-lhe dos labios duas syllabas breves, al-

Se todos os homens honestos e amantes da liberdade e do paiz vierem alistar-se nas nossas fileiras, e convenientemente equipados para a lucha, salvaremos tudo quanto se julga perdido.

Nada de tibezas e covardias, que dos fracos e covardes nos vem uma grande parte dos nossos males. Quem lucha pela liberdade tem certa a victoria.

Com a monarchia é impossivel a salvação, vamos pois para a republica.

Conferencia de S. Vicente de Paula

Recebemos e agradecemos o relatório de 1893-1894 d'esta instituição que tem como fim principal a concessão de esmolmas aos pobres.

A receita do anno findo foi de 237.400 e a despeza de 199.450 réis.

Esta instituição, como todas as que têm por fim melhorar as terriveis condições em que vivem muitos miseraveis, é digna de que todas as pessoas caridosas a auxiliem.

A sua direcção, de que é digno presidente o reitor do collegio dos orphãos de S. Caetano, rev. José Marques Rito e Cunha, offerece todas as garantias de seriedade e competencia.

NOTICIARIO

Ante-hontem á noite, a Associação Commercial d'esta cidade elegeu para o cargo de presidente da sua assembléa geral, o sr. Ricardo Loureiro, digno director da agencia do Banco de Portugal.

Para este honroso logar tinha sido eleito o nosso querido amigo e devotado collega, Rodrigues da Silva, que, pela sua isempção e para evitar attricao que as suas convicções republicanas, poderiam facilmente provocar bem contra o seu desejo, não acceptára essa nomeação, sendo esse o motivo da nova investidura.

A mesa da santa casa da misericordia resolveu conceder soccorros aos pobres atacados de variola na freguezia de Antuzede, tendo-se-lhe dirigido o sr. governador civil para esse effeito, em virtude das miseraveis condições em que se encontram.

Tem-se extranhado muito qua não viesse ainda o sóro anti-diphtherico para Coimbra, sendo certo que existe de ha muito em Lisboa e que tambem já foi enviado para a Figueira.

Tem prestado valiosos serviços a corporação dos guardas nocturnos,

guma coisa como *hep! hep!* ou *hop! hop!* Dir-se-ia que era um incitamento da alma. Então, o corpo gracil apumava-se, palpitava, vibrava, respirava energia.

O herculeo rapaz, diante d'esta creanga, lembrava os antigos barbaros da Germania diante das suas fadas. Conservava-se immovel, sobretudo admirado, um pouco em adoração. E-ta rapariguinha, tão debil, seria da sua propria natureza?... Elle teria 14 annos; mas toda a gente lhe daria 18, ao ver a sua estatura alta e os seus membros enormes num lato tão apertado. Sobre as suas espaldas largas, quadradas, movia-se um bello rosto sadio, vermelho, emoldurado em madeixas de cabellos d'um loiro de trigo. Os olhos eram d'um azul pallido; as sobrancelhas ruivas. Modos embaraçados, olhar indeciso, — um cerebro a funcionar lentamente, interrogando-se sobre o em que poderia empregar a força dos seus musculos. O povo diz: — um latagão!

A pequena retomou a palavra:

—Como te chamas tu?

—Cadet Tricot! respondeu elle numa voz de stentor.

Pozeram se a rir. Mas ella replicou seriamente:

—Cadet Tricot. Bem. Eu, chamo-me Jenny Combate. Sou do arrabalde. Tu, d'onde és?

—Sou d'Arcis.

—Onde é Arcis?

—Em Champagne.

ultimamente estabelecida, devido aos estudos Olympio Cruz.

Chega-nos agora mesmo a noticia de varias occorrendias, em que a presença dos guardas soube prevenir desgraças ou crimes.

De visita a Coimbra chegou hontem o sr. dr. Sebastião de Moraes, illustre e distinctissimo advogado em Mangualde.

S. ex.^a, que é um bello espirito e uma alma aberta, encontra em Coimbra innumeros amigos, jubilosos de o abraçar.

Foi publicado o n.º 18 da revista *O Instituto*, correspondente ao mez de dezembro do anno findo.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido, d'esta interessante publicação, cujo summario é o seguinte:

Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos — *A doutrina da immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*.

Julio de Castilho — *Memorias de Castilho*.

Julio de Castilho — *D. Antonio da Costa*. Quadro biographico-litterario.

O sr. ministro da justiça convocou para serem ouvidos sobre a forma da *Tabella dos emolumentos e salarios jueiciaes*, magistrados e advogados.

Vem a proposito perguntar: e então os escrivães e officiaes de diligencias, que não são menos interessados, não devem ser ouvidos? Só valerá a opinião dos *grands bonnets*?

A ULTIMA HORA

Aplicações comicas do *Tribuno Popular*

O GOVERNO está em eris-aguda.

Depende do numero de patos, que o rei matar em Villa Viçosa, a sua immediata demissão ou a sua permanencia por mais um mez nos conselhos da COROIA.

Que a Diana caçadora nos valha nestas AFFLIÇÕES!

Hontem reuniu-se a congregação de Medicina e hoje a de Direito.

Irribus!...

—E' longe, Champagne?

—E' a duas pequenas jornadas d'aqui, em bom passo.

As pequenas jornadas e o bom passo de Cadet Tricot fizeram rir tambem, Jenny pareceu contrariar-se mas não disse nada.

A mãe tinha molhado na fonte um lenço; lavou com cuidado as fontes e as faces da creanga, dispoz o lenço em forma de ligadura e atou-o atraz da cabeça.

—Ven a proposito, disse ella.

Jenny fez ouvir a sua incitação habitual:

—*Hep! hep!*

Mas os musculos, pela primeira vez desobedientes, recusaram-se a ella.

—Cadet, leva-me!

A mãe fez um gesto.

—Oh! leva-a com cuidado! disse Cadet.

A mulher trocou um olhar com os homens da fonte; depois largou a descer rapidamente a rua. Cadet caminhava a seu lado, indo tão depressa como ella sem se apressar; cada um dos seus passos valia por dois dos d'ella. Jenny, nos seus braços, segurava com as mãos os cabellos e olhava gravemente.

A mulher parou diante d'uma loja de hervanario, empurrou a porta e desceu dois degraus. Então, da obscuridade da loja, semelhante a um subterraneo, destacou-se um velhinho, de sobrancelhas espessas, comprido nariz afilado, bocca desdentada.

(Continúa.)

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789-1792

I

O SENHOR DUQUE

Interrompida a sua tranquillidade, abeirou da portinhola a sua cabeça indifferente. Debaixo das patas dos cavallos, sustidos com pulso forte pelos postilhões, uma rapariga atropellada jazia vertendo sangue do rosto.

A alguma distancia corria uma mulher, louca, repellindo para a direita e para a esquerda quem deparava na sua passagem, exclamando:

—Minha filha!

Mas, antes d'ella, alguém tinha levantado a rapariga. Um rapazote imberbe, com os cabellos empastados sobre a fronte, saltou do estribo, aonde se tinha dependurado, e arremessou-se á frente dos cavallos.

Immediatamente, com a pequena nos braços, dirigiu-se para a fonte.

—Onde está a mãe? disse o Senhor Duque.

A mulher aproximou-se. Os seus olhos negros, duros, brilhavam na córtrigueira do rosto. Algumas madexas de

de Coimbra

adidas na ses-
são de fevereiro de

Presidência do bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, Manoel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos; José Corrêa dos Santos, substituto.

Mandou lavrar termo da cedência, superiormente autorizada, de 6^m, 26 de terreno na rua Garrett a um proprietario de terrenos na mesma rua.

Mandou intimar judicialmente o proprietario do edificio da Estrella para que, a bem da segurança publica, faça aprear, segundo as indicações d'engenheiros que vi-toriaram o mesmo edificio, paredes e enclameis etc., que não offerecem estabilidade.

Resolveu fornecer vaccina ao facultativo do partido municipal de S. João do Campo, para a vaccinação das creanças da localidade, fazendo saber pelos parochos nas freguezias, de que o mesmo partido se compõe, que o mesmo facultativo vaccina em sua casa ás quintas feiras e domingos das oito horas ás dez da manhã.

Approvou uma nova variante ao projecto do ascensor mechanic, na passagem entre o largo da Sé Velha e a rua das Covas, enviando a Comissão Districtal a planta e o perfil longitudinal apresentado pelo respectivo concessionario.

Mandou enviar ao commissario de policia duas participações acerca de transgressões de posturas.

Mandou passar licença para apascentamento de cabras a um proprietario do logar do Espirito Santo, freguezia de S. Martinho do Bispo.

Attestou acerca de duas petições para subsidios de lactação a menores.

Autorizou o pagamento de serviços de limpeza e de guizamentos para a capella do cemiterio.

Autorizou o pagamento de serviços prestados pelos hombeiros municipaes em dias diversos no edificio da Estrella.

Mandou pagar a um hombeiro, que se magouou nos trabalhos do incenlio no edificio da Estrella, o salario de nove dias em que esteve impossibilitado de trabalhar.

Autorizou a remoção de terras caidas sobre o pavimento da rua de Alexandre Herculano.

Autorizou o pagamento da quantia de 60\$000 réis a Maria Guilhermina da Encarnação, residente em Coimbra, como

indemnisação de trabalhos d'alterações feitas por veze na soleira da porta de uma casa na rua projectada da quinta de Santa Cruz, por virtude de diversas cotas de nivel dadas a mesmo rua.

Autorizou o pagamento de lenha fornecida para as machinas elevadoras d'agua desde 16 de janeiro ultimo até 14 do corrente mez, em conformidade com o contracto feito em praça.

Registrou um voto de sentimento pela morte da extremosa mãe do sr. Bispo Conde

Autorizou a limpeza de algumas arvores da estrada de Ceira ás Vendas.

Nomeou uma commissão de tres vogaes para dar parecer sobre a conta da gerencia do anno findo.

Despachou requerimentos, auctorisando a collocação de signaes funerarios em sepulturas no cemiterio da Conchada; avengas para o pagamento de impostos indirectos; mantendo deliberações anteriores acerca da construcção de um muro ao Cathabé em terreno expropriado para o caminho de ferro de Arganil e auctorisando a construcção de uma casa á beira da estrada de Ceira ás Vendas, determinando-se o alinhamento, sem occupação de terreno publico, e a reconstrucção de outra no logar de Castello Viegas, sendo determinado tambem o alinhamento, sem occupar terreno do concelho.

Indeferiu um requerimento acerca de um agueiro em Valle de Linhares; outro sobre o mesmo assumpto em Almela-guez; e um terceiro sobre o abono pedido por um negociante d'esta cidade do imposto de generos a que diz ter dado sahida.

Resumo das deliberações tomadas em sessão extraordinaria de 18 de fevereiro de 1895.

Presidencia do bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos; José Corrêa dos Santos, substituto.

Sendo presente uma participação de José de Sousa Gonzaga, dando conhecimento do fallecimento no dia 13 de seu irmão, Manuel da Silva Gonzaga, thesou-reiro da Camara Municipal; e referindo se o presidente á sellagem da porta da thesouraria, a que procedeu o administrador do concelho por virtude de reclamação, que o mesmo presidente lhe fizera, e em attenção ao parecer do advogado que apresentou, foi resolvido pela camara: convidar o irmão e fiador do

fallecido thesou-reiro a proceder á liquidação da conta do mesmo thesou-reiro no dia 19 do corrente e pedir providencias superiores para a entrega da thesouraria ao recebedor da comarca.

Resolveu mais pedir ao chefe do districto para interpor o seu valimento para com o governo, a fim de que na reforma administrativa a que se está procedendo se consigne que poderão ter thesou-reiros privativos as camaras municipaes dos concelhos, cujas sedes sejam cabeças de districto, em vista do beneficio que d'esta medida resulta para a administração municipal.

EXPEDIENTE

A Resistencia é enviada, entre muitos outros cavalheiros com cuja cooperação contamos, áquelles que assignavam o *Defensor do Povo*.

Regularisar-se-ão assim, da fórma mais simples, os respectivos debitos e creditos.

Consideramos assignantes as pessoas que não devolverem o 1.º e 2.º numeros da Resistencia.

RECLAMES E ANNUNCIOS

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho Mattos, Marco da Feita.

A venda nas Livrarias, papéis e taboarias

ROTEIRO ILUSTRADO

Com a planta da cidade e 45 desenhos de A. Augusto Gonçalves

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

BELKISS

Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar

por Eugenio de Castro

F. França Amado — Editor Coimbra

CABELLEIRAS

ANTONIO FERNANDES RUA DO CORVO

1 Tem para alugar um grande sortido de cabelleiras para homem, a principiar em 120 réis e para senhora, em 200 réis.

As cabelleiras para senhora são frisadas e penteadas. Tambem ha barbas em diferentes feitios e côres, bigodes, crepes, tudo proprio para theatros e carnaval.

Encarrega-se tambem de mandar executar toda e qualquer obra de cabelo, tanto em cabelleiras para senhora como para cavalheiros, imagens e anjos, assim como tranças, redes invisiveis, marrafas, farrigas, cadeias, cordões para lunetas, etc., etc. Tudo por medida á vontade do freguez.

Preços e perfeição sem competencia

Prestam-se informações pelo correlo

Deposito da Fabrica Nacional DE **BOLACHAS E BISCOITOS** DE **JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO** COIMBRA 128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

Este deposito regularmente montado, se acha á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos e condições eguaes aos da fabrica.



3 As verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins de Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

4 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

5 Casa filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida). Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

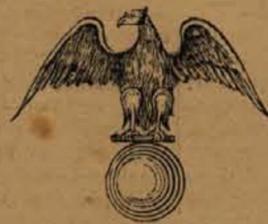
Vinho de mesa puro genuino

6 Vende-se no Café Comercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro.

Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades, e restitue a importância recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

7 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

8 Neste bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu actual proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continua a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis.

LIVROS DE MISSA

9 Magnificas encadernações em peles de crocodillo, phoca, vitella, etc.

CASA HAVANEZA COIMBRA

TABERNA PORTUGUEZA

47, R. Martins de Carvalho, 49

(Antiga rua das Figueirinhas)

10 Grande deposito de vinhos genuinos para mesa e sobremeza, de diversas qualidades e preços engarrafados e por medida.

ADS VIAJANTES

11 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegada da Allemanha e Inglaterra.

Fabricante de bolacha

12 Precisa-se de um mestre fabricante de bolacha para S. Paulo, Estados Unidos do Brazil onde poderá auferir bons proventos Nesta redacção se diz.

CALDEIRA DA SILVA

CHIRURGIÃO-DENTISTA

13 Participa ao-seus clientes que achando-se restabelecido da doença que o acommieteu, continúa a dar consultas, todos os dias, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

14 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro e carnaval.

Julião d'Almeida & C.ª

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

15 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se e lugam se cabelleiras proprias para anjos e para theatros.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000 Fundo de reserva 203.000\$000

16 Esta companhia é mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias, ou estabelecimentos assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 43, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

BENGALAS

17 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA Coimbra

RESISTENCIA

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PÁGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente, todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

TYPOGRAPHIA OPERARIA COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 3

COIMBRA — Quinta feira, 28 de fevereiro de 1895

I.º ANNO

Déspotas e cobardes

Continua a ser vivamente estigmatizado por todos os liberaes, sem distincção de partido, o acto ignobil da demissão do nosso querido amigo dr. Cerqueira Coimbra, do lugar de secretario da Universidade. A indignação causada por essa brutal prepotencia d'um governo que tem abusado constantemente do poder para praticar as mais vis infamias, vibra ainda com uma intensidade que é d'estranyar no meio do tremedal immundo em que a nação vê immersas as classes dirigentes, dominadas pelo interesse sordido e egoista, sem crenças politicas nem virtudes civicas.

E, ao mesmo tempo que ha fremitos d'indignação contra o governo d'uma monarchia perjura que tem falseado completamente a sua missão, tecem-se os mais calorosos elogios ao nobre e altivo procedimento do nosso illustre correligionario, que preferiu ser ignobilmente expulso d'um cargo exercido sempre com o maior zelo e lealdade, e com a mais elevada distincção, a mentir á sua consciencia, deixando de afirmar publicamente as suas convicções politicas. Elle, que sómente vivia do modesto ordenado que estava recebendo pelo seu trabalho honrado e assiduo, mostra-se inquebrantavel na sua fé politica, quando a aristocracia da fortuna se vende no exercicio dos mais elevados direitos politicos, quando a monarchia se mantem á custa das maiores torpezas! Medite-se bem no exemplo; attente se no effeito que produziu.

A nação, que parecia haver perdido com a monarchia o seu brio tradicional, a sua historica altivez; que parecia, offuscada já a consciencia, ter entrado com ella na agonia, sente um abalo enorme, e louva a nobreza de caracter do nosso querido correligionario, verberando a perfidia do governo. A propria imprensa, que não tem tido pejo de defender as infamias do governo, curva-se reverente perante o procedimento coherente e digno do nosso querido collega!

O governo, que num momento de furia resolve censurar os professores que haviam publicamente manifestado as suas idéas republicanas, que os ameaça com a demissão se persistirem no seu procedimento, cede perante a revolta produzida no espirito publico pelo acto infame que praticou. Aos lentes da Universidade não é dado conhecimento official da circular por que o governo pretendia mais uma vez impor-se brutalmente, calcando o direito que lhes é concedido pelas nossas leis de manifestarem livremente, como cidadãos, as suas idéas politicas.

Diz-se, e assim o cremos, que os professores republicanos da academia polytechnica e da escola medica do Porto declararam que só ouviam ler a inepta circular por consideração pessoal para com os directores d'essas escolas; alguns d'elles affirmam em documentos notaveis pela sua energia, que não cedem

perante as brutaes imposições d'um governo sem consciencia nem dignidade. E o governo limita-se a mandar mentir a imprensa assalariada, referindo-se a autos e officios que, ou não existem, ou, se existem, dizem o que não existiu.

Não viu meio de sujeitar ás suas prepotencias as classes mais illustradas do paiz, e por isso cedeu sem vergonha, sem brio, porque nunca os teve. Forte quando pôde commetter impunemente crimes revoltantes, revela a sua extrema cobardia quando sente que vae provocar resistencia. Tem vivido assim, e assim morrerá sem remorsos, porque não é susceptivel d'elles quem está completamente pervertido.

Mas ha de chegar o momento em que a cobardia não possa evitar que se desencadeie o movimento revolucionario. As enormes responsabilidades que pesam sobre a monarchia hão de liquidar-se. Uma nação não morre como um individuo; manifesta muitas vezes uma energia heroica quando se julga que a dissolvente anarchia feriu de morte as suas energias vitais.

Revelam no d'um modo evidente as grandes revoluções de que nos falla a historia.

Pensem, que é grave

Cremos que na faculdade de Direito se continúa ainda a ler pela decantada Carta Constitucional. Como, porém, ella está abolida de facto, constitue um ataque directo aos poderes constituidos, que os professores juraram defender, expôr as normas que nella se acham consignadas. Meditem os interessados sobre o assumpto, que pôde originar sérios conflictos.

E' triste

Correu ha tempos que o sr. reitor da Universidade, conscio dos excellentes serviços que no desempenho do seu cargo prestou sempre o nosso querido amigo dr. Coimbra, havia affirmado que continuaria depositando nelle a confiança que sempre lhe merecera e que, considerando illegal, inopportuna e injustificavel a sua demissão, se exoneraria immediatamente uma vez que o doido João Franco persistisse no seu criminoso proposito.

Como se vê, porém, tudo se passou de modo absolutamente diverso.

O sr. dr. Costa Simões, cuja larga folha de serviços á sciencia e á Universidade estava completa, e cujos altos sentimentos de rectidão conquistaram tantas sympathias para o nome que disfructa e, mesmo, para o alto cargo que exerce, não quiz honrar o seu passado e curvou subservientemente a cabeça para deixar cumprir sem protesto uma infamia que envergonha a sciencia, a civilização e sobretudo a Universidade, na propria pessoa de s. ex.ª, que é o seu representante.

Ao fim d'uma vida de dignidade e virtudes, bem poderia o sr. dr. Costa Simões preparar-se para repousar a sua frente muito alva sobre os serviços prestados ao paiz. Mas preferiu deixar enxovalhar a Universidade, transformal-a em chancellia vergonhosa das epilepsias d'um farricante e acarretar sobre si um odioso, que (com sentimento profundo o dizemos) nunca mais poderá ser apagado, pela mesma forma que d'um muro alvinitente é impossivel arrancar as sombras que uma mancha negra nelle deixou.

Agencia funeraria de D. Jesus & C.ª

El Adelanto, jornal de Salamanca, armou á ultima hora em chronista de João Franco, a quem faz, no seu ultimo numero, uma epopeia de prosa chilra e castelhana.

Vem a insipida droga sob a rubrica de um senhor que se assigna Jesus de qualquer coisa, e que, para não desmentir a categoria que lhe imprime o nome, anda por ahi, por Coimbra, crucifixando-se nas hombreiras das portas como os valdevinos da Arcada.

Final é logico. O numero do periodico a que nos referimos rompe por um annuncio mortuario, passa a annunciar o anniversario da morte de um Gonzalez qualquer, que pelos modos era amigo lá da casa, e cahe em seguida de cocoras perante as sabias plantas do nosso velho João Franco.

Como veem, aquillo cheira a sarchistia e a mofo de fabrica de Igreja. Por isso tambem o tal Jesus se apresenta com um ar untuoso d'um Jesus de exportação, que, pelas barbas enoveladas e pelo sorriso melifluo, parece, entre nós, a resurreição dos velhos *ichacorvos*.

Os Arroyos

Mal agradecidos ao João Franco e ao Hintze, que acabam de internar o mano João Marcelino na companhia real dos caminhos de ferro com a gorgeta de dois contos e quatrocentos mil réis annuaes, os Arroyos, do Porto, despejam no *Jornal de Noticias* uma disfarçada diatribe contra a politica governamental. E, em certa altura da estopante carga, escrevem:

«O governo dissolheu a camara eleita pelo sr. José Dias Ferreira, apezar de ter ahi maioria. Elegeu outra camara fazendo os accordos que quiz com os contrarios, e conseguindo constituir uma maioria dedicada como não ha exemplo. Vae dissolver tambem esta camara. Reforma o codigo administrativa e a lei eleitoral, tudo para obter uma nova camara que sem duvida lhe não será mais dedicada de que a actual. Isto tudo em menos de um anno. De que servem então os correligionarios e amigos do governo, se mesmo unidos indissolvemente em enorme maioria lhe não agradam para defeza?»

«Sobre o partido regenerador pôde cahir portanto a accusação de que o que o governo deseja é manter-se no poder, custe o que custar, deixando de governar constitucionalmente.»

E' bem claro que não queremos aproveitar para argumentos nossos as palavras dos exploradores mais audaciosos da politica monarchica. Quando queremos fallar, fazemol-o por nós, sem carencia de alheia força.

Mas folgamos de mostrar aos incautos, que por ahi ainda pairam desvaireados, que esses regeneradores constituem uma malta infame, em que nem a partilha dos roubos avultados produz uma cohesão duravel.

Bene trovato

O nosso collega o *Jornal do Commercio*, em que têm sido publicados magnificos artigos sobre as prepotencias do governo e o apoio incondicional que o sr. D. Carlos lhe tem dado, declara que é *axiomatico* para elle que o rei procedendo assim julga *proceder para maior bem do paiz*. Não ha maneira mais fidalga para dizer ao chefe do Estado que elle não tem intelligencia sufficiente para conhecer as necessidades do paiz. Faltoz-lhe accrescentar que, quando a tivesse, tudo corria do mesmo modo, porque elle pensa em tudo, menos nos interesses da nação. Os negocios do Estado para elle são uma massada. E ainda bem que assim pensa. Se quizesse governar a valer, ainda ficaríamos peor do que estamos.

Bagatellas

Cada um para o que serve! Tal o caso do pilriteiro no conceito popular.

Incitados pelo mesmo instincto ferino, o capitão Gerard matava leões por bravura, e o imperador Eliogabalo trucidava moscas por desfastio.

Eu sinto-me propenso á tineta das bugarias; em quanto outros mais profundos se entregam aos graves problemas, que importam á salvação d'um paiz carcomido e desvalorado, prestes a ir a pique, numa temerosa demencia, que tem tanto de burlesca como de tragica.

Neste mal estar, intermitencias de prostração e de revolta invadem todos os espiritos; e não ha therapeutica de jalapa capaz de curar esta enfermidade do figado, de que padecem todos os que pensam sobre os os destinos do paiz.

Nos proprios documentos de origem e chancellia official estes desabafos são incompressiveis. Debaixo dos olhos tenho um relatorio moderno, onde se lêem com uma comica emphase de conclusão logica estas palavras: — *O titulo de civilizado dado a este paiz é mais do que contestavel!* O documento é official, senhores!... Mas é um audacioso traço de sinceridade!

Agora mesmo passei pela vista a ultima oração de sapiencia recitada na sala dos capellos por um professor honestissimo e um dos mais bellos caracteres. Sob forma moderada e complacente a rapida observação da função governativa sobre a nossa instrução secundaria e superior, é da gente fugir!...

Só a conclusão não é legitima, porque derivou sobre a direita antes de chegar ao fim...

Neste momento anda de novo a agitar-se na tela da discussão, como se costuma dizer, quaes os meios de fortalecer a anemia economica do paiz, combatendo directamente as causas que motivaram a decadencia.

De vez em quando os espiritos alvoroados entrevêm claro. E foi necessario que se fizessem sentir os effeitos da derrocada geral, para que o estretecimento lhes abrisse os olhos!

E' agora, a dois passos do cataclismo final, que os conspicios e obesos amigos da ordem fingem reconhecer as causas da ruina!

Ainda agora descobriram que está no parasitismo illustrado, que vem desde longe depauperando a seiva e esterilizando as forças vivas da nação!

E' agora que se reconhece que o definhamento provém da superabundancia de bachareis e do desprezo systematico pelos governos votado ao derramamento da instrução profissional e á protecção ao trabalho! Da falta de organização de ensino sensata, fecunda, util e persistentemente derramado na mocidade das classes medias.

Instrução á industria; instrução á agricultura. Mas instrução solida, a valer, sem decorações de papel pintado e sem as parlatices philosophicas dos pequenos prodigios de reputação universal.

Honrar o trabalho e eleva-lo, dar-lhe valor e prestigio, amparal-o com legislação protectora e dar-lhe credito, facilitando-lhe capitais e abrindo-lhe mercados.....

Mas este movimento deveria ter começado ha vinte annos, pelo menos, em desenvolvimento e consolidação progressiva.

Actualmente, para improvisação, como panacêa manipulada á pressa, basta o que ha. E está bem!...

O trabalho! Nunca em Portugal ninguem nisso pensou a serio, a não ser como materia collectavel, para os effeitos da contribuição. Quando a azafama agitava todas as nações,

que nessas verdadeiras e grandes luctas das exposições internacionaes mediam comancia os recursos da sua prosperidade e do seu futuro, a nossa mandriche foliava, como na velha Roma, onde o trabalho pertencia á condição vil dos escravos.

Pelo fim, e nestas alturas do epilogo, que estamos vendo os conselheiros e os patriotas d'aluguer, a põem a mão sobre o peito!... Que corja!

E o pobre do paiz!... esse pôde comparar-se a um viajante no comboyo do Progresso, terceira classe e alforge. Cahiu á linha, coitado! e agora deita a correr e a berrar, suppondo que o trem vae parar para o receber!

A.

Arcades ambo

Terminou em santa paz a pendencia entre o sr. Ferreira de Almeida e o sr. Navarro. Ainda bem!

Seria grande o nosso pezar se o sr. Navarro, que é todo nosso e só nosso, morresse ás mãos do sr. Ferreira de Almeida!

As incompatibilidades

Lembraremos ao sr. João Franco, visto que está com a mão na massa das incompatibilidades, que ha professores da Universidade que estão em Lisboa exercendo commissões incompativeis com o exercicio do professorado, e que, segundo a lei, devem optar pelo lugar de professor ou pela commissão.

Faça cumprir a lei, sr. ministro do reino, para merecer, pelo menos uma vez, os nossos applausos.

A Montanha

Publicamos com summo jubilo a seguinte declaração do nosso collega e valente correligionario, a *Montanha*, de Trancoso:

A empreza do jornal A MONTANHA, de Trancoso, faz saber que não terminou a sua publicação, desmentindo assim o telegramma que d'esta villa foi enviado á redacção das NOVIDADES.

A MONTANHA não acabará nem deixará de seguir o partido em que está filiado.

A redacção.

A attitude da *Montanha* perante o regimen monarchico continuará sendo, como até hoje, de intransigente e formal condemnação aos miseraveis processos da politica portugueza.

Como alguém falsamente propalou que o auctor do artigo incriminado tinha fugido á sua responsabilidade, a *Montanha* muito categoricamente declara que Brissos Calvão não se furtou a responsabilidade alguma; o autographo do artigo está junto ao processo, que vae correndo os termos a que o obriga a infamissima lei das rollas. Nem Brissos Calvão, jornalista intemerato e republicano devotado á realisação do nosso ideal, seria capaz de interpor subterfugios ou pretextos de qualquer ordem para fugir ás responsabilidades que lhe impõe a sua nobilissima e integra profissão de jornalista republicano.

Não costumam proceder assim alguns dos jornalistas monarchicos.

Comicio

No dia 3 de março realisar-se-ha um comicio em Ojemira, promovido pela colligação liberal contra a marcha cabralina do governo do sr. D. Carlos, o primeiro...

Associação dos Artistas

Não temos o proposito de criticar as indignidades praticadas pelos membros mais influentes do partido governamental em Coimbra. Assumpto bom para gazetilhas, não lhe ligamos a importancia de o discutir no nosso jornal. Não queremos entrar em relações com quem se acha em intimo convivio com criminosos de todas as categorias e annulla contribuições só para augmentar a sua influencia eleitoral.

Mas, sem querer discutir os *mirandaceos*, não podemos deixar de pedir aos homens serios d'esta maldada terra quem se pensam em consequências que não de derivar necessariamente das inqualificaveis propensões que se estão praticando.

Já não falaremos da tristissima prova que está dando da sua seriedade, bom senso e illustração uma cidade que se deixa dirigir por pessoas de tal laia, porque julgamos que não colheriamos resultado algum.

Como estamos, porém, numa epocha accentuadamente egoista, pediremos em nome dos interesses individuaes para que se proteste energeticamente contra as arbitrariedades que por ahí pullulam.

Dirigir-nos-hemos hoje aos socios da *Associação de socorros mutuos dos artistas de Coimbra*.

Ha dois mezes que a Associação está sendo administrada por individuos que se mantêm abusivamente no exercicio das suas funcções, e até hoje ainda não protestaram com energia contra esse abominavel procedimento.

A maioria, que soube derrotar perante a urna as influencias *mirandaceas*, permite agora que ellas se riem da sua victoria, que pretendem annullar de facto. Ouvem dizer que a direcção eleita por ella não entrará em exercicio, e cruzam os braços em beatifica attitude.

Mais do que dó, causa indignação esta indifferença.

Se não encontram apoio em quem lh'o devia dar para que se cumpra a lei, ainda têm outros meios legaes para evitar a continuação do estado anormal em que se acha a Associação. E é necessario que usem d'elles já, sob pena de verem percer a Associação e com ella as garantias do seu futuro nas mãos de individuos para quem a lei e a consciencia são palavras sem sentido.

Dr. Paulo Falcão

Tem estado em Coimbra, retiram do hoje para o Porto, no comboio das 3 da madrugada, o nosso querido amigo e talentoso advogado, dr. Paulo Falcão. S. ex.^a é sempre bem vindo a esta cidade, onde, além dos amigos que as finissimas qualidades do seu bello caracter lhe têm ganhado, conta um amigo em cada um dos admiradores de seu pae, esse homem extraordinario, que em vida foi a synthese collosal de todas as esperanças da Patria portugueza.

REPUBLICANOS PORTUGUEZES NO BRAZIL

Acabamos de receber o *Boletim do Centro Republicano Portuguez*, no Pará. Publicação mensal, corresponde o numero que temos presente ao mez de janeiro. Oito paginas impressas em papel-rosa. Na primeira pagina um magnifico retrato de Alves da Veiga. No texto varios artigos brilhantes, alguns firmados por illustres correligionarios, como Teixeira Bastos, Magalhães Lima, Felizardo de Lima, etc.

O *Centro Republicano* do Pará é uma agremiação altamente prestimosa que alguns portuguezes fundaram naquella cidade brasileira.

E' enorme a força de expansão da sua propaganda, e já hoje se avalia por fructos mui vantajosos o seu esforço em favor dos direitos adquiridos pela colonia portugueza na grande Republica Sul-Americana.

Tendo em vista estes dois fins: fomentar o desenvolvimento da convicção republicana nos nossos compatriotas que vivem no Brazil, e crear, pelo estabelecimento d'uma

sincera affectuosidade, a melhor permuta de sentimentos entre portuguezes e brasileiros, pondo assim um entrave á corrente do *nativismo*, — o *Centro Republicano* do Pará está prestando assignalados serviços á causa da Democracia e alentando nos corações enfraquecidos a explosão do patriotismo portuguez.

Tendo essa agremiação o concurso de portuguezes illustres residentes no Pará, o benemerito *Centro*, se tem a força impulsora das grandes convicções a animal-o, tem tambem o prestigio de respeitaveis personalidades a couraçal-o numa incalculavel força moral.

Assim o *Centro Republicano* do Pará está realisando uma grande obra para que damos as nossas palmas e applausos — obra que é secundada por outras instituições do mesmo genero que no Brazil se tem fundado, de entre as quaes queremos destacar, neste momento, o *Centro Republicano Portuguez* do Rio de Janeiro, ha tanto tempo animado pela poderosa alma de propagandista e de combatente d'esse illustre portuguez que se chama Carrilho Viçeira.

Crise ministerial

O nosso solicite correspondente da capital refere-se ás noticias que correm acerca da queda do gabinete. Não nos parece que, a confirmar-se o boato, a nação tenha muito a lucrar com a substituição que a estas horas se está ensaiando entre a camarilha do paço.

Qualquer situação que não seja progressista ha de mostrar-se digna continuadora dos celebres ministerios nephelibatas. Uma situação progressista ha de encontrar serios embaixadores, em virtude dos actos ultimamente praticados pelo partido. Veremos o que sae d'este embroglio.

Roubos e mentiras

O correspondente d'esta cidade para a *Folha do Povo*, a proposito d'uma ladroeira insigne, — que ainda não averiguámos devidamente para sobre ella dissertarmos com vagar, — escreve o seguinte:

«Mas que querem? E' costume, nesta terra de pillos, arrufadas e bachareis, roubar-se todas as pessoas que vestem batina e põem capa... E como os estudantes hespanhoes estavam nas condições, roubaram-nos!»

Não tem os cidadãos de Coimbra culpa alguma das roubalheiras que varios industriosos estranhos aqui praticam.

E, pela nossa parte, consideramos tão censuravel a mentira calumniosa acerca de quem não tem culpas, como o roubo de que se falla.

Ou não?

Dr. José Bruno

Tivemos o prazer de receber nesta redacção a visita do nosso collega e querido amigo dr. José Bruno de Cabedo e Lencastre, que felicitamos cordealmente pelo seu restabelecimento.

A Geração Nova

Acha-se publicada a 2.^a edição do *Numero de Natal e Anno Novo* d'este jornal de arte e litteratura que se publica no Porto sob a direcção de Heliodoro Salgado e Julio Lobato. Este numero é abrilhantado na parte litteraria por prosas e versos de Albertina Paraizo, Alberto Osorio de Castro, Antonio da Costa e Silva, Antonio Feijó, Augusto Moreno, Gomes Leal, Eduardo Pacheco, Heliodoro Salgado, Hugo Diniz, João Chagas, João de Deus, João Diniz, João Penha, João da Rocha, J. Lobato, Luiz Guimarães, filho, Luiz Trigueiros, Mario Alves, Xavier de Carvalho. A collaboração artistica é firmada por Accacio Lino, Ernesto Meirelles e Raul Pereira.

O *Numero de Natal e Anno Novo* de *A Geração Nova* tem 16 paginas e custa 50 réis.

A' venda nos estabelecimentos dos srs. Paula e Silva e Franca Amado.

Politica estrangeira

O predominio dos inglezes no Egypto, injustificavel perante as nações civilizadas porque nenhuma consideração altruista moveu a Inglaterra a estender a sua garra dominadora á terra dos Pharaós, parece ter os seus dias contados.

A politica anglophoba do actual Khediva, para quem são boas todas as occasões de mostrar ao leopardo inglez o seu proposito de lhe saccar das fauces a região sagrada do Nilo, que elle — o rapace carnivoro traçoero — ha tantos annos procura devorar, tem um auxilio poderoso e efficaz na guerra surda que, pelos bastidores da diplomacia, se vae movendo á Inglaterra execrada.

Verdade é, que de muito longe vem a preocupação ingleza do dominio egypciaco... levada, além dos seus interesses particulares que a Inglaterra antepõe a todos os principios de Justiça e a todas as considerações da Moral, pela rivalidade secular, que se tem affirmado e desenvolvido atravez da Historia para com o povo visinho do outro lado do Canal — a França.

Já no começo d'este século a Inglaterra, para que o Egypto não viesse a pertencer á França, conquistou-o e deu-o á Sublime Porta, que para alli mandou um governador turco. E quando Mehémet-Ali, um albanez da escolta do governador, depois do massacre dos mamelukos, se tornou senhor absoluto do Egypto, e conseguiu do Sultão de Constantinopla, pelo auxilio que lhe prestou para submeter a Grecia, na guerra de 25-28, que o governo do Egypto ficasse hereditario na sua familia, o Egypto ficou, de facto, independente do governo turco, se bem que, na apparencia, continuasse obedecendo ao sultão, o chefe dos mussulmanos ortodoxos.

Foi então, em 1829, que os inglezes, sempre *amigos* do Egypto, propozeram a Mehémet-Ali reconhecer-o como soberano independente. Não escapou a Mehémet a insidia que se occultava na proposta capciosa, e respondeu ao enviado da Inglaterra de modo a mostrar-lhe que, como bom mussulmano, seria fiel sempre ao chefe dos crentes, ao sultão de Constantinopla.

Mas um dos successores de Mehémet-Ali, — Ismail, — entrou em relações com um francez, o glorioso Lesseps, para a abertura do canal de Suez,

Sobresaltou-se a Inglaterra; não fosse escapar-se para a França o predominio aneado sobre a fertilissima região que o Nilo innunda, enriquecendo-a.

E a diplomacia ingleza, sempre astuta, hypocrita sempre, fez sentir ao Sultão, que o Khediva, mancomunado com os francezes, ia, na sua politica de encontro aos interesses da Sublime Porta.

A advertencia do Sultão não se fez esperar, lembrando ao Khediva a suzerania turca; e a Inglaterra, com a força das suas esquadras e as balas dos seus canhões, sustentou bem alto as reclamações do turco. E o Khediva obedeceu.

Ficaram em lucta no Egypto as influencias da Inglaterra e da Franca. Para garantia da divida publica egypcia, creou a diplomacia o *controlé* financeiro franco-inglez. Mas onde a Inglaterra lança a garra, é preza difficil de largar...; a França retirou-se; ferida, sim, nos seus interesses, mas grande e alevantada na sua generosidade. Ficou á Inglaterra a odiosa preponderancia.

Miseravel producto da machiavelica politica ingleza, que afeiço a aos interesses do seu egoismo todos os meios com que depara, ha nos ultimos annos da historia do Egypto Arabi-pachá, que, vendido á Inglaterra, levantou a insurreição de 1882, sobre as perturbações da qual os inglezes cimentaram o seu poder estrangulador da vida economica e politica dos egypcios. E impozeram então ao Egypto a lei organica do 1.^o de maio de 1883, elaborada sob a influencia e indicações do representante da Inglaterra, lord Dufferin.

E a Inglaterra ficou dominando exclusivamente... odiada pelos egyp-

pcios escravizados e renegada da Europa civilizada, para quem a politica ingleza é uma politica de bandidismo.

Mas parece estar proxima do seu termo essa dominação.

Rumores de revolta chegaram do Egypto, boatos que a Inglaterra mandou desmentir pela *Havas*.

Não é desconhecida, porém, a má vontade do actual Khediva contra o governo de Sua Magestade Britanica, nem correm muito serenos os espiritos perante o paternal protectorado da Inglaterra amiga.

E em confirmação d'esta attitude ha a ultima imposição ingleza ao governo do Cairo, que mostra não correrem por lá favoraveis as coisas inglezas. — Creou-se um tribunal excepcional para julgar os crimes e delictos dos *indigenas* contra o *exercito* inglez. O tribunal é composto de dois juizes *inglezes* e um *indigena* e de um official *inglez* como representante do ministerio publico, sob a presidencia do ministro da justiça; julgará summariamente e *sem appealação*, e poderá pronunciar todas as condemnações, até a *de morte*.

Como se vê, neste tribunal de excepção, composto de 3 membros, ha 2 *inglezes*, que poderão applicar aos proprios egypcios, que patrioticamente se revoltarem contra a protencia ingleza, a pena de morte em processo summario...

E' assim que a Inglaterra vae radicando o seu dominio, — onde os espiritos não são domaveis e subservidentes, ahí o ferro e o fogo... depois do simulacro d'uma justiça regular e pragmatica.

Mas fragil é o poder que em taes bases assenta.

O conselho legislativo ha de aprovar a creação do tribunal ominoso... porque a Inglaterra assim o quer. Mas superior ás imposições da força, despotica e degradante, ha a revolta do espirito publico indignado, que irá gradualmente augmentando de tensão, até explodir audazmente, cegamente...

E então á Inglaterra, que tem a anathematisal-a a condemnação de todos os povos generosos e humanitarios, não lhe valerão as esquadras dos seus numerosos couraçados, nem a voz poderosa dos seus canhões de guerra poderá dominar o grito omnipotente d'um povo que se liberta.

O nosso folhetim

Da revolução ao imperio

tem despertado indescriptivel entusiasmo. Ousamos suppor que a effervescencia dos nossos leitores augmentará ainda, quando, passados os primeiros capitulos, a acção dramatica do romance se apresentar com todo o fogo que a penna brilhante de

TONY RÉVILLON

lhe imprimiu, e que não foi esmorecido, antes se alargou e radicou, com a traducção que d'elle tem feito um nosso collega, esmerado em summo grau e verdadeiramente fanatico pelo seu trabalho.

Genero novo em folhetins, absolutamente appropriado ao caracter d'este jornal e ao paladar dos seus leitores, — o romance

Da revolução ao imperio

merece com verdade os applausos que lhe chegam de toda a parte e a qualificação de *grandioso*, que um nosso amigo e alto litterato lhe acaba de dar á mesa da nossa redacção.

Esses são os motivos porque hoje damos folhetim em duas paginas e nos consideramos obrigados, para corresponder do melhor modo á crescente anciedade dos leitores, a fazer o mesmo sempre que nos fôr possivel.

Camara de commercio e industria de Lisboa

Recebemos e agradecemos o relatório e contas do conselho director d'esta associação, relativo á gerencia de 1894.

Vamos lêr e num dos proximos numeros emitiremos a nossa opinião.

CONFRONTOS

O carnaval dos pobres

O casebre é infecto, as traves do tecto são negras, mas pela porta, aberta de par em par, entra uma chuva de luz abençoada. Por ella vê-se uma grande facha de ceu azul, uma listra de campos distantes, um riosito no horizonte.

E' uma manhã triumphal em que todas as casitas d'aldeia mergulhadas no clarão dourado, rutilam como brazas.

Os paes, os trabalhadores velhos, lá foram cuidar dos campos, e as suas sombras pequenas já se perdem no carreiro da montanha.

E a casa... silenciosa.

...Mas, subitamente, uma explosão de risos anima tudo e uma creancita entra, corada pela corrida, coberta de flôres, toda uma chuva de papoulas que o Manuel, o companheiro de folgedos, lhe atirou sobre os cabellos... e parece que com ella entrou a alegria...; a propria casa, a velha cabana parece sorrir...

O grande carnaval

Os salões scintillam, afogados em melodia e em luz...

Os *Pierrots* cruzam-se com os pagens da corte ou com féros reis medievaes.

Damas de grandes vestidos phantasticos passam em fulgurações de sedas...

Polichinellos exóticos, de chapéus de dois bicos e enormes corcundas dão o braço a pastorinhas de Wasseu e, do tumultuar confuso da multidão pintalgada, ressaltam côres vibrantes debaixo dos derramamentos luminosos dos grandes candelabros de chrystal...

Bouquets enormes deitam para o ar uma canção de perfumes...

E a musica, palpitando atraz de dezenas de palmeiras verdes, espalha-se nas salas, numa erupção de harmonias.

As mascararas de seim deixam ás vezes fugir tufoes de cabellos louros adoraveis e deixam entrever fugitivamente fragmentos encantadores, labios vermelhos, bocados de pelles assetinadas...

Rompe-se uma walsa e todo um refluxo se faz na turba.

Combinam-se os pares, desempedem-se as vastidões do *parquet* polido, e em breve, nos salões gigantescos cujas janellas a aurora começa a pratear, já tudo dança, cheio d'um delirio extraordinario.

O carnaval celeste

O céu é plumbeo: uma poeira vaga de nevoa innunda-o d'uma cortina monotona.

O vento nas alturas passa cortante e frio e alguns raios do sol a custo filtram pelas nuvens compactas. Gostas d'agua arrancadas por uma brisa mais forte esvoaçam e caem...

Ao longe accumulações negras de vapores parecem ameaçar tempestade grande.

Mas acima, muito acima de tudo, o sol brilha, e os punhadros d'estrellas então afogadas na sua luz lembram-me montes de farinha que os mundos entusiasmados atrassem uns aos outros...

José Julio Rodrigues.

Porque mandaria o sr. Ferrão formar toda a policia á porta dos Paços Municipaes, na noite em que chegou a tuna compostellana?

Alguem diz que foi com receio de que a *hydra* se apossasse do cofre da camara.

Nós julgamos que *ella* poderia tomar conta da cabeça da policia.

Tres, dois, um!... Dispersem!

Joga-se a *cocotte* á porta da Casa Havaneza. Aparece um doido. Todos fogem. A rua fica deserta.

CARTA DE LISBOA

26 de fevereiro de 1895.

Que miseria de carnaval!

Chuva, lama, coices e vinho. Mascaras pedindo esmola, tudo aborrecido, mais triste toda a gente que o sr. Hintze.

O resumo d'estes tres dias está no facto que lhes conto:

Das janellas da Avenida Palace, alguns estrangeiros lançaram cedulas de tostão e meio tostão. Primeiro acudiu ao chamariz a gaiatada mas depois... toda a gente. Passou por brincadeira de entrudo a confusão em que se atropellavam todos, mas quantos se aproveitaram das cedulas! Depois d'esta caçada ao dinheiro ouvi a seguinte conversa: — «Dez tostões! Vamos ao baile da Trindade!»

Resposta: «Não era melhor jantar-mos?»

E aqui está o carnaval de Lisboa. Se se janta não ha pagode, se ha pagode o estomago que espere. Aquelles estrangeiros foram uma mina. E ja muita gente depois do que se passou quer a administração estrangeira.

Ha cedulas para o baile...

— A politica está embrulhada. Todos os jornaes fallam de crise. Os boatos são desencontrados. Uns fallam de recomposição, outros de queda ministerial completa. Uns dizem que irá outro ministerio regenerador, outros que será um nephelibata, mas eu já vejo muitos progressistas dizendo: «que o rei afinal é bom rapaz e com o Eduardo d'Abreu não se faz nada».

Por mim não sei que diga: se o ministerio cae, ou se os progressistas sobem. O que vejo é que a monarchia fica.

E é só nisto que os republicanos tem de pensar.

— As noticias que chegam dos estragos causados pela chuva, são aterradores. Vamos ver muita miseria. Mas ninguem se importa com isso, nem os miseraveis.

Este paiz chegou á triste condigão de causar dó.

Se ainda os que o amam podessem salvar-o?

Quem sabe? Um esforço heroico talvez fizesse renascer uma esperança. Se o partido republicano quizer, pôde fazer-o.

Basta só coragem. Que o partido seja todo como o do Norte e é provavel que todos se animem. A impressão produzida pela mensagem enviada ao dr. Antonio Coimbra, pela commissão do Porto é enorme. O facto da mensagem assignada por dois lentes provocou entusiasmo. E o governo não procede já. Talvez porque esteja para morrer, talvez porque tenha medo! E ha ainda quem tenha medo d'elle?

Bem faziam todos os que seguissem completamente o exemplo do dr. Coimbra e dos drs. Duarte Leite e Amandio Gonçalves. Assim, sem evasivas, sem hesitações, sem medo, é que se ha de vencer!

E o velho dr. Manso Preto! Como elle dá lições a tantos novos. Para ven-

cer a monarchia basta que se unam todos os homens honestos.

— Se houvar noticia de ultima hora mando telegramma Claro que menos importantes que as do Tribuna Popular, mas sempre hei de dizer alguma coisa.

— E vamos a ver os progressistas. Lá voltam os trovões de lata para o bahu. E o barrete phrygio, substituido pelo barrete de dormir, dará aos filhos de Passos Manuel a consolação do poder...

Que ainda ha papel em Hamburgo!
Jocelli.

Como se faz a historia

Um jornal juridico d'esta cidade insere um caloroso elogio á obra recente do sr. Ferreira Augusto, ajudante do procurador regio da relação do Porto, sobre *Alienados criminosos, cadeias, etc.* O encomio conclue assim:

«Se os nossos governos ouvissem este distincto magistrado, e se os nossos legisladores lessem esta sua obra, não jaziriam em tamanho abandono os tribunaes criminaes e os serviços que lhes dizem respeito.»

Parece-nos, para honra do jurisculto que subscreve estas linhas, que o livro em questão não foi por sr. ex.^a lido. Alguem, que pertence á redacção da *Resistencia*, viu se obrigado a consultal-o ha pouco tempo e poderá provar, sendo necessario, que elle padece de graves defeitos e está cívado de erros, contradicções, incurias de redacção e contradicções, que poriam de sobreaviso o illustre redactor da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia*, se a sua, aliás, auctorizada opinião só tivesse apparecido a publico depois d'uma, ainda que fugitiva, leitura.

NOTICIARIO

Uma festa intima no theatro D. Luiz

No velho pardieiro, que quasi está a cahir aos pedaços, perpassou na segunda-feira ultima a mão caprichosa d'alguma encantadora fada.

Risos, flores, damas galantissimas, cantos de sereia, *bouquets* formosissimos, davam á sala d'espectaculo um tom animado de vida e mocidade.

Representou-se a opera *Fausto*, convenientemente e chistosamente *arreglada* pelo nosso dedicado correligionario dr. Costa Pereira e pelo illustre mestre da musica regimental sr. Ribeiro Alves.

Escusado descrever o que se passou. Desnecessario apontar os trocadilhos, as passagens galantes, a appropriação de canticos populares, feitos com tão superior mestria pelos dois inteligentes *arreglantes* e superiormente sublinhados por gentilissimas senhoras e inteligentes rapazes, cheios de vida e boa vontade.

— Está bem! disse a mulher. Saiu bruscamente e tomou á esquerda. Em frente do balcão, além do qual estavam em sangue quartos de vacca e de carneiro, parou de novo.

Fez um movimento para entrar no açougue; depois recuou; e parou ainda uma vez decidida a entrar.

Jenny seguia-a com o olhar. De repente, dirigiu-se a Cadet Tricot:

— Tens dinheiro? perguntou-lhe ella.

— Sim, tenho um escudo.

— Queres dar-m'o?

Cadet hesitou um pouco, — não muito tempo, — depois procurou na algibeira:

— Aqui está! disse elle.

— Mamã, disse Jenny, aqui tem um escudo; compre a carne para meu irmão.

A Combate saltou sobre a moeda.

— E' teu, não é assim, este dinheiro?

— E'.

— E, provavelmente, não tens senão este.

— Não tem duvida; quando o tiver, então m'o restituirá.

— E' justo.

A mulher entrou no açougue e saiu quasi immediatamente com um pacote na mão. Na dureza do seu rosto, havia agora doçura. Os seus gestos eram menos rudes. A sua voz menos enérgica.

Ninguem se esqueceu de tudo isso, e nesta cidade não se tem fallado em outra coisa.

Dispartaram extraordinario entusiasmo no além dos auctores, as ex.^{as} sr.^{as} D. Palmyra da Cunha (Margarida), bella voz, superiormente timbrada, d'uma correcção e encanto raros mesmo em artistas profissionais, e unico em amadoras D. Augusta Butler (Siebel), seductoramente vestida, de voz maviosa e perfumada, e D. Maria José de Macedo (Martha), muito alegre e desevolta no seu canto afinado e penetrante.

Foram tambem cobertos dos mais repetidos e prolongados applausos os srs. João Roque (Fausto), Mario Gayo (Mephistopheles) e José Doria (Valentim). Os srs. Pedro Nazareth e Francisco Martins, nos seus papeis de Wagner e Adjunto, deram relevo ao conjuncto.

Os côros, numerosos, muito galantemente vestidos e, na parte feminina, deliciosamente encantadores, desempenharam com superior correcção a parte que lhes foi distribuída.

A' meia noite, acabada a recita, em que as palmas e flores não cessaram e os melhores trechos foram bisados, em que as chamadas se cantaram por dezenas e o nosso querido correligionario Arnaldo Bigotte talhou em versos de pé quebrado uma alegre corôa de louros ao velho amigo dr. Costa Pereira, — começou o baile, que se prolongou, numa animação extraordinaria, até as 5 da manhã.

O serviço, muito abundante e transportado com galanteria pelos promotores d'aquella noite de vivas recordações, percorreu varias vezes a sala.

Quando, na debandada, se apartavam os grupos, via-se ainda, nos brilhantes olhos d'umas, nos labios d'outros e no coração de todos, esta phrase superiormente encomiastica, mas em absoluto merecida:

— Não poderia sonhar-se festa mais brilhante e que melhores momentos proporcionasse em noite de carnaval!

Que prudencia!

Um individuo d'esta cidade levou, na terça feira ultima, em frente da nossa redacção, uma rija bofetada d'uma outra pessoa de Coimbra, que deixando-lhe uma orelha a verter sangue, concluiu:

— Estou satisfeito, seu pulha!

O agredido calou-se, virou costas e... marchou, coçando a orelha e apalpando a face.

Estava pedindo dôse dobrada.

Recebemos e agradecemos o *Relatorio e contas da Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios de Coimbra*, correspondente ao anno de 1894.

— Depressa! depressa! disse ella; está a nossa espera.

Uma viella cortava a rua; metteu por alli.

Na extremidade d'esta viella uma grande casa isolada expunha a todos os ventos as suas paredes nuas, as suas janellas sem alisares, os seus vidros quebrados substituidos por papeis.

Para além d'esta casa estendia-se um immenso terreno vago, e, para lá d'este terreno, os telhados de Paris fumegavam ao longe.

— E' aqui que nós moramos, disse Jenny. Subiram tres andares. A mulher levantou a aldrava e abriu.

Cadet viu um grande quarto cheio de miseria. Uma creança jazia sobre um catre, ao pé da janella; uma outra, de pé a um canto, chorava mordendo os punhos; ao pé da meza estava assentado um homem, a cabeça mettida nas mãos, immovel.

— Vamos, Miguel, a pé! exclamou a mulher, accende o lume, deita agua na marmita; trago carne; o pequenito terá o seu caldo!...

Miguel retirou as mãos; levantou a cabeça e quiz fallar; mas a garganta cerrou-se-lhe, as feições contrahiram-se-lhe, e rompeu num violento soluçar. A mãe comprehendeu.

Precipitou-se sobre o catre. Depois

Dr. Garrido

Após uma longa e cruel enfermidade acaba de fallecer na sua casa do Pateo do Castillo, nesta cidade, o illustre professor da Faculdade de Philosophia o dr. Coutinho Garrido.

O seu enterro, que foi muito concorrido, realisou-se hontem pelas 11 horas da manhã.

A' sua ex.^{ma} familia enviamos os nossos pezames.

A camara municipal

E' urgentissimo que a camara municipal attenda ao estado em que se encontra o arco do aqueducto de S. Sebastião, junto ao Lyceu. Com os ultimos temporaes, abateu um pouco e abriu largas fendas por onde constantemente cae agua a jorros. Não será de admirar que, por occasião d'outro temporal, o arco derriua, o que poderá occasionar incalculaveis desastres. Bastará que se lembrem de que por alli estacionam todos os dias dezenas de estudantes do Lyceu, que poderão ser atingidos pelos escombros do arco, ao abater.

Parece-nos que este recieio deve ser motivo sufficiente para a camara municipal sair um pouco da sua olympica indiferença, que lhe é habitual quando se lhe aponta qualquer serviço de interesse publico urgente.

Doença

Tem estado gravemente doente em Lisboa o nosso amigo, dedicado correligionario e strenuo propagandista, sr. João Moraes Cravella.

Desejamos com o maximo interesse o restabelecimento da sua preciosa saude.

Assembléa Recreativa

E' superior a todo o elogio o modo brilhante como a direcção da Assembléa Recreativa Conimbricense realisou os dois bailes que promoveu pelo carnaval d'este anno.

Numerosa e distincta concorrência de familias affluir á Assembléa nos dois dias de baile, dançando-se animada e constantemente até ao amanhecer, e saindo todos evidentemente jubilosos pelas deliciosas noites que passaram. Distinguiam-se muitas senhoras elegantemente vestidas e algumas deliciosamente *costumées*, que nas longas filas das contradanças e no redemoinhar das valsas punham a nota scintillante dos seus trajes garridos.

A Assembléa Recreativa entrou ha pouco nuna phase de vida e prosperidade que não tinha, e por isso é de esperar que, pela decidida boa vontade dos seus corpos dirigentes, preencha em Coimbra a função que lhe pertence, como centro d'uma aggremação illustre e selecta.

caiu por terra; de repente, de pé, torcendo os braços, tornou a cair, gritando:

— Morreu!

III

A COMBATE

Foi um concerto de gritos, de lagrimas, de soluços...

Jenny tinha-se aproximado de seu pai; lançou-se-lhe nos braços e chorava abraçada a elle. O pequenito, ao lado, chorava tambem. Cadet Tricot, encostado á hombra da porta, soltava suspiros capazes de abalar a casa. A mãe tinha caído de joelhos ao pé do pequenino cadaver; e fallava ao filho, como se elle podesse ainda ouvil-a:

— Oh! meu filho, meu querido filho! meu pobre Claudinho! Tu, que eras tão querido, que brincavas tanto!... Quem poderia dizer-me que eu te veria aqui um dia, deitado, sem movimento?... Eras tu o mais forte dos tres, e és tu quem parte!... Tu, o mais novo, o mais querido, o Benjamin!...

E carinhosamente dispoz em volta da cabeça da creança os seus aneis loiros, que a agonia tinha empastado e desfeito.

— Como elle é formoso!... Até parece que está dormindo!...

Theatro Circo

No proximo sabbado, 2 de março, realisa se neste theatro, a estreia da companhia hespanhola equestre e acrobatica de D. Michaela Alegria.

Ha muito entusiasmo porque os artistas vêm precedidos d'uma grande fama.

Por este motivo, a festa artistica do sr. Francisco Lucas, em que tomará parte o velho Taborda, foi transferida para o dia 16 do mesmo mez.

Soirées particulares

As mais brilhantes e as mais animadas d'estas noites carnavalescas foram passadas em casas particulares.

O nosso querido correligionario e dedicado amigo, sr. dr. Manso Preto, teve o prazer de vêr reunidas na sua vivenda de Celas algumas familias da sua intima amizade, dançando-se no sabbado e terça feira ultima até muito tarde.

Ao antigo e dedicado republicano, ao decano dos democratas portuguezes, levantaram os seus convivas saudações calorosas, em que ia uma homenagem merecida pelo seu caracter dignissimo e um protesto contra as recentes infamias governamentais inqualificaveis.

Honra ao nosso querido amigo, ao sympathico republicano, e ao caracter immaculado!

Desastre

Cahi esta manhã ao rio um filho de Maria da Piedade. A pobre creança, que apenas tem 3 annos, pereceria certamente, se Adelino de Jesus, da rua Nova, não lhe tivesse logo acudido.

Registamos com prazer esta boa acção.

Recebemos hoje e muito agradecemos o *Relatorio e contas da direcção da Associação Commercial de Coimbra no exercicio de 1893-1894.*

E um conjuncto de documentos muito instructivos, que dão a medida do desenvolvimento attingido até meado do anno findo por esta importantissima aggremação, que tantos serviços está prestando ao commercio de Coimbra.

Despedida

Carlos Alberto Homem Corte Real, sendo obrigado a partir inesperadamente para Quilimane, e não podendo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, fal-o por este meio e offerece o seu prestimo naquella localidade.

Cobriu-o; estendeu sobre o pequenino corpo emmagrecido o farrapo de linho que lhe servia de lençol.

— Dorme!... Estás bem, ao menos, agora? Está-me parecendo a cada instante que elle vai accordar e responder-me, batendo uma contra a outra as suas pequeninas palmas!... Recordas-te, Miguel, de quando o baptisámos? Trabalhavas entao em Chaillot e possuamos um dinheirito. Os visinhos vieram á festa. — Agora tudo irá bem, diziamos nós. — Quando se é feliz, ha sempre contiança. — Depois, tudo tem corrido mal. Mas que fazia isso? Possuamos o nosso filho. Fallava já sósinho; dizia *papá, mamá*. Bastava olhares para elle, logo te sentias restaurado, quando entravas á noite. Eu, supportava tudo por causa d'elle. Não gritava, com medo de o accordar, se elle dormia; se estava accordado, ria-me para o fazer rir...

Levantou-se bruscamente:

— Sabem de que elle morreu? vocês sabem?... Morreu de fome!...

Todos sustiveram as lagrimas...

Ella, então, dirigiu-se á janella e abriu-a violentamente:

— Escuta, tu, que não és d'aqui! Lá em baixo! vê, do outro lado de Paris, ha uma quinta, toda ella cheia de palacios, que se chama Versailles...

Em volta d'esses palacios ha jardins

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

II

CADET TRICOT

Ah! é vocemecê, minha visinha! disse elle, — e fallava tão baixo que quasi não se ouvia, — é vocemecê, e vem, sem duvida, pedir-me um remedio para o seu filho...

Não esperou pela resposta e começou a ir e vir, deslocando frascos, pacotes d'ervas, raizes, e fallando consigo proprio...

— Um remedio! Um remedio!... vem todos pedir-me um remedio, a mim, que vendo ervas. Que doidos!... O remedio não está aqui. Está alli, á direita, em casa do padeiro que vende pão; está alli, á esquerda, em casa do marchante, que vende carne. Está alli em frente, — na loja do armeiro que vende espingardas! Mas não, vêm aqui por habito, e habituam-se tambem a vêr morrer os filhos...

E tinha levantado a voz.

RECLAMES E ANNUNCIOS

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia* e *Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO

DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

BELKISS

Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar
POR
Eugenio de Castro

F. França Amado — Editor
Coimbra

ALFREDO PEREIRA

Os republicanos e a colligação liberal
(O meu protesto)

Preço 100 réis

A' venda no Porto: — Magalhães & Moniz e em todas as livrarias.

Em Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, rua Augusta.
Envia-se pelo correio a quem enviar 110 réis ao editor José Joaquim Pereira, Rio Tinto.

LIVROS DE MISSA

1 Magníficas encadernações em peles de crocodillo, phoca, vitella, etc.

CASA HAVANEZA
COIMBRA

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

2 Neste bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu actual proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attentões devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possíveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

3 Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!
Alta novidade!

AOS VIAJANTES

4 Esta a Casa Havaneza encontra-se uma magnífica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegada da Allemanha e Inglaterra.

Vinho de mesa puro genuino

3 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro.
Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades, e restitue a importância recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.
A. Marques da Silva.

ESTABELECIMENTO DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE João Gomes Moreira

50 — RUA FERREIRA BORGES — 52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

6 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de pira-raios, telephones, campainhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.
Tem grande deposito de Cimento da Companhia Cabo Mondego que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systems, azas nikoladas para portas e cancellas.

POWIADA DO DR. QUEIROZ



7 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes farmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.
N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

BALAUSTRÉS

9 De barro, bonito modelo para platibanda ou jardim, vende-se uma porção.

Praça 8 de Maio, 18

BENGALAS

10 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000
Fundo de reserva 203.000\$000

11 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias, ou estabelecimentos assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 43, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

SANDALO MIDY
Pharmacie de France en Paris

Estas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copalilha, Cubebas e Infecções.
Dep. em Paris, 8, rue Verhaesele aux Minimes, Pharm.

Luz, Coimbra — Drogaria Rodrigues da Silva & C.

TABERNA PORTUGUEZA

47, R. Martins de Carvalho, 49

(Antiga rua das Figueirinhas)

13 Grande deposito de vinhos genuinos para meza e sobremesa, de diversas qualidades e preços engarrados e por medida.

Fabricante de bolacha

14 Precisa-se de um mestre fabricante de bolacha para S. Paulo, Estados Unidos do Brazil onde poderá auferir bons proventos Nesta redacção se diz.

Fernão Pinto da Conceição

CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

15 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

Julião d'Almeida & C.^a

20 — Rua do Sargento Mór — 24

COIMBRA

16 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lã-inhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se e alugam se cabelleiras proprias para anjos e para-theatros.

CALDEIRA DA SILVA

CIRURGIÃO-DENTISTA

17 Participa aos seus clientes que achando-se restabelecido da doença que o accommeteu, continúa a dar consultas, todos os dias, das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

RESISTENCIA

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes desconto de 50%.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente, todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

TYPOGRAPHIA OPERARIA
COIMBRA

soberbos, e, nestes jardins, pessoas vestidas de velludo, vestidas de seda, que vão, que veem, que não pensam senão em gosar, divertir-se, cantar, dançar...

E, entretanto, a seus filhos não falta nada. Teem bom caldo, pastéis, brinquedos, vestidos de panno fino bem forrados de pelles para o inverno, e vestidos de fazenda leve, fresca, para o verão. Os nossos filhos, os nossos, não teem nada. Comtudo, se elles nasceram, a culpa não é sua. Não o pediram!... Justiça! Justiça para elles! E guerra aos outros!... Guerra aos aristocratas, aos chapéus de plumas, aos vestidos de seda, a todos aquelles que se divertem e gosam enquanto nós morremos de fome! Guerra de morte! O hervanario disse: — Ha espingardas no armeiro... — A' falta de espingardas, encontraremos ferro, nós proprios o forjaremos, fabricaremos chuchos e machados! Versailles não está longe! Havemos de ir lá abaixo fazel-os dançar!...

E ella, de pé, estendia o punho fechado pela janella aberta. Os outros, eletrizados, escutavam na repetindo: — Guerra! guerra!...

Por fim a pequena Jenny fez ouvir o seu *Hep! Hep!* O seu corpo debil obedeceu ao commando, e foi uma maravilha ver como em alguns minutos o

fogo se accendeu e a marmitta foi posta no lume.

E' verdade que o valente Cadet ajudava sem geito e atrazava um pouco.

Quando a cea, devida ao escudo do camponez d'Arcis, foi posta sobre a mesa, os miseraveis deram treguas, por um instante, á sua dor. Comeram em silencio, sem se olharem.

O pae enchugou a bocca, apertou a blusa contra o peito nu, e saiu. Não era necessario tratar do enterro do filho?...

Jenny tomou o irmãosito ao collo, emballou-o para o adormecer, e, quando elle cerrou os olhos, baixou a voz para não o acordar, fallando com o seu amigo Cadet.

A Combate pegou em um novello de lã e agulhas, assentou-se num banco quebrado ao pé do cadaver e poz-se a fazer meia em silencio.

Pouco a pouco o sol foi caindo atraz dos tectos de Paris, colorindo de vermelho o ceu occidental. As sombras caíram, a noite foi descendo, as vozes calaram-se e o silencio não era interrompido senão pelo ruido das agulhas que se chocavam a intervallos. Não é necessario ver para fazer meia, e a meia da Combate caminhava sempre, — regular como o trabalho dos desgraçados, que nem a propria dor interrompe.

As lagrimas da mulher tinham-se seccado; o seu corpo tornou-se de pedra. Nem uma palavra saia dos seus labios cerrados.

Em que pensava ella?

Em seu filho. Talvez no seu destino.

Em pequenina, não tinha ella ouvido a sua avó que, no seu tempo, se comiam ervas? Era no tempo das grandes guerras. Ao menos, então, toda a gente era pobre. O proprio rei e os seus vassallos jantavam com pão negro... Mas depois? Sua mãe não tinha conhecido o Pacto da fome?

Não tinha ella visto ricos, que se combinavam para comprar o trigo todo, occultar-o e produzir a fome do povo, a quem faziam pagar depois cada grão pelo preço d'um sacco?... As mulhieres e as amantes d'esses senhores andavam de carro, e havia imbecis que as viam passar, de olhos admirados e de bocca aberta!...

Atraz dos carros vinham, em cadeirinhas, creanças que as mães mandavam para o campo ou para as quintas.

E o povo supportava tudo. Tinham-lhe dado uma esperanza. O rei, dizia-se, vae convocar os notaveis, e os notaveis resolverão os negocios do paiz. Os notaveis tinham-se reunido, mas das suas reuniões não tinha saído uma migalha de pão!...

Nada de trabalho, nada de dinheiro, mais nada para empenhar, mais nada para vender!...

Mas o Claudinho vivia ainda, e a mãe tinha esperanza.

Os Estados Geraes tinham a sua assembléa em Versailles. — Quando elles tiverem fallado sufficientemente da Constituição, da Inglaterra, da politica, occupar-se-ão talvez de nós? — repetiam entre si os esquelletos dos campos e das ruas. Mas os deputados fallavam, e a farinha não chegava, e as creanças gritavam, e as mães extenuadas repetiam os gritos dos filhos:

— Pão! pão!

Talvez a Combate pensasse em tudo isto.

Talvez ella dissesse consigo propria, que entre duas creanças, quando nascem, será difficil distinguir qual d'ellas é o filho do Senhor Duque e qual é o de Miguel Combate.

Porquê, então, para um tudo e nada para o outro?

Mas o seu rosto não trahia nenhum dos seus sentimentos intimos. Permanencia duro, impassivel, petrificado. Os seus dedos continuavam o movimento silencioso das agulhas.

E, á mesma hora, no arrabalde immenso, centenas de mulhieres, — assentadas deante da cabana vazia, ou ao pé

de seu filho morto, — faziam meia, como ella, de olhar fixo, dentes cerrados, á espera.

IV

M. SANTERRE

No dia seguinte, pela tarde, Cadet Tricot subia a rua dando a mão á pequena Jenny.

O dia tinha sido longo e triste. Em primeiro lugar, tinham enterrado o Claudinho, e as lagrimas, por um instante suspensas, tinham de novo começado a correr. A' saída do cemiterio, Miguel, sempre mudo, apertára a mão do camponez d'Arcis e tinha-se afastado, á pressa. A Combate seguiu seu marido, e Jenny, compreendendo que lhe entregavam o cuidado da creança, voltou para casa para o adormecer.

Desempenhado o seu papel de mãe de familia, enxugou os olhos e, voltando-se para o seu amigo Cadet, que a não tinha abandonado nem um instante:

— *Hep! hep!* — disse ella. — Que vens fazer a Paris?

— Venho procurar trabalho.

— Que sabes tu fazer?

(Continúa).

RESISTENCIA

N.º 4

COIMBRA — Domingo, 3 de março de 1895

1.º ANNO

O partido progressista

Pelas declarações do órgão official do partido progressista, parece que este se absterá nas proximas eleições, se fôr dictatorialmente decretada a reforma eleitoral de ha muito prometida pelo governo.

Não discutiremos a opporrtunidade d'essas declarações, nem averiguaremos se constituem uma ameaça ao chefe do Estado, como pretendem jornaes affectos ao governo.

Vamos apreciar-as, attendendo sómente aos deveres que impendem sobre o partido progressista, como monarchico que é, e ás consequencias que lhe podem advir do cumprimento d'essas declarações.

Considerada a questão sob o primeiro aspecto, não podemos deixar de reconhecer que, decretada dictatorialmente a reforma eleitoral e dissolvidas arbitraria e inconstitucionalmente as côrtes, a abstenção do partido progressista é uma consequencia logica do procedimento do governo. Um partido não pôde acatar a lei, lutar dentro da constituição, quando o chefe do Estado se colloca abertamente fóra d'ella para manter no governo um partido favorito.

Se porventura o partido progressista tivesse a louca pretensão de mostrar a sua força pelo suffragio popular, se pretendesse obrigar por esse meio o chefe do Estado a chamal-o aos conselhos da corôa, quando o governo, além das armas de que já dispõe como depositario do poder, organise o eleitorado e delimite os circulos eleitoraes a seu bel-prazer, só conseguiria obter uma derrota vergonhosa. Para ter meia duzia de representantes em côrtes, seria necessario que o ministro do reino pedisse votos para alguns progressistas, que pelo coração são regeneradores, como succedeu nas ultimas eleições.

Ora a lucta comprehende-se quando ha, se não a probabilidade, pelo menos a possibilidade da victoria. Quem se expõe a uma derrota certa e vergonhosa, dá indicios não de temeridade mas de refinada loucura.

Mas, se o partido progressista não pôde nem deve entrar numa lucta eleitoral quando o governo forja arbitrariamente e traiçoeiramente as armas com que o ha de assassinar, tem obrigação de recorrer a meios revolucionarios para desarmar o adversario. Ao partido que faz a revolução no poder, deve elle responder com barricadas nas praças e nas ruas. Se o não fizer, a sua morte é certa.

Mas para a revolução necessita esse partido do apoio popular; é necessario que a nação tenha fé nos seus membros dirigentes, que lhe inspirem toda a confiança os seus processos de governo.

E poderá o partido progressista esperar da nação esse apoio?

Não o cremos.

E' para nós fóra de duvida que o partido progressista conta entre

os seus elementos dirigentes verdadeiros homens de governo pela sua intelligencia, illustração e caracter. Affirmamos sem o menor vislumbre de hesitação que esse partido tem tradições gloriosas. Mas os processos de que usou durante os ultimos quatro annos que fez governo; os esbanjamentos, para não dizer roubos, que sob a sua influencia e com a sua sancção se praticaram, tiraram-lhe todo o prestigio que tinha. Ficou irremediavelmente condenado na opinião publica.

E não é só isso.

O publico conhece muito bem que nesse partido ha vultos proeminentes que vivem na melhor harmonia com os membros do actual gabinete, de quem recebem graças e a quem fazem favores. Sabe quaes os processos de que elles usam agora em opposição apparente ao governo, e aquelles de que usarão quando sobraçarem uma pasta, e tambem sabe que o illustre chefe do partido não terá a força sufficiente para se lhes impor, e que, quando tentasse fazel-o, ver-se-ia quasi que isolado.

O sr. José Luciano de Castro, de cuja honradez ninguém duvida, não expulsou do partido, quando presidente do conselho, os individuos que o enlamearam com os mais vergonhosos actos. Elles saíram, é verdade, mas não se sabe ainda por que porta. Talvez pela mesma por que hão de tornar a entrar se o illustre chefe do partido progressista ainda constituir governo dentro da monarchia.

O sr. Luciano de Castro não exauctorou, como devia, os *soi-disant* progressistas que fizeram accordos com o governo nas ultimas eleições, quando o partido havia resolvido fazer lucta sem treguas.

Não duvidamos de que desejasse fazel-o, mas não teve força para praticar um acto que o honraria e elevaria o partido.

Ora não confiando no partido progressista, é d'esperar que a nação se não sacrifique por elle.

Condemnado ao ostracismo pelo monarcha, a quem ataca ou defende segundo os seus caprichos; sem o apoio da nação, que não espera que elle a levante do abysmo em que a monarchia a precipitou, só resta ao partido progressista uma solução.

Dissolver-se.

Sempre chegou!

Consta-nos que os professores republicanos da Universidade receberam um officio do sr. reitor em que este funcionario os adverte, por ordem do governo, de que não podem fazer manifestações ostensivas contra as instituições.

Estranhando que o sr. reitor cumprisse a ordem d'esse perjuro e inepto governo, que protestou arrastar a probidade do sr. dr. Costa Simões pelos mais baixos tremedeas, aguardamos anciosos a attitudde que tomarão os lentes da Universidade.

Pelo que respeita aos professores republicanos, sabemos que ainda não responderam, nem tão pouco se lhes exigiu resposta alguma.

Temos, porém, a convicção de que elles, sabedores dos seus direitos, se manterão dignamente perante esta nova prepotencia do governo.

Secretario da Universidade

Não está ainda nomeado o funcionario que ha de substituir o nosso dedicado collega, sr. dr. Coimbra, no cargo de secretario da Universidade. A noticia, de que no segundo numero da *Resistencia* nos fizemos echo, não foi mantida, provavelmente porque o ministro do reino enguliu a nomeação que estava preparando.

A este respeito temos informações authenticas e muito seguras, que julgamos necessario transmitir hoje ao publico.

Dois dias depois da demissão do nosso amigo, ouviu em Lisboa um redactor da *Resistencia* a pessoa muito da privança do ministro, que o sr. João Franco tinha já muitissimos pedidos, mas estava resolvido a fazer a nomeação ao que se mostrasse mais digno do cargo por seus meritos, o fim de não se suppor que elle fizera a demissão para arranjar um lugar bom para um amigo.

D'esta phrase, que foi certamente proferida, e que agora supomos, por brevidade, ter sido tambem sentida, conclue-se:

— Que o ministro costuma fazer as nomeações para cargos dependentes da sua pasta sem attenção pelos meritos dos pretendentes;

— Que costuma demittir funcionarios para arranjar empregos para os apaniguados; e

— Que tem medo da opinião publica e lhe julga dar uma meia satisfação escolhendo com desusado cuidado o novo secretario da Universidade.

A titulo de ligeiro reparo, porque o assumpto não carece agora de commentarios e ha de ser encarado sob outro aspecto depois da nomeação, que para breve se espera, diremos sómente que, quanto mais escolher o ministro, mais assegurada estará a inepticia e indignidade do futuro secretario; e que, quemquer que elle seja, ha de ouvir-nos em todos os tons e explicar-nos como pode acceitar um lugar infameamente roubado a um homem honestissimo, a um funcionario zeloso e probo no cumprimento dos seus deveres.

Depois de composta esta noticia recebemos do nosso solicito correspondente da capital o seguinte telegramma:

«Resistencia. Coimbra. — Reporter diz ter sido nomeado secretario Universidade José Joaquim Resurreição, empregado Hospital S. José.»

Não conhecemos este sujeito, mas a boa acção que pratica, acceitando um lugar de que o governo expulsou ignominiosamente o nosso querido amigo dr. Cerqueira Coimbra, dá-nos a medida do seu caracter.

Cá o esperamos...

Apoiado

O nosso illustrado collega *A Provincia*, representante do partido progressista do Porto, que não só é o mais importante d'essa cidade, mas, dentro do partido progressista, o grupo mais importante do paiz, publica no ultimo numero um artigo intitulado — *A crise constitucional*, em que verbera com a maior energia a conducta do poder moderador. Na impossibilidade de o transcrevermos na integra por falta de espaço, ahi vae uma amostra:

«Devemos notar que a crise constitucional, aberta pelas tropelias praticadas pelo chefe de estado, por intermedio dos seus ministros, para com o parlamento, vai assumindo uma tal gravidade, que não pode já prevér-se qual a solução honrosa que para a nação e para os altos poderes do estado pode ter esse conflicto, que o tempo e as circunstancias do paiz vão agravando de dia para dia...»

«Não é no campo da legalidade e a sombra das instituições viciadas a sabor do despotismo triunphante, e combatendo com armas desiguas, que se pode oppôr uma barreira aos progressos da usurpação, que audaciosamente ahi se está realisando perante a indiferença ou o medo da maioria do paiz. E' indispensavel então um esforço supremo para encravar

a roda do despotismo, movida pelos desvarios dos altos poderes; e parece-nos até que, gastas as velhas engrenagens da nossa organização politica, desacreditado e odiado o systema de governo, á sombra do qual foram praticadas taes tropelias, tornar-se-ha indispensavel que todos os liberaes do paiz procurem em um outro ideal de liberdade e justiça a solução da gravissima crise constitucional, que ultimamente traz em sobresalto a opinião publica.

«Pensem maduramente n'isto todos os que sentem ainda amor e tambem saudade pela antiga liberdade, que os dictadores aboliram para commodo proprio e detrimento da patria.»

Perante afirmações tão categoricas, que registamos com prazer, não pôde duvidar-se que o partido progressista já nada espera das actuaes instituições.

De joelhos!...

A Emygdio Navarro, herodes das Lamas do Tejo, a D Carlos, o primeiro... e a Antonio Ennes, lazarinista de profissão a dezoito contos de réis por anno:

Eu abaixo assignado, José Bento Ferreira d'Almeida, conctrico e arrendido, subserviente e humilhado, venho, como misero d'entre os miseros, supplicar um perdão, que o mundo poderá chamar ignobil, mas que em desejo a todo o custo para conservação da pasta que se dignou conceder-me meu amo João Franco, e que só me será conservada em troca da dignidade pessoal, que, através de tibezas e perfidias, em mim ainda a espaços luzia.

Senhores! Eu venho **«signallear ao referido commissario regio que... louvo o zelo, dedicação e ACERTO com que se tem desempenhado do ARDUO serviço que lhe está confiado.»** (Portaria de 18 de fevereiro de 1895, *Diario do Governo* de 28 do mesmo mez).

(a) José Bento Ferreira d'Almeida.

E' boa!

O jornal *Novidades* declara que o partido republicano tem engrossado muito adquirindo elementos valiosos, e attribue esse facto aos desvarios do partido progressista.

Effectivamente a corôa e os seus ministros não têm responsabilidade alguma.

Que innocencia!

O governo da ordem e da legalidade

Quando se reconhece que é insufficientissimo o ensino que se ministra na instrução secundaria para a comprehensão das materias que se professam nos cursos superiores, necessidade reconhecida pelo proprio governo, que ainda ha pouco a reformou em dictadura, o sr. ministro do reino entende que deve dispensar por meio de portarias o cumprimento da lei, permitindo que na Universidade sejam admittidos alumnos que não têm os preparatorios que ella exige.

O illustre professor da faculdade de Philosophia, sr. dr. Julio Henriques, disse na oração de sapiencia, recitada na sala dos actos grandes, que nos ultimos cinco annos se fizeram por este meio 145 matriculas illegaes. Como nota explicativa, accrescentaremos que este anno se concederam mais de cinquenta portarias para matriculas illegaes, e que a ousadia foi até ao ponto de ordenar que se matriculassem no 2.º anno da faculdade de Philosophia alumnos que ficaram reprovados no 1.º

Mas este governo é original, além de ser um governo d'ordem. No decreto dictatorial em que reformou a instrução secundaria, inhibiu-se da faculdade de mandar matricular illegalmente alumnos dispensando exames.

Uns farçantes!

E o paiz atura-os!

A proposito da circular aos lentes sobre faltas

Felizmente para o repouso moral do professorado enfermeço, para a dignidade do corpo medico e para o desejo de acertar que sempre anima a *Resistencia*, o sr. dr. Lopes Vieira parece ter concordado, tacita mas solememente, com as annotações que a um seu artigo de cabeça maior que o corpo fazia o segundo numero d'esta folha. Só assim podemos combinar o silencio da *Coimbra Medica* com esta declaração, attribuida nos centros de amena palestra ao seu director:

«Final, a *Resistencia* tem e não tem razão...»

Mudar de parecer poderá indicar, para espiritos superficiaes, uma quebra de linha; poderá significar, para criticos irreverentes, o insufficiente estudo dos argumentos postos ao lado da opinião primeira; mas é, sem duvida, para aquelles que diariamente labutam nas extensas veigas do saber humano, uma das mais sublimes provas de valor intellectual e de probidade scientifica.

Porisso applaudimos, com esta alegria que Deus nos concede para as occasiões solemnes, a attitudde intemerata que,—na renuncia do seu antigo crêdo governamental e no abandono da sua precipitada acquiescencia ás determinações da tal circular carnavalesca,—o sr. dr. Lopes Vieira acaba de dar aos seus collegas, á patria, ao mundo scientifico, a todos, emfim, que de s. ex.º esperavam o santo e a senha nesta conjunctura respeitavelmente intrincada.

E já que vemos o sr. conselheiro dr. Lopes Vieira tão disposto a entrar commosco nestes campos da boa doutrina, ouça-nos ainda s. ex.º sobre outra duvida que as suas opiniões têm feito surgir a estes caturras da *Resistencia*:

E' simples o caso. E, como o nosso collega Afonso Costa lhe faz referencia numa nota da sua dissertação de licenciatura sobre *Peritos no Processo Criminal*, a sair do prelo muito em breve, bastará transcrever essa nota e o trecho do texto a proposito do qual foi locado o assumpto, para que o sr. dr. Lopes Vieira e o publico fiquem, por agora, illicudados:

«Pela prestação do juramento,— diz o nosso collega commentando uma parte do art.º 903 da Novissima Reforma Judiciaria,—ficam os peritos obrigados a declarar tudo com verdade e exactidão. Mas, ainda quando o não prestassem, essa obrigação derivar-se-hia, sobretudo para os medicos, não só da natureza da sua elevada missão, mas, subsidiariamente, da necessidade de evitarem as penas de prisão correccional até tres mezes e suspensão temporaria dos direitos politicos, attribuidas pelo art.º 242 do Codice Penal a todo aquelle que, «sendo legalmente obrigado a dar informações, ou fazer declarações, com juramento ou sem elle, á auctoridade publica, sobre algum facto relativo a outras pessoas ou estado, der falsamente essa informação, ou fizer falsamente essa declaração.»

Segue-se a esta doutrina generica a nota de que fallámos:

«A sua função resume-se numa palavra, diz o illustre Faustin Hélie (*Cod. d'Inst. Crim. Fr.*, 5.º, pag. 664): a verdade ácerca do ponto sobre que é consultado...; o que a justiça lhe pede, é uma opinião conscienciosa e esclarecida: deve dal-a completa, sem exaggeração mas sem reservas, e sem sair dos pontos confiados ao seu exame, etc.»

«A sua intervenção não é util, diz pela sua parte Legrand du Saulle (*Traité de Médecine Légale*, pag. 156), senão quando elle exprime corajosamente os simples dados da sciencia.»

«O medico, accrescenta Lutaud, deve sempre encerrar-se no quadro da

sua missão (Manuel de Médecine Légale, pag. 701).

«Já o nosso Rodrigo de Castro (Medicus Politicus, pag. 258) fazia, em 1662, idêntica recommendação, perfilhada, n'este seculo, por todos os escriptores portuguezes de medicina legal de que temos conhecimento. Vej., entre outros, o sr. dr. Macedo Pinto (Medicina Legal, 2.º vol., pag. 527 e 535).

«E, entretanto, por mais axiomática que esta doutrina pareça, ha quem não concorde com ella em toda a sua extensão. Peor: ha quem a não aconselhe para todos os casos!

«Com effeito, nas lições lytographadas de Medicina Legal (1894-1895, pag. 45), escreve o sr. dr. Lopes Vieira, lente cathedratico de Medicina: «Sem querer que o perito deixe de regular-se em tudo pelos dictames da sua consciencia, nem pretendemos que elle invada attribuições antes do juiz, ou de um jury, julgamos, todavia, que nos casos duvidosos, sobretudo, o perito deve sempre ter em vista a consequencia das suas declarações e por conseguinte que deve conhecer estas disposições da lei que deixamos transcriptas».

«As disposições, a que o trecho se refere, são as dos artigos 360 e 361 do Código Penal. Porque o n.º 5.º do artigo 360 attribue uma pena grave (prisão cellular de dois a oito annos ou degredo temporario) á offensa corporal de que resulte cortamento, privação, aleijão ou inhabilitação de algum membro ou órgão do corpo, e porque não distingue se o órgão é ou não importante para a vida, podendo, por isso, encontrar-se a caminho da penitencia um homem que, com um sóco, vase um olho d'outrem, — julga o citado professor que um medico póde medir as consequencias das suas respostas e dar-lhes uma forma que não permita applicar essa monstruosa pena.

«Não póde ser outro o pensamento de s. ex.ª, desde que recommenda aos peritos, contra o parecer de todos os publicistas da especialidade, que saíam do seu campo strictamente scientifico, para virem tomar o peso aos defeitos e desigualdades da lei.

«Mas a verdade é que, accento um tão perigoso precedente, amanhã um perito, que communge nas ideias da escola criminalista positiva italiana, julgando irrisorias as penas attribuidas nos art. 432 e segg. do nosso Código Penal aos auctores de roubos graves (que julgam destituídos do commum sentimento de probidade), estaria no direito de olhar ás consequencias que das suas respostas poderiam resultar e dar-lhes-ia uma forma que permitisse applicar a pena, ao menos, no seu maximo, embora, rigorosamente, ao crime considerado só coubesse pena mui ligeira.

«O contrario poderiam fazer os peritos filiados nas escolas derivadas, por degenerescencia, das ideias de Proudhon e Bakounine. Por sua parte, os revolucionarios não encontrariam vantagens em deixar punir os delictos contra a ordem, os attentados contra a vida da familia real. Emfim, e por uma razão mais decisiva, mas nem assim convincente, os amantes da liberdade d'imprensa, convidados para peritos d'um delicto d'opinião, dariam ás suas respostas uma forma que arredasse todo o procedimento e toda a pena...

«A theoria só assim se mantem.

«O perito, que se julgar auctorisado a criticar o Código Penal antes de proferir as suas respostas, só assim dará satisfação á sua consciencia, largas ás suas convicções pessoais.

«Mas não póde ser. Essa opinião é eminentemente subversiva. Não merece sombras de acceptação, por qualquer aspecto que seja olhada.

«Só ao jury, e é porque as leis o consideram omnipotente, e é porque o collocam acima de todas as paixões do mundo, inabalavel, incorruptivel, incapaz do erro, — cabe essa missão — de olhar ás consequencias das suas respostas. Só a elle confere a lei (Novissima Reforma Judiciaria, artigo 1155) a extraordinaria facultade de affirmar que um crime não está provado, quando, existindo o facto e sendo d'elle auctor o accusado, entender que elle não obrou com intenção criminosa!

«Quanto ao perito, o seu papel é simples: em nome de toda a sciencia a que possa elevar-se, dizer toda a verdade que possa descobrir. Mais nada.

«Terminadas essas funções, ficalle ainda, como critico, como legislador, como jornalista, um outro papel: reclamar a modificação das leis que lhe parecerem insensatas ou perigosas.»

Ora, oxalá que novo silencio da Coimbra Medica, conjugado com alguma outra declaração do seu director, nos permita acreditar, com esta alegria que Deus nos concede para as occasiões solemnes, que mais uma vez concordou com os republicanos da Resistencia o professor de medicina legal, sr. conselheiro dr. Xavier Lopes Vieira.

Delegados ao congresso

Marcharam hontem para Lisboa, no comboio das 10 e meia da noite, os nossos illustres correligionarios srs. dr. Afonso Costa e Manoel Rodrigues da Silva, que vão representar no congresso republicano, o primeiro a redacção do nosso jornal, e o segundo o partido republicano de Coimbra.

Não poderam seguir ante-hontem á noite, porque affazeres inesperados de um dos nossos amigos a isso obsteu.

A redacção da Resistencia deseja esplendida viagem aos nossos dedicadissimos e a todos os titulos prestigiosos e illustres correligionarios. Assim como deseja que do congresso que a esta hora se está realisando, saia firme e impetuosa a força que radique ainda mais as estreitas relações de confraternidade e de acção, que de ha tempos a esta parte tanto se tem manifestado entre a grande familia republicana portugueza.

Os republicanos de Sernancelhe

Os republicanos de Sernancelhe reuniram-se em 21 de fevereiro passado, elegendo a sua commissão municipal, que ficou composta dos nossos dedicados correligionarios: Annibal Soveral, negociante; Francisco Antonio de Figueiredo, pharmaceutico; Antonio Moreira André Dias, proprietario; José Teixeira, proprietario; Antonio Maria de Soveral, proprietario.

Foram mais eleitos para substitutos, os nossos devotados correligionarios Joaquim d'Almeida, industrial; Antonio José Rodrigues, proprietario; Frederico Augusto Ferreira, proprietario; Gabriel Moreira d'Azevedo, proprietario, e Alipio Serodio, proprietario.

A commissão executiva fica sendo composta pelos dois cavalheiros que foram eleitos para effectivos. Saudamos os nossos illustres confrades, regosijando nos altamente com a sua nova organização, que pelos nomes auctoriçados que a iniciaram e representam, testemunha grande importancia e valor.

Cumprimentando-os e enviando-lhes os nossos protestos de fervorosa estimativa e sympathia, fazemos votos para que da obra commum de nós todos saia a expressão pratica do nosso grande ideal.

O congresso republicano

Começou hontem em Lisboa o congresso republicano portuguez.

Sentimos um inequalavel prazer em noticiar a reunião, que esperamos ser quente e entusiasta e que se manifestará positiva em resultados praticos, dos agrupamentos republicanos do paiz.

A seu tempo fallaremos desenvolvidamente sobre este certamen das melhores e mais dedicadas intelligencias da phalange republicana portugueza.

Comparem os nossos correligionarios a pequenina fracção, embora audaciosa e honesta, que nos tempos romanticos de ha 15 ou 20 annos representava entre nós o partido revolucionario, com a enormissima agremiação cujos filiados são aos milhares, e que tomou sobre si o compromisso de dar á nação portugueza dias de prospera ventura.

A idéa cresce, a idéa lava...

E é tão solida a crença que atravessa o paiz de norte a sul, conglorando as suas energias mais vivas, que para o triumpho ser completo só basta gritar aquella grande palavra de Danton:

Audacia! Audacia! e mais audacia. Gritar essa palavra e pô-la em acção...

LITTERATURA E ARTE

Uma tia de Sá de Miranda

Andando a procurar em Coimbra vestigios da familia da Sá de Miranda, fui encontrar uma pequena capella perdida em uma das naves lateraes da Igreja de S. Salvador.

E' na nave da epistola onde se abre o arco que dá para a capella manoelina. Em frente ao arco um tumulo mural de pedra dentro de um edículo formado por columnas e arcos decorados de troncos e pinhas. O tumulo é em forma d'arca. No tampo corre a inscripção em caracteres gothicos e latinos. Na face da urna funeraria veem-se sustentados por trez anjos ajoelhados o escudo dos Barros e a lisonja de Guommar de Sá. A' volta corre uma decoração de pinhas e folhas.

O trabalho do tumulo é curioso, fortemente impregnado do estilo da Renascença. As cabeças, sobretudo a do anjo que occupa o meio do baixo relevo, são bem modeladas, por vezes até finamente modeladas, as mãos longas da delicadeza de estatuaría do Renascimento, as roupas estendidas em longas superficies cortadas de pregas muito sobrias.

A esculptura do tumulo é superior á do edículo, do resto da capella e que é grosseira.

Ha na abobada dous fechos curiosos: um parece representar o braço dos Barros feito por um mao canteiro, o outro tem levantada uma fita, logar para divisa que talvez se possa ainda encontrar debaixo da pintura barbara com que o cubriram.

A entrada para a capella não foi primitivamente a que hoje é. Esta foi aberta no seculo XVII, devendo então destruir-se o altar manoelino para o substituir pelo de talha dourada que hoje se vê. Recordo-me de ter visto duas imagens de pedra — um S. Miguel e um S. Bento que bem poderiam ser do altar primitivo. O arco que se abriu no seculo XVII cortou as nervuras da abobada que por milagre ainda não cahiu. Foi feito em 1699 bem como o retabulo e os quadros delestavets das paredes. Assim reza a inscripção do mau azulejo que reveste as paredes.

No tumulo jaz com o marido D. Guommar de Sá. Era tia de Sá de Miranda, mulher formosa, dizem os linhagistas, abarregada com o Bispo de Coimbra D. João Galvão, de quem teve dois filhos.

Quando o Bispo foi tomar conta do arcebispado de Braga, os irmãos levaram D. Catharina a casar-se com Antonio de Barros. Correu o Bispo a Coimbra mal soube a traição, mas sahio-lhe ao caminho João de Sá irmão de D. Catharina convencendo-o a não levar mais longe o escandalo e a voltar a Braga.

A transcripção do tumulo reza ironicamente:

ESTA. CAPELLA. E. ESTA. SEPULTURA. MÃDOU. FAZER. GUIOMAR DE SSAÃ PA. DEITAR. HO. M. LO HONRADO. Aº. DE BARROS. CAVALLEIRO. DA. CASA. DEL. REY...

Excelente marido, o muito honrado Antonio de Barros, cavalleiro da casa de El-rei!...

Burnay & Navarro

Annuncia-se para breve mais um capitulo da Legitima Defeza, do sr. Conde de Burnay.

Nada temos com as asserções d'este illustre banqueiro, que no territorio portuguez tem enchido desmesuradamente os seus cofres, nem com as injectivas que mais uma vez elle vae a dirigir contra esse escroc, que, em vez de palacio em Luso, já ha muito deverá ter cella reservada na penitencia.

Mas não escondemos o interesse que esta pugna estranha nos desperta.

Por uma parte, um homem coberto de lodo a pedir a applicação de leis e rigores contra um ambicioso!

Por outra parte, um homem accusado ha dez annos de infamias, defendendo-se só agora de tudo quanto lhe têm assacado contrarios e indifferentes!

Um farçante d'um lado. Um homem com estomago muito apto para engulir injurias, pelo outro.

Aquelle accusando este de compardrio com o Mineiro!

Este chamando áquelle embaixador criminoso!

Não póde negar-se a este espectáculo vivamente curioso uma attenção especial.

Depois, é instructivo. E' a synthese d'uma epocha de desvergonhas e audacias.

Mas é tambem o vivo commentario da obra completa da casa de Bragança nos ultimos 60 annos.

Porque, impenitente, essa Casa continúa apadrinhando um, e tem sempre lançado mão dos monetarios favores do outro.

Continúa a orgia!

Está debellada a orgia ministerial. O governo fica. A orgia continúa até gastar-se de todo o dinheiro levantado do Banco de Portugal. Depois... se não houver quem compre as colonias que ainda nos não foram roubadas, dará o governo por terminada a sua missão, e virão os credores estrangeiros tomar conta do que resta.

Até lá serão supprimidas todas as liberdades publicas, expoliados todos os cidadãos de todos os direitos politicos e arrancada a pelle ao contrabuinte. E, se alguém se atrever a manifestar-se contra os poderes constituidos, ficará sob o imperio da lei marcial, que logo será decretada.

Continuem pois os governantes a folgar, escravizem-nos o pensamento, se podem, façam cabir sobre as nossas cabeças o cutello do algoz, que tudo será applaudido pela cohorte dos que têm vivido á custa dos seus esbanjamentos, e dos que têm roubado os cofres publicos com o seu assentimento.

Prepara-se o sr. João Franco para fazer uma dictadura como até hoje ainda não houve neste paiz, auxiliado apenas pela guarda municipal e pelo corregedor da policia. Venha tudo, porque da sua epilepsia ha tudo a esperar!

Não seremos, porem, nós que ficaremos mudos, e havemos de continuar, apezar das suas ameaças, a dizer ao paiz: que se não quer ter uma administração estrangeira, ou se não quer perder as poucas colonias que ainda nos restam, se não quer ver na rua a revolução da fome, trate quanto antes de substituir a monarchia pela republica, usando dos processos que todos os povos em circumstancias eguaes ás nossas têm usado para tal fim.

Enquanto não mudarmos de instituições, havemos de luctar com a crise de moralidade, a maior que hoje existe no paiz.

Não pode haver moralidade nos costumes e na vida de um povo que tem um governo cujos processos constituem um estímulo para a corrupção. Enquanto não houver moralidade nos governantes não a pode haver nos governados.

E com a monarchia, — está amplamente provado, — não é possível haver governos dignos para si e para exemplo dos outros.

Só pela desmoralisação é que ella pode sustentar-se.

Partido republicano

Em 26 de fevereiro ultimo reuniu o partido republicano de Villa Nova de Gaya, sob a presidencia do importantissimo industrial e proprietario sr. João Rodrigues Valente Perfeito.

A reunião, que esteve bastante concorrida, assistiram medicos, advogados, capitalistas, industrias e operarios.

Procedeu-se á eleição da commissão municipal republicana, sendo eleitos os srs.: dr. Antonio Florido da Cunha Toscano, João Rodrigues Valente Perfeito, Joaquim Marques Paiva, dr. Silva Castro, dr. Castro Soares, dr. Silva Mattos, Montenegro dos Santos, Antonio de Sousa Mello, João Pinto e Costa, dr. Dias Milheiro, dr. Villas Boas, dr. Soares Pinto, Joaquim Grijó e Alberto Cruz.

Recebam os nossos correligionarios de Villa Nova de Gaya as nossas sinceras felicitações.

Tambem lemos no nosso collega Jornal de Santarem que naquella cidade se encetavam trabalhos, e com bons auspicios, para a organização de um centro republicano, do qual farão

parte individuos que mais ou menos ostensivamente têm militado nas fileiras monarchicas.

É que todos os homens honestos e amantes do seu paiz estão já convencidos de que só a Republica nos póde salvar.

CARTA DE LISBOA

1 de março de 1895.

Atinal, bem lhes dizia eu que nada se podia affirmar a respeito da crise. O ministerio está seguro e bem seguro. Palavra, que ia tendo o meu susto de que elle cahisse e assim arrefecesse o enthusiasmo da organização republicana que vae, ao que vejo pelas noticias do Norte, de vento em popa. É verdade, o governo cá está firme. Segunda feira teremos a reforma administrativa, depois, segundo se diz, a reforma eleitoral e a dissolução do parlamento. Queira Deus o governo não esmoreça!

— Amanhã deve realizar-se a primeira sessão do partido republicano. São aqui esperados com anciedade os delegados do Norte, pois o movimento que, de Coimbra para cima se tem desenvolvido, inspira um enthusiasmo animador. Creio que o directorio será composto de sete membros, quatro de Lisboa, dois do Porto e um de Coimbra. Ainda não sei todos os nomes indicados, só me consta que dois de Lisboa serão os srs. dr. Eduardo Abreu e Gomes da Silva, deputados, sendo este ultimo, além d'isso, director geral da fazenda da camera municipal de Lisboa. Parece tambem que será o sr. conselheiro Gomes da Silva que presidirá ao congresso. Para mim entendo que, sejam quaes forem os resultados d'esta reunião, devem os nossos correligionarios proseguir a sua organização como até agora, por me parecer democratica, honesta e com garantias de representação para todos os centros politicos.

— Tenho visto progressistas furiosos com o governo, appellando para todos os meios violentos. Mas Deus queira que o não deem a terra, senão lá se vae tudo!

— O sr. D. Carlos lá foi outra vez para Villa Viçosa. Depois, dizem os jornaes que irá, com dinheiro do seu bolsinho particular, soccorrer os pobres do Ribatejo. Para matar o tempo, depois de matar coelhos.

— Não imaginam que miseria vae por toda a parte!

A fome já deixou de ser uma figura de rethorica para campanhas de opposição. É agora uma realidade triste, medonha.

Aonde iremos parar? É triste, muito triste o que se passa!

— No gabinete parece que já não ha divergencias. O sr. Ferreira d'Almeida lá vae com os outros, tudo á vela para Castella.

Jocelli.

Addidos

Affirmam os órgãos mais auctorisados da imprensa de Lisboa que não serão publicadas as relações dos addidos, ou, se o forem, sairão muito attenuadas.

A noticia não nos surprehende. O governo engole tudo, e ainda bem, porque o paiz só tem a lucrar com isso. Deus nos livre de que pozesse em pratica as medidas que tem decretado.

Rainha regente de Hespanha

Está doente ha dias, diz se que com sarampo, a rainha regente de Hespanha. O filho foi completamente isolado da mãe, a fim de se evitar o contagio da doenca.

NOTICIARIO

A nova direcção do «Instituto» anda muito empenhada em reformar o seu museu d'antiquidades, fazendo-lhe uma installação digna dos muitos objectos que possui, tão preciosos para a historia da nacionalidade e arte portugueza.

A inauguração do novo museu far-se-ha, provavelmente, no proximo mez d'outubro, por occasião das festas do centenário de Sá de Miranda,

Enfermo

Continua doente o digno cirurgião mór do exercito, sr. dr. João dos Santos Donato. Fazemos votos pelas melhoras de s. ex.^{ta}

Entrou em franca convalescência o nosso correligionario dr. Herculano Miranda de Carvalho.

Enviamos-lhe sinceros parabens e a sua ex.^{ma} irmã, a distincta quintanista de Philosophia.

Epidemias

Vão decrescendo consideravelmente os casos de variola que n'esta cidade tem grassado, embora sob uma fórma benigna.

Tem pelo contrario augmentado os casos de *grippe*, que, felizmente, por ora não offerecem gravidade.

Continua gravemente doente o sr. dr. Manoel Nunes Giraldes, illustre lente da faculdade de Direito. Desejamos as suas melhoras.

Eugenio de Castro, pontifice maximo dos novos, publicará no proximo numero do «Instituto» um poemeto — *TYRESIAS* —, no gosto quincentista.

O seu grande poema — *SAGRAMOR* — entrará brevemente no prelo, devendo ser posto á venda em outubro.

De luto

Por fallecimento de um seu irmão, estão de luto os negociantes d'esta praça srs. Francisco Vieira de Carvalho e Antonio Vieira de Carvalho, a quem endereçamos os nossos peza-mes.

Falla-se no apparecimento d'uma nova revista de litteratura e arte, dirigida por Alberto d'Oliveira em Lisboa e Eça de Queiroz em Paris.

A nova revista será, provavelmente, editada pelo sr. Antonio Maria Pereira.

João de Deus e a academia de Coimbra

Teve lugar, num dos ultimos dias, uma reunião da Academia de Coimbra, em que se nomeou a comissão que, nas festas a João de Deus, ha de representar a mocidade do nosso primeiro estabelecimento scientifico.

Ficou a comissão composta dos srs. José Marques Rito e Cunha, quintannista de Theologia; — Alberto Centeno, quintannista de Direito; — José Frederico Côrtes de Menezes, quintannista de Medicina; — Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, quintannista de Mathematica; — é Angelo Rodrigues da Fonseca, quintannista de Philosophia.

Além d'estes commissionedos, irão a Lisboa varios academicos que já es-

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

IV

CADET TRICOT

Cadet não respondeu. Antes de responder interrogava-se. Na sua aldeia era pastor d'ovelhas e andava á procura dos ninhos pelas arvores e pelas balseiras; tinha-se batido á pedrada com os pastores das aldeias visinhas; sabia assobiar e comer sôpa a ferver. Mas todos estes conhecimentos, de que antigamente se orgulhava tanto, pareciam-lhe muito insignificante coisa para Paris.

Acabou por dizer:

— Nada.

— Nada?

E poz-se a reflectir por sua vez. Então não vejo senão um homem capaz de te dar trabalho.

— Ah!

— Sim. O sr. Santerre.

tão inscriptos em numero superior a tresentos; certamente, até ao dia da partida, se a noticia dos feriadose em 8 e 9 se confirmar, este numero será enormemente excedido.

A despeito de tudo quanto se tem dito, podemos assegurar que as academias do paiz não farão politica alguma favoravel ao sr. D. Carlos ou ao sr. João Franco, que, por uma vez, se ha de convencer de que não se conquistam com feriadose as boas graças de corporações illustradas.

Theatro-Circo

Realizou-se hontem a estreia da companhia equestre e acrobatica de D. Michaela Alegria.

A concorrência era numerosa.

Os trabalhos da companhia, que são deveras notaveis, despertaram enthusiasmo ruído em na brilhante mocidade academica, que, digamos entre parentthesis, não viu de todo indifferente os encantos, *algo artificiaes*, de algumas figurantes.

Não podemos, pelo adeantado da hora, desenvolver mais esta noticia.

No proximo numero fallaremos com mais demora.

Mas não queremos deixar de felicitá-lhe hoje o sr. Francisco Lucas, activo gerente do Theatro-Circo, pelo cuidado com que promove a vinda a Coimbra de companhias optimas e de larga fama, como esta é incontestavelmente.

Nas festividades da semana santa, que serão celebradas com o luzimento dos annos transactos na egreja do Collegio Novo, prégará o nosso illustre amigo e eloquente orador sagrado, dr. Porphyrio Antonio da Silva, lente da Universidade.

Sôro anti-diphtherico

Temos o prazer de informar os nossos leitores de que o sr. Elisario Ferraz, distincto pharmaceutico estabelecido na rua Ferreira Borges, desta cidade, tem já á venda o sôro anti-diphtherico do dr. Roux, que tantas criancinhas esta destinado a arrancar dos braços da morte.

Está enfermo o commerciante d'esta praça, o nosso amigo sr. João Alves Barata. Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Camara municipal

Não reuniu na 5.^a feira ultima a camara municipal de Coimbra. Pois bem precitaria fazel-o, não para advogar, como costuma, os interesses do partido governamental, mas para cuidar a sério dos serviços de limpeza, compositora de calçadas, encanamento, etc., que tanto estão chamando as atenções dos habitantes d'esta cidade.

Brevemente encetaremos uma campanha energica contra o seu proceder,

— Quem é o sr. Santerre?

— É um dos nossos visinhos; toda a gente no arrabalde o estima. Possui uma fabrica de cerveja, e, quando algum dos seus operarios cae doente, fal-o tratar com cuidado e não quer que o levem para o hospital. Sua mulher é bonita, mas não é tão boa como elle. Muda de creados todas as semanas. Conheço-a bem. Conheço tambem *Sem equal*.

— *Sem equal*?...

— Sim. É o cavallo do sr. Santerre. Imagina que elle é tão gordo, tão gordo, que a gente vai vel-o por curiosidade. Todos os annos, por occasião da feira de S. Germano, o sr. Santerre empresta-o a um dos seus visinhos pobres e carregado de familia, e este vai mostral-o por dinheiro. Uma vez offereceu-o a meu pae. Mas meu pae, porque é orgulhoso, não o quiz aceitar. O menino já dorme. Vamos embora.

Lançou sobre os hombros um pobre vestidinho cuidado, dispoz os cabellos com a mão, quer dizer, retirou-os da frente para os deixar cair pelas costas abaixo; depois, voltando para o rapaz o seu rosto desassombrado dos cabellos, que parecia mais espirital e mais fino;

se o insupportavel estado actual se mantiver por mais tempo.

É preciso saber para que serve a camara do terceiro municipio do paiz.

Não cuide o sr. Ayres de Campos que a patranha do elevador lhe poderá servir tambem para se grudar a logares, que não pode nem deve exercer por mais tempo!

Temos, para prova do nosso asserção, argumentos valiosos e opiniões insuspeitas, mesmo para s. ex.^{ta}, e que virão a lume quando for preciso.

Tomou já posse do logar de presidente da assemblêa geral da Associação Commercial o sr. Ricardo Loureiro, digno director da Agencia do Banco de Portugal.

Prisão

A requerimento d'um credor, decretou o tribunal de commercio d'esta cidade, na sessão de sexta feira ultima, a prisão do fallido José Correia da Costa, commerciante até ha pouco tempo estabelecido no largo da Feira.

Sabemos que os membros do tribunal commercial procederam com este rigor, não por animosidade especial contra este individuo, mas por obediência á lei e para d'algum modo ser travada esta onda de desvergonha que se vae alastrando sem obices por uma parte, felizmente limitada, do corpo commercial portuguez.

Que aquelles que se sentem atraídos para o abysmo reflectam: e todos teremos a lucrar com isso.

Mudança

O nosso estimavel assignante do Porto sr. Victorino H. Coimbra, acaba de mudar o seu armazem de cereaes e legumes. para a rua da Fabrica, n.^o 78.

Á ÚLTIMA HORA

A cerca da CIRCULAR de advertencia aos lentes, a que nos referimos em outro logar d'este jornal, e que o sr. reitor da Universidade, não fez CIRCULAR, pois a entregou apenas a quatro professores, — temos a dizer:

Que até este momento não respondeu nehum dos professores que recebeu o officio do sr. reitor;

Que, opportunamente, alguns d'elles declararão que, não lhes sendo prohibidas pelas nossas leis manifestarem livremente, como cidadãos, as suas opiniões politicas, considerarão como de nenhum effeito, para o seu procedimento ulterior, a advertencia que lhes foi dada e que muito estranharam.

— Não faças barulho, emquanto não estivermos lá em baixo!...

Como na vespera, a multidão dos famintos enchia o arrabalde. Mas fallavam com mais animação os diferentes grupos. Os olhos, na esqualidez dos rostos, brilhavam mais. De tempos a tempos, do lado de Paris, chegava um rumor longinquo. Alguns homens iam e vinham, apressados, parando para dizerem algumas palavras a outros homens, que, por sua vez, se punham a caminho.

A pequena Jenny, no meio d'esta multidão, parecia estar no seu elemento. Lá ia, com a sua mãosita magra na larga mão do grande Cadet, dando os bons dias a uns e outros, mas não parando nem se informando de coisa alguma. Via-se que tinha um projecto na cabeça e que o resto pouco lhe importava.

A esquina da rua de Reuilly, parou deante d'uma casa grande, baixa, de dois andares, e, mostrando a Cadet um portão aberto, que abria uma entrada por debaixo d'uma abobada:

— Chegámos, disse ella. *Hep! hep!* Entremos.

A abobada conduzia a um pateo interior, rodeado de edificações baixas e plantado de arvores. A esquerda,

A respeito d'este mesmo assumpto diz o último numero, que acabamos de receber, do nosso collega O TRIBUNO POPULAR, que está bem informado:

«Não foi advertencia, nem reprehensão, nem censura, nem admoestação a que o sr. ministro do reino mandou fazer aos lentes republicanos. Foi simplesmente uma lembrança. O sr. João Franco é cabegudo, e não se contentou com o officio do sr. Reitor, que declinava a ordem inconveniente e arbitraria do egregio dictator, assegurando-lhe que se não dariam por parte dos lentes manifestações illegaes contra as instituições. Não; o sr. João Franco insistiu com o sr. Reitor, e o escandalo consumou-se.

«Na ultima quinta-feira, 28 de fevereiro, o sr. Reitor foi pessoalmente a casa dos srs. drs. Emygdio Garcia, Philomeno da Camara, José Bruno, e Alves Moreira, e entregou lhes em mão propria um officio, datado do mesmo dia, em que lembrava a cada um, para os devidos effeitos, que não é licito aos professores officiaes do ensino publico fazer manifestações ostensivas de hostilidade ou de propaganda contra as instituições, a que os mesmos professores juraram fidelidade.

«O sr. dr. Garcia, recebendo o officio da mão do sr. Reitor, perguntou-lhe se sua ex.^{ta} tomaria como desconsideração pessoal não dar nenhuma resposta áquelle extraordinario documento. O sr. Reitor respondeu negativamente, e por isso podemos dar como certo que o sr. dr. Garcia corresponderá á petulancia ministerial com o desprezo mais completo, não accusando sequer a recepção do officio.

«O procedimento dos outros illustres professores é diferente, e consta-nos que vão responder ao officio, mostrando a sua estranheza pela nova doutrina de intolerancia politica inaugurada por este governo, e provando com as leis do paiz que nunca se afastaram de uma linha de conducta estritamente correcta e legal.

«Não temos ainda conhecimento completo dos notaveis documentos, em que os distinctos professores vão definir a sua attitude perante a arbitrariedade governamental. Por isso nos reservamos para tratar este ponto em outra occasião.

«Tínhamos previsto que este caso havia de ser fallado. Ver-se-ha em breve se nos enganámos».

Mais prepotencias governamentais

Ao entrar para o prelo o nosso jornal, recebemos os seguintes telegrammas que mais uma vez nos revelam as loucuras do governo:

Lisboa 3, ás 7 h. e 22 m. — «RESISTENCIA», Coimbra.

Hontem, quando iam começar os trabalhos do congresso, apresentou-se o commissario de policia Moraes Sarmento acompanhado de cabos, Eduardo Abreu

escriptorios, com estas palavras em letras doiradas sobre a parede: *Santerre, cervejeiro*; á direita a cervejaria; ao fundo, cocheiras e telheiros...

O pateo estava cheio de gente. Se Cadet estivesse menos perturbado, teria reconhecido, entre os que alli estavam, os deputados de blusa, que na vespera realisavam a sua assemblêa nos degraus da fonte. Todos affluiram para o telheiro, á entrada do qual eram recebidos por dois companheiros altos e fortes.

— São Labroche e Galard, disse Jenny, conheço-os, vou fallar-lhes.

Conhecia toda a gente, aquella creança. Cadet mostrava no olhar a sua admiração.

Jenny elevou a voz.

— He! Luiz! (É Galard, accrescentou ella mais baixo); Luiz, pôde dizer-me onde está o sr. Santerre?

— Ah! és tu, pequena! respondeu o operario sorrindo. Está no escriptorio, mas vem já.

— Bom! espero-o.

O sr. Saeterre, com effeito, appareceu pouco depois.

Era um bello homem de cinco pés e quatro pollegadas, de olhos azues, muito suaves—o esquerdo muito mais pequeno do que o direito,—os cabel-

perguntou se estava como particular ou representando a autoridade. Policia affirmou estar ali por ordem do ministro do reino. Então Abreu, em nome commissão organisadora, protestou contra esta invasão numa reunião de caracter particular, e, declarando não abrir nem encerrar congresso, disse que a ordem do dia, hoje e sempre, será a realisação do nosso ideal. Sairam seguidamente todos os congressistas da sala. Hoje os jornaes inserem um protesto energico da commissão organisadora. Chegaram os representantes de Coimbra.

«Correspondente».

Lisboa 3, ás 8 h. e 20 m. — «RESISTENCIA», Coimbra.

Confirmo o outro telegramma. Dizem os jornaes, por fórma terminante, que vão seguir-se nos districtos do sul trabalhos eguaes aos realisados no norte. É geral o contentamento por esta resolução, que promoverá grande cohesão no partido e importantes resultados.

«Correspondente».

Não nos é possivel, por falta de tempo, fazer os comentarios que esta importante communicação nos suggerre. Nada se perderá com a demora. Applaudindo calorosamente os nossos correligionarios, só diremos: Para a frente!

Publicações recebidas

Recebemos o n.^o 4 da 2.^a serie da interessante e bem redigida *Revista Theatral*, que se publica em Lisboa, cujo summario é o seguinte:

Debates: Genesis de uma obra dramatica por Henrique Lopes de Mendonça. — Revista dos theatros: theatro de S. Carlos por A. M.; theatro de D. Maria II, *Os galopins*; theatro do Gymnasio, *A corda bamba*; theatro do Principe Real, *Os amores do diabo* por Patronius; theatro da Rua dos Condes, *Paraíso conquistado* por Rangell de Lima Junior; *A miniatura, Capitão Carlota* por Joaquim Miranda. — A revista e as reprises. — Correspondencias: De Paris por Garcia de Miranda; do Porto por Nestor. — Os grandes successos theatraes, *Mancha que limpa*. — La mancha que limpa, scena do 2.^o acto por D. José Echegaray. — Neurologia: Augusto Vacquerie, Geoffroy. — Bibliographia por Lector. — Variedades. — Bibliotheca dramatica: *O saltimbanco* por Antonio Ennes, acto 2.^o, scena 1.^a a 4.^a

Pedimos á ex.^{ma} administração d'esta «Revista» que nos envie o n.^o 1 da serie 2.^a

Tambem recebemos o n.^o 5 do 2.^o anno do excellente *Jornal de Agricultura e Horticultura Practica*, que trata dos seguintes assumptos:

O sulfato de ferro como insecticida, por A. Wallés. — Processo de conservar as madeiras, pelo dr. Julio A. Henriques. — O congresso viticola, por Astier de Villate. — Adubos chimicos para a vide, por A. N. — Plantas a podar, por Alberto Vellozo e Araujo e Hub. Van Hulje. — As abelhas, por Eduardo Segueira. — Culturas colonaes, por Adolpho F. Moller. — Seção culinaria, por Sophia de Sousa. — Conselhos uteis, pelo dr. Galeno.

los loiros, casaco de panno azul claro, e calções amarellos.

Dirigiu-se primeiro a Labroche e Galard.

— Hé! vocês, disse elle, podem começar a distribuição.

— Vamos, apaguem os cachimbos! disse Labroche, dirigindo-se ao primeiro grupo. Entrem agora!

O sr. Santerre desceu os degraus da escada e veio para o pateo.

A pequena Jenny, impellido o rapagão, apresentou-o.

— Bom dia, sr. Santerre.

— Bom dia, minha menina.

— Senhor Santerre, temos soffrido muita desgraça desde que o não vejo. Um dos meus irmãos morreu. Meu pae continua a não ter trabalho...

O sr. Santerre, alto e forte como uma torre, tomou Jenny nas mãos, levantou-a e deu-lhe um beijo nas faces pallidas...

— Tudo vai mudar, disse elle; tudo caminhará melhor. Conta-me o que de-sejas.

— Pois bem! senhor Santerre, eu queria estabelecer um pequeno commercio, para ajudar meus paes.

— Bah!... Olhem a atrevida...

E sobre que ramo de industria queres empregar o teu tempo?

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LOJA DO POVO

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietario o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chailesmantas de merino, merinos francezes, urmures pretos e uma variada colleção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, proprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

FRANCISCO FRANÇA AMADO

ANTIGA LIVRARIA ORCEL
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

COIMBRA

Novidades litterarias

- Dr. Antonio de Vasconcellos — Viriatho (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol. 350
- Eugenio de Castro — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar. 1 magnifico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho 800
- Manuel da Silva-Gayo — Os Novos. I — Moniz Barreto 1 vol. 400
- Alberto Pinheiro — Alva. Com um prefacio de Eugenio de Castro. 1 vol. 700
- Manuel Anaquim — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol. 500
- Alvaro de Albuquerque — Matinaes (verso) 1 vol. 500
- Sousa Ribeiro — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol. 500

Assignaturas para todos os jornaes de modas nacionaes e estrangeiros

A. J. LOPES DA SILVA

Repertorio Juridico Portuguez

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 15\$000 réis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatura permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

MENDES MARTINS

DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES

1 volume em 8.º, 400 réis

PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL

1 volume em 8.º, 600 réis

A VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

CODIGO

DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR

Decreto de 24 de janeiro de 1893

3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabetico

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do Código do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na fórma, pelo governo.

Preço 200 réis (FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

QUESTÕES PRATICAS DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL

ou Collecção de casos julgados

por José Maria de Freitas

1 grosso vol. 1\$000, pelo correio 1\$050 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra,

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO

DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

20 NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado. Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

19 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **pára-raios, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

17 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coróas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.



16 AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

18 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

POMADA DO DR. QUEIROZ



6 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

14 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

PHAETON

13 NA rua Ferreira B rges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

CALDEIRA DA SILVA

CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

12 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Colocação de dentes artificiaes por preços modicos.

Sôro anti-dypheterico

14 Vende-se na pharmacia Eleziario Ferraz, recebido directamente da Alemanha.

Arrenda-se

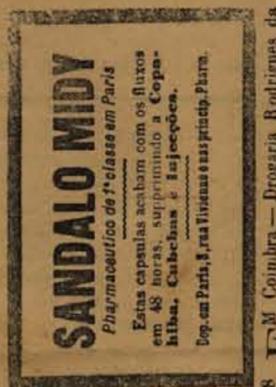
10 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. —Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

LIVROS DE MISSA

9 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA

COIMBRA



COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 203.000\$000

7 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

AOS VIAJANTES

5 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Alemanha e Inglaterra.

Vinho de mesa puro genuino

4 Vende-se no Café Commercial, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.



Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

BENGALAS

1 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 5

COIMBRA — Quinta feira, 7 de março de 1895

1.º ANNO

Enganou-se o rei!

O partido republicano, engrossado e robustecido, dia a dia, por phalanges de homens honestos de todas as classes e profissões, registando em livros d'ouro inextinguíveis, — sobretudo depois do *ultima um*, — os nomes illustres de adherentes valiosissimos, estava carecendo de imprimir a sua acção poderosa, formada de tantos esforços vivos, uma direcção unica, que promovesse bem depressa a ambicionada solução de muitos problemas inquietantes.

Meio eficaz e rapido de conseguir proposito tão escabroso, a organização partidaria, até então nulla ou desigual, inutil ou truncada, impunha-se, quando vasada em moldes perfectos, a todos os grandes espiritos do nosso gremio.

José Falcão, — o homem superior, em cuja nobilissima alma encarnára divinamente, no dizer de Junqueiro, a ideia de patria, feita verbo, — emprehendeu esse trabalho desmedido. E, a principio só, logo depois acompanhado por dedicações supremas, emfim aclamado quasi universalmente, começou a erguer o edificio colossal, cujos alicerces e firmeza nós todos, estupefactos, tivemos ainda occasião de admirar.

Desgraçadamente, veio a morte suspender a sua obra gigante. Por momentos, tão elevada era a estatura moral do venerado chefe, que, ao ruido d'aquella queda, os republicanos, curvados sobre o athaude querido, afundaram-se no marasmo alheado, que segue todas as grandes catastrophes.

Pouco a pouco, porém, chamados ao dever pela angustiada situação da patria estremeada, agitados violentamente pela perspectiva d'uma administração estranha, os portu-guezes d'alma reuniram os seus esforços e deram rebate de que, dentro do coração do partido, se agitava em tumulto o desejo de salvar a patria.

Foi em tal conjunctura, e sob esse impulso, que se iniciou no Porto e em muitas importantes terras mais proximas d'essa cidade, o movimento de organização partidaria que, dando representação equitativa e perfeita unidade a todos os elementos republicanos, permite mostrar ao paiz que o nosso partido tem homens capazes de assumir, quando for preciso, a administração dos negocios publicos e meios de combater as causas que, sob a monarchia, nos levam inevitavelmente á ruina.

Movimento iniciado e proseguido entre applausos calorosos e felicitações vivas por parte de todos os homens probos, essa organização reunia todas as condições necessarias para sair victoriosa, generalisada e unanimemente adoptada, do sexto congresso do partido republicano portuguez.

O rei não o quiz assim. Por intermedio de João Franco, ordenou a Moraes Sarmiento, o curioso esbirro insultador de Salmeron, que fosse manchar com a sua presença

as deliberações honestas d'um partido essencialmente digno. E, porque não havia lei que tal consentisse, antes a constituição determinava o contrario, conseguiu D. Carlos que o congresso voluntariamente se dissolvesse, não sem gritar repetidas vezes:

— **A ordem do dia, hoje, amanhã e sempre, é a proclamação da REPUBLICA!**

No dia seguinte, o proposito do rei foi illudido. Os membros mais evidentes do partido republicano de Lisboa procuraram os delegados do norte e combinaram em acceitar, como unica exequivel neste momento, a organização partidaria já iniciada para cima do Mondego. Além d'isso, comprometteram-se a estendel-a, sobre as mesmas bases fundamentaes, ás regiões do sul, quer por si, quer auxiliado pelas commissões já em exercicio, e sempre d'accordo com ellas.

Para esse effeito, e como nas regiões do sul está tudo por fazer, pareceu indispensavel a eleição de um directorio provisorio, cuja unica missão fosse alargar para o sul a organização já começada com tanto exito no norte do paiz.

D'esse directorio provisorio ou commissão não poderiam fazer parte, apezar de repetidas instancias, os membros das commissões já eleitas, não só porque tem os seus trabalhos d'organização a continuar nos respectivos concelhos ou districtos, mas, sobretudo, porque visto o mandato imperativo e função exclusiva do mesmo directorio, elle não poderá trabalhar senão nas regiões em que a organização ainda não principiou, isto é, no sul de Portugal.

Com extremo jubilo para os partidarios reunidos na conferencia, em que estes pontos se assentaram definitivamente, e que foram os drs. Duarte Leite, Amandio Gonçalves e Forbes Bessa (Porto), Affonso Costa, Rodrigues da Silva e João de Menezes (Coimbra), Barbosa d'Andrade (Vizeu) e dr. Jacintho Nunes, Teixeira de Queiroz, Leão d'Oliveira, Eduardo Abreu e Magalhães Lima (Lisboa), a união de todos os republicanos ficou assegurada por uma forma viavel e a extincção de quaesquer scisões é um facto que entra nos dominios da certeza.

A eleição d'essa commissão ou directorio provisorio com poderes limitados á organização do sul do paiz por forma semelhante á instaurada no norte, foi muito concorrida. Realisou-se nas salas da redacção do *Dia* e deu o seguinte resultado: dr. Jacintho Nunes, dr. Horacio Ferrari, dr. Eduardo Abreu, dr. Magalhães Lima e Gomes da Silva.

Muito brevemente, os republicanos commissionados encetarão os seus trabalhos. Consta-nos que o primeiro acto da sua gerencia será a eleição da commissão municipal republicana de Lisboa. Espera-se que adhiram, e figurem já nessa commissão, á semelhança do que tem succedido em muitas localidades do norte, alguns homens de su-

perior honestidade e elevada posição, que até hoje tem estado afastados das luctas politicas.

Estamos convictos de que os dedicados esforços dos nossos correligionarios do sul hão de seguir nessa nobilissima e proficua direcção. A patria, lucrará com isso enormemente, e nós poderemos inserir, dia a dia, após o registo das commissões que se forem elegendo, a nossa phrase querida:

Enganou-se o rei!

Officios bi-semanaes em louvor do novissimo secretario da Universidade, o sr. Domingó de Paschoa da Resurreição

Psalmo primeiro

I E ao terceiro dia depois de morto, José Joaquim da Resurreição tomou posse do seu logar de secretario da Universidade.

II E como já dera uma hora da tarde e não houvesse quem o recebesse á Porta-Ferreira, José Joaquim perguntou a um archeiro: onde está o povo?

III E o archeiro respondeu: o povo não sabia que chegavas heje.

IV E José Joaquim perguntou: acaso me conheces tu?

V E o archeiro respondeu: **Bem te conheço!**

Não o cremos

Liga-se o facto de o sr. reitor da Universidade se prestar a deixar demittir infamemente, sem o menor protesto, o nosso querido amigo dr. Cerqueira Coimbra, e a comunicar aos lentes republicanos a estúpida e odiosa circular do laryado João Franco, com a existencia do phyloxera nas suas vinhas de Mogoforos.

Julgamos que entre esses dois factos não ha a relação de causa para effeito.

Ninguem recua!

Á imprensa que, insidiosa e estupidamente, diz que no directorio provisorio de Lisboa não entraram individuos que possam ser demittidos pelo governo, observaremos que não tem razão de ser as suas velhacarias.

Os lentes republicanos, que a elles evidentemente as insidias se referem, não entraram na commissão de Lisboa, pois ella é para organizar ao sul do paiz o partido, como as commissões do Porto e Coimbra o tem organizado ao norte.

Agora fique dito de uma vez para sempre, que, quando se eleger o directorio supremo do partido, ninguem terá duvida em acceitar os cargos para que for eleito, sejam quaes forem as prepotencias que o governo esteja resolvido a praticar.

Diga-se de uma vez para sempre: **Ninguem recua!**

Papam habemus Burnay!

Varias senhoras de Lisboa organisaram uma commissão para promover a leitura de obras religiosas em Portugal. Preside a sr.ª condessa de Burnay. O sr. conde portanto será, em breve, Papa neste paiz.

Elle já era o Rapa!...

R. R. R.

Tres!
Tantos são os que tem no seu appellido, o illustre secretario da Universidade, sr. José Joaquim da Resurreição!
É gallinha, oh rapaziada!

Bagatellas

Como iamõs dizendo.

Uma das não menos ponderosas causas da nossa decadencia economica e moral consiste na carencia de noções de Arte, fertilisando a educação geral nas classes superiores e no terreno productivo do trabalho fabril e manual.

Esta these só poderá motivar extranheza aos que desconhecem: 1.º Que a arte e a sciencia colligadas para os mesmos fins tem aberto horisontes infinitos á actividade industrial, numa vertigem de progresso e numa exuberancia de belleza, que é o assombro e a gloria d'este seculo; 2.º que tem lançado riquezas no seio das nações mais avançadas que avassalam os mercados e tornam tributarios do seu commercio os povos imprevidentes, que se deixam atrazar; 3.º que, só ha meia duzia de annos, os nossos estadistas se lembraram do *ensino industrial*, um pouco ás cegas, tumultuariamente e sem fé.

O diplomata Fontes, a personificação consagrada da politica do ultimo periodo, — com uma apothose furada e fallida pelo roubo, — tal orientação tinha dos destinos d'este povo, que nunca visitou um museu, nem uma fabrica, nem uma officina. Nunca, talvez, pensou a serio que a regeneração vital do paiz dependesse da cultura mental das classes trabalhadoras.

Se o valor da força muscular do homem foi annullada pela força bruta da machina; é claro que o artifice só valerá pela sua capacidade intelligente, pelos recursos da sua educação especial e technica. A multiplicidade da produção e o bom gosto dos productos: eis as condições fundamentaes da industria moderna, porque são essas qualidades que dão a preferéncia do consumo e a garantia do interesse pela modicidade lucrativa do custo.

Ora se isto é uma noção comensinada de economia politica, de fortuna publica e bem estar social, como é que os successivos governos se esqueceram de que, a par dos decantados *melhoramentos materiaes*, estradas e telegraphos, era forçoso levantar e difundir a instrução popular e a cultura do trabalho!...

Porque é necessario repetir ainda hoje, que a regulamentação da aprendizagem e da illustração da officina, em todas as suas relações com a sociedade e os interesses nacionaes, tem sido em Portugal o mais espantoso e paradoxal absurdo.

O movimento liberal, triumphando do absolutismo, extinguiu as corporações dos officios; e, em nome d'uma ficção, a que deram o nome pomposo de *Liberdade*, proclamaram o livre curso á ignorancia e deixaram o trabalho á revelia!

Os que se seguiram não souberam remediar as consequencias d'um tal golpe; e assim ficamos.

Ora não é necessario perder tempo a citar exemplos. Em qualquer annuario de legislação estrangeira é facil de ver como em todos os paizes a previdencia legislativa impulsiona e sustenta, com energia solícita e constante, a expansão e a preponderancia da industria. Como se regulamentam os detalhes da aprendizagem e se assegura a educação intellectual technica e moral do operario. Como se tomam todas as medidas, para manter nas antigas corporações — *o espirito de classe, assim como excitar e fortalecer o sentimento da honra professional*, como se diz na lei do imperio allemão de 18 de junho de 84.

Em toda a parte se suppõe que só o exercicio do trabalho esclarecido é o formidavel esteio da prosperidade e do poder das nações.

Em Portugal a organização do ensino popular industrial despertou tarde. Ha seis annos apenas que, depois de tentativas moderadas, foram implantadas com maior largueza as escolas

industriales. E o periodo de aclimação dura ainda!...

E, qualquer que seja a energia intrinseca e reformadora dos elementos com que as dotaram, é certo que estes institutos estão desacompanhados de engrenagens subsidiarias que devam acelerar e robustecer a sua acção fecundante.

Assim tem corrido as cousas sob a ameaça d'uma catastrophe certa!...

E no entretanto, lançados sofregamente na crapula da baixa politica, offerecemos o degradante espectáculo d'um povo de ociosos e parasitas, remechendo avidamente na podridão moral d'uma nação a esphacelar-se pela fome, pela carencia de energia, da integridade dos costumes e da honestidade do caracter.

As classes medias, obrigadas pela necessidade á transigencia das maiores torpezas, lançam-se nos charcos da politica de intrigas, para captar os poderes dirigentes á benevolencia e as graças, a que nenhum merito real lhes daria direito.

Uma nova especie de mendicidade, mais abjecta do que aquella que se aglomerava ás portarias dos conventos, se acotovela á porta dos ministerios. *Cours des miracles*, onde cada pretendente, em vez de mostrar os aleijões simulados, alardeia serviços electoraes de falsificações, de traições e de bur-las que, como titulos de preferéncia, os recommendam á adjudicação dos benesses e dos cargos publicos.

Esgotado o thesouro e expulsos agora das secretarias do estado, sem aptidões de trabalho, porque os governos lhes não facultaram o ensino, o que hão de fazer essas dezenas de milhares de homens destinados á burocracia!?

Emigrar! para o Brazil?... para a Africa?...

O superintendente Bullion dizia um dia a Luiz XIII:

— «Senhor, o vosso povo é feliz, em quanto tiver herba para comer.»

Ora, pela mesma cartilha, os nossos paternaes governantes pensaram, — e muito bem! — que por esses sertões adiante a affavel natureza é prodiga do *verde brilho*, segundo a lyra do sr. ex-ministro-vate Thomaz Ribeiro!

A.

E como diz

O nosso valente collega a *Provincia* remata um magnifico artigo sobre a reforma administrativa ultimamente decretada, do seguinte modo:

«Tudo caminha ás mil maravilhas para os aventureiros do poder. O manto regio é largo, e com as suas grandes dobras continúa a encobrir os dictadores, que agora deitaram as cabeças de fóra para cuspir uma nova provocação sobre o paiz inteiro e especialmente sobre as cidades de Lisboa e Porto.»

Estamos d'accordo.

A reforma administrativa

Cá a temos, e, em harmonia com a legislação vigente, principiará a vigorar, depois da publicação, em Lisboa e seu termo, decorridos que sejam tres dias, e quinze no resto do continente do reino, exceptuando as disposições que respeitem a serviços que dependam da eleição ou nomeação de corporações ou commissões. É tempo sufficiente para estudar os 481 artigos que contém.

Iniciamos esse trabalho, não para desempenhar qualquer cargo administrativo, porque não prestaremos juramento de obediencia ao rei, mas para patentear aos nossos bons leitores as bellezas que ella encerra.

Lemos já o relatório, peça pyramidal que attesta eloquentemente o espirito liberal do governo. Sendo a reforma extremamente centralisadora, chegando até a annullar completamente a

administração local nos concelhos de 3.ª ordem, que é o maior numero, porque o administrador, delegado do governo, pôde cumprir ou não, como presidente, as suas deliberações, o relatório declara que ella ainda não realisa as aspirações do governo. O governo queria reunir no mesmo individuo as funções da autoridade administrativa e municipal, mas não teve forças para o fazer. Em todo o caso, declara: «é um desideratum, para o qual damos o primeiro passo, e cuja completa realisação só dependerá do bom senso d'aquelles, que, desempenhando cargos municipaes, saibam dar aos interesses geraes as garantias necessarias para estes lhes poderem confiar a sua administração». Registamos.

Para justificar o caracter centralizador que imprimiu a reforma, o governo declara no relatório que em outros paizes se tem traduzido por modo mais rigoroso a junção na mesma pessoa da autoridade administrativa e municipal. Os dictadores pretenderão referir-se á França? Talvez, mas não nos dizem se ainda lá vigora esse systema. Desejariamos saber isso, porque, segundo os publicistas francezes, esse paiz entrou rasgadamente no caminho da descentralisação. Mas, se os dictadores disserem que não, concordaremos immediatamente. *Cum brutis non est luctandum*

Mas não é só ao estrangeiro que recorrem os dictadores. Ca tambem já houve, dizem, quem propozesse doutrina identica á decretada no código pelo que respeita á reunião num mesmo individuo de funções administrativas e judiciaes.

E' verdade. E essas propostas foram tão bem recebidas, que em 1878 o partido da regeneração entendeu que lhes devia dar força legal approvando um código... descentralizador.

E os actuaes dictadores, Julio de Vilhena á frente, elogiavam calorosamente a disposição d'esse código que permittiu que os funcionarios administrativos podessem ser accusados pelos crimes praticados no exercicio das suas funções independentemente de auctorisação do governo. Pois muito bem! A experiencia demonstrou que essa disposição podia coarctar as tropelias, principalmente elleitoraes, dos funcionarios administrativos, e por isso decretou o governo no art.º 446: «Nenhuma auctoridade, magistrado, ou funcionario administrativo, ou agente da auctoridade administrativa, poderá ser demandado criminalmente, sem previa auctorisação do governo, por factos relativos ás suas funções, ainda que estas hajam cessado.»

Muito bem!

Só esta disposição devia ser sufficiente para que o sr. D. Carlos não tivesse duvida alguma em referendar o decreto.

Mas não é pelo seu caracter extremamente centralizador que a reforma administrativa ultimamente decretada mais se distingue. Onde ella se torna verdadeiramente notavel é nos criterios nitidos e precisos que estabelece para a classificaçáo dos concelhos, e nas normas relativas á dissolução das corporações administrativas, designadamente da commissáo districtal.

Este governo só trata do interesse publico; é esse interesse que inspira todos os seus actos, incluindo os decretos dictatoriaes, e por isso na reforma administrativa não podia deixar de se arrogar os mais latitudinarios poderes, as mais amplas faculdades, para que a sua acção benéfica não podesse ser embaraçada.

Que isto de de estar todos os dias a calcar a constituição, a desacatar as leis, embora seja por causa do interesse publico, mais que para salvar a patria para promover o seu engrandecimento, sempre custa alguma coisa.

Não é possível fazer calar completamente as más linguas, e estas dizem que o governo não pôde impôr o cumprimento da lei quando é o primeiro a desobedecer-lhe.

Bem andou pois o governo em não decretar normas que podessem ser invocadas para criticar os seus actos.

E agora mãos á obra.

A primeira cousa que o governo deve fazer é dissolver as camaras de Lisboa e do Porto, confiando a administração d'esses municipios a quem saiba pôr em pratica os mesmos principios que o governo tem adoptado na gerencia dos negocios do Estado; em seguida,

ou ao mesmo tempo (o governo é muito activo), fazer a classificaçáo dos concelhos sem supprimir nenhum.

Depois... as eleições de deputados. E está salva a patria!

Lentes republicanos de Coimbra

Diz o *Jornal de Noticias* que foram reduzidas a auto as declarações dos lentes republicanos de Coimbra. E' falso. Ainda não foram dadas as respostas á circular, mas não perderá o governo com a demora.

Partido Republicano

Estão já eleitas as commissões republicanas de Villa Real, Vianna do Castello, Ponte do Lima, Caminha, Melgaço e Monsanto. Oportunamente serão publicados os nomes dos seus membros, entre os quaes figuram elementos valiosissimos de todas as classes.

Mais uma vez felicitamos a commissáo republicana do Porto pela sua actividade e energia na organização do partido.

Assim esperamos que proceda a commissáo republicana ultimamente eleita em Lisboa. Só assim, organizado o partido sob o mesmo plano, poderemos impor-nos a todo o paiz.

A policia no congresso

Publicamos em seguida, transcrevendo-o do *Conimbricense*, o protesto do sr. Joaquim Martins de Carvalho, contra a odiosa intervenção da auctoridade no congresso republicano de Lisboa. Estimamos ver assim um ancião pugnano pela liberdade, e oxalá que muitos outros, tambem velhos e em elevada posição, soubessem comprehender os mais elementares principios da dignidade pessoal e politica:

PROTESTO

O redactor do *Conimbricense*, Joaquim Martins de Carvalho, faltaria ao mais sagrado dos seus deveres, se não viesse protestar, publica e solemnemente, contra o acto de violencia, praticado no sabbado em Lisboa, para com o partido republicano, representado por numerosos congressistas, que de muitos pontos do reino tinham ido tomar parte no 6.º congresso do mesmo partido.

O governo, ao mesmo tempo que consente as reuniões do partido miguelista, que ousa arvorar na frente da casa das suas sessões a bandeira branca do absolutismo; — ao mesmo tempo que fomenta a mais audaciosa reacção em todo o paiz, rasgando assim as disposições legais que extinguiram as chamadas ordens religiosas em Portugal; — emfim, ao mesmo tempo que despreza sem cerimonia alguma as disposições liberaes da lei fundamental do estado, estabelecendo de facto neste reino o absolutismo, procura suffocar toda a acção do partido republicano, que aliás é consentido e reconhecido em muitos dos paizes monarchicos.

A odiosa intervenção da policia na reunião do congresso republicano, com o proposito deliberado de o impedir, foi a affronta mais provocadora a esse partido.

Ficará registado como um dos actos de maior violencia da nossa historia politica.

Nestas circumstancias não se dirá que o redactor do *Conimbricense*, apesar de estar já no ultimo quartel da vida, guardou um condemnavel silencio em presença de tão violentos tramas contra os principios e progressos liberaes.

Aquella que tanto pugnou sempre pela liberdade e por ella soffreu as mais cruéis perseguições, não havia agora de abandonar os novos perseguidos.

Associa-se, porisso, o redactor do *Conimbricense* aos mais francos protestos contra a violencia feita ultimamente ao partido republicano, como se associará sempre ás manifestações de protesto contra os attentados que se praticarem para annullar os principios e garantias liberaes.

Coimbra, 4 de março de 1895.
Joaquim Martins de Carvalho.

O s Resurreição

Este senhor, é o sr. José Joaquim, novo secretario da Universidade, e anteriormente enfermeiro do hospital de S. José. Ficamzabendo.

Pois este senhor já tomou posse do seu lugar, na terça feira (dia aziago) depois da um' hora da tarde. Em seguida, foi ac governo civil receber ordens.

Temol-o pás, enfermeiro, secretario e policia.

Assim, oh! senhor José Joaquim, nem ao terceiro dia é capaz de resuscitar!

De como um allinete d'oiro roubado a tempo pode levar a uma posição de importancia

Aqui está uma pagina de historia que a decencia nos impede de escrever.

LITTERATURA E ARTE

O arsenal do convento de Santa Cruz

Os typographos, com a má fé que sempre lhes reconheceram os que escrevem, enfadados de compor a seguir o mesmo nome, chrismaram para o fim do meu artigo a tia de Sá de Miranda, a bem amada esposa de Antonio de Barros, em Catherina de Sá, como aquelle coronel que mandava ao ajudante do regimento, que distribuise letras grandes pelo meio dos officios, para enfeitar, para romper a monotonia, onde fizessem bem.

D. Catherina de Sá foi uma senhora honesta. A *outra* chamava-se D. Guiomar de Sá, como se lê em bellos caracteres gothicos no tumulo que ella mandou fazer para *deitar* o padrao dos filhos do Bispo D. João Galvão, o muito honrado Antonio de Barros.

Camillo Castello Branco, chronicista alegre d'este escandalosito da Renascença e muito lido na materia, afirma que as genealogias *d'aquelle tempo* são ricas d'estes maridos, com tanto que as esposas houvessem sido amázias de reis e de bispos.

Felizmente vai bem longe tal tempo! Camillo, que não sabia da sepultura do Salvador, dá na curiosa chronica da Corja, como existindo já no tempo de D. João Galvão o arsenal d'armas do Convento de Santa Cruz.

Se não mentem chronicas ineditas, o arsenal de Santa Cruz, tão minuciosamente visitado por D. Sebastião, deve-se a D. João de Noronha successor de D. João Galvão no priorado geral d'este convento.

Era D. João de Noronha homem irascivel, sempre na lucta com o magnifico bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida. D'esse tempo data o arsenal.

Historiemos o caso, que bem o merece este episodio alegre da Renascença.

Corria o seculo XVI, quando uma manhã os sócegados habitantes de Coimbra acordaram com o tropel de homens armados, correndo a cidade. D'ahi a pouco levantavam-se dous campos de batalha, fora da cidade, no Arejado, para os lados da porta da Figueira Velha.

N'um voavam os estandartes de D. Jorge d'Almeida, no outro cheio do tenir metallico das armas e de gritos de guerra andava D. João Galvão prior de Santa Cruz.

Esperava-se o combate para breve, quando chegaram notícias que vinha em caminho com um numerozê exercito João Homem grande Senhor da Beira. D'ahi a pouco descia João Homem com os seus vassallos, indo acampar em Santa Clara do lado de lá da ponte.

Mandaram o Bispo e o Prior embaixadas com presentes, que foram recusados, fazendo João Homem crer a cada um d'elles que vinha a soccorrer o contrario. Com esta ameaça levantaram o Bispo e o Prior os campos, e passaram a hostilizar-se menos ostensivamente, até que D. João 2.º *metteu n'isso a sua mão*, mandando-os para logares *apartados*.

Era bem forte o motivo da briga! Transcrevemol-o d'uma chronica inedita.

«Indo um sabbado o comprador do Prior buscar carne ao açougue, achou que o do Bispo levava a melhor, e da parte que a queria, deixando a peor. Tornando-se para o mosteiro, se queixou ao Prior do mau termo com que

nesta materia se ouvera o comprador do Bispo, ao que respondera o Prior: *se eu tenho os creados que cuida, a mim me não faltará amanhã que jantar.*»

«D'esta palavra tomaram occasião os creados para no dia seguinte se irem á cosinha do Bispo, e trazerem para a do Prior todos os assados de carne, aves, e caça que estavam para o jantar do Bispo, do que dando-se este muito afrontado chegaram a ter campos formados.»

«E d'este tempo, se diz, ficaram as armas de que já hoje quasi não ha memoria.» Este arsenal desapareceu de todo no seculo XVII.

Duas pessoas tão aparentadas a elrei á unhada por causa d'um osso... Bem differentes os tempos d'hoje!

T. C.

Dr. Corçoiva Coimbra

Ao nosso querido amigo e honrado correligionario sr. dr. Antonio Coimbra, demittido infamemente do seu lugar de secretario da Universidade, por manifestar ideias e sentimentos contrarios aos dos homens que compromettem o paiz, foi enviada a seguinte mensagem pela commissáo republicana de Sernancelhe:

III.ª e ex.ª sr. — A commissáo municipal republicana de Sernancelhe, em nome de todos os republicanos d'este concelho para este fim reunidos no dia 21 de fevereiro, felicitam v. ex.ª pelo modo brilhante como se portou perante os actos tão revoltantes de um governo como o actual. Sentimentos taes como os de v. ex.ª, impõem-se á admiração de todos. Digne-se v. ex.ª aceitar esta prova sincera do nosso sentir.

Sernancelhe, 21 de fevereiro de 1895.
III.ª e ex.ª sr. dr. Antonio Augusto Corçoira Coimbra.

A commissáo municipal,
Francisco Antonio de Figueiredo
Annabal Sobral
Antonio Moreira Andre Dias
José Teixeira
Antonio Maria de Soveral.

Fallecimento

Sepultou-se hontem no cemiterio de Santo Antonio dos Oliveas o alumno do 2.º anno juridico e orphão da Santa Casa da Misericordia, José Maria Marques.

Tendo revelado superior intelligencia no curso de instrucção secundaria, que concluiu aos 15 annos com distincção em quasi todos os exames, foi provido n'um dos logares do legado Soriano e matriculou-se no anno lectivo findo na faculdade de direito, em que continuou a revelar a sua intelligencia e applicação.

O seu bello caracter havia-lhe conquistado não só a sympathia mas profunda amizade dos superiores do collegio, dos professores e dos seus companheiros, que deram o mais eloquente testimonho de quanto o apreciavam nas ultimas homenagens que lhe prestaram.

O cadaver foi velado durante toda a noite por turnos de quatro dos seus condiscipulos, e por estes foi conduzido ao cemiterio.

Não obstante chover constantemente desde a 1 hora da tarde, foi extraordinaria a concorrencia de alumnos da Universidade que acompanharam o cadaver do seu desditoso companheiro até ao cemiterio.

No prestíto ia tambem a mesa da Misericordia e a comunidade do collegio dos orphãos, levando a chave do caixão o talentoso lente da Universidade sr. dr. Avelino Callisto.

Junto do tumulo disseram-lhe o ultimo adeus em phrases sentidissimas um orphão do collegio e quatro alumnos do 2.º anno de direito, que revelaram nas homenagens prestadas ao seu infeliz condiscipulo um espirito de camaradagem superior a todo o elogio.

Ministro hygienico

O sr. José Bento, ministro da marinha, antigo collaborador da *Vanguarda* (que o desminta quem poder!) mandou suspender os serventes da pagadoria e do Instituto de soccorros a naufragos, por falta de limpeza na escada.

Mais suja é a escada do throno e o sr. José Bento não a limpou para subir até ao ultimo degrau, onde o rei assenta os pés.

Mas, ao que vemos, o sr. José Bento está mais limpo que o sabonete do Congo... quando se trata dos serventes.

POLITICA ESTRANGEIRA

As festas memoraveis de Cronstadt, em que a França foi recebida pela Russia entre os applausos vibrantes, que pelo mundo inteiro echoaram num movimento de espanto; e, por sua vez, a recepção entusiastica e fraternalmente amiga que á Russia fez a França na visita a Toulon, e o passeio triumphal dos marinheiros russos á capital do mundo intellectual e generoso, — á magnificente Paris, — recopção de extraordinario brilho em que a França vibrou unisona, numa explosão vivida e calorosa; essas festas, em que a maior elevação de sentimentos se affirmou, como uma sythese grandiosa do mais generoso ideal — a pacificação dos povos sob a ameaça da guerra mais tremenda dos tempos modernos, — essas manifestações, estonteantes pela hybrida fraternisação de dois povos tão oppostos pela indole, pelo character, pela cultura intellectual e pela norma politica, — iam já distantes e esquecidas quasi, quasi apagadas no Kaleidoscopo immenso da politica d'hoje.

Parecia até, que uma certa gelidez se ia accentuando nas relações da Russia autocrata e absoluta com a França democratica e republicana. Os progereiros politicos da Europa annunciavam aos povos surpresos uma aproximação provavel da Russia e da Alemanha, — a rival secular e inimiga constante da França; pela sua parte, a imprensa russa declarava ao mundo, que o Urso branco do Norte não fazia da sua pelle nevada alfombra d'arminho onde pousasse as garras a Aguia Imperial da Alemanha.

E os factos ahí vêm a confirmar que a aliança franco-russa não tem estado nem prejudicada nem adormecida.

A inauguração do canal do Baltico e as festas de Kiel, são o pretexto para a nova demonstração pontica para que a Russia convidou a França. E a Russia aproveitou a occasião para, em artigos jubilosos, se felicitar pela presença simultanea dos navios francezes e russos nas festas de Kiel, na esperança de que liguem mais estreita e intimamente as relações de amizade entre os dois povos.

Nas aguas do Baltico reunir-se-ão navios francezes e russos em numero igual, commandados por officiaes de igual patente; chegarão ao ancoradouro ao mesmo tempo e simultaneamente largarão, de modo que nas aguas alemãs affirmem d'um modo claro e terminante a absoluta cordealidade de relações que ligam os dois povos.

A Russia faz-se-á representar por dois couraçados e assim o communiçou já á Alemanha, e a França, por intermedio do sr. Hanotaux, ministro dos estrangeiros, participou ao embaixador allemão, o conde de Munster, que a França será representada por dois couraçados tambem.

E' assim que a Russia responde aos progereiros da politica europeá. A aliança franco-russa manter-se-á, e, pelo que os factos demonstram, cada vez se irá radicando mais.

Dá motivos para reparos o grupo que se apresenta da Republica triumphante e gloriosa, de mãos dadas com a Autocracia brutal e dominadora; mas tem a recomendar o á sympathia dos povos generosos o elevado intuito civilisado, de progresso e de paz, que paiza, a abençoal-a, sobre a estranha e hybrida aliança.

Os lentes republicanos do Porto

Diz a *Voz Publica*:

«Em resposta ao que diziam as *Novidades*, no numero de domingo, podemos affirmar que os professores da Academia Polytechnica, publicamente conhecidos como republicanos, respondendo á circular do governo, declararam não ter praticado actos contrarios ás instituições vigentes, que não sejam permittidos pelas leis cohecidas considerando isto como um dos motivos por que julgavam a advertencia infundada.»

Esta resposta digna e desprezadora da circular imbecil do governo, merece todo o nosso applauso.

Nem outro procedimento havia a esperar de homens dignissimos e de superior talento como Rodrigues de Freitas, dr. Azevedo Albuquerque, dr. Amandio Gonçalves e dr. Duarte Leite, nossos queridos amigos, em quem o partido republicano confia incondicionalmente.

Capa e batina

Os estudantes do Porto vão pedir ao governo a uso obrigatório da capa e batina.

A este proposito lembraremos que a capa e batina está sendo condemnada por alguns professores e muitos estudantes.

Mas os estudantes do Porto não pensam assim. Querem mostrar-se lindos, fazer figura, roubar corações.

E pedem que a capa e batina seja obrigatória.

Pedir que nos obriguem a qualquer coisa!

Esta não lembra ao diabo!

Ministro constipado

O sr. ministro das obras publicas acha-se constipado e por isso não foi na terça feira a sua secretaria.

E' possível que com a constipação tenha algum espirro, quer dizer, alguma idéa.

Que se o sr. Campos Henriques pensar é só pelo nariz.

Delluxo da intelligencia.

Um Reitor

Alguns individuos pensam, visto ter sido nomeado secretario da Universidade o sr. Resurreição (Domingo), que seja nomeado reitor o sr. Paixão al-fayate, perdão... o sr. Paixão (Sexta-feira).

Casino Peninsular

Na proxima epocha dos banhos, vae, sob o titulo que a estas palavras serve de epigraphe, organizar-se um club, no circo Saraiva de Carvalho, na Figueira da Foz.

Estimamos dar esta noticia não só por se tratar de pôr em pratica uma bella idéa, mas porque, sendo a Figueira muito concorrida por hespanhoes na epocha de banhos, com o ardor das hespanholas realizar-se-á a união ibérica!

Lá temos a policia.

Republicanos de Lisboa

No *Seculo* e na *Vanguarda* lemos a seguinte noticia acerca do partido republicano de Lisboa, que registamos por a considerarmos official:

*Constituiram-se o directorio e as commissões administrativa e de propaganda que o congresso republicano elegera no domingo ultimo. Tanto o directorio como as commissões concordaram, em harmonia com o que foi combinado com os delegados do Porto e Coimbra, continuar os trabalhos de organisação do partido, a fim de que, dentro do mais curto prazo de tempo, se constituam as commissões municipais em todo o paiz, para se poder resolver definitivamente acerca da direcção superior do partido.

Nada mais havia a esperar, desde que todos estamos decididos a proce-

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

IV

CADET TRICOT

— Em laços, sr. Santerre. Ouví dizer que os srs. eleitores decidiram armar os parisienses, e dar a cada um um laço encarnado e azul. Serão necessarios muitos laços para toda essa gente!... Então, veio-me a idéa de comprar fitas e passar a noite a fazer-os. E porisso venho pedir-lhe um escudo para fazer a compra.

— Ah! tens o teu escudo, minha amiguinha. Mãos á obra!...

— Obrigado, sr. Santerre. Mas isto não é tudo; trago commigo um companheiro que deseja trabalhar tambem. Chega-te!... Chama-se Cadet Tricot, e não sabe fazer nada.

— Diabo! Então, em que queres tu empregal-o?

— Senhor, disse Cadet, um pouco animado pelo ar bondoso do cervejeiro, — sou forte, e poderei transportar

der lealmente na organisação do partido e para o bem do nosso paiz.

Agora fazemos votos para que Lisboa e Porto sejam rivales na energia e na promptidão dos seus trabalhos. Que ninguém se deixe vencer e tratemos de lutar constantemente contra a monarchia!

CARTA DE LISBOA

5 de março de 1895.

Como de ha muito se esperava, a auctoridade quiz assistir ás reuniões do congresso republicano.

Não ganhou nada com isso, pois o congresso dissolveu-se immediatamente. Não pode pois tomar-se nenhuma resolução definitiva, a não ser o assentar-se em reconhecer a organisação proposta pelos delegados do Porto, como a mais efficaz. Por isso elegeu-se no domingo na redacção do jornal o *Dia*, de que é director o sr. conselheiro Gomes da Silva, uma **comissão provisoria** para organizar ao sul do paiz o partido, como está sendo organizado ao norte.

Simplemente com este mandato foi eleita, e por isso votaram os delegados do Porto, Vizeu, Coimbra e o nosso amigo João de Menezes. Pelos outros delegados foi votada tambem uma comissão administrativa e outra de propaganda. E' de esperar da actividade dos nossos correligionarios de Lisboa que em breve concluem a organisação das commissões ao sul do paiz, para que depois seja eleito, por todas as commissões, o directorio que superintenda nos negocios de todo o partido.

Na noite de domingo houve um banquete a que assistiram varios congressistas das provincias e que terminou ás 10 horas da noite.

Os delegados do Porto, Coimbra, Vizeu e o nosso amigo João de Menezes, seguiram para o norte no comboyo das 8 horas. Iam todos animados da melhor vontade para a continuação dos trabalhos iniciados no Porto com tanta energia, talento e sobretudo honestidade.

— Sabiu a Reforma Administrativa. Certamente no jornal ha muito quem a esse respeito escreva com auctoridade scientifica. É reaccionaria, o que não admira.

— Continua a fallar-se em abstenção por parte dos progressistas, se forem dissolvidas as camaras. Tambem muitos entendem que os republicanos devem abster-se. Eu sou d'essa opinião. Se os progressistas tem motivos para isso, mais temos nós, pois o governo nos tem collocado fóra da lei. Quanto a mim o trabalho eleitoral dos republicanos deve ser só para eleições municipales. Enfim só mais tarde, quando estiver eleito o directorio, o partido decidirá.

— Effectuou-se sem chuva o comicio de Leiria.

D'esta vez a colligação liberal foi

tudo o que quizer. Tome-me aos dias, se tem necessidade d'alguem...

O sr. Santerre pôz-se a rir.

— Pois bem! seja, disse elle alegremente, tomo-te aos dias para amanhã, e, se trabalhares bem, terás tambem o teu escudo.

— A que hora é necessario vir, senhor?

— Mas fica; Labroche te dará de cear, Galand te fará uma cama de feno, e ficarás descansado para o trabalho.

— Pois se eu te dizia que o sr. Santerre é bom!... Tenho medo que a creança acorde; vou-me embora. Até á vista, sr. Santerre. Até amanhã, Cadet. *Hep! hep!*...

É a pequena Jenny saiu do pateo com o seu passo ligeiro.

— Desejaria saber, dizia ella consigo ao descer o arrabalde, que trabalho dará amanhã o sr. Santerre ao meu amigo Cadet.

V

O PALAIS ROYAL

Na terça feira, 14 de julho, pelas nove horas da manhã, uma bonita mulher voltou á esquina da rua de Beaune para o caes.

Ha dias no anno em que é impossivel ficar em casa. Abrindo os olhos, vê-se o ceu azul sem uma nuvem; ouvem-se os passaros a cantar; sen-

representada só por progressistas. Creio que se fallou muito em Liberdade e houve flores de rhetorica. O sr. Gomes da Silva não ponde assistir ao comicio. Consternação geral.

Joceli.

NOTICIARIO

João de Menezes

A *Vanguarda* cita, entre os que assistiram ao banquete republicano de domingo, o nosso amigo João de Menezes.

É menos exacta esta informação. O nosso collega não tomou parte no banquete.

Semana Santa

Constituiram-se em comissão os mesarios das irmandades do Senhor Jesus e de S. José, erectas na igreja de Santa Justa, d'esta cidade, a fim de angariar donativos de cera para a exposição do Santissimo em quinta feira maior.

Está aberto concurso por espaço de noventa dias para o provimento de cinco vagas da Faculdade de Medicina. Os concursos não serão provavelmente este anno lectivo.

Theatro-Circo

A companhia equestre que agora se encontra no *Theatro-Circo*, e que vinha precedida d'um justo renome, tem recebido do publico comimbricense as maiores demonstrações de agrado.

É innegavel que d'ella fazem parte artistas de bastante merecimento, que se fazem applaudir com justiça. Não podendo nós dar um *compte-rendu* completo dos trabalhos que a companhia tem apresentado, — o que nos levaria a considerar menos amavelmente alguns, se bem que poucos, — diremos, contudo, sem a menor sombra de favor, que na sua maior parte são dignos dos applausos que lhes tem sido dados.

Hontem estreou-se com notavel exito miss Enhart na dança serpentina a cavallo, trabalho d'um effeito surpreendente.

Pelo adiantado da hora a que escrevemos não nos é possivel relatar minuciosamente este espectáculo. No proximo numero nos referiremos aos trabalhos da companhia.

Começou hontem brilhantemente a defeza das suas theses o sr. Joaquim Mendes dos Remedios, licenciado em Theologia.

As theses que hoje defenderá inscrevem-se:

1.º As modernas hypotheses scienti-

te-se que, pelo meio dia, o calor será insupportavel; salta-se do leito, e diz-se;

— Vou sair e comprar flores; depois, virei para casa passar o calor.

Toilette ligeira, alegre e fresca, encaminha-se pelas ruas, pelos largos inundados de luz, fazendo soar os passeios com os pequenos tacões torneados

Como é formosa, uma mulher formosa! A da rua de Beaune calçava uns sapatinhos pequenos, com fitas em laço, sapatinhos que dobravam a cada movimento do pé pequenino. Um elegante vestido, de seda escura, moldava a harmonia do torço e dos quadris esculpturadas. Um *fichu* de rendas pretas, cruzado sobre o peito, atava a traz, sobre a cintura. Um pequeno chapen de palha — sem guarnições — pousava sobre os cabellos d'um loiro cendrado, que mais fazia sobresahir o brilho do olhar e a frescura do rosto. Teria vinte annos a formosa mulher.

Nariz rectilineo, labios vermelhos, rosto redondo, onde o sorriso cavava umas deliciosas covinhas, pés microscopicos, mãos bem feitas e bem tratadas, ia-se mirando ao caminhar, com esse contentamento infinito que toda a mulher sente ao conhecer-se bella, bem vestida, em plena posse de si propria, certa de agradar, porque possui a mocidade, a graça, o encanto...

ficas acerca do fim do mundo não são contrarias á religião christã;

2.º A hereditariedade não destroe a liberdade humana;

3.º Não ha obstaculos que invencivelmente se oppoñam a um accordo da igreja oriental e occidental, que aliás é muito para desejar;

4.º Não admittimos o divorcio.

São theses, como se vê, da mais palpitante actualidade, e é d'esperar que na sua defeza o sr. Mendes dos Remedios se continue a affirmar um argumentador de primeira plana.

São hoje arguentes os srs. drs. Araujo e Gama, Ribeiro de Vasconcellos, Martins, e Porphirio da Silva.

João de Deus

Hoje pelas dez da manhã partiram em comboio especial para Lisboa á festa do divino João de Deus os estudantes da Universidade.

A machina ia decorada por um trophéu de bandeiras portuguezas, sobre que se encruzavam duas grandes palmas. Acima do cruzamento das palmas, levantadas alto, a luzir como uma costodia d'ouro, a lyra do poeta divino, o divino João de Deus. Sobre as lanternas trophéus de bandeiras e flores frescas a sorrir como as notas alegres dos rapazes.

As carruagens vão pittorescamente decoradas de palmas, flores, pastas de quinto anno, e emblemas academicos.

Os estudantes reuniram no pateo da Universidade atravessando as ruas da cidade n'um rancho alegre, estudantina á frente.

Por todo o percurso vivas entusiasticos.

Boa viagem!

A academia de Coimbra leva a João de Deus um album despretençioso, cheio de versos como se fazem aos 19 annos, idade feliz em que toda a gente se sente poeta.

Mademoiselle Sertoris, uma intelligente alumna da escola *Brotero*, fez o retrato do poeta quando novo e aqui andava a estudar, dando-nos um João de Deus bohemio e sonhador, amante e poeta visto por uma alma delicada de mulher. Deve ser grata ao poeta esta lembrança gentil da academia.

João Vieira aguarellou sobre seda vermelha na capa do album uma lyra e um ramo de louro, leve mancha, feita a correr, simples cartão de visita.

Bastos, o delicioso carbonista dos arredores de Coimbra, bucolicos e ternos, como as paysagens d'uma melancholia ideal dos poetas quinhentistas, esbocou um canto do choupal, cheio de frescura e luz.

Antonio Augusto Gonçalves enquadrou alguns desenhos em decorações coloridas do mais bizarro aspecto, reproduzindo sitios de Coimbra — a *Universidade*, o *claustro de Cellas*, a *casa de Subripas*.

Os estudantes têm tenção de publicar o album offerecido a João de Deus.

No caes parou. Olhou á esquerda e viu sobre as duas margens do Sena duas filas de cavalleiros, de capacetes na cabeça, envoltos em capas brancas.

As suas palpebras ergueram-se, e o seu olhar, fixo nas massas militares, tomou de repente um reflexo verde que lhe dava uma expressão viril até á dureza. Depois, levantou os hombros num movimento de impaciencia, como para expulsar uma obsessão, e voltou á direita, seguindo a margem do rio. Caminhou assim um instante. A multidão enchia o caes sobre a margem direita; tomou pela Ponte-Nova e dirigiu-se á multidão.

Uma mulher, de pé á entrada da ponte, vendia flores; comprou-lhe um grande ramilhete e mergulhou immediatamente o rosto nas flores frescas, em que havia ainda gotitas d'orvalho. Os olhos, então, eram escuros, como que velados; o olhar vágo exprimia sensualidade; as narinas batiam e os labios estendiam-se como para receber o dar beijos. As rosas e a mulher eram tudo rosas; era a primavera, — não a de abril, mas a de maio, — a floração succedendo á seiva, a expansão natural, plena, radiosa, da mulher e da flor.

Atravessou o caes, embrenhou-se ousadamente nas sombras que separavam o Louvre das Tulherias; chego ao Palais Royal.

Legado Soriano

A Mesa da Santa Casa da Misericordia, em sessão d'hontem, proveu no logar de subsidiado pelo effeito de Simão José da Luz Soriano, vago pelo fallecimento do orphão José Maria Marques, o alumno do 2.º anno de preparatorios medicos, tambem orphão do collegio, Antonio José Marques.

Segundo as clausulas testamentarias, quando haja orphãos em condições de ser providos no logar, devem ser o independentemente do concurso.

Por ordem da direcção das obras publicas de Coimbra, está-se levantando a planta da Sé Velha e dos edificios annexos com o fim de construir uma galeria que permita reabrir as frestas que tinham sido condemnadas, parte no seculo XVII e parte no immediato por occasião do estabelecimento da Imprensa da Universidade.

Restabelecimento

Acha-se completamente restabelecida da doença que a reteve de cama durante alguns mezes a ex.^{ma} esposa do nosso amigo e acreditado banqueiro o sr. João Teixeira Soares de Brito.

A fome em Elvas

Estamos num paiz em que mesmo as providencias mais reclamadas pelos povos só são concedidas a instantes pedidos de influentes locais.

A crise cerealifera, que começou a alastrar-se por todas as populações visinhas da Hespanha, foi, em parte, combatida no districto da Guarda por uma concessão excepcional, feita ao respectivo governador civil e não ao povo, e que o ministro do reino teima em não estender a outros districtos em egualdade de circumstancias.

D'aqui resultaram já conflictos graves em Elvas, dos quaes só a monarchia é responsavel.

E assim continuaremos, enquanto não fôr dada a conveniente licção aos dictadores de contrabando que ahí estão a pejar o *Diario do Governo* de reformecas truncadas, em que ha sempre um *bico d'obra* que fica para outra vez.

Revisão de processos

Fundado num recente decreto dictatorial, que permite a revisão de sentenças penaes condemnatorias passadas em julgado, vae Urbano de Freitas promover a revisão do seu processo.

Diz-se que o seu advogado será o sr. dr. Alves de Sá.

Julgamos que, nos termos do decreto, o Supremo Tribunal de Justiça não auctorisará a revisão, salvo se, como se affirma, o condemnado apresentar novas provas da sua innocencia ou menor culpabilidade.

Ali, encontrou se de repente no seu meio. Pelo caminho tinham-na olhado, admirado; todos se afastavam para lhe dar logar; chegava com a auctoridade da omnipotencia, e entrava num grande espaço — cingido por tectos de ardosa illuminados, cheio de arvores de folhagem larga, no qual se apinhava uma multidão activa, febril, entusiasta.

Dez mil pessoas iam e vinham, acotovelando-se no jardim e debaixo das arcadas. O ruido das discussões partia dos cafes do rez-do-chão; mostravam-se cabeças ás janellas; rapazes, em cima de cadeiras, fallavam á multidão...

Aquella bonita mulher caminhava por entre os grupos, examinando os rostos, escutando algumas palavras dos discursos.

De repente, uma rapariga collocou-se-lhe deante:

— Compre-me um laço, minha senhora, — um bello laço com as côres nacionaes!...

A creança que fallava assim, muito baixa, trazia pendente do pescoco uma montra cheia de laços de fitas vermelhas e azues.

— São muito bonitos, os teus laços, minha filha, e queria comprar-te um; mas onde hei de eu pôl-o?

(Continúa.)

LOJA DO POVO

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietário o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chales-mantas de merino, merinos francezes, urmures pretos e uma variada collecção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, próprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

MENDES MARTINS

DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES

1 volume em 8.º, 400 reis

PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL

1 volume em 8.º, 600 reis

À VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

A. J. LOPES DA SILVA

Repertorio Juridico Portuguez

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 155000 reis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatna permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

FRANCISCO FRANÇA AMADO

ANTIGA LIVRARIA ORCEL
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

COIMBRA

Novidades litterarias

<i>Dr. Antonio de Vasconcelos</i> — Viriatho (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol.	350
<i>Eugenio de Castro</i> — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar. 1 magnifico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho	800
<i>Manuel da Silva-Gayo</i> — Os Novos. 1 — Moniz Barreto 1 vol.	400
<i>Alberto Pinheiro</i> — Alva. Com um prefacio de Eugenio de Castro. 1 vol.	700
<i>Manuel Anaquim</i> — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol.	500
<i>Alvaro de Albuquerque</i> — Matinaes (verso) 1 vol.	500
<i>Sousa Ribeiro</i> — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol.	500

Assignaturas para todos os jornaes de modas nacionaes e estrangeiros

QUESTÕES PRATICAS DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL ou Collecção de casos julgados por José Maria de Freitas

1 grosso vol. 13000, pelo correio 14050 reis

À venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

CODIGO DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR Decreto de 24 de janeiro de 1893 3.ª edição Acompanhado d'um bem elaborado indice alfabético

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a ÚNICA que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do Código do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo governo.

Preço 200 reis (FRANCO DE FORTE)

À venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

À venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

PREVENÇÃO

20 A actual direcção da escola dramatica «Alfonso Taveira e grupo Gil Vicentes», pede a todos os credores que apresentem as contas de seus creditos, bem especificados, no prazo de 8 dias, a contar do dia 8 do corrente mez, no estabelecimento do sr. Antonio José Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz, 1, para d'elles terem conhecimento.

Deixando de o fazer no prazo indicado, fica, para todos os effeitos, nulla qualquer conta antiga, apresentada depois d'aquelle prazo.

Coimbra, 6 de março de 1895.

A direcção.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

19 Neste estabelecimento encontra-se à venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

A' LA VILLE DE PARIS

Grandé Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sâ da Bandeira, 251—Porto

18 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20



17 AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 reis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

16 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, shoiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

15 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de para-raios, telephones, campalhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de Cimento da Companhia Cabo Mondego que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

POMADA DO DR. QUEIROZ



6 Experimentada há mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

PHAETON

14 NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

LIVROS DE MISSA

13 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, viellia etc.

CASA HAVANEZA COIMBRA

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344:000\$000

Fundo de reserva 203:000\$000

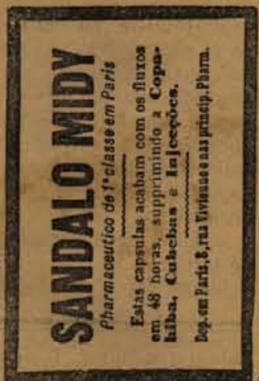
12 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobiltas ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Sôro anti-dypheterico

11 Vende-se na pharmacia Eicziario Ferraz, recebido directamente da Allemanha.

Arrenda-se

10 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. —Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.



SANDALO MIDY

Pharmaceutico de 1ª classe em Paris Estas capsulas acobam com os fluxos em 48 horas, suprimindo a Copalilha, Catebas e Infusões. De-se em Paris, 3, rua Vivienne na prinap. Pharm.

9 E. M. Coimbra — Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

8 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã às 3 da tarde. Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

7 Roupas completas para homem, de 5,000 reis para cima! Alta novidade!

Vinho de mesa puro genuino

5 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro.

Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.

ADS VIAJANTES

4 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica collecção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.



BENGALAS

2 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2 COIMBRA

1 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 6

COIMBRA — Domingo, 10 de março de 1895

1.º ANNO

Medite bem a nação!

—Attente bem o rei! Os desvarios do partido progressista, diz a imprensa governamental, as arruaças no parlamento, a colligação com republicanos, a campanha contra o pagamento dos impostos decretados em dictadura, as ameaças d'abstenção se fôr dictatorialmente decretada a reforma eleitoral e dissolvido o parlamento, têm robustecido extraordinariamente o partido republicano. E' necessario, para a manutenção do principio da autoridade, para a legitima defeza das instituições, que conserve no poder o actual governo, emquanto esse partido não entrar no caminho da normalidade, penitenciando-se devidamente dos erros commettidos.

— Repare bem o rei! As loucuras do governo, diz o *Correio da Noite*, os ataques á constituição, a suppressão das garantias individuais, a constante violação das leis, os actos de força apparente e realmente da mais requintada cobardia, têm tirado ás instituições o prestigio necessario para que possam viver. Muitos monarchicos vão engrossar as fileiras do partido republicano; os indifferentes entram na politica activa manifestando-se abertamente contra a monarchia.

O partido progressista não se regosija com isso. Primeiro que tudo e acima de tudo presa as instituições que felizmente nos regem, e por isso vê com a mais profunda magua os desatinos do governo. E' necessario que o rei expulso do poder esses aventureiros sem consciencia nem dignidade que o estão comprometendo. Realmente não lhe cabe responsabilidade alguma das tropelias praticadas pelo governo: o rei está illudido, os seus conselheiros têm-no enganado. E' certo, porém, que a nação o está odiando do mesmo modo que ao governo; torna-o solidario nas suas responsabilidades. Se ainda é tempo, entre o rei no caminho da normalidade, chame ao governo quem restaure o prestigio das instituições, rodeie-se de leaes conselheiros.

— Medite bem a nação! Os depositarios do poder, dizemos nós, que só a ella pertence, os que se comprometteram solemnemente a exercer as attribuições dentro das normas que ella soberanamente e legitimamente traçou, os que deviam pugnar até ao sacrificio para conservar illibada a sua honra tradicional, para promover incessantemente o seu progresso, estabeleceram como norma de proceder o mais abominavel arbitrio; de ha muito cavaram a sua ruina economica e financeira; têm, com o exemplo de muito alto, feito alastrar extraordinariamente a immoralidade em todas as classes sociaes; tiraram ás suas meliores energias individuais o incentivo para uma vida honesta e laboriosa dando os logares de maior consideração e mais bem remunerados a quem os sabe pedir mais politicamente entre a turba-mul-

ta dos famintos que os rodeiam; não fazem punir os grandes criminosos que roubam descaradamente o dinheiro com que ella honradamente contribuiu para as despesas do Estado, e demittem empregados laboriosos e dignos, advertem professores que cumprem honestamente os seus deveres, porque, descrentes de que a monarchia a possa salvar, fazem pacifica propaganda contra as actuaes instituições.

— Medite bem a nação! O partido que declarou ao proprio rei que elle havia faltado ao seu juramento praticando actos contrarios á constituição do reino; que affirmou solemnemente lutar primeiro que tudo e acima de tudo pela liberdade que nos foi legada pelos nossos maiores; que prometeu mantel-a custasse a quem custasse, doesse a quem doesse, jura agora pelo seu órgão mais auctorisado que primeiro que tudo e acima de tudo quer as actuaes instituições. O partido que lembrou ao proprio rei que lhe cumpria respeitar e fazer respeitar a lei fundamental; que o preveniu dos males que necessariamente adviriam do errado caminho que o seu governo estava seguindo, declara agora peremptoriamente pelo seu órgão mais auctorisado que nenhuma responsabilidade lhe cabe nos desvarios do governo. O partido que se mostrou justamente indignado pelo modo por que o rei respondeu ás advertencias que lhe fez, que recorreu para a nação pedindo que o desaffrontasse, que se impozesse soberanamente ao governo e ao proprio monarcha, fazendo respeitar as leis, cumprir a constituição, pede ao proprio rei que expulso o actual governo... para manter o prestigio das instituições.

— Medite bem a nação!

«O Conimbricense»

Este nosso illustrado collega faz, no artigo de fundo do ultimo numero, as mais rasgadas e categoricas affirmações acerca da sua attitude politica, declarando-se republicano. Só nos admiramos de que fosse necessario tanto tempo para que o illustre redactor d'aquelle jornal, decano dos jornalistas portuguezes e espirito accentuadamente liberal, se convencesse de que não é possivel salvar dentro da monarchia, já não dizemos os principios liberaes, mas a propria nação.

A monarchia só poderá arrastar uma miseravel existencia por meio da corrupção, calcando tudo o que ainda haja de digno e serio neste malfadado paiz.

Felicitemo-nos pela nobre attitude do *Conimbricense*.

Deve ter graça

Nos concelhos de 3.ª ordem o presidente eleito será administrador ou, antes, na conceituosa phrase do nosso collega o *Tempo*, espantoso administrativo.

Os membros da camara são cinco e, podendo o tal espantoso ser demittido das suas funções pelo governo, quando este os demitta todos antes de a camara terminar o seu mandato, quem ha de ella eleger presidente e espantoso administrativo?

O sr. Bispo-Conde e a exposição d'arte sacra

Escreve o *Primeiro de Janeiro*:

«O sr. Ramalho Ortigão fez um brilhante relatório-projecto de uma exposição artistica para o centenário do terremoto (arte sacra), propondo a organização d'uma comissão de prelados diocesanos para levar a effeito aquelle certamen, sob a presidencia do rev. bispo-conde de Coimbra.»

Declaramos de todo o principio, que não acreditamos que o sr. Bispo Conde, que tem dado sobejas provas de interesse pela arte do nosso paiz, empreste a auctoridade do seu nome á exploração d'um critico ousado, falho d'expedientes, sempre a provocar a publicidade, exteriorizando-se n'uma pretensão ridicula d'espirito superior, a chamar a glorificação que lhe fugiu desde que o abandonou o homem de genio que fez o seu successo d'empalmeador nas *Farpas*, desde que illuminou o acabar da sua carreira de critico o lapis do grande caricaturista do *Antonio Maria*.

Não pode ser! Uma exposição artistica não se improvisa d'um momento para o outro, em quatro mezes, a correr, sem trabalhos preparatorios, sem estudos demorados n'um paiz em que a historia da Arte está por fazer, e onde se não organizou ainda o inventario da sua riqueza artistica.

A ultima exposição d'arte ornamental levou mezes a preparar, apezar do trabalho arduo dos seus organizadores, alguns dos quaes, como o sr. Andrade e Sousa Viterbo, sabiam *ler e ver*, o que infelizmente não se dá com a maioria da gente d'esta nossa terra.

Se exceptuarmos os trabalhos de Joaquim de Vasconcellos, feitos fóra do gremio da exposição, e sob a escommunição maior dos seus organizadores, estudos d'uma erudição tão solida, impregnados da boa orientação historica, fructo d'uma vida inteira sacrificada a procurar nas bibliotecas, archivos, museus e collecções do paiz e de fóra materias unicas para a historia da Arte em Portugal, se exceptuarmos esses trabalhos, não encontraremos na litteratura ou na arte vestígios da exposição d'arte ornamental em que se gastaram contos de reis ás dezenas.

Ficou apenas um catalogo mal feito, cheio de desenhos graciosos, alguns até finamente apontados, mas escolhidos a esmo, reproduzindo apenas um ou outro objecto mais pittoresco ou mais rico, deixando de lado obras que conviria registrar, não n'um apontamento ligeiro, mas em desenho minucioso e detalhado.

Não appareceu nem durante a exposição, nem depois, um trabalho de catalogação e serieção methodica dos objectos expostos, dos quaes se não estudaram as origens, nem se avaliaram o merito e a importancia.

Carlos Relvas não foi mais feliz no album luxuoso da exposição de arte ornamental, nem no prologo, nem na escolha aos objectos, nem no arranjo pretencioso e sem caracter artistico das suas reproduções photographicas. Da exposição d'arte ornamental ficou o catalogo, mal elaborado, d'uma erudição falsa, simples enumeração de objectos raros, curioso como um testamento de conde medieval, ou inventario d'um convento antigo, ou a descrição do enxoval d'uma princeza que foi a casar fóra.

E isto fez-se em mezes, com homens de valor, a trabalhar de boa vontade; e para isto se gastaram contos ás dezenas.

Para que uma exposição d'arte portugueza mal organizada? Para que mais dinheiro ao vento? Para que continuar com a exhibição doentia d'um passado de riqueza e d'um presente de indigencia de educação artistica? Para que usar dos expedientes gastos, sem alcance, e sem effeito d'ocasião por já conhecidos?

A historia da Arte tem, neste seculo ultimo da vida portugueza, representado o mesmo papel que a critica do sr. Ramalho Ortigão — um papel simplesmente decorativo.

Ha uma visita real? Uma camara que nunca pensou na pobreza do canteiro, e no oleiro humilde, move-se e improvisa discursos sobre o *nosso passado tão rico*, sobre os recursos d'este paiz *tão bem dotado*, sobre as qualidades e aptidões *excepcionaes* dos seus artistas.

Se ha escola industrial, vão ordens! E os professores guiam a mão inconsciente dos alumnos na confecção d'obras *reveladoras da mais decidida vocação*.

Passa o rei, e o artista continua a arrastar o pesado carrão do ensino industrial, vagorosamente, esquecido, sem incentivo e sem protecção.

O sr. Bispo-Conde não pode dar o prestigio do seu nome a uma obra sem alcance, nem auctorisar a exhibição theatral d'um critico fallido, e sem rehabilitação possivel.

O sr. Bispo-Conde que se vê tão pouco ajudado nos esforços de conservação das reliquias artisticas do seu bispado, tem um dever mais alto a cumprir — a continuação da sua obra, que os maus fingem não ver ou em que mordem, obra que será a sua glorificação futura e que é humilde e modesta e escondida como a obra da caridade do evangelho.

Na ultima exposição colombina o sr. Bispo-Conde recusou os objectos do seu thesouro. Aplaudimos então, como hoje. Quem tem auctoridade, não dá o apoio a tarefas de desperdicio e sem utilidade.

S. ex.ª teve uma justificação brilhante: na exposição, de que era organisador e commissario o sr. Ramalho Ortigão. Deterioraram-se preciosos quadros gothicos, e desapareceu, *não se sabe como*, a patena do calix d'Alcobaça que já anteriormente tinha sido roulado, *não se sabe por quem*.

E' bom que se lembrem d'isto os prelados e os artistas portuguezes.

A exposição representa uma inutilidade e um desperdicio. Não deve fazer-se.

O sr. Ramalho pode dar-se já por bem satisfeito; que a imprensa diz: que o seu relatório-projecto é brilhante...

T. C.

Sempre caçando...

D. Carlos, á volta de Villa Viçosa, onde os seus prodigios venatorios se contaram por milhares, entrou em casa de João de Deus, para caçar uma sombra da popularidade do grande mestre. Mas enganou-se. D'esta vez... errou fogo.

Contra o rei!

Emquanto o *Correio da Noite*, descarrega o monarcha de todas as responsabilidades que, na miseravel situação presente, lhe cabem, a *Provincia*, do Porto, órgão também do partido progressista, declara sensatamente:

«A final é uma santa historia a affirmação de que o rei é mal aconselhado pelos ministros. O que nos asseveram é que os ministros são aconselhados pelo rei, e que este já lhes lançou em rosto a sua timidez e o seu receio de haver uma revolução. Até se acrescenta que a sr. João Franco disse, em conselho de ministros, que o rei lhe communicara que, se o governo tinha medo de ir para a frente, elle chamaria quem fizesse mais audaz.»

«Nós acreditamos em tudo isto.»

Cada vez julgamos mais urgentemente necessaria a dissolução do partido progressista, — para que esses homens desprezidos, que de monarchicos têm só o nome, possam tomar o caminho que o bem da patria a todos aponta:

— **O caminho da Republica!**

E o caminho

O nosso valente e presado collega A *Provincia* num energico artigo de fundo intitulado *A comedia eleitoral*, declara:

«O partido progressista pode morrer, como partido monarchico. Assim será! Mas levantar-se ha, transformado n'um agrupamento mais poderoso, mais avanzado, ativo no seu papel de restaurador da patria humilhada, e severo no ajuste de contas com todos esses sicarios da liberdade e delapidadores dos cofres publicos. Desapparecia o partido progressista da monarchia, para se converter no partido progressista da republica.»

«Pois julgam que haverá ahí um correligionario que, se o sr. José Luciano de Castro abandonar a politica activa, se handeará com os Navarros e Mariannos, esses transugas politicos, esses renegados que ahí estão todos os dias a crivar as envenenadas pennas no partido a quem devem tudo o que foram no tempo em que... o paiz ainda os não conhecia?»

«O correligionario, que tal fizesse, não seria verdadeiro progressista, e não passaria de um reles canalha e de uma safada creatura.»

Estimamos vêr assim confirmado plenamente o que dissemos no ultimo numero da nossa jornal. Publicada a reforma eleitoral e dissolvido o parlamento, o partido progressista abster-se-á da luta eleitoral e deixará de ser monarchico.

O elevado conceito em que temos a maioria dos homens que dirigem esse partido já nenhuma duvida nos deixava a esse respeito. Da monarchia nada ha a esperar.

Elles e a corôa

No artigo editorial do *Correio da Noite*, de 5 do corrente, lêem-se as seguintes palavras:

«... Mas esse regosijo não existe porque antes de tudo e acima de tudo, prezamos as instituições que nos regem...»

O normando é nosso. Não para que se frise aquella incoherencia, o que seria futil, tratando do *Correio da Noite*, mas para que bem se note a que ponto baixou a consciencia d'essa gente que anda a explorar com semelhantes processos.

Sim, é aquillo! Uma vez a patria antes de tudo, outras o rei acima de tudo.

E, afinal e em resumo, elles sempre e sempre abaixo de tudo com o seu incoherente procedimento!

«Povo da Figueira»

Recebemos o primeiro numero d'este nosso presado collega da Figueira da Foz.

Batendo-se pelo mesmo ideal que guia os nossos passos e arma o nosso braço, a visita do *Povo da Figueira* é sempre bem vinda á nossa redacção.

Brilhantemente redigido, sob uma fórma desenvolta e vibrante, correcto e cavalheiresamente leal mas também decididamente energico, apparece em campo como um combatente aguerrido, que avança para um recontro heroico.

Os nossos applausos, os nossos cumprimentos, e, todos por um e um por todos, eia para a frente!

A reforma administrativa

Iamos dizendo que um dos pontos em que a reforma administrativa mais se distinguia era nos criterios que estabelecia para a classificação dos concelhos. Vejamos.

Serão de 1.ª ordem os concelhos das capitães de districto e outros que sejam assim classificados em virtude da importancia da sua população agglomerada e do seu incremento industrial ou commercial. Serão de 2.ª ordem os que, não estando nessas condições, forem sédes de comarca ou, não o sendo, forem como taes classificados porque dispõem de sufficientes recursos para custear, sem extraordinario gravame dos municipios, os encargos do concelho d'esta categoria ou porque a distancia, a difficuldade de communicções com a séde da comarca, ou ou-

tra razão igualmente ponderosa de utilidade publica

aconsehe esta classificação. Serão de 3.^a ordem os restantes, reservando-se o governo a faculdade de supprimir aquelles que não tenham as precisas condições e recursos de autonomia municipal.

Nada mais nitido! Os criterios são: a população, a industria, o commercio, os recursos para custear as despesas do municipio, a distancia e difficuldade de communicações com a sede da comarca ou outra razão de utilidade publica.

Mas não se diz, commentam alguns, qual deve ser a população, por onde graduar a importancia da industria e do commercio, como calcular os recursos e despesas do municipio, não se fixa a distancia da sede da comarca e, para remate, permite-se o uso da analogia. Ora, affirmam estes retardatarios, sendo preferível uma má lei ao arbitrio por parte dos governantes, devia indicar-se na reforma administrativa tudo isso.

Outros aventam, mas estes são com certeza mal intencionados, que o governo bem pôde, dentro das faculdades conferidas pelo decreto, impôr-se aos concelhos obrigando-os a satisfazer todos os seus caprichos, designadamente os eleitoraes, sob pena de serem classificados na 2.^a ordem em vez de o serem na 1.^a; de serem incluídos na 3.^a em vez de o serem na 2.^a, ou de morrerem ás mãos vingativas d'um ministro.

Mas nem uns nem outros têm razão. O governo, sempre inspirado no interesse publico que tem dictado todos os seus actos, saberá promover a satisfação das necessidades locais, manter as tradições municipaes, muito mais vantajosamente do que se fosse consignada na lei essa velha theoria dos criterios mathematicos que despoticamente se imponham. Nada ha que se imponha tanto como a utilidade publica, e foi para que ella já mais deixasse de animar os actos do governo que este a repelliu.

E fez bem! Além d'isso ninguém pôde acreditar em que as localidades cedam ás pretensões do governo, quando não sejam legitimas. Estamos num paiz em que vigora o systema representativo, isto é, em que a nação é quem dicta a sua vontade, sendo o governo obrigado a obedecer a ella. Esta é que é a verdade, digam o que quizerem esses tresloucados que para ali andam a falar em despotismo.

A nação é livre, repetimos. Concordamos tambem plenamente com a disposição da reforma que confere ao governo a escolha dos presidentes das camaras municipaes de Lisboa e do Porto entre os cidadãos eleitos para ellas, e com a disposição que lhe attribue essa mesma faculdade relativamente a todas aquellas que recebem do governo subsidio superior a 1:000\$000 réis, sem distinguir entre 1.^a, 2.^a e 3.^a classe. Pôde dizer-se que o presidente de qualquer corporação deve, acima de tudo, merecer a confiança dos membros da corporação, do mesmo modo que esta deve merecer a confiança dos seus municipes, e que portanto aquelles devia competir a sua escolha. Grande erro! O que se torna necessario sobretudo é evitar que haja desharmonia entre a auctoridade administrativa, representante do interesse publico, e o presidente da camara, representante dos interesses municipaes, e como o interesse publico deve predominar sobre o local, a primeira auctoridade municipal deve estar dependente do governo. A fiscalisação dos seus actos, a annullação ou revogação dos que forem contrarios ao interesse publico não é sufficiente. Está amplamente demonstrado.

Os municipios de Lisboa e do Porto têm levantado embarços ao governo? Applique-se-lhes já o remedio salutar. Para os que de futuro quizerem mostrar a sua independencia, um subsidio de 1:000\$000 réis no orçamento do Estado, subsidio que pôde ser concedido indepenentemente de representação do municipio, no que o governo revelará a sua rasgada generosidade, que será pago do mesmo modo que o estão sendo as quantias que o governo deve ás camaras pelos trabalhos de viação municipal.

Já viram governo mais previdente? E ainda ha quem o julgue funesto ao paiz! Nós, é o escusado dizel-o, somos d'opinión contraria.

A ACADEMIA E JOÃO DE DEUS

Ha bem pouco nós, academicos, no alvorecer da vida, a sorrir-nos a illusão d'um futuro cheio de luz e felicidade, amantes da natureza, do bello, do sublime, fomos com o calor que o sangue dá aos vinte annos quando o coração pulsa fortemente e o cerebro vibra intensamente entregar as palmas da nossa admiração, do nosso culto a João de Deus, o homem mais genuinamente portuguez e o portuguez mais genuinamente poeta da nossa litteratura contemporanea.

Bem levantada e digna foi a nossa homenagem a um vulto tão proeminente das letras patrias.

Organisação sublime de poeta aquella!

As suas poesias ligeiras, singelas como rosas silvestres, repassadas de pureza e sentimento, filtradas através d'aquella alma sem macula são d'um lyrismo admiravel, ideal: parecem imagens de boninas reflectidas na retina de seus bellos olhos negros, avelludados, apresentadas depois por aquella linguagem inimitavel tal qual são na natureza.

À gente não as lê: o espirito aspira-as, vêde:

Como os teus pés são lindos! como é doce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo humilde labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te fazer tão pobre!

E estes versos d'uma simplicidade quasi desesperadora, quem os consegue imitar?

Ninguém. E' d'este, só d'este. Até agora não houve escola que o modificasse, meio que nelle influísse nem annos que o transformassem.

Hoje, que os cabelos brancos lhe emolduram a ampla fronte, canta como cantava em estudante junto dos salgueiros do Mondego, como cantava em creança pelos montes da sua aldeia. João de Deus é poeta desde o berço: os annos só o fizeram homem e depois velho. Aquella alma é sempre a mesma, fresca, juvenil: a tensão das cordas d'aquella maviosa lyra invariavel, constante.

Fel-o poeta o bello sol do formoso Algarve; o azul sem igual d'aquelle ceu e as flores d'aquelles campos infuluram poderosamente d'aquella organisação.

Nasceu, cresceu, fez-se alli n'aquella recanto do nosso bello Portugal.

Hoje, não obstante estar em Lisboa, a sua voz conserva-se maviosa como d'antes, cantando nos pomares da sua aldeia, porque a sua alma não está lá: anda pelas campinas beijando as petalas das rosas, aspirando o perfume dos laranjaes, bebendo o nectar dos lyrios e ao voltar a si elle lança no papel o que ella lhe trouxe do seio da natureza, perfumado, casto e puro como um beijo de virgem.

Cumprimos o nosso dever porque um cerebro e uma alma assim raro apparecem na vida d'um povo. Admiramos o que é uma gloria.

Agora lembremo-nos que esse homem que festejamos, ama mais do que ninguém a sua patria e que os males que a alanceam o pungem dolorosamente; por isso na primeira pagina do volume que lhe offerecemos desejaria que elle lesse—Nós, homens d'amanhã, n'um esforço commum tentaremos levantar do abysmo em que se afunda, a sua, a nossa bella patria.

O futuro não nos sorri muito; não. O ceu não se mostra azul; pelo contrario no nosso horizonte carrancudo, sombrio, accumulam-se negras e densas nuvens prestes a resolverem se numa tempestade medonha. Evitemol-a ainda se é tempo. A despreoccupação é muitas vezes como agora, um crime.

Viver das glorias passadas; estacar no presente; não pensar no futuro, é ficar-se uma geração para ali, ajuda com alguns restos de força e vida, estagnada neste enorme e vastissimo pantano da nossa sociedade onde pululam todos os germes da corrupção. Olhemos este pobre paiz que se debate nas vasças d'uma agonia terrivel enrolado nos andrajos d'um regimen velho, gasto, que o arrasta enlameado e faminto, tropeçando na retaguarda da grande marcha evolutiva da sociedade, que leva na vanguarda altiva e

donairoza a França, desfaldando ao vento a bandeira do Progresso.

Oh! arranquemos-lhe esses farrapos, acalentemol-o com o calor da nossa idade, fortaleçamos lhe o sangue e então a vida voltar-lhe-ha.

E elle, velho fidalgo, respeitado hontem, arruinado e desprestigiado hoje, por terra desfleio o seu braço, poderá ainda levantar o amanhã como outr'ora a admiração do mundo inteiro.

Os anhelos d'aquella alma candida de poeta serão, não os choques violentos, medonhos, das paixões e das misérias que ameaçam convulsioñar o nosso povo, destruindo, devastando tudo, mas a paz, o socego e o bem estar que resultam da harmonia, do equilibrio perfeito de todas as nossas forças. E esse equilibrio depende de nós.

Elle, como a tímida andorinha, não quer o furacão que revolve o oceano até ao mais recondito dos seus abysmos, quer a brisa que levemente encrespa a superficie crystalina dos lagos.

Leotte du Perier.

João de Deus

João de Deus!
A ti, querido poeta do amor, a ti, alma serena como um lago onde correm barcos que são doces bergos de creança—te enviamos, nestas palavras simples, as orações do nosso culto.

Desejariamos poder tomar a tua figura nos braços, beijar a na fronte e depol-a a ella, tão infantil e meiga, no berço da historia. Pedir ao genio popular da nossa patria as suas trovas, ás raparigas adolescentes e puras a musica dos seus beijos, ao espirito meridional da nossa raça o susurro ondulante das suas chimeras,— formar com tudo isso um canto glorioso e ao som d'elle embalar-te pelos seculos eternos.

Pequenos de mais para levar até ti o ruido das nossas palmas e o fogo do nosso espirito, ó querido poeta immaculado, junto de ti ajoelhamos, como no remanso d'uma capella que tivesse no altar a imagem d'um santo,— com uma palma entre os dedos magros e uma corôa de lyrios na fronte pura.

Nas festas a João de Deus

Escreve o *Seculo*: Houve, porém, um discurso, pequeno e curioso, que não sabemos quem o proferiu, mas que podemos colligir inteiramente, e que reproduzimos, porque elle é bastante para dar a idéa clara e nitida do que foi a festa de hontem.

Disse o orador:
«Em nome de todo o povo, eu beijo a mão ao maior dos poetas! Invoco nesta hora o nome de todas as mães para beijar a mão áquelle que ensina a ler as creancinhas!»

Estas palavras, de facto, dizem tudo quanto se poderia dizer a respeito de João de Deus!

Estas palavras a que se refere o *Seculo* foram pernunciadas pelo nosso collega João de Menezes.

O premio da Patria

Este seculo teve em Portugal tres homens extraordinarios pelo talento e pelo caracter.

José Falcão, Anthero e João de Deus. Tres aguias que parecem sahidas do mesmo ninho.

A primeira num vôo rasgado quiz proteger com as suas azas santas esta Patria.

A monarchia tentou no fim da vida mandal-o prender.

A segunda, depois de soltar um canto feito com notas de todos os clarins de revolta, fugiu para o espaço, envergonhada de tanta miseria e envolta num sudario negro, até cahir no chão como uma montanha que desaba.

O paiz chamou lhe doido e esqueceu-o.

A terceira andou sempre no espaço infinito e risonho, branca como um cygne, na alma um côro de bengãos e preso no bico, chimera alada, um barco de creança.

O governo no dia da sua consagração, mandou-o citar por uns miseraveis mil réis que injustamente foram extorquidos á sua pobreza.

Camões soffreu mais, mas em vida, com certeza, não teve razões para sentir tanto nojo...

LITTERATURA E ARTE

IDYLLIO

(FRAGMENTO)

Primavera, pela tarde...

Preoccupado ia descendo o pastor, a caminhar, o olhar admirado sem se voltar para traz a ver a ermida de NOSSA SENHORA DO DESTERRO, que deixara e que mal se enxergava ao longe, lá no alto.

Como era novo o paiz, tão diferente da serra,—o valle!

Que cheiro o das flores de primavera, humido e penetrante.

O monte acabava de repente no campo que se estendia ao longe muito baixo. Quasi ao fim um grupo d'arvores, cheias de folhas novas, d'um verde muito fraco ainda, pallido, d'uma mancha indecisa e redonda, como a dos corpos novos a crescer. De lá o ribeiro campos fora, azul em brillos de prata ao sol ia como um ferro d'arado corlando a relva verde-tenra.

Parara a olhar admirado aquellas terras novas, as cousas que nunca vira, dobrado a procurar na relva as flores escondidas de que sabiam aromas tão estranhos, tão fortes e tão bons.

Estalou perto um riso de crystal, e elle assustado encolheu-se todo a olhar.

No ribeiro ia entrando devagar uma rapariga a arregaçar as saias, muito curvada a fallar á agua que descia a rir depois de morder-lhe os pés; do seu collete vermelho subia uma onda de carmin que ia incendiando lhe as faces pallidas, accendendo reflexos d'ouro fulvo no cabelo frio, louro de linho por côr. Da curva da anca esguia subia o tronco fraco, o peito afilado até ao pescoço cheio de tons diluidos de rosa, e sombras apagadas de seda azul-lilaz.

No corpete estreito rompia agudo o seio novo e forte, a saia pobre de baeta azul atenuava os reflexos brancos de aço, com que o rio luminoso cortava a carne dura, vermelha de frio.

Como ELLA era bonita, parada no meio do regato, o rosto tingido de transparencias côr de rosa, dobrada a ver as flores que cahiam dos seus cabelos desatados, e se iam arrastadas rio abaixo, violentamente, á força, sempre a redemoinhar e a voltarem-se para traz na saudade das tranças que deixavam...

E ELLE, que de mulheres nunca conhecera senão NOSSA SENHORA DO DESTERRO, ia descendo a medo, os olhos muito abertos, a olhar, sem fazer barulho, muito devagar, não fosse ELLA fugir-lhe.

Assim chegou á beira do regato sem ELLA o ver, toda entretida a entrançar os cabelos com os seus dedos de leite rigidos e afilados como as agulhas a tecer.

Ajoelhou junto da margem, beijando a relva deitada, ainda entorpecida do afago dos seus pés brancos e leves.

Cravou-se a caricia fina do olhar d'ELLA entre as espadas fortes do pastor debruçado a ver-lhe a imagem no ribeiro, toda em tons de veludo e seda como a dos lyrios. Debaixo d'agua encontraram-se os seus olhares, e ELLE inclinou a cabeça muito devagar, a bocca aberta a commungar, até tocar com os labios seccos a agua transparente e fria, tentando sorver-lhe a imagem.

Ouviu-se um grito, pequeno, como um gemido d'ave, e do fundo azul da ribeira fugiu a imagem d'ELLA como uma nuvem branca puxada pelo vento.

Erguen a cabeça o pastor e viu-A a correr, onvia-se ainda o ruido humido dos seus passos, como se fossem a dar-lhe beijos breves os labios grossos da terra.

Ficou-se ELLE, as mãos na relva, o pescoço estendido, o olhar perdido ao longe. No fundo d'ouro pallido do poente ia-se gastando a sua sombra a sumir-se.

Quasi ao fim do carreiro inclinou-se o seu corpo a colher uma flor, num movimento delgado como gesto de salgueiro, e os cabelos, ainda por entrançar, cahiram-lhe pesados d'ouro sobre a terra, deixando romper o brilho azul do seu olhar pequenino, a oscillar medroso, como uma lampada atraz d'um raro dourado em altar de Sauto. A relva levantava-se fina como uma lamina d'aço a vibrar de vida á restea de luz d'aquello olhar que ia perder-se todo na escuridão dos olhos immoveis do pastor.

Apagou-se o olhar d'ELLA, e erguen-se o seu vulto a caminhar, o andar felino e lasso.

O pastor levantou-se e poz-se a seguil-A, deixando-se ir tão leve ao sopro do vento que ao longe andava a brincar com o vulto d'ELLA.

Muito depressa ia! Nem sentia a relva, que ha pouco acariciara o olhar d'ELLA, e toda a tremer ainda de vida se levantava a morder-lhe os pés d'inveja.

ELLA já mais perto, muito devagar, fallava a todos os arbustos, deixando-se abraçar pelos seus ramos delgados em que corria forte o sangue da primavera, mergulhando o rosto nas flores que lhe estendiam os labios, como boccas de creanças a estalar de beijos perfumados.

T. C.

Rica defeza

Uma das quatro ou cinco folhas que ainda defendem sem restricção alguma os actos praticados pelo governo escreve, em defeza do celebre artigo 446 do codigo administrativo de João Franco, que a doutrina nelle consignada esteve em vigor desde 1833 a 1878 e que tem por base a independencia dos poderes.

O primeiro argumento tanto serve para defender o artigo 446 da reforma administrativa como os mais res abusos de que as legislações têm sido largos repositórios.

Quanto á independencia dos poderes não sabemos que podesse ser invocada para fundamentar uma disposição que é evidentemente destinada a cobrir os maiores abusos, principalmente nas epochas eleitoraes.

Que, invocando esse fundamento, se discutisse se os funcionarios administrativos deviam responder perante tribunaes especiaes ou perante o poder judicial, vá; mas que se affirme que esses funcionarios não possam ser accusados sem auctorisação do governo, isso só a imprensa governamental é capaz de o fazer.

A razão não será difficil de descobrir.

Martins de Carvalho

Do vibrante artigo inserto no *Conimbricense* pelo honrado decano dos jornalistas portuguezes, artigo a que já nos referimos na primeira pagina do nosso jornal, transcrevemos esta apreciação justa do estado dos negocios publicos em Portugal.

«A administração publica tem sido uma serie de desbarates do dinheiro dos contribuintes; os syndicatos escandalosissimos tem surgido para enriquecer os grandes potentados; a lei fundamental tem sido audaciosamente rasgada nas suas principaes disposições; as liberdades, pelas quaes o exercito libertador tanto pugnou, tem sido afrontosamente escarnejadas; e a esperança do paiz, para o remedio dos seus males, na actual forma de governo, está de todo perdida.

«E isto succede num paiz onde, como se acaba de ver, nas diferentes revoluções politicas, se não fallava em republica.

«Que extraordinaria transformação se tem operado nos ultimos annos!

«A revolução republicana não está em Portugal realisada de facto, mas está effectuada nos espiritos, e contra essa revolução não ha coacção possivel.

«O governo que ahi se acha gerindo os negocios publicos, praticando os mais audaciosos actos contra a lei fundamental, e que parece ser composto dos mais furibundos ministros de D. Miguel, de nefasta memoria, concorre mais do que ninguém para se desenvolver, de um modo assombroso, o partido republicano em Portugal.

«A reforma administrativa por elle agora publicada é um composito de attentados contra todas as liberdades civicas.

«Os ministros de D. Miguel trabalhavam activamente, com as suas perseguições e intolerancia, para a victoria do partido liberal.

«E os actuaes ministros trabalham com o seu condemnavel proccimento, para a victoria do partido republicano.

«O tempo lhes mostrará o resultado dos seus actos.

«Entre a monarchia, quasi absoluta, que ahi existe, e a republica, o nosso caminho está naturalmente traçado.

«Não queremos saber de homens, mas d'ideias, de principios e de garantias liberaes.

«Pretendem arremessar-nos para a reacção absolutista?

«Pois nós, como cidadãos livres, havemos de nos manter firmes em o nosso posto de honra, lutando sempre contra esses tramas, ominosos e liberticidas.

São palavras honradas, juizo abonado por uma vida inteira de trabalho e honestidade. Folgamos de citar as palavras do decano dos jornalistas, que vem alistar-se nas fileiras republicanas no fim da sua vida, dando um exemplo de força e de coragem aos novos,

Carta de Lisboa

8 de março de 1895.

Hoje treguas á politica. Acordei hoje outro, mais rapaz. Dormi o sono dos 19 annos, sono que eu já não durmo ha tanto tempo, cheio de sonhos alegres em que andava a recepção dos estudantes de Coimbra, o chegar da machina levantando adeante a lyra d'ouro sobre palmas verdes, o voar das bandeiras ao vento nervoso como o agitar d'um lenço feminino. Maravilhoso o aspecto feerico da estação á noite no esperar dos estudantes do Porto, todo cheio do balouçar dos balões venezianos suspensos em bengalas.

Em tudo andei a rir e a gritar, como um rapaz, sem ninguem reparar nos meus cabellos brancos. Davam dez horas no Carmo quando eu abri a janella do meu quarto que dá para o Rocio. O tempo era frio, cinzento, a paisagem afogada em tons pulverulentos de nevoeiro branco, apagada e indecisa como o esboço d'um quadro a pastel. O sino do Carmo repetia as horas e eu sorria-me a lembrar o epigramma tão conhecido do João de Deus ao tocar da cabra. E' ao tocar da cabra não é! Eu nem já me lembro... toca a capello... Em baixo passavam capas ao vento, cabeças descobertas de estudantes, a cara alta a sorrir, como em paiz conquistado.

O cortejo dos estudantes fez-se sempre no maior entusiasmo, sob uma chuva torrencial, numa marcha triumphal pelas ruas em que se apinhava curioso e contente o publico a applaudir, sempre aos vivas para as janellas em que se debruçavam as senhoras sempre a rir e sempre saudadas.

Foi notada a correcção dos alumnos da casa pia, collegio militar, e a animação e o entusiasmo em fogo dos estudantes das escolas superiores que nem reparavam nas ondas dos policas em serviço e fiscalisar.

Na casa do poeta foi enorme a ovacão ao apparecer ás janellas os estandartes dos estudantes, saudados por uma salva de palmas prolongada, entusiastica.

Muito applaudido tambem João de Menezes o talentoso moço, orgulho do partido republicano, caracter immaculado, alma d'ouro que se apollerou do publico logo ás primeiras palavras do seu pequeno improviso cortado de brados, d'applausos e de salvas de palmas.

As janellas que se conservaram cheias, mesmo ao debandar do cortejo, estavam sem ninguem mais tarde, quando passou a procissão dos passos. O album dos estudantes de Coimbra tem estado exposto na livraria Gomes, sendo elogiado com admiração os desenhos de Bastos, Gonçalves e Vieira. O mau tempo não deixou tocar as lunas durante o cortejo. Apenas se ouvia a musica da casa pia. João de Deus esteve todo o dia ro-

deado d'amigos, pallido, por vezes muito commovido, quasi a chorar. O Rei foi visitar o Poeta condecorando-o com a gran cruz de Santhiago, a mesma que o pae deu a rir-se quando o Brazão fez o Oihello. . . A glorificar João de Deus, no meio da mocidade em festa, ninguem viu os filhos do Rei de Portugal!

Dr. Guilherme Moreira

Afim de visitar seu ex.^{mo} irmão, e tratar de outros assumptos, partiu para a capital do Norte, este nosso querido amigo e collega da redacção.

Partido republicano

Reuniram os nossos correligionarios de Barcellos a fim de eleger a sua commissão municipal, que ficou composta dos cidadãos seguintes: dr. Martins de Lima, medico e proprietario; Gonçalo Pereira, capitalista e proprietario; Manuel Vianna, proprietario; padre Antonio Lima, director do Banco de Barcellos; Evangelista Costa, proprietario e capitalista; Gonçalves Cruz, pharmaceutico; Manuel Moreira, capitalista; João d'Oliveira, negociante; Abel Finza, proprietario e capitalista; Manuel Azevedo, negociante e proprietario; Neira Guimarães, capitalista e proprietario; Faria Gago, proprietario; Antonio Azevedo, negociante; Manuel Ferreira, industrial; Alves Faria, pharmaceutico. Os tres primeiros cidadãos constituem a commissão executiva.

Alegra-nos este movimento que se vae alastrando em todo o norte do paiz produzindo entusiasmo e confiança em todos que se interessam pela sua regeneração, que só poderá realizar-se com a proclamação da Republica, governo unico capaz de fazer reviver o espirito nacional abatido por tantos desenganos.

Felicitemos os nossos correligionarios de Barcellos e que não desanimem nos trabalhos encetados.

Dr. Vasconcellos

Acha-se incommodado o nosso amigo e illustre lente de Theologia sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Anthero e Sousa Martins

Consta-n'os que em breve vae sahir o livro que o sr. Joaquim d'Araujo anda promovendo em homenagem ao grande poeta Anthero do Quental. Alem de varios artigos notaveis, insera um estudo da extranha personalidade de Anthero, — que de antemão se diz extraordinario e devido á penna brilhantissima de Sousa Martins. A personalidade psychica de Anthero é um dos grandes problemas da psychologia humana. Compreende-se por isso o interesse do estudo de Sousa

Martins, um medico de enorme talento, que se propõe elucidar a figura do poeta, em cujo espirito correu a chama devoradora d'um genio incomparavel, envolta na penumbra, aliás muito esbatida, d'uma organisação morbida.

A litteratura portugueza não é rica em trabalhos d'este genero. Algumas passagens brilhantes em Camillo, em Fialho, etc., mas nada mais, e isso mesmo tão somente lufadas de inspiração de crateras em indisciplina.

Esta nova producção de Sousa Martins vem, pois, abrir um sulco novo n'um terreno quasi virgem.

Ainda bem. D'ahi resultará um capitulo importante para uma sciencia ainda titubante, sobretudo entre nós, alem do esclarecimento scientifico e consciente que d'ella advirá para a obra de Anthero, o poeta de phantastica estatura.

Accrescendo, é claro, a prova de uma outra modalidade do seu espirito que Sousa Martins nos vae dar, augmentando os seus creditos de homem eminentemente superior. Superior e que occupa um logar primacial na medicina portugueza, a despeito da má vontade de alguns idiotas subalternos.

Dr. Manso Preto

Acha-se quasi de todo restabelecido do incommodo que ultimamente soffreu, este nosso amigo e dedicado correligionario.

Congratulamo-nos de poder noticiar as melhoras de tão prestante e honrado cidadão.

Noticiario

Tem estado doente o sr. dr. Manoel Novaes, muito digno empregado no Governo civil.

Desejamos o seu prompto restabelecimento.

Arte portugueza

O sr. conego Prudencio Garcia vae publicar brevemente uma collecção valiosa de documentos ineditos, que vêm lançar muita luz sobre a historia dos artistas e da Arte em Portugal.

O livro é precedido de um prefacio do nosso collega dr. Teixeira de Carvalho, que estuda a evolução da historia da Arte em Portugal, e particularmente a Arte do Renascimento em Coimbra.

O livro deve ser posto á venda em outubro.

Foram 292 os passaportes passados no governo civil d'este districto no mez de fevereiro.

Emigram os homens validos fugindo á fome que os tortura neste paiz empobrecido pelos desvarios de um governo despota e sem comprehensão dos seus deveres.

É triste!

— Lá em baixo, no fim da rua de Santo Antonio, ha oito torres, cujos canhões estão apontados contra nós. Oito torres, cercadas de fossos, sem accesso, inexpugnaveis. Estas torres são uma prisão, e nesta prisão gemem as victimas da tyrannia. É preciso tomar esses canhões; abrir essa prisão, e libertar essas victimas!... Á Bastilha.

— Á Bastilha! repetiu a multidão. Esta palavra passou como um furacão sobre o Palais Royal.

— Á Bastilha! Á Bastilha! E não se viam senão cabeças desvaibradas, olhares de fogo, boccas abertas, e braços estendidos, armados ou desarmados.

O rapaz tirou uma pistola da cinta, tomou-a na mão esquerda e saltou da cadeira com o punho no ar.

De repente parou. Tinha visto a linda mulher do bouquet de rosas. Aproximou-se d'ella com o chapéu na mão:

— Peço perdão em me dirigir á senhora, sem ter tido a honra de lhe ser apresentado. A senhora comprehende-me; eu vou tomar a Bastilha... Perce-me, porém, que me bateria com mais valor se me desse uma das rosas do seu bouquet.

Ella corou muito e fez um movimento. — Talvez eu morra! ajuntou sorrindo o rapaz.

Cerração da Velha

Dizem-nos que o grupo de gentis senhoras, que promoveram na segunda feira de entrudo a brilhante recita do Fausto, tencionava quebrar a monotomia da mi-carême, realisando uma recita no Theatro de D. Luiz. Levat-se-ha á scena, alem do Fausto, um arreglo da Cavallaria rusticana.

Nesse mesmo dia haverá nas salas do gymnasio um sarau offerecido ás familias dos socios.

Teremos, pois, mais uma noite de festa e alegria.

O nosso talentoso collega João de Menezes foi eleito por aclamação para presidir a assembleia academica que se realison no theatro Avenida, depois da chegada dos estudantes de Coimbra a Lisboa.

Em phrases eloquentes e vigorosas, agradeceu o nosso collega esta manifestação de sympathia que lhe fez a academia de Lisboa, e que elle bem merece.

Partiu para o Rio de Janeiro o nosso amigo Mario Basto, redactor da Alvorada. Boa viagem lhe desejamos, e que veja realizados os seus melhores desejos.

Operação feliz

O sr. Manoel Gonçalves Castanheira, do Bolho, foi operado de catarata, nesta cidade, em casa do sr. José Tavares da Costa.

Operou o sr. dr. Sousa Refoios, auxiliado pelo sr. dr. Daniel de Mattos, — dois grandes clinicos de largo folgo e vastissimo saber. O resultado da operação não podia ser mais satisfatorio pelo que felicitamos o sr. Gonçalves Castanheira.

Não havia outra coisa a esperar de resto, visto assistirem-lhe os dois illustres homens de sciencia que são positivamente pela variedade das suas aptidões e singular relevo do seu talento, duas brilhantes glorias da medicina portugueza.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 21 de fevereiro de 1895.

Presidencia — bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes, bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos.

Arrematou em praça a passagem ao porto do rio Eça.

Auctorisou o presidente a fazer o estudo necessario para a criação d'um partido medico, que comprehenda as quatro freguezias da cidade e para se providenciar sobre o assumpto por

Então, com a mão tremula, tirou uma das rosas e off-receu lh'a.

— Obrigada!... obrigado senhora!... E partiu, seguido d'uma multidão de combatentes improvisados.

Ella viu-o affastar-se, e seguiu-o com o olhar, commovida e perturbada, durante muito tempo.

A sombra que velava os seus olhos, tinha desaparecido: agora eram azues.

VI

A PRIMEIRA FAÇANHA DE CADET TRICOT

Em uma noite o aspecto de Paris tinha mudado.

Os pavimentos das ruas levantados serviam de barricadas contra as cargas dos cavalleiros allemães. As mulheres tinham amontoado nas janellas as vasilhas, moveis e utensilios, afim de os arremessarem sobre a cabeça dos soldados. De distancia a distancia, haviam cavado grandes buracos, para fazer cair ahí os cavallos.

Os sinos tocavam a rebate, e, como se este signal geral não fosse bastante, muitos homens percorriam as ruas tocando campainhas. Os tambores rufavam. De todos os quarteirões centraes de Paris sahia um grande ruido, semelhante ao d'uma tempestade. De todas as ruas que desembocam na rua de Santo Antonio irrompiam ondas huma-

nas.

meio d'orcamento supplementar, em vista d'ordens recebidas das estações superiores por virtude da extinctão do logar de delegado de saude.

Attestou acerca de tres petições para subsidios de lactação a menores.

Mandou fazer alguns melhoramentos no terreno destinado á matança do gado suino, junto ao edificio do mata-douro.

Mandou fazer orçamento para a reparação dos telhados do edificio dos Paços do Concelho.

Auctorisou a presidencia a mandar levantar em tempo opportuno o muro, que desabou, do cemiterio da freguezia de S. Martinho do Bispo.

Mandou que fossem intimados alguns proprietarios da freguezia de S. Martinho do Bispo, para reduzir ao estado primitivo o terreno d'um caminho publico que occuparam com arvores e com vedações que fizeram nas seus predios.

Resolveu pagar a E. Beraud a quantia de dois contos e quinhentos mil réis, por conta da divida de quatro contos, que se resta das obras executadas para o abastecimento d'aguas.

Mandou descontar o vencimento d'um dia a cada um dos quatro vigias dos impostos, por irregularidades commettidas.

Auctorisou avencas para o consumo de agua.

Auctorisou o pagamento d'algumas folhas d'obras.

Adoptou a conta da gerencia do anno findo, apresentada pela presidencia, observando-se as formalidades da lei e lendo-se o parecer da commissão nomeada para o exame e verificação d'ella.

Despachou requerimentos, auctorizando exumações e trasladação d'osadas no cemiterio da Conchada; a construção de duas casas na rua do Tenente Valadim, segundo o alçado que approvou; a vedação d'um predio na Ribeira de Frades, sem occupação de terreno publico; e em iguaes condições a vedação de um olival junto da estação do caminho de ferro e a d'uma propriedade nos Casaes do Campo; a substituição de quatro arvores na estrada do Botão, junto d'um predio particular; mandando annunciar de novo que se arrendam em praça pelo corrente anno os impostos indirectos da freguezia de Trouxemil; reclamando acerca do prejuizo que alguns proprietarios de Souzellas estão soffrendo com arvores plantadas nos comoros da linha ferrea, junto do mesmo logar; e resolvendo que um deposito feito para a construção d'um muro ao Theodoro fique servindo de garantia ao cumprimento de liberações para apeamento do mesmo muro.

— Indeferiou um requerimento acerca de pagamento d'impostos indirectos, devidos por generos, que se dizia terem sido adquiridos para consumo particular, e outro para a abertura d'algumas frestas em uma casa em Cellas, na parte da mesma casa que olha para uma propriedade do municipio.

Não se viam senão andrajos e uniformes, desgraçados de braços nus, e guardas-francezes fugidos, barretes de lã rotos e capacetes brilhantes, uma amalgama de todas as cores, preto, branco, vermelho, azul, uma mistura de todas as classes, artistas, negociantes, padres, soldados...

Os de Saint-Marceau chegavam com o cura de Saint-Etienne-du-Mont, Gabriel Levrée de Penonne á frente. Um outro cura, Lefèvre, distribuía cartuchos no Hotel de-Ville. O abbade Fauchel marchava á testa d'um grupo de combatentes, dizendo:

— Foi a aristocracia que crucifou Jesus!... Os de Saint-Denis que, na vespera, tinham roubado o trigo do convento de Saint-Lazare, não pensavam já senão em roubar polvora.

Os 20-000 camponeses famintos que ha um mez acampavam nas alturas de Montmartre, tinham descido a pedir armas; e, por um milagre, toda a gente tinha encontrado armas.

Era uma floresta de alabardas, paus, facas, fouceis...

As lojas dos armeiros tinham sido saqueadas. Tinha-se arranjado tambem espingardas nos Invalides. O arsenal tinha fornecido a polvora.

No Hotel de-Ville, os efeitores delliberavam; o povo movia-se na rua.

(Continúa).

6 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

V

O PALAIS ROYAL

— Colloca-o no chapéu, que te fica muito bem.

A rapariga poz-se a rir. A senhora tirou uma moeda, e pegou em um laço.

— Dá-me um alfinete!

Depois d'isto, pregou no chapéu as cores da cidade de Paris.

— E-tá bem assim? perguntou a senhora.

— É tão verdade estar bem, como eu chamar-me Jenny Combat!

Neste momento, um rapaz chega do lado opposto.

Estava uma cadeira vazia; apoderase d'ella e salta para cima:

— Meus senhores, chego de Versailles. Havia lá um ministro que amava o povo — Necker.

Necker tinha partido nessa noite, expulso pela rainha e por a nobreza. As ruas estão occupadas militarmente, e a Assembleia Nacional delibera no

meio das bayonetas. Ao longo da rua estaciona a cavallaria. Todos trazem o laço verde do conde d'Artois. Alliados estrangeiros cercam Paris. Nassau está em Versailles; Reinach e Diesbach em Sévres; Salis-Samadé em Issy; Bercheny occupa a Escola Militar; Royal-Cravate acampa em Charenton. Paris está ameaçado de todos os lados. Domingo, os cavalleiros de Lambesc massacraram-nos nas Tuilleries; hontem, os eleitores decidiram que se armassem os notaveis. Quatorze mil homens, eram suficientes para a policia; mas não para a defeza. Á tarde reclamámos, e o numero foi elevado a 48:000. Havia apenas 12:000 espingardas, mas fabricaram-se lanças, e esta tarde toda a população estará armada. Então voltaremos, e, já que nos desafiam, nós lhes faremos frente... Eis aqui as novas, meus senhores. Versailles ameaça Paris: Paris se defenderá!...

— Paris se defenderá? disse uma voz. Mas defender-se é proprio de fracos e Paris é forte!... Defender-se de quem? Atacar é que é preciso!...

Um novo orador salta sobre a cadeira.

Era tambem moço. O seu fato estava em desordem. A sua grande cabeça ergula se radiante de entusiasmo. Os seus olhos negros brilhavam. A sua bocca pronunciava as palavras como se fossem gritos da alma...

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

A. J. LOPES DA SILVA

Repertorio Juridico Portuguez

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 15,5000 réis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatura permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

FRANCISCO FRANÇA AMADO

ANTIGA LIVRARIA ORCEL
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

COIMBRA

Novidades litterarias

Dr. Antonio de Vasconcellos — Viriatho (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol.	350
Eugenio de Castro — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar. 1 magnifico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho	800
Manuel da Silva-Gayo — Os Novos. I — Moniz Barreto 1 vol.	400
Alberto Pinheiro — Alva. Com um prefacio de Eugenio de Castro. 1 vol.	700
Manuel Anaquim — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol.	500
Alvaro de Albuquerque — Matinaes (verso) 1 vol.	500
Sousa Ribeiro — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol.	500

Assignaturas para todos os jornaes de modas nacionaes e estrangeiros

MENDES MARTINS

DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES

1 volume em 8.º, 400 réis

PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL

1 volume em 8.º, 600 réis

A VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

CODIGO

DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR

Decreto de 24 de janeiro de 1895

3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabetico

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a UNICA que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do Codigo do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na fórma, pelo governo.

Preço 200 réis
(FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

QUESTÕES PRATICAS

DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL

ou Collecção de casos julgados

por José Maria de Freitas

1 grosso vol. 1.8000, pelo correio 1.8000 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

LOJA DO POVO

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietario o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chailemantas de merino, merinos francezes, urmures pretos e uma variada collecção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, proprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

17 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

16 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de pára-raios, telephones, campainhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas. Tem grande deposito de Cimento da Companhia Cabo Mondego que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofle, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moínes e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

15 AS verdadeiras machinas

SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.



A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Cordas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

14 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

7 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

EDITAL

O dr. Guilherme Alves Moreira, Provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

13 Faço saber que na secretaria da mesma Santa Casa se achará patente por espaço de 8 dias, a contar do dia 11 do corrente mez, o projecto do 2.º orçamento supplementar ao ordinario do corrente anno economico, a fim de todos os interessados o poderem examinar e a seu respeito apresentarem, dentro do referido prazo, quaesquer reclamações ou observações escriptas. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este que vae ser affixado no logar do estylo. Secretaria da Misericordia de Coimbra, 7 de março de 1895.

Guilherme Alves Moreira,
Provedor.

LIVROS DE MISSA

12 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA
COIMBRA

Vinho de mesa puro genuino

11 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro.

Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÊDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 203.000\$000

10 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martias de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

PHAETON

9 NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

Fernão Pinto da Conceição CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

8 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

AOS MESTRES D'OBRAS

6 Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2^m,50 X 0^m,35 a 0^m,65 de largo, e 0^m,04 a 0^m,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.

Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Bomba para incendio ou jardim

5 Vende-se uma quasi nova e por metade do seu valor. Quem pretender dirija-se ao sr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

Arrenda-se

4 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. — Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

AOS VIAJANTES

3 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica collecção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.

Sôro anti-dypheterico

2 Vende-se na pharmacia Eleziario Ferraz, recebido directamente da Allemanha.

BENGALAS

1 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

“RESISTENCIA,”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 7

COIMBRA — Quinta feira, 14 de março de 1895

1.º ANNO

Coimbra e as ideias republicanas

N'esta medieval cidade, ainda hontem cheia de conservantismos tradicionais, ergue-se hoje uma numerosa phalange revolucionaria que, de olhos na Republica, procura ardentemente a salvacão da Patria. Aqui, dentro d'este burgo antigo, onde o pó dos seculos parecia ter-se encastellado junto ás portadas que dão para o Progresso a fim de, para todo o sempre, impedir que se abrissem de par em par, congregam-se agora todas as classes, nem-se n'este momento todas as vozes, para, fortes pela união e pela fé, contra rei e governo, erguerem brado de exterminio que salve o misero Portugal.

Tomam parte, no concerto supremo, alguns professores da Universidade. Habitados, pelo estudo das sciencias, ao desprendimento que torna mais vivo o amor da Patria e ao culto da verdade que assegura o respeito alheio, esses homens de posição elevada, a cujos esforços está entregue a direcção da mentalidade portugueza, não trepidaram um momento: e, na solemne affirmacão da sua fé republicana, foi lavrado um ardente protesto contra a immoralidade dominante. Ouvindo por todo o paiz e por grande parte perfilhado, esse protesto foi coberto de multiplices adhesões de inestimavel preço.

Na velha terra universitaria, o exemplo foi proficuo. De todas as classes se destacaram elementos sãos; e logo o commercio, a industria, a arte, o capital, o trabalho se congregaram com o professorado para formar um nucleo partidario de incalculavel força.

Esta corrente, que desviou Coimbra da linha conservantista que, pelo passado, parecia ser-lhe essencialmente ingenita, accentuou-se, por fórma inequivoca, nos ultimos dias; em presenca de todas as academias portuguezas, synthetisando-as e representando os seus ideaes, a Academia de Coimbra deu testemunho eloquente e perduravel de quanto adora a Patria e quanto deseja a Republica.

Para que esta convicção entre nos animos, bastará lembrar a maneira superior a toda a expectativa como os academicos se conduziram nas festas a João de Deus. Não podem tributar-se com esse entusiasmo hossanas tão calorosas ao Poeta que bem mereceu da Patria e que a concretisa, não podem arrancar-se do peito saudações tão vibrantes e tão prolongadas áquelle que, descerrando os veus da ignorancia á creancinha e ao operario, derrama brilhante luz em direcção ao futuro, — sem que, ao mesmo tempo, palpitem com immenso ardor n'esses espiritos abertos a todas as grandes causas o desejo supremo de salvar a Patria, isto é, sem que por essa mocidade festiva corra em labaredas o sentimento revolucionario que ha de conduzir-nos á Republica.

Mas ha ainda, para corroborar o nosso asserto, o confronto entre essas manifestações espontaneas,

vivas, calorosissimas, e o acolhimento frio e desdenhoso, que D. Carlos mereceu aos centenaes de academicos que em Lisboa, no sarau de D. Maria, o tiveram, largas horas, bem á vista. Compare o rei os applausos que, n'esta e em outras terras do paiz, lhe têm consagrado alguns miseraveis comprados pela policia, com essas palmas, bravos, vivas e flores, tributados por milhares de rapazes ao genial Poeta; recorde-se, por outra parte, de que nem um só viva essa mocidade ruidosa lhe endereçou, de que, nos centenaes de corações ardendo em amor da Patria, cheios de fogo e de alegria, nem um só, ao menos por desvario, lhe conferiu uma saudação; e comprehenderá que, na angustiosa miseria a que Portugal chegou, já ninguém se illude sobre o futuro da monarchia e que, pessoalmente, lhe falta, além das outras condições, o prestigio indispensavel, segundo os publicistas mais orthodoxos, para continuar reinando n'este paiz desgraçado. Pense ainda o rei quão inutil lhe foi essa caminhada a casa do Poeta...; e terá comprehendido que, no momento presente, amar a Patria, glorificar João de Deus, fazer a apothiose do grande portuguez, é arrancar Portugal da monarchia e lançal-o resolutamente no caminho da Republica!

E não pára aqui a eloquencia dos factos.

Medindo as academias pela craveira moral dos apaniguados, João Franco, de cerebro obtuso em tão subido grau que não viu a significação d'aquelle confronto, offereceu feriado aos estudantes comtanto que o fossem pedir ao rei.

Esses milhares de rapazes, que alli estayam glorificando a synthese da Patria, estacaram, frios, severos, nobilissimos na sua vibrante energia, e responderam ao humilhante convite:

— Não!

Não! Essas almas de patriotas não poderiam por forma alguma dirigir um pedido ao representante da monarchia! Não! Esses espiritos juvenis, desinteressados das falcatruas orçamentaes, livres na expressão do seu sentir, que é o do paiz inteiro, não poderiam acceitar o expediente palaciano que João Franco lhes apontava.

Responderam bem. E nunca a sua attitude de viva fé republicana se exprimiu, por forma collectiva, tão unanime, tão vibrante e tão nobre.

Honra, honra aos academicos do paiz! Honra á academia de Coimbra!

PREVENÇÃO

O governo, sem motivos, faz espalhar boatos alarmantes, impressionando a opinião publica e preparando uma pavorosa. Agentes da policia, disfarçados em conspiradores, não são estranhos a manejos que podem encontrar desprevenidos os republicanos.

Cautela e muita prudencia. As impaciencias só aproveitam á monarchia.

Uma carta de Guerra Junqueiro

Temos hoje o prazer inegalavel de communica-los a nossos leitores a carta que o sublime poeta, Guerra Junqueiro, escreveu ao nosso devotado collega dr. Antonio Coimbra, por occasião do acto brutal e infamissimo que o expulsou d'um logar exercido com escrupulosa rectidão e probidade:

«Meu nobre irreligionario

A admiravel attitude de v. ex.ª perante a canalhice monarchica torna-o credor da minha sympathia e do meu respeito.

O seu procedimento foi d'homem e de patriota. Revelou um caracter.

E é de caracteres, sobretudo, que a nação precisa para salvar-se. A crise verdadeira não é a economica; é a moral, a das consciencias. E nesta hora triste cada consciencia que se afirma vale individualmente, por si propria, e collectivamente, pelo exemplo. Tudo na vida é contagioso e solidario. O acto que v. ex.ª praticou repercutir-se-ha, com maior ou menor intensidade, em muitos milhares d'almas. As ideias de dever e sacrificio só d'esta fórma se incutem: havendo alguém que as realice. Prêgal-as não basta.

Creia-me seu admirador e amigo,

Guerra Junqueiro.»

Reitor galopim

Conta a Provincia:

«Diz-se que o sr. Costa Simões mandou dizer para a M-alhada que não fizessem manifestações contra a reforma administrativa, porque o sr. João Franco lhe assegurava que o conselho não seria suprimido, e seria classificado na segunda ordem. Era o que faltava o sr. Franco fazer esta pirraça ao seu docil-Reitor da Universidade... Era uma ingratitude sem nome... Seria isto o que determinou o sr. Reitor a ser o triste executor dos actos vingativos do coveiro da monarchia?»

Tempos houve em que havia na Universidade alguns *Reitores-Reformadores*; agora ha o *Reitor galopim*.

Francamente, ha casos em que a certidão de idade põe um limite á latitude da critica...

Não sejamos, pois, deshumanos.

Martins de Carvalho

É profunda a impressão que causou o artigo do nosso collega *O Conimbriense*, em que o redactor d'essa folha, espirito eminentemente liberal, declarava que havia descrito completamente dos partidos monarchicos e por isso se filia no republicano. Certa imprensa, para attenuar o effeito produzido por tão nobre e patriótica affirmacão, diz que o sr. Martins de Carvalho não se declarou republicano. Como resposta ahí vae o que escreve *O Conimbriense*:

O nosso artigo

«Tem produzido enorme effeito o nosso artigo do numero passado—*Assim o querem assim o tenham*».

«Na integra, ou em parte tem já sido transcripto pelos nossos collegas da *Resistencia*, de *Coimbra*, *Seculo*, *Dia*, *Vanguarda*, *Folha do Povo*, *Diario de Noticias e Correio da Noite*, de Lisboa; junctando-lhe esses collegas comentarios, que manifestam a conta em que tem o referido artigo.

«Um nosso prezado amigo d'esta cidade, ancão de 83 annos de idade, e cidadão muito considerado, dizia no sabbado ao terminar a leitura do nosso artigo—*Associei-me na minha mocidade com os liberaes que pugnavam pela Carta Constitucional, na creença de que as suas disposições seriam fielmente cumpridas*».

«Agora, porém, em presenca dos attentados que o governo está praticando contra as garantias liberaes, acho-me necessariamente de accordo com a doutrina do *Conimbriense*, e ao lado do seu redactor Martins de Carvalho.

«Estou velho, mas não hei de ver impassivel escarnecer dos homens que lutaram pela causa da liberdade.

«Ao terminar a vida vejo-me nas fileiras republicanas, para onde me arremessaram esses absolutistas, que estão no poder. A responsabilidade é d'elles.

«Isto é authentico.

Joaquim Martins de Carvalho

Bagatellas

O respeito e os disvelos, de que hoje se cercam os monumentos da arte antiga, não representam simplesmente o capricho e dilettantismo, mais ou menos sentimental, quer como titulos de vaidade patriótica, quer como meras curiosidades historicas. O espirito utilitario do seculo considera-os, além d'isto e sobre tudo, como incentivos de educação e cultura publica; como fontes de suggestões felizes para a renovação mental da arte, dentro das tradições estheticas de cada povo.

É principio indiscutivel, e seria já agora excentricidade ou ineptia contrariar um facto, que por toda a parte tem a acceitação unanime.

A *escola economica*, que quer que o estado se conserve neutral perante a arte, apenas delega essas attribuições na iniciativa particular. É certo que nos Estados-Unidos o governo não se preocupa das questões de arte, como não cura de tantas outras respeitantes á instrucção publica.

Nesta grande nação, que ha um seculo conquistou a autonomia, florescente em toda a pujança da sua actividade, com todas as energias da sua raça privilegiada, que a si mesmo se sabe dirigir na plena liberdade da emancipação, a intervenção do poder central é inutil na maior parte das questões que immediatamente interessam a sua prosperidade social. O seu admiravel senso pratico dá á sua acção uma força invencivel.

Por toda a parte surgem sociedades que criam escolas, museus e exposições para os operarios das industrias decorativas, e os donatarios espontaneos e abundantes correm em auxilio de todas as empresas educadoras.

Nas sociedades caducas do velho mundo, onde esse vigor de acção se acha pouco menos que atrophiado na centralisação sempre desconfiada e oppressiva pelas peias da ordem; que tem de avançar lentamente na estrada do seu passado historico e das tradições consagradas, seria arriscado confiar do espirito e das contingencias dos recursos particulares essa missão, da qual depende o futuro das nações.

A civilisação tão agitada tem exigencias inludiveis e na vida commum dos povos é um perigo adormecer na inactividade.

Ora nisto, como em tantos outros assumptos, a nossa situação nacional é incomparavel.

De longe em longe uma ou outra voz na imprensa e no parlamento tenta despertar a attenção governativa para o abandono em que se vão desfazendo os monumentos historicos.

Em 1875 foi nomeada uma commissão, que durante largo tempo alimentou os noticiarios e incendeu a fé nos corações ingenuos. Pouco depois porém, sem se saber como, a commissão tinha baixado á terra, preche de boas intenções e de planos frustrados.

Como rastro unico da sua existencia deixou em documento publico o extracto das actas, onde se encontram os depoimentos mais vergonhosos das obscenidades e sevicias exercidas sobre as reliquias d'arte, que aos governos cumpria proteger religiosamente. É um libello de accusação em fórma, para edificação do paiz!

Depois d'isso os desacatos, as depredações e os latrocinios, em vez de serem punidos pela acção dos tribunales, têm sido, pelo contrario, subtraídos á apreciação do publico, em nome das conveniencias e do decoro!

Por taes processos se tem esgotado o paiz; e os escandalos são de todos os dias!

D'entre quem escolherei um, ainda recente e quasi de todo ignorado. O facto é rigoroso na essencia, embora possa corrigir-se com alguma variante nos accessorios.

No convento da *Madre de Deus* existiam quatro baixos relevos, não sei se no genero do de marmore de Carrara, que figurou na exposiçao d'arte ornamental, moldurado em majolica de Della Robbia.

Quando quizeram recolher as preciosas obras do extincto convento ao Museu nacional, soube-se com espanto que, por um abuso fraudulento, elles se achavam depositados, como caução numa casa de penhores de Lisboa.

A indignação das repartições respectivas attingiu proporções apoplecticas. Chefes e amanuenses, de pernas tremulas, vociferaram de iracundia; e de secretaria para secretaria estabeleceram-se um tiroteio de officios interminavel e ruidoso. As mangas d'alpaca gemeram na ejaculação laboriosa de apostrophes circumspectas!

Foi uma lucta aspera e medonha!...

No entretanto um audacioso Marquez, cujo nome nos não occorre neste momento, sobrepticamente levantava o penhor; e quando findaram as estupantes e ronceiras delongas burocraticas, os sumptuosos medalhões estavam a bom recato e sem remissão. E o Marquez, enlão no periodo do seu prestigio, de braço dado com um ministro de escrupulos faceis, ria de galhofa, porque bem sabia que a soleira do seu palacio era a balisa limitrophe alem da qual não passaria a reivindicacão da justiça.

Por successos posteriores, é bem de ver que os baixos relevos lá foram de foz em fóra!

Ora occorrencias ignobeis d'esta ordem: vandalismos e roubos, — com uma frequencia que se converte em normalidade, não só impunes mas com assentimento e collaboracão dos poderes publicos, — isso é que pôde affirmar-se afoitamente, e com testemunhos á vista, — só neste delicioso torrão se vêem!

A.

O sr. Resurreição

O propheta que escreve os psalmos da Resurreição tem estado doente. Por isso o elogio biblico do sr. secretario da Universidade está suspenso por alguns dias. Mas não se desconsolle o sr. José Joaquim, que nem por muito madrugará se resuscita mais cedo.

A reforma administrativa

Estivemos quasi convencidos de que deviamos impugnar com toda a energia de que somos capazes uma das disposições consignadas no novo codigo administrativo do sr. João Franco. A campanha da imprensa liberal contra o n.º 6 do art.º 368 que não permite, exceptuando os casos nelle especificados, recorrer para o supremo tribunal administrativo dos actos e despachos do governo que offendam as leis ou lesem direitos adquiridos, causou-nos um profundo abalo.

Allgurou-se-nos até que o governo havia decretado uma disposiçao eminentemente despótica, que tinha descoberto um meio effizaz para offender impunemente as leis e os direitos individuais que não sejam garantidos por leis especiaes.

Não nos deixamos, porém, arrastar pelas primeiras impressões. Reflectimos maduramente sobre o assumpto, e chegamos, depois de algumas hesitações determinadas pela maldita propaganda da imprensa liberal, á conclusão de que nem nesse ponto era vulneravel a reforma administrativa. A denegação de recurso contra os actos e despachos do governo por que se offendam as leis e se lesem direitos, constitue uma necessidade social de tal ordem que o governo, não obstante o espirito rasgadamente liberal que tem manifestado em todos os seus actos, não podia deixar de a decretar.

Em primeiro lugar, era essa a doutrina que se achava firmada na nossa legislação, e o governo não podia, ou, pelo menos, não devia alterar a no estado em que actualmente se encontra o país. Lavra profunda a anarquia, nota-se uma tendencia extraordinaria para a revolta contra os poderes constituídos, e o governo tem o rigoroso dever de calcar a constituição, desaccatar as leis, lesar os mais sagrados direitos, não só para evitar que haja manifestações contrarias ás instituições vigentes, mas ainda para favorecer os cidadãos que se colloquem ao lado d'elle prestando-lhe apoio para levar a bom termo a tarefa que se impoz.

Fazer o contrario seria um contra-senso.

E' verdade que a nossa jurisprudencia, baseando-se nos §§ 2.º e 3.º do art. 5.º do decr. com força de lei de 29 de julho de 1886, aceitou como doutrina corrente que era permitido recorrer contra os actos ou decisões do governo que offendessem direitos adquiridos, as leis ou os regulamentos. Mas essa doutrina era erronea. Os ministros não são autoridades administrativas.

E' certo que ha uma administração central, mas já não o é que ella assente sobre o ministerio, que este represente a unidade administrativa dos serviços publicos. Dizer que os ministros desempenham funções administrativas e que, portanto, se devem chamar e são autoridades administrativas, é sustentar doutrina contraria ao nosso systema politico e á... grammatica, que tambem deve ter voto na materia.

Em segundo lugar, quando se facultasse o recurso contra os actos do governo offensivos das leis e dos direitos individuaes, isso só serviria, no nosso magnifico regimen politico, para agravar a sorte dos desgraçados que recorressem a esse meio para se desaggravarem. Esse recurso dava-se para o supremo tribunal administrativo que, pelo recrutamento dos seus membros, por se tornar necessaria a homologação do governo, em regra, para que tenham força os seus accordãos, e ainda por outras razões, não podia offerecer aos recorrentes serias garantias. Que o diga o sr. Peito de Carvalho e as associações dissolvidas de Lisboa. Louvamos, pois, o procedimento do governo, tirando aos lesados qualquer esperanza illusoria que o tal direito de recurso nelles fizesse gerar.

Mas ha uma razão que convencerá ainda os mais renitentes. É a que vamos expôr em terceiro lugar.

O governo pôde ver-se forçado, sempre por causa do interesse publico e com grande magua sua, a offender os direitos individuaes, infringir as leis e os regulamentos. Ora, para julgarem do tal interesse publico, não são competentes tanto os tribunales judiciais ordinarios como os especiaes. Esses podem até julgar, suprema loucura!, que o interesse publico impõe a impreterivel observancia da lei.

Ora como podia o governo ir confiar a um tribunal, que revestisse de certas condições de independencia, a apreciação dos seus actos contrarios á lei mas inspirados pelo interesse publico? Os desacertos, os erros, as offensas ao sacrosancto principio da auctoridade não se fariam esperar. As instituições perceriam com certeza. E cumpre salvar-as, por mais que isso custe á nação.

Mas, se qualquer tribunal não é competente para julgar dos actos do governo, outro tanto se não dá com o parlamento. Este, que é indubitavelmente a mais refinada expressão da soberania governamental, digo, nacional, comprehende admiravelmente o que seja o interesse publico. Tem-no revelado d'um modo inequivoco.

Portanto elle julgará dos actos do governo. E' verdade que não fixa indemnisações a quem for lesado nos seus direitos, e verdade que não pôde fazer executar a lei, mas saberá elogiar o governo, votar moções de confiança, mesmo que os governos fallam descaradamente á verdade como na celebre *questão do Casengo*, que tenham protegido afillnados delapidando os cofres do Estado como se deu com a celebre *questão da predio onerado*, com a *da outra metade* e com a *das Lamas do Tejo*.

E' que o parlamento sabe muito bem que os actos do governo são inspirados pelo interesse publico.

Oh! se sabe...

Los enemigos pagados

Dizem as *Novidades*:

«El Tiempo, o diario liberal orgão de Silvela, referindo-se á circular que o governo portuguez expedia ao reitor da Universidade, applaude-a, fazendo notar ser precisamente aquella a doutrina republicana em França. E remata:

«En Francia no se admiten los catedráticos monarchicos. Sólo aqui se toleran los enemigos pagados.»

«É exacto. Só em Hespanha... e em Portugal, apesar da circular a que se refere, e já depois de publicada.»

A phrase hespanhola é grosseira e infamemente calumniosa. Traduz, por fórma ainda mais aviltante, a referencia ao famoso **pão da monarchia**, com que estes lebreus sem pudor tanto se esfalfaram ha dias.

A infamia da tal folha hespanhola só pôde ser excedida pelo comentario das *Novidades*, que envolve uma ameaça do governo aos professores republicanos, ou uma incitação a esse procedimento repugnante que ha muito faz as delicias do João Franco.

Além de que, a attitudo actual d'esta folha vil contrasta frizantemente com a que indicava o facto de, ha dias, tripuddiar por os lentes republicanos se terem, no seu dizer indigno e farçante, conformado com a circular.

Assim se vão as illusões dos corruptos que já não crêem em que haja dignidade.

E para despedida vá lá tambem um pedaço de hespanhol. É do jornal *Las Dominicales del Libre Pensamiento*:

«El gobierno portugués ha destituido al secretario de la Universidad de Coimbra, Sr. Cerqueira Coimbra, por el delito de ser republicano.»

«Este acto faccioso viene a confirmar el estado de decomposición moral en que se encuentra la monarchia portuguesa.»

«Los republicanos portugueses no deben conceder el honor de combatiendo a ministros tan idiotas, sino cogellos de las orejas y arrojarnos a puntapiés del Poder.»

Lembramol-o para auxiliar a campanha das *Novidades*.

Dr. Silvestre Falcão

O nosso collega *O Louletano* publica a sentença do juiz de direito de Loulé, julgando procedente a reclamação que o nosso presado amigo e illustre correligionario dr. Silvestre Falcão, medico naquella villa, apresentou em juizo contra a deliberação tomada pela camara municipal em sessão de 5 de setembro ultimo, e consequentemente de nenhum effeito a nomeação do facultativo José Bento Barahona Fragoso, para o 3.º partido medico do concelho de Loulé.

A sentença que está magistralmente fundamentada mostra que a camara empregou um processo illegal e tumultuario.

Querendo servir amigos e afillnados, a camara seguiu o exemplo do governo, não attendendo ao que estatuem as leis.

Por toda a parte impera o arbitrio, sem respeito algum pelos direitos dos cidadãos independentes que só nas leis escudam as suas pretensões.

Parabens ao nosso amigo dr. Silvestre Falcão.

Para diante

Diz o *Correio da Noite* que o desequilibrado João Franco expedia circulares aos administradores dos concelhos, ordenando-lhes que se opponham terminantemente a qualquer manifestação contraria á notavel reforma administrativa que ultimamente foi decretada.

E para que a ordem seja cumprida indica-lhes a ameaça que devem fazer: *o concelho será supprimido*.

Até aqui pagava-se mas havia a liberdade de bufar. Agora paga-se mas não se pôde bufar.

Não tardará muito que a machina rebente.

Dr. Antonio Lucas

Faz amanhã o seu acto de licenciación na faculdade de mathematica este nosso querido amigo. O seu passado, cheio de brilhantes triumphos academicos, assegura-nos do resultado e da maneira como o difficil acto vae correr.

Argumentarão: na dissertação (*Helioses*) o sr. dr. Costa Lobo, e nos cinco pontos os srs. drs. Sousa Pinto, José Bruno, Arzilla, Henrique de Figueiredo e Luciano Pereira da Silva

LITTERATURA E ARTE

Bom tempo!

Os passaros andam doidos a chilrear e a correr por entre o arvoredor em flôr. E' o primeiro dia de sol, vem a correr a primavera!

A relva verde é fina e macia como o cabelo das mulheres.

Vão-se-me os olhos no rio, que parece levantar-se em ondas nos salgueiros cheios de folhas miudinhas e verdes, a brilhar, humidas, ao sol, fracas, quasi a desprender-se dos troncos como gottas d'agua verde. Para lá da estação, cujo telhado vermelho grita na docura da payzagem n'um colorido de chromolithographia, a linha ferrea, guardada por eucalyptos negros e conicos como as arvores que fazem em Nuremberg para as crianças, vae perder-se na mancha roxa dos choupos sem folhas. Mais atraz, o arvoredor verde-negro corta-se no horizonte azul-escuro dos montes distantes.

No céu muito azul apenas uma nuvem branca estendida ao sol.

Até os meus livros parecem hoje mais novos, dourados e alegres. E' branca como uma macieira em flor a *Revue blanche* aberta sobre a minha meza de trabalho.

Fala de João de Deus, e traz-nos novas de Portugal—um *retrato-charge* do poeta em traços negros e fortes de gravura rude em madeira, a barba e os cabelos negros, muito negros, negros de mais, dando-nos a sensação d'um cartaz-reclame a elixir maravilhoso para tingir o cabelo.

Como lá-fora nos conhecem e nos estudam! O que elles escrevem do Eugenio de Castro!...

«Pode ser que o auctor da *Belkiss* entre um dia mais profundamente na analyse do coração humano; mas duvido que a sua forma possa tornar-se mais magnifica, a imaginação mais rica, o colorido mais maravilhoso. Se esta prosa fosse menos vibrante e indicasse mais difficuldade, escreveria que a sua plasticidade faz pensar na de Flaubert, o Flaubert d'*A Tentação* e de *Salammbô*. Prefiro dizer que, ás suas qualidades pittorescas e descriptivas, reúne o hallucinante poder evocador do estylo tragico d'um Maeterlinck.»

«De Castro pode orgulhar-se! Tinha restaurado a poesia lusitana, renovado o vocabulario, posto em voga os velhos rythmos, e creado formas novas. Eil-o que, á primeira tentativa, dá ao mesmo tempo á sua patria o primeiro modelo da grande prosa lyrica, e o primeiro modelo de grande prosa dramatica, de que tem direito a orgulhar-se Portugal.»

Deliciosa sensação a que nos dá este artigo de Louis-Pilate de Brinn'Gaubast, a nós, que começamos por aprender as linguas estrangeiras para poder estudar em livros de fora a arte, a industria, a sciencia e a litteratura, e a quem a lingua portugueza offerece apenas a commodidade preciosa de poder conversar com a familia, a lingua portugueza que, ao que se vê, é lá-fora tão conhecida.

Mas, é verdade, porque será que Louis-Pilate de Brinn'Gaubast escreve em francez no *Instituto*?...

Como lá fora é luminoso. O céu, azul, de miniatura. Na relva do campo ao longe, brilhos d'espelho da agua, charcos de malmequeres todos brancos. A terra lacerada pelas ultimas chuvas tem os tons vermelhos de sangue das feridas boas.

Até a esquina allí de frente, hontem tão feia, cheia de cartazes a cahir rasgados da chuva e do vento, está hoje com um ar alegre, de saude. Ha um cartaz lá, novo, a brilhar; tons roxos! Em letras pretas lê-se sobre um jugo do Minho o distico—*A arte portugueza*. Ao fundo uma decoração de castellos.

Trazer como synthese da arte em Portugal a canga pittoresca do Minho, d'uma ornamentação tão primitiva, não abona o valor da publicação.

A ideia é estúpida, é; mas a esquina do velho palacio ri hoje um riso novo...

O desenho é de Casanova.

Porque escolheria o sympathico mestre-de-desenho-d'El-Rei tal symbolo? Imaginará este hespanhol que o emblema do artista portuguez é a canga?...

T. C.

O governo cedeu

Foram abonadas as faltas dadas pelos professores da Universidade sem que os attestados designassem a especie da molestia soffrida. Foi rasgada a indigna circular.

Vê-se que João Franco recuou; que esse dictador de papelão, mais inepto que todos os seus antecessores, enguliu a ordem absurdissima, pela mesma fórma que enguliu os decretos dos addidos e dos passaportes e outras providencias d'esta carnavalesca dictadura. Nem outra coisa era de esperar.

A despeito das vergonhosas defezas da *Coimbra Medica* e do sr. Lopes Vieira, que todo o mundo escarneceu com gosto, os professores dignos da faculdade de Medicina negaram-se a acceder á criminosa ordem da circular e formaram uma opposição invencível a esse diploma, mais que estúpido, infame.

Folgamos com a sua attitudo e só pedimos ás pessoas serias que nos descrevam a cara com que, no seu entender, ficou a *Coimbra Medica* e o sr. X. Conselheiro Lopes V.!?

Como é consolador para o espirito risonho ver assim desfeitas as irritantes basofias ministeriaes dos *povertos*!

Dr. Guimarães Pedroza

Partiu para a Figueira da Foz, por haver recebido noticia do fallecimento d'uma sua tia, o nosso querido amigo sr. dr. Guimarães Pedroza, ornamento distinctissimo da faculdade de Direito. «Compartilhamos a dôr que fere s. ex.ª»

É abjecto

Em correspondencias furibundas, varios patriotas protestaram contra a supressão de concelhos de terceira ordem. Mas como não comprehendem os seus direitos, e como não teem coragem nem dignidade, varios influentes dos concelhos que recebem ser suprimidos, em vez de procederem como devem, supplicam ao João Franco que não lhes tire as regalias municipaes. E assim representam humildemente ao dictador para o moverem á piedade!

Ó idiotas! Pois querem que o ministro os tome a serio quando vocês pedem por motivos que os deviam levar ao mais energico e violento dos protestos?!

Raça de cobardes! Sucia de cretinios!

A proposito das *Novidades*: Que diabo! Aquelle jornal está sempre ao lado do poder?! Poderá, se elle é o *Diario*... dos Governos.

O Tiro Civil

Recebemos o primeiro numero d'este semanario, orgão da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

E' muito bem escripto e torna-se recommendavel pela forma como tracta os assumptos a que se dedica.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe muita prosperidade assim como á Associação que representa.

Partido republicano

Foi eleita a commissão municipal republicana de Villa Real. Ficou assim constituída:

Effectivos—dr. Antonio Firmo d'Azedo Antas, medico; José de Carvalho Araujo Junior, proprietario e capitalista; Miguel Teixeira Mendanha, proprietario; Antonio da Costa e Silva Teixeira, empregado commercial; Adelino Samardan, professor e jornalista.

Substitutos—José Trasmontano Pinto, capitalista; Luiz Teixeira de Carvalho, proprietario; José Antonio Rodrigues da Costa, commerciante; Jeronymo Luiz Pimentel, industrial; Manoel J. Gonçaves Ribeiro, proprietario; Jayme Coelho, professor; Guilhermino V. da Silva, proprietario.

Os dois primeiros e o ultimo dos effectivos foram eleitos para a commissão executiva.

Em Vianna do Castello vae sair brevemente um novo jornal republicano

redigido por diversos correligionarios nossos d'aquella cidade e collaborado por alguns dos mais distinctos jornalistas da nosso partido.

Em Carrazeda de Anciães, districto de Bragança vae apparecer um jornal republicano intitulado *A Livre Palavra* e redigido pelo nosso illustre correligionario, sr. dr. José Trigo Montinho. Saudamos desde já o novo collega.

S. André de Poyares, 10 de março

A convite do presidente da camara e administrador do concelho, reuniram-se hoje, na sala nobre dos paços municipaes, os 40 maiores contribuintes industriaes e prediaes, e as pessoas mais importantes de Poyares, a fim de tratarem dos interesses do concelho.

Os influentes regeneradores, adeptos incondicionaes do sr. João Franco, apregoaram por toda a parte o grande lucro que adviria para o concelho, se se representasse para ficar classificado em 2.ª ordem.

Ao principio, imaginando que era o simples desejo da elevação da terra que os levava a tal, todos os acompanharam; mas, desde que ficou bem assento que era unicamente o interesse pessoal que os movia a fazerem essa propaganda, estabeleceu-se uma corrente de opposição da parte dos individuos esclarecidos e dignos, que se não querem sujeitar ás imposições de quem tudo manda.

A reunião realisou-se com grande assistencia e sob a presidencia do presidente da camara.

O dr. Jeronymo Silva, espirito esclarecido e sensato, depois de bem frisar que nada se devia pedir ao governo, mas simplesmente lavrar um protesto contra a reforma administrativa feita a sabor dos interesses regeneradores, referiu-se tambem á situação em que ficaria Poyares, se fosse collocado em 2.ª ordem ou em 3.ª como está.

A bolsa ou a vida era o dilema em que o governo os metia.

Se ficasse em 2.ª ordem, como os interesses de alguns desejavam, o concelho dispenderia só com os empregados 1:520\$000 réis, mais 220\$000 que hoje gasta.

E não pareça esta verba pequena, pois é bom pôr em evidencia que a camara luta com tantas difficuldades, que os ordenados de alguns empregados não são pagos ha seis mezes.

Se ficar em 3.ª ordem, o concelho não fica bem, verdade é, mas paga sómente 720\$000 réis aos empregados e não precisa de fazer sacrificios para pagar a quem pôde dispensar.

José Lima, proprietario e um rapaz que vê as coisas pelo que são e não pelo prisma das conveniencias, reforçou alguns dos argumentos apresentados por Jeronymo Silva e pôz bem em evidencia, salientou bem, o interesse que alguns tinham em que o concelho fosse para 2.ª ordem.

O administrador, que hoje recebe 200\$000 réis e nada faz, passava a receber 300\$000 réis indo o concelho para 2.ª ordem e nada receberia ficando em 3.ª.

O secretario da camara de 180\$000 réis que hoje tem, passaria a 240\$000 réis na 2.ª ordem e desceria para réis 120\$000 na 3.ª ordem.

O da administração recebe hoje 120\$000, passaria a 240\$000 réis na segunda e desapareceria na 3.ª.

Continuando a apresentar algarismos, mostrou bem á assembleia, a razão do sagrado e intenso zelo com que alguns individuos pugnam pela elevação do concelho.

Final e depois de terem fallado alguns dos interessados, a presidencia pôz á votação a proposta de Jeronymo Silva, sendo approvado quasi por unanimidade, (só houve quatro votos contra), que se lavrasse um protesto contra tal reforma administrativa, que a camara fosse interprete para com o governo d'esta resolução, e que se deixasse ao sr. João Franco o livre arbitrio de collocar Poyares onde lhe aprouvesse.

O dr. Jeronymo Silva foi muito cumprimentado pelo modo como justificou a sua proposta e José Lima muito felicitado.

Foi um cheque bem applicado aos que até hoje se julgam senhores absolutos d'este concelho.

C.

Carta de Lisboa

12 de março de 1895.

Passaram as festas em honra de João de Deus. Tudo socegou. A retirada dos rapazes deixou o burguez tranquillo. A cidade voltou á pasmaceira do costume. Apenas vibram os corações femininos, recordando olhares e sorrisos que passaram como em sonho.

E aqui está como ainda João de Deus foi mais uma vez o poeta do Amor, casto e puro como os seus versos.

Amores! Amores! A partida da rapaziada para Coimbra foi um espectáculo extranho. Milhares de pessoas na gare, tudo agitado, revolto, vibrante de entusiasmo. Adeus! Adeus! Vivam os estudantes! Viva João de Deus! Viva a Patria e viva...! Também assim gritaram muitos dos que partiram.

Mas em Lisboa durante as festas não se fez politiquice.

Os rapazes tiveram juizo.

Quem o não teve foi o sr. João Franco, respondendo que, se queriam mais um feriado, o fossem pedir ao rei. Admiravel e comica esperteza! Mas os rapazes não cairam. «Não viemos a Lisboa fazer eleições, diziam elles, o João de Deus não é nenhum galopim». Assim o ministro ficou a olhar o signal...

Quando as magestades entraram no sarau, alguém gritou — viva a familia real! — mas, oh! pae do ceu, foi logo uma chuva de schiu! e uma avalanche de vivas a João de Deus, que o gritador a estas horas deve ser amaldiçoado pelos monarchicos, por ter provocado um fiasco monumental.

E assim correu sempre o sarau — em honra de João de Deus — assistindo as magestades e os ministros como simples particulares.

E o comboyo partiu, esperando o sr. João Franco inutilmente, até á ultima hora, que alguém entrasse pelo paço e dissesse: V. M. dá mais um feriadinho?!... Amigo João Franco, já lá vai esse tempo.

— Agora que se volta a fallar de politica, dir-lhes-hei que o ministerio continua a manter-se apezar do que se diz em contrario.

Nem outra coisa havia a esperar, desde que o sr. João Franco se comprometteu solemnemente com o partido republicano a auxilial-o sempre nos seus trabalhos.

Ha quasi a certeza de que em breve será publicada a nova lei eleitoral. Ainda bem! Já estava com receio de que o nosso correligionario João Franco fizesse a tolice de recuar.

O decreto das incompatibilidades tambem apparecerá brevemente. Cre-mos que só depois de sairem ainda outros decretos é que sairá o decreto abolindo a monarchia e proclamando a Republica.

É de esperar que os impacientes moderem por isso os seus impetus, continuando a confiar nas promessas do sr. João Franco.

— Partiu para Moçambique outro contingente de forças expedicionarias. O entusiasmo do povo era nenhum! Triste é dizel-o, mas a verdade manda referir que só os soldados davam vivas e se sentiam animados. A que attribuir isto? Desanimo, falta de crenças e bandalheira nacional. A revolução tem de ser feita, para ver se este povo se corrige moralmente, e não só para liquidar contas com a monarchia. Uma minoria audaciosa e honesta, pode ainda por um grande esforço e com muita honestidade salvar esta choldra. Mas sem demora...

— Os nossos illustres correligionarios de Lisboa parece que pensam em organizar o partido ao sul. Nem outra coisa ha a esperar dos homens que compõem o directorio que foi eleito exclusivamente para estender ao sul do paiz a organização do partido, nas mesmas bases que se está organisando no norte.

Jocelli.

O sr. dr. Teixeira de Carvalho offereceu ao sr. director da bibliotheca da Universidade 24 exemplares da sua monographia — *As veias das extremidades*.

O sr. dr. José Maria Rodrigues, que é o muito erudito e activo bibliothecario, tem ultimamente reunido um grande numero de publicações nacionaes para trocas com os estabelecimentos scientificos estrangeiros, com que tem reatado relações que ha muito se haviam extinguido.

Partido medico

Por deliberação da camara municipal, determinada por instruções superiores, foi o sr. Ayres de Campos incumbido de fazer os necessarios estudos para a criação d'um partido medico que comprehenda as quatro freguezias da cidade.

Se as nossas informações são exactas, trata-se de crear um partido medico para que o medico do partido fique sendo o delegado de saude.

Aguardamos os estudos do sr. Ayres de Campos sobre o assumpto para dizermos o que se nos offerece a esse respeito.

Limitar-nos-emos agora a dizer que a Misericordia tem tres partidos medicos na cidade, dando os facultativos nelles providos consultas em casa e fazendo visitas domiciliarias, e que não só esse serviço como o da pharmacia se acha montado nas melhores condições, estando a pobreza de Coimbra em circumstancias verdadeiramente excepcionaes relativamente ás outras localidades do paiz pelo que respeita aos socorros clinicos e pharmaceuticos.

mento d'Angoulême, homem louro, de physionomia feminilmente doce, — Marceau.

Um grupo acclamava um colosso de cinco pés e sete polegadas, com um grande chapéu de plumas verdes, — Hulin, — um dos servos do Marquez de Conflans.

N'um banco de pedra, ao canto de uma rua, uma rapariga nova tendo vestida uma amazona azul bordada a ouro e com um chapéu de plumas sobre a cabeça, a mão no punho do sabre, duas pistolas á cinta, excitava os combatentes. Tinha os olhos grandes espantados e tranquillizados contrastando com o entusiasmo furioso dos seus discursos.

— Viva a bella patriota! gritaram uns.

— Viva a formosa de Liège! gritaram outros.

Outros ainda diziam apontando-a: — E' Théroigne de Méricourt!...

A rapariga exaltava-se no meio do barulho e dos gritos.

De tempos a tempos, a corrente popular dividia-se e ia bater ás paredes das casas, e na rua vazia passavam grupos de guardas francezes ou de homens armados como soldados... Toda a gente tinha o laço vermelho no chapéu ou no barrete.

Levantaram-se aclamações.

Os carregadores das Halles, com os trajos de trabalho, acabavam de apparecer arrastando peças d'artilheria. Na

O Senhor dos Passos

Parece que não irá, conforme havia sido resolvido pelo sr. Bispo Conde a pedido da Mesa, pela rua do Visconde da Luz mas pela rua dos Sapateiros.

Hontem reuniu a junta geral da irmandade para tratar d'esse assumpto e, após longo debate em que se tornou mais saliente o nosso amigo e intelligente commerciante o sr. Miguel dos Santos e Silva, resolveu por unanimidade pedir ao sr. Bispo Conde para que a procissão siga o antigo itinerario.

Estamos convictos de que será satisfeito o pedido, tanto mais que elle é feito por uma comissão de que fará parte a propria Mesa da irmandade.

Estimamos que os irmãos chegassem a uma solução acceta por todos.

Vae sair muito brevemente dos prelos da Imprensa da Universidade a dissertação que o nosso collega Affonso Costa escreveu para o seu acto de licenciatura na faculdade de Direito.

Intitula-se — *Os peritos do processo criminal* (Legislação portugueza; critica; e reformas).

Falleceu uma filhinha do sr. Augusto Cesar d'Abreu Peixoto, digno empregado do correio d'esta cidade. Sentimos.

De regresso a Coimbra, o nosso collega de redacção, Fernandes Costa, teve de recolher-se á cama por ligeiro incommodo de saude. A par de estudante distincto do quinto anno juridico, F. Costa é um brilhante escriptor, que na *Resistencia* faz uma falta insubstituivel.

Os nossos leitores dar-nos-hão razão, se tiverem reparado para as chronicas estrangeiras, que nos numeros anteriores temos inserido; e sentirão, porisso, como nosco, a falta que Fernandes Costa faz á mesa da nossa redacção, e que desejamos seja pouco prolongada.

Por elle, por nós e pelos assignantes.

Apesar de ter melhorado o tempo, continnam quasi intransitaveis as ruas e avenidas da quinta de Santa Cruz. Pedimos providencias ao sr. Ayres de Campos.

Boletim da Companhia Portugueza de Hygiene

Recebemos o boletim d'esta companhia n.º 26, correspondente ao mez de fevereiro.

Vem em verdade curioso, — tratando entre outros, dos seguintes assumptos: *Os saes de quinina nas expedições colonias; medicamentos explosivos; envenenamento pela exalgina; a nova pharmacopéa suissa, o milidio* etc., etc.

Como se vê trata de assumptos variados.

primeira vinha montada uma pequena que gritava com toda a força: «Viva a nação!» agitando no ar um taboleiro vazio.

Tinha vendido bem os seus laços, a nossa Jenny; mas, — apezar da sua grande vontade d'enriquecer a familia, e de pagar a M. Santerre o seu escudo de seis libras, apezar do preço fabuloso a que tinham chegado os laços n'aquelle dia, — ella tinha guardado o ultimo para o pregar no chapéu que cobria os seus cabellos escuros. Estava febril: Hep! hep! e repetia: «— Viva a nação.»

A praça da Bastilha, n'este momento, apresentava um espectáculo formidavel.

O tempo, tão bonito de manhã, tinha-se carregado. Amontoavam-se no ceo nuvens escuras. De tempos a tempos ouvia-se o ribombar do trovão, e quando acabava, a tempestade da terra respondia á do ceo.

Os sinos continuavam a tocar, os tambores a rufar, o ruido das vozes a subir...

Para lá dos fossos profundos, guardada pela sua dupla ponte levadiça, levantava a Bastilha as suas oito torres reunidas por muralhas de vinte pés d'espessura, erigidas de espingardas e de canhões. Raras frestas se abriam nas paredes escuras, e as linhas da plataforma recortavam-se francamente no horizonte negro.

Junto d'esta massa de pedra, cin-

Apenas os toca, é certo, sob uma forma ligeira. Rápidas notas ao correr da penna, que facilmente se recolhem na memoria. Com todos os defeitos inherentes a publicações d'esta ordem em que os assumptos são bocadinhas de prosa tirados de publicações de maior vulto, o *Boletim* não é um trabalho scientifico de muito valor.

Em todo o caso satisfaz, pelo menos em parte, á missão esclarecedora e illucidativa que se propõe.

Agradecemos o exemplar recebido.

Recebemos e muito agradecemos o numero do *Instituto*, revista scientifica d'esta cidade, correspondente ao mez de janeiro d'este anno.

No proximo numero faremos a sua apreciação.

Theatro Circo

Parte brevemente para o Porto a companhia equestre de D. Michaela Alegria. Nos espectaculos d'estes ultimos dias não tem desmentido as boas referencias que os primeiros trabalhos lhe haviam merecido.

Hontem, sobretudo, as palmas e os bravos estalaram, estrepitosos. A companhia cuida, em verdade, de deixar nos espiritos da mocidade entusiastica boa impressão; e, por sua parte, os alegres rapazes, fascinados pela superioridade de alguns trabalhos ou encantados pelos olhares das *guapas* figurantes, mostram em applausos interminaveis quanto sabe agradecer-lhes esta companhia.

De resto, todas as demonstrações são desnecessarias: a concorrência, que só na segunda feira foi diminuta, e que, nos outros dias, por vezes excedeu a nossa propria expectativa, deu ao arrendatario e ao gerente do theatro circo a prova de que vale a pena escolher, mesmo para Coimbra e mesmo no genero equestre, companhias regulares.

Dentro de poucos dias estreia-se a companhia de zarzuela, que tem estado no Colyseu dos Recreios, de Lisboa.

Tivemos occasião de a ver, ha quinze dias, no *Jaleco Blanco* e em outras pequenas peças. Não traz figuras de primeira grandeza, mas é bastante equal. É numerosa; e, nos côros, algumas meninas galantes, cheias de *donaire*, hão de fazer dar voltas aos corações de certos academicos entusiastas.

A festa artistica do sr. Francisco Lucas, em que o grande Taborda virá tomar parte, realisa-se no dia 21 do corrente, dia de grande gala.

No principio do mez d'abril deve realisar-se neste theatro uma recita de caridade em beneficio da Sociedade Philantropico-Academica do Lyceu. To-

coenta mil combatentes, em quem o entusiasmo tinha feito desaparecer toda a duvida, apinhavam-se gritando. — A Bastilha não se pode tomar d'assalto, — nós a occuparemos!...

E' que a Bastilha era a um tempo a prova e a ameaça do despotismo.

«A 25 d'este mez de setembro de 1760, ás quatro horas da tarde, faz 100:000 horas que eu soffro» tinha escripto Latude.

Ainda teria de soffrer 200:000 horas!...

Os filhos, victimas do poder paterno, os nobres, victimas da realza, os philosophos, victimas da intolerancia tinham-se succedido na prisão do estado.

E, prisão e fortaleza ao mesmo tempo, a Bastilha esmagava ainda d'um lado o bairro Saint-Antoine, do outro Paris.

Tomal-a era dizer ao rei Luiz XVI que não era tudo, e que a nação queria, deslocando a soberania, pôr uma vontade acima da d'elle.

Todavia, quando os que vinham decididos a morrer alli, se encontraram em face do obstaculo, houve um momento d'hesitação.

Então um homem, Thuriot de la Rosière, eleitor de Saint-Louis-la-Culterre, chegou á porta da fortaleza, e pediu ao governador, M. de Lannay, licença d'entrar para parlamentar.

Introduziram o logo.

Quando elle sahio, os que estavam

marão parte muitos alumnos de preparatorios, duas ou tres actrices do Porto, a *tuna* e a banda regimental. Por quem a promove, pelo entusiasmo com que os ensaios proseguem e pelo fim a que mira, a festa promette ser brillantissima. Desde já endereçamos um bravo aos rapazes que nella collaboram.

Tivemos o prazer de receber nas salas da nossa redacção a visita do illustre medico de Goes, sr. dr. Antonio de Sousa Saraiva. Alem de distincto homem de sciencia, o nosso amigo é um dedicado republicano que, no seu concelho, trabalha com amor pela causa do partido e que prestou valioso concurso para a criação e sustentação do jornal republicano — *O Defensor do Povo* — que até ha pouco tempo se publicou n'esta cidade.

S. ex.ª demora-se poucos dias.

O subito padecimento do nosso dedicado amigo Christovam de Meirelles alarmou a cidade inteira; porque em toda ella conta s. ex.ª as maiores sympathias e vivissimas amizades. Felizmente, os boatos que correram são infundados; e o seu medico assistente, o nosso particular amigo e illustre homem de sciencia, sr. dr. Daniel de Mattos, acaba de assegurar-nos que, não só está livre de todo o perigo, mas nem chegou a correl-o a preciosa saude do sr. Meirelles.

Causa-nos alegria a noticia, e com satisfação a transmittimos aos nossos leitores, dando a s. ex.ª e familia os nossos parabens.

Os dois Orphãos

Recebemos o primeiro fasciculo de este interessante romance, — de Adolphe d'Enery — editado por a casa Bellem & C.ª, de Lisboa.

O novo codigo de justiça militar começa a vigorar em maio proximo.

Alegrem-se, que temos a pena de morte restabelecida neste abençoado paiz. Ai! dos republicanos se não tiverem juizo!

Companhia de seguros «Fidelidade»

Recebemos o relatório d'esta companhia de seguros que é innegavelmente a primeira do paiz pelo credito de que goza e pelo fundo de reserva que tem, que é actualmente de réis 219:172\$225.

Esta companhia distribue este anno o dividendo de 65\$000 réis por accção.

Nesta cidade é agente d'essa companhia o acreditado banqueiro e abastado proprietario sr. Basilio Augusto Xavier d'Andrade.

mais perto perguntaram-lhe o que tinha feito lá.

— Venho, diz elle, de pedir ao governador que a milicia burgueza entre na cidadella e que constitua metade da guarnição.

Pozeram-se todos a rir. Uma occupação mixta!

Um pacto! Um tratado! Bem se tratava d'isso!

Toda a multidão esperava fremente de commoção. Ouve-se um grito enorme!

— O povo de Saint-Antoine! O povo de Saint-Antoine!...

E para lá da porta de tres arcadas, viu-se o povo de Saint-Antoine que se adeantava.

A' frente, vinha Santerre, montado no seu grande cavallo, *Sans-Pareil*. Ao lado d'elle marchavam Labroche e Galant armados de espingardas, Cadet Tricot com uma barra na mão. Atraz com uma alabarda vinha um operario pallido, — Michel Combat. Mais atraz ainda, uma mulher esguelhada com uma acha — a mulher d'elle. Depois o longo formigueiro dos esfomeados, dos andrajosos, dos esqueletos que pediam trabalho e pão; tudo isto a perder de vista... Estavam todos os combatentes.

Começou a batalha.

(Continua)

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

VI

A PRIMEIRA FAÇANHA DE CADET TRICOT

As cadeiras do Palais-Royal tinham sido substituidas pelos marcos das ruas e por fim fallava-se de tribunas humanas. Os cidadãos ajustados offereciam os seus hombros aos oradores, que subiam acima d'elles para fallar á multidão. Só se ouviã palavras soltas: «União, nação, liberdade...». Que importa?

Estas palavras exprimiam um pensamento commum, e corriam como um rastilho de polvora atravez de Paris.

Na multidão destacavam-se algumas personalidades.

Um homem alto, magro, rosto comprido, casaca roçada, espada ao lado, marchava á frente d'um exercito de mulheres: era o official de diligencias Maillard.

Um official do regimento da rainha, Elle, tentava organisar regularmente um troço de voluntarios. Ao seu lado um camarada d'elle, sargento no regi-

LOJA DO POVO

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietário o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chalet-mantas de merino, merinos francezes, armures pretos e uma variada collecção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, próprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

MENDES MARTINS

DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES

1 volume em 8.º, 400 réis

PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL

1 volume em 8.º, 600 réis

A VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

FRANCISCO FRANÇA AMADO

ANTIGA LIVRARIA ORCEL
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

COIMBRA

Novidades litterarias

- Dr. Antonio de Vasconcellos — Viriatho (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol. 350
- Eugenio de Castro — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar. 1 magnifico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho 800
- Manuel da Silva-Gayo — Os Novos. I — Moniz Barreto 1 vol. 400
- Alberto Pinheiro — Alva. Com um prefácio de Eugenio de Castro. 1 vol. 700
- Manuel Anaquim — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol. 500
- Alvaro de Albuquerque — Matinaes (verso) 1 vol. 500
- Sousa Ribeiro — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol. 500

Assignaturas para todos os jornaes de modas nacionaes e estrangeiros

A. J. LOPES DA SILVA

Repertorio Juridico Portuguez

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 155000 réis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatna permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

QUESTÕES PRATICAS DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL OU Collecção de casos julgados POR José Maria de Freitas

1 grosso vol. 12000, pelo correio 12050 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

CODIGO DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR Decreto de 24 de janeiro de 1895

3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabetico

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da comissão redactora da proposta do Codigo do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo governo.

Preço 200 réis (FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

Interpretação e construcção litteral DAS

FABULAS DE PHEDRO

POR Um antigo professor de latim

1 volume 700 réis

A' venda na casa editora de F. França Amado, Coimbra—e em todas as livrarias do paiz.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400,

Marçano

15 Precisa-se de um com pratica de fazendas brancas, proximo a ganhar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo
43, Praça do Commercio, 45
COIMBRA

Amendoas! Amendoas!

**CONFETARIA E MERCEARIA
Innocencia & Sobrinho**

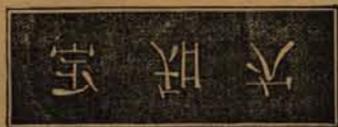
91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

14 Enorme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. *Grandes descontos aos revendedores.* Envia-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

N'este estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscutos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Geroz e Champagne, genebra, licores, etc., etc.

Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5 — Rua de Ferreira Borges — 5

13 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 **C**A SA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

11 **E**sta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-raios, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas. Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofo, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

6 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

POMADA DO DR. QUEIROZ



5 **E**xperimentada há mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

ASSEMBLEA RECREATIVA

DE **COIMBRA**

Por ordem do ex.º presidente, e em virtude de não ter comparecido no domingo proximo findo numero sufficiente de socios, são novamente convidados todos os associados a reunir na sala das sessões, no proximo domingo, 17, pelas 8 horas da noite, a fim de se dar execução ao disposto nos estatutos.

Coimbra, 11 de março de 1895.

O secretario,
J. C. Braga.

AOS MESTRES D'OBRAS

10 **V**ende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2^m,50 x 0^m,35 a 0^m,65 de largo, e 0^m,04 a 0^m,12 de grosso, cortada e serrada há dois annos.

Para informações rua dos Sapateiros, 80.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

9 **C**onsultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1ª classe em Paris
Estas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copa-hiba, Cabelos e Injecções.
Dep. em Paris, 3, rue Vivienne e na princip. Pharm.
F. M. Coimbra — Drogaria Rodrigues da Silva & C.

Arrenda-se

4 **U**MA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario.—Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

PHAETON

3 **N**A rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

2 **R**oupas completas para homem, de 55000 réis para cima!
Alta novidade!

AOS VIAJANTES

1 **E**m a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica collecção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno	28700
Semestre	18350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	28400
Semestre	18200
Trimestre	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 8

COIMBRA — Domingo, 17 de março de 1895

1.º ANNO

O REI

Em todas as discussões da imprensa acerca dos actos do governo, tem havido uma propositada cautela em pôr a pessoa do sr. D. Carlos fóra do debate. Este procedimento pôde considerar-se, por parte d'uns, como receio da justiça, por parte d'outros, como desconhecimento completo do que tem sido a monarchia constitucional neste paiz.

Como quer que seja, como não precisamos de cahir sob a lei de imprensa pela violencia da nossa linguagem, e como não pretendemos favores do paço e conhecemos a historia constitucional do paiz, diremos o que nos parece acerca do rei e do seu papel na politica portugueza.

O sr. D. Carlos reina e governa, procedendo sempre de accordo com os ministros actuaes. O mesmo fez o sr. D. Luiz e o mesmo tem feito, dentro do periodo constitucional, todos os monarchas. Viver na doce illusão de que o sr. D. Carlos é enganado pelos seus ministros e é uma donzella cheia de ingenuidades, ou é demonstração de refalsada velhacaria ou documento de completa estupidez.

O sr. D. Carlos sabe, pelo menos, lêr correntemente e não ignora o que dizem os jornaes. Alem d'isso, — até chega a ser ingenuidade condemnavel dizel-o, — não desconhece todos os factos que se tem passado no paiz desde 1890 até hoje. Sendo assim, como na realidade o é, e tendo na camarilha quem de tudo o informe, o rei não ignora que pelos proprios monarchicos varios homens tem sido acusados de ladrões, traidores, vendidos e despotas. E a esses homens o rei tem chamado para seus ministros. É até sabido por jornaes monarchicos que o rei tem este ministerio como seu favorito, que o applaude nas suas violencias, que o mantem com toda a confiança, que lhe concede todas as recomposições pedidas, apesar dos protestos da imprensa, dos comicios e das representações que lhe chegam ás mãos, etc. . . .

Isto ninguém pôde negar. Tudo quanto nós aqui apontamos, tudo quanto se passa, é verdadeiro, incontestavel. Ora, respondam todos: — será possivel n'estas condições que o rei esteja illudido pelo governo? Se nos responderem affirmativamente, nós perguntaremos onde vão desencantar argumentos que nos convencem da utilidade da monarchia, quando um rei é de tal ordem que, vendo que lhe mettem as mãos nas algibeiras, lhe tiram o lenço, lhe acenam com elle, ainda se convence de que o não roubaram, só porque o ladrão lhe diz: Meu senhor, olhe que eu não lhe roubei o lenço!?

E como nos podem garantir que todos os reis não serão como este? Certamente os monarchicos, que dizem o rei illudido, não nos respondem.

E, n'esta linha de raciocinio, que valor para a monarchia pôde ter o dizerem o rei enganado?

Claro que nenhum.

Mas os jornaes insistem constantemente na sua affirmação e lamentam a monarchia que se perde. Mas, se o governo a compromette, não divorciam d'ella a opinião os monarchicos que se alliam com republicanos para combaterem um governo que constitucionalmente tem o apoio do rei?

Portanto, em todos os casos, os que chamam ao rei illudido compromettem sempre a monarchia.

Mas ha mais curioso ainda. Varios jornaes de opposição (não republicanos) declaram que é preciso ir para diante e salvar o paiz, através de tudo, dóa a quem doer. Está claro que se referem ao rei.

E, se assim pensam, porque não se declaram abertamente contra elle? E que repugnancia podem ter n'isso, desde que não receiam alliar-se aos republicanos, n'uma aventura por todos considerada perigosa para a monarchia?

O governo, é claro, defende a monarchia; os verdadeiros republicanos são logicos: combatem a monarchia. Mas o que significa dizer um dia que o rei está illudido e no outro combatel-o, quando elle não tem culpa?

Estimavamos que nos respondessem, pois, ás seguintes perguntas: Se o rei é um homem illudido sempre, para que que querem um homem assim como chefe do Estado?

Se o rei faz a sua vontade com este governo, como nos garantem que elle a não fará com outro qualquer?

E, a serio: se estão convencidos, — a não admittir que sejam fundamentalmente estupidos, — de que é da monarchia que nos vem todo o mal, porque motivo não a combatem por uma fórma bem franca e clara? E porque receiam fazel-o, desde que admittem a legitimidade do partido republicano e concordam em que o paiz caminha para a Republica?

Francamente, acreditam nas illusões do rei?

PREVENÇÃO

Tornamos a pedir aos nossos correligionarios que se acutellem contra varios individuos, que são agentes do governo e espiões refalsados. Ninguem se deixe desviar por enthusiasmos de occasião. O governo prepara uma pavorosa e violenta perseguição. É necessario estarmos prevenidos para tudo.

Não nos cançamos de repetir que tenham todos muita cautella e muita prudencia.

Vinte e quatro

O sr. Carlos Lobo d'Avila deu hontem um banquete diplomatico. Fez 24 convites.

Achamos muito, mas emfim lá reza a historia que

Essa da Russia imperatriz famosa...

Quanto mais o sr. Avila, que até parece um homem!

JOÃO DE DEUS

Publicamos abaixo as quadras populares que João de Deus enviou ao nosso amigo João de Menezes. Os versos são absolutamente inéditos e feitos expressamente a pedido do nosso collega que espera muito mais para enriquecer o cancionero popular de Coimbra. Que os rapazes e raparigas os aprendam depressa e os não esqueçam para os poderem já cantar em noute de S. João, que deve ser também a noute do poeta do Amor. João de Menezes pede o poeta que abraça os Estudantes de Coimbra.

João de Deus tem passado estes dias adoentado. Felizmente a sua doença é leve e brevemente o veremos de pé, continuando a escrever os versos, que iremos publicando na *Resistencia* e que daremos depois em edição especial, illustrada, se nos ajudarem os nossos artistas de Coimbra, como prometteram. Seguem as quadras:

Quando eu era pequenino
Que chorava a bom chorar,
A mãe beijava o menino,
No beijo se ia o pezar.

Nunca os beijos que te dei
Me venham ao pensamento,
Correi, lagrimas, correi
Para o mar do soffrimento.

Faça Deus maior o mundo,
A terra e o céu maior,
Não faz nada tão profundo,
Tão alto como este amor.

Na alma já não me assoma
Aquelle antiga visão,
A rosa perdeu o aroma,
A luz perdeu o clarão.

Lisboa, março de 1893.

João de Deus.

Officios bi-semanaes em louvor do novissimo secretario da Universidade, o sr. Domingo de Paschoa da Ressurreição

Psalmo segundo

(VEJA-SE O PSALMO PRIMEIRO)

VI E José Joaquim perguntou: se me conheces, diz-me quem sou?

VII E o archeiro respondeu: Eras enfermeiro do hospital de S. José e agora és enfermeiro da Universidade.

VIII Então José Joaquim lhe disse: Ó gente cega que não conheces o teu senhor e assim o calumnias!

IX Eu não sou enfermeiro nem o fui; mette a mão aqui no meu lado e ainda verás a ferida por onde sahio o sangue e agua de Vidago.

X E o archeiro respondeu: **Lá isso é que não metto!**...

Que nos contam?!

Ao *Te-Deum*, celebrado em acção de graças pelas melhoras do conde de Restello, assistiram os srs. Hintze Ribeiro, João Franco, José Luciano e Marianno de Carvalho, que estiveram n'um grupo conversando. E contam as *Novidades* que principalmente os srs. Hintze Ribeiro e José Luciano se entretiveram em cavaco ameno.

Tudo o que acima se diz podia referir-se nos jornaes sob este titulo: *Noticias da policia*.

Que estes negocios estão sob a alçada do Sacarrão.

Espião

Diz-se por ahí que o governo precisava de um espião na Universidade e conseguiu o seu fim. Estamos inteirados do que se passa. Soubemol-o logo ao terceiro dia depois de morto, subiu ao céu... Não é isso o que queremos dizer: soubemol-o mesmo no primeiro dia.

Dr. Antonio Coimbra

O diario republicano madrileno — *La Justicia* — órgão do centro republicano e representante do grupo Salmeron, insere o retrato do nosso amigo dr. Coimbra, acompanhando-o de calorosas phrases de elogio e de ardentos protestos de confraternidade politica.

Em testemunho de apreço pelo signatario d'essas phrases e de agradecimento sincero pelo que encerram, transcrevemos do brilhante campo republicano os seguintes periodos, com que o artigo termina:

«Y en verdade que entre la juventud lusitana figuran hombres de raro mérito, inteligencias privilegiadas que han de honrar en el porvenir a nuestra raza.

«Tal es, entre otros, el doctor Antonio Augusto Cerqueira Coimbra, secretario que hasta hace poco ha sido de la gloriosa Universidad de Coimbra, y dejado cesante por el desalentado gobierno de Hintze Ribeiro y de Juan Franco, á causa de sus opiniones sinceramente republicanas.

«Cerqueira Coimbra es joven aún: el año 89 concluía sus estudios, y en el mes de agosto del 91 entró en el puesto que con tanto mérito ha venido desempeñando.

«Un distinguido catedrático de aquel establecimiento escolar, que nada tiene de republicano, refiriéndose á nuestro ilustre correligionario el doctor Cerqueira, dice: «Será fácil encontrar quien le iguale como secretario de la Universidad; excederlo, es imposible».

«Estas frases dicen más que cien volúmenes respecto á las condiciones morales é intelectuales de este joven, llamado á brillar en primer término en la futura Republica portuguesa.

Rafael Delorme Salto.

Alguem dizia: Aquelle Marianno de Carvalho, não tendo já negocios a tratar na terra, deitou-se a fazer syndicatos de bom e de mau tempo lá pela athmosphera.

E o caso é que, desde que deu em saragoçano, tem havido cada falcatria no tempo!

Lá se vae o reino dos ceus!

João Franco pediu ao collega das obras publicas auctorisação para transferir o primo Franco Frazão para o logar de chefe da policia politica d'esta cidade.

Honesto e digno, o Franco não quer que o familiar continue a accumular dois logares incompativeis.

Pela nossa parte, achamos bem.

Pedro Ferrao, porém, choroso pela picardia do ministro, demittir-se-ha e irá carpir suas maguas no tribunal de Condeixa, como distincto advogado, que é.

Portugal e Brazil

Emfim parece que estão reatadas as relações entre Portugal e o Brazil.

Estimamos sinceramente.

Mas, como não somos da Lourinhã e não aspiramos a ter cotação de velhacos, declaramos que não devemos elogios ao governo:

1.º porque este mesmo foi o causador da ruptura de relações com o Brazil e portanto nada mais fez que cumprir o seu dever trabalhando para uma reconciliação.

E dizemos isto, porque se um gatuno nos roubar o relógio e nol-o entregar depois, nós, o menos que lhe pôdemos chamar, é um gatuno arrependido, mas, em todo o caso, sempre o consideraremos gatuno.

2.º porque nestas negociações interveio a Inglaterra; e, portanto, não ha senão a esperar grande patifaria, e grande compensação a favor da velha aliada da monarchia portugueza.

Que nos desculpem esta franqueza, os que não pôdem deixar, «como portuguezes, de elogiar o sr. Lobo d'Avila».

Valha-nos o Conselheiro Accacio com toda a sua ponderação.

O partido municipal

E' para pasmar a audaciosa inconsciencia com que andam no desperdicio dos dinheiros publicos os vereadores da camara de Coimbra!

Sem passado que os recomende, em constante politiquice de burgo sertanejo, de ruins entranhas e pessimos instinctos, têm, n'uma administração desgraçada, deixado depauperar o thesouro municipal, esbanjando a riqueza publica em obras de utilidade propria, consentidas por todos, sem que ninguém se lembre de que a violencia é permitida em legitima defeza.

As velhas ruas da cidade, nem conservadas, nem reparadas, encham-se da agua das chuvas, e abrem ao sol, como queixadas sem dentes, os alveolos vasio de pedras; as estradas ruruaes, antigamente tão bem conservadas, estão hoje quasi inutilizadas, cavadas dos sulcos fundos das rodas dos carros, irregulares como um dorso de jumento magro.

O bairro de Santa Cruz, fonte de riqueza municipal, é systematicamente e criminosamente abandonado; porque se afirma que o desprezo pelo aformoseamento do bairro novo é devido ao cuidado, que põem em zelar os proprios interesses, os illustres vereadores, a quem não convém as boas condições d'um bairro, as quaes fariam fatalmente diminuir a renda das casas que possuem dentro da cidade.

Pois não contentes de terem com uma pessima administração esbanjado os dinheiros publicos e depauperado o thesouro municipal, os vereadores, para serem agradaveis ao sr. Ayres de Campos, que os tem domado, tentam fechar dignamente a sua generosidade, para albergar um invadido de consciencia e de saber, — o logar de partido medico municipal, bem remunerado, como o exige o seu famelico correligionario.

E não tem justificação, mesmo pequena, a criação d'um partido medico municipal!

Coimbra está bem provida de clinicos, os indigentes são promptamente soccorridos pela Santa Casa da Misericordia que tem na area da cidade tres partidos medicos, e que distribue annualmente contos de réis em remedios e soccorros.

A probidade, o saber, o cuidado vigilante dos clinicos da Santa Casa é conhecido e louvado por todos, como são conhecidos e louvados por todos os esforços que a sua administração tem feito para que este serviço corra regularmente, praticando até para isso violencias sempre louvadas, dando ouvidos e razão ás queixas dos fracos e dos humildes contra os fortes e poderosos.

As associações de classe de Coimbra dão também serviços medicos e de pharmacia, tendo sabido os seus associados repellar os que, com a mira apenas nos seus interesses e arranjos, quizeram passar por cima dos brios dos artistas de Coimbra e estabelecer a discordia e a guerra onde é tão necessaria a paz e a união.

Como justificar-se, pois, a criação d'um partido municipal, melhor remunerado que os ruuaes, quando os factos apontados mostram claramente que o medico municipal de Coimbra não teria doentes a tratar?

Como acceitar sem um grito d'indignação este novo esbanjamento municipal, quando as finanças do municipio estão tão comprometidas, quando é tão anarchico o estado da sua administração, quando a viação municipal apresenta o estado vergonhoso da aldeia sertaneja mais desleixada?

Sabemos que o sr. Ayres de Campos tem comprado quadros, colleções e até, o que admira, bibliothecas; sabemos que lhe correm prosperos os negocios, com quanto alguém affirme, o que nos é perfeitamente indifferente, que succede o contrario; sabemos que

as ruas na vizinhança da sua casa são bem tratadas, e que o cano collector dos esgotos foi passar, humilde, á porta do seu palácio para lhe ser agradavel; sabemos que em Santo Antonio dos Olivaeos vão os melhoramentos fazer-se, por acaso, dizemos nós, para beneficiar as propriedades do sr. vicepresidente, que não se tem poupado a esforços para estender até lá a canalisação do gaz; sabemos tudo isto; mas tudo isto prova apenas que os interesses individuaes dos senhores vereadores se têm dado bem com a presença de s. ex.^a na camara municipal.

Quem tem perdido é Coimbra!
A criação do partido municipal é uma inutilidade e uma infamia; porque é uma infamia desperdiçar sem consciencia e sem vergonha os dinheiros publicos, quando o povo grita de miseria, e quando, por lhe faltar o que é indispensavel, quando, por lhe faltar o pão, elle vai n'uma corrente assustadora procurar trabalho no Brazil, abandonando o solo ingrato da patria!
E, se o sr. Ayres de Campos quer favorecer os seus amigos, faça-o do seu bolso, pague a quem o serve, que é bem rico; deixe-se de fazer favores á custa do municipio, lesando a sua fazenda; porque, se não, a sua administração municipal pôde levar alguém a suppor que aquelle palácio maravilhoso que anda a levantar-se ao fundo da Sophia e em que um dia se abrirão museus, collecções e bibliothecas, será um dia, por uma razão subtil como a forjada agora para a criação do novo partido medico, será um dia tambem *passado* por s. ex.^a á camara municipal.

A criação do partido municipal é uma inutilidade condemnavel.
E ninguém venha dizer que, sendo por lei nova os lugares de delegados de saúde exercidos por os medicos municipaes, é necessario crear em Coimbra um partido municipal para que a cidade não fique privada de quem vigie e superintenda a saúde publica.

Ninguém venha *habildosamente* esconder-se detraz do sr. João Franco que manda, cobrir o seu medo com o papão ministerial. O sr. João Franco não é tão feio diabo como o pintam.
Em Coimbra ha uma faculdade de Medicina e um corpo medico numeroso, que têm dado sobejas provas de dedicação, todas as vezes que lhe têm sido exigidos serviços, embora gratuitos.

A faculdade de Medicina é corpo consultivo e sempre consultado, sem os seus membros se furtarem a serviço em bem da saúde publica.

Se a camara fosse superiormente obrigada a garantir pecuniariamente a remuneração dos serviços medicos, o dever do sr. Ayres de Campos não era sorrir velhacamente á ideia do ministro, lembrando-se da facilidade em anichar um afilhado sem emprego. O dever do sr. Ayres de Campos era pedir ao ministro que escolhesse delegado no corpo medico tão numeroso em Coimbra e tão illustrado, e arbitrar-lhe remunerações pelos serviços, quando os prestasse.

Este é que era o caminho nobre e digno; seguindo o, teria o sr. Ayres de Campos bem merecido de toda a gente.
É verdade que nem tudo lembra, e a ideia não vinha no *Diario do Governo*...

Ha dias, um estudante foi pedir ao secretario da Universidade que lhe passasse uma certidão qualquer.

Ainda no habito de applicar mézinhos aos doentes como antigo enfermeiro do hospital de S. José, o sr. Resurreição, distraído, pegou em uma folha de papel sellado e escreveu:

Eu abaixo assignado declaro que:
Marmellada globosa... 200 gr.
Sândalo Midy..... 1 frasco

O estudante olhou e disse: ó sr. José Joaquim, olhe que o sandalo faz doer os rins e o que eu quero agora é a certidão.

José Joaquim atrapalhado:
— Não me passam as drogas da garganta!

No *Diario do Governo* d'hontem vem publicado um decreto d'ictorial, pelo qual o governo se auctorisa a si proprio a adjudicar, sem concurso, o exclusivo do fabrico dos phosphoros.
Mais um monopolio!

Partido republicano

O nosso collega *Independencia*, da Povoia de Varzim, ac-ba de fazer a sua profissão de fé republicana, pelo que o felicitamos.

O bom filho á casa torna!
Fôra este jornal fundado pelo nosso querido amigo e dedicadissimo correligionario, dr. Eduardo Vieira, quando assentou banca de advogado na Povoia de Varzim.

Ultimamente militava a *Independencia* no partido regenerador, não sabemos por que artes.

Felizmente, o arrependimento não veio tarde, e vem-a agora de novo, e com toda a pujança, militar no partido republicano, cheia de fé na revolução que ha de salvar-nos do abysmo para onde a monarchia nos quer empurrar com todas as spas loucuras.

Na Povoia de Varzim ha bastantes e valiosos elementos republicanos, que o nosso amigo e illustre correligionario dr. João Pedro de Sousa Campos, medico distincto e antigo presidente da camara d'aquella villa, está tratando de congregar para alli se constituir a comissão municipal republicana.

Os nossos correligionarios de Espozende elegeram os seguintes cidadãos para a comissão municipal do partido:

Manuel Antonio de Barros Lima, capitalista; Ernesto Emilio de Faria, proprietario; Illydio Fernandes de Campos, proprietario; e Francisco da Silva Loureiro, proprietario e negociante.

N'esta mesma villa vae fundar-se um jornal republicano, intitulado *O Combate*.

Procedeu-se em Chaves á eleição da comissão municipal do partido republicano, sendo eleitos os srs.: dr. Pereira da Silva, advogado; Annibal Barros, proprietario; João Pereira Martins, commerciante; Manuel Alves Nobreza, capitalista; José Manuel Teixeira, commerciante; João Antonio Gomes, commerciante; Manuel Rodrigues Junior, industrial; substitutos: dr. Santos Astorga, medico e capitalista; Lulz Figueiredo, commerciante; Pinho Saldanha, commerciante; Antonio Gonçalves, pharmaceutico; Annibal Pereira, industrial; e José Joaquim Fortes, commerciante.

Os tres primeiros foram eleitos para a comissão executiva.

Felicitamos, cada vez com mais entusiasmo, o partido republicano do norte pela sua actividade. Parece, a muitos individuos, um trabalho secundario, este da organização das comissões republicanas; mas ninguém, com dois dedos de intelligencia, deixará de notar a importancia que este facto assume, desde que todos o consideram como principal elemento para o partido ser tomado a serio.

Estimaremos que assim o comprehendam as comissões provisórias eleitas em Lisboa para proseguirem na organização republicana ao sul do paiz.

A reunião progressista do Porto

Reuniu-se no dia 15 do corrente mez no seu centro, á rua do Laranjal, o partido progressista do Porto, a fim de resolver sobre a sua attitude perante a celeberrima reforma administrativa.

A ajuizar pelo que dizem os jornaes das diferentes parcialidades politicas, a assembleia só applaudiu com entusiasmo os oradores quando elles alludiram á necessidade de se dissolver o partido progressista e recorrer a meios revolucionarios para restabelecer o regimen da legalidade. Não nos surpreendem o modo por que se manifestou o partido progressista do Porto, porque conhecemos as opiniões e desejos que animam os que não têm tido, nem têm actualmente, parte em vis syndicatos. Estamos até intimamente convictos de que o Porto, laborioso e liberal, em que o partido republicano tem tido ultimamente um desenvolvimento extraordinario, ha de saber manifestar-se com toda a energia contra a desordem e desmoralisação que existe no paiz e que os poderes constituídos estão fomentando constantemente. Não tardará muito que mudem de opinião, os que ainda julgam que a monarchia seja capaz de fazer alguma coisa a bem d'esta desgraçada nação.

Roupa suja

Vão para o registro da *Resistencia* as seguintes reflexões, que encontramos na *Provincia*, do Porto:

«O sr. Marianno de Carvalho não gostou do que aqui escrevemos sobre as suas intenções politicas e sobre as relações com o seu antigo partido. O sr. Marianno quando ouve verdades, como as que nós escrevemos, não se defende, contestando-as; entende que é melhor empregar a sua favorita aggressão das piadinhas cheias de reticencias venenosas.

«A *Provincia* é orgão do partido progressista do Porto, procede do partido progressista e é do partido progressista, que defende, que apoia, e pelo qual se sacrificara até ao ultimo dia da sua existencia.

«Os chefes do partido progressista d'esta cidade não forçaram nem forçam o chefe d'aquella cidade a proceder d'esta ou d'aquella forma. Podem, no uso do seu direito e do seu dever, dar conselhos e fornecer indicações que lhes pareçam convenientes ao bem do partido.

«O nosso honrado chefe aceita-as, se julga que são dignas d'applauso, ou rejeita-as, se entende que essas indicações não produzem os resultados que se têm em vista.

«De modo que o sr. Marianno ha de ter a *regalia* de dar todos os dias no *Popular* conselhos ao partido progressista, e quer toher aos chefes do partido progressista o direito de fazerem ouvir a sua opinião, quando lhes é sollicitada pelo sr. José Luciano de Castro.

«O sr. Marianno, no auge da sua furia, diz que não quer discutir se foi o partido progressista que prestou serviços a s. ex.^a, ou se foi s. ex.^a quem levantou o mesmo partido. A verdade manda-nos dizer que o sr. Marianno prestou relevantes serviços ao partido progressista, até ao dia 19 de fevereiro de 1886. Não podemos negar este facto.

«Os serviços, porém, que o partido progressista fez ao sr. Marianno, quando se discutiu na camara dos deputados e dos pares a questão da *outra metade*, nunca se esquecer e nunca se pagam. O sr. Marianno bem sabe como se salvou de um tombo mortal. E tambem não ignora que o partido progressista ainda hoje é agredido por aquelles que o sr. Marianno agora defende, e isso em virtude dos actos que s. ex.^a praticou, quando geriu a pasta da fazenda. Não queremos tocar neste ponto. O sr. Marianno foi quem nos chamou a este terreno tão ingrato. Ainda assim podiamos ser mais severos na critica d'estes factos da sua vida politica.

«Assevera tambem o sr. Marianno que matou a fome a muitos dos que hoje não lhe chegam a morder. Não conhecemos no Porto nenhum correligionario nosso que tivesse fome, antes de ter sido nomeado para qualquer logar dependente da pasta que s. ex.^a dirigiu.

«O sr. Marianno, ou obedeceu a razões de interesse publico, na collocação dos empregados, ou norteeu essas collocações pelos sentimentos, que agora apregoa, do seu coração *misericordioso*. (que grande raão!) No primeiro caso cumpriu o seu dever; no segundo postergou os interesses publicos.

«Pela mesma theoria, nós devemos concluir que o sr. José Luciano fez ministro da fazenda o sr. Marianno, a fim de lhe matar a fome, podendo-se tambem dizer que o sr. Marianno rosnou á mão que lhe deu de comer.

«Finalmente o sr. Marianno r. fere-se aos progressistas *figurões* do mesmo partido. No Porto, sr. Marianno, todos os progressistas são leaes ao seu partido, e não precisam de que o sr. Marianno lhes passe diplomas de honestidade, porque diplomas de tal procedencia não são dos mais acreditados.

«Ora ouça o sr. Marianno S. ex.^a abandonou o partido progressista na hora da adversidade, sem motivo plausivel. Começou a cobrir de improperios o chefe d'esse partido, que sempre deu ao sr. Marianno as mais claras provas da sua lealdade e dedicação.

«Tem feito uma opposição encarnizada ao seu velho partido, sem este lhe ter dado ensejo para uma tão descaravel aggressão.

«E queria o sr. Marianno que o partido progressista, que se préza, o auxiliasse no seu velho plano de se fazer chefe de um partido, que insulta, que deprime, e tenta ridicularisar por todos os modos.

«Não conte com o partido progressista para esse fim.

«Valha-o Deus, sr. Marianno, que já está em idade de ter juizo!

«As *Novidades* vem de lança em riste contra o sr. dr. Oliveira Monteiro, a quem attribuem o que aqui se escreve sobre o sr. Navarro & Marianno.

«O que hontem escrevemos sobre o sr. Marianno supria bem a resposta que deviamos dar ás *Novidades*. O sr. Oliveira Monteiro não inspirou directa ou indirectamente o artigo, que tão grandes amargos de hõeca cauzou aos dois ex-ministros progressistas.

«Não estamos no direito de apreciar o procedimento politico dos srs. Navarro e Marianno, exactamente como estes dois sns. tem igual direito de apreciar os nossos actos politicos. Não vamos buscar na vida privada de s. ex.^a elementos para os combater. Essa vida, nem sequer a enxergamos.

«Não sabemos o que o sr. Oliveira Monteiro pensa a respeito do modo como aqui apreciamos a attitude politica do sr. Navarro e Marianno. Pense s. ex.^a o que quiser, que nós não mudaremos de opinião. Fazemos, porém, ao sr. Oliveira Monteiro, bem como a todos os progressistas leaes, a justiça de acreditar que elles não podem applaudir o procedimento que os dois ex-ministros tiveram para com o seu antigo partido.

«Nós, por que temos tanta sympathia pessoal, como antipathia politica pelo sr. Navarro, temos pena que s. ex.^a acompanhasse o sr. Marianno na sua metamorphose politica.

«O sr. Navarro não pôde querer que nós tenhamos para o seu procedimento palavras de louvor, quanto s. ex.^a pretende fazer, de parceria com o sr. Marianno, uma intriga no partido a que já pertencem.

«As *Novidades* querem, na referencia que fazem á attitude da *Provincia*, ridicularisar o

sr. Oliveira Monteiro, que, certamente, a esta hora se tem rido muito dos *cumprimentos* com que foi recebido á sua chegada a Lisboa.

«As *Novidades* ainda hão de ver se nós é que fugimos, deixando o Alcaide entregue a si proprio.

«Se quizessemos ser prophetas, diziamos que ainda um dia serão procurados os srs. Navarro, Marianno, Collen e outros, e só os encontrarão em... parte incerta...

A seu tempo apparecerão os comentarios.

«O Conimbricense»

Continua a ser vivamente commentada nesta cidade a attitude do illustre redactor d'este nosso distincto collega, sendo-lhe dirigidos os maiores encomios. Persistindo alguns *patriotas* na affirmação de que o sr. Joaquim Martins de Carvalho, condemnando o procedimento do actual governo, não havia adherido francamente ás ideias republicanas, esse velho liberal entendeu que devia desmentil-os d'um modo categorico.

Ahi vão as declarações que faz no ultimo numero e que mais uma vez revelam a nobreza do seu caracter.

«A nossa posição é bem clara e definida.

«E' aquella para onde estão indo os numerosos cidadãos, de todo descrites do actual systema politico, pelo que o abandonaram, justamente revoltados contra a maneira como se escarnece da nação.

«Pois estavam persuadidos que haviam de zombar impunemente dos homens liberaes, pretendendo fazer-nos voltar para o absolutismo, contra que tanto se luctou?

«São muito pequenos para isso. Não o conseguiram politicos de outra esfera, quanto mais esses pygméus que estão no poder.

E' o que faltava ver que os liberaes se deixassem espesinhar, sem os mais energicos protestos, por tal gente!

«Muito antes dos actuaes ministros nascerem já cá estavam os homens liberaes, que combateram valentemente contra o governo despótico de D. Miguel, e o supplantaram; e igualmente luctaram com os governos *atrabiliarios*, que se seguiram no reinado de D. Maria II.

«Continuem, e esperem-lhe o resultado. — Assim o querem, assim o tenham.

Joaquim Martins de Carvalho.

Camara municipal de Lisboa

Parece que a comissão administrativa da camara municipal de Lisboa votou que não havia motivo para convocar uma sessão extraordinaria a fim de protestar contra a reforma administrativa, sessão que havia sido pedida pela minoria republicana.

Veja-se a que estado de degradação chegaram os heroes que estão desempenhando as mais importantes funções dentro da monarchia! Declara-se que não ha motivo para a camara protestar contra uma reforma que, entre outras disposições altamente offensivas para o municipio de Lisboa, contém a do extraordinario visto nas ordens de pagamento!...

Francamente, não se pôde descer mais.

Ao contrario do que affirmou a imprensa, parece que não ha ainda trabalhos alguns sobre a reforma eleitoral prometida pelo governo nem sobre o projecto de incompatibilidades. Não admira, porque o governo tem andado seriamente preocupado nos ultimos dias.

O rei, desgostoso com alguns factos que revelam eloquentemente quanto é querido pelo povo, tem dado a perceber aos seus queridos ministros que está resolvido a prescindir dos seus serviços. Ora estes, que acima de tudo e primeiro que tudo presam as pastas, tratam de descobrir os meios de se conservarem no poder.

Fazemos os mais ardentes votos para que sejam felizes nas suas intrigas.

Reina Regente

Tem causado viva conternação a noticia, que infelizmente se confirma, do naufragio do vapor hespanhol *Reina Regente*.

Levara 400 pessoas, que, provavelmente, pereceram todas pela forma mais horrivel.

Carta de Lisboa

15 de março de 1895.

Os jornaes ainda se referem ao *es-tenderete* do sr. João Franco, quando aconselhou os rapazes a que pedissem o feriado ao rei. Com os rapazes, nem o diabo se quiz metter, lá diz o dictado. Pobre João Franco!

Mas o feroz dictador (de accender só na caixa) passou adiante e agora só se preoccupa com a pavorosa que desde ha muito vem sendo delineada, com todo o seu cortejo de boatos, transferencias de tropa, prevenções inuteis e fingidos sustos do governo.

Eu não me canço de repetir que o governo tem por toda a parte uma rede de espíões, pessoas até de cathogoria relativamente elevada. Por isso, que os impacientes se moderem e os ingennos se acatelem da ferocidade de varios patriotas contra a monarchia.

Lembrem-se do 31 de janeiro!

— Ainda se não sabe quando será publicada a reforma eleitoral, mas é de esperar que não se demore.

O tal sr. Ferreira d'Almeida, feroz na primeira arremetida, tem pouco a pouco abrandado e já se convenceu de quanto a cadeira ministerial traz ventura até aos mais patetas. Que, digamol-o aqui, o sr. Ferreira d'Almeida é mesmo um monstro de intelligencia. Que o digam os que leram os seus brilhantes artigos na *Vanguarda*.

— Já estão reatadas as relações entre Portugal e o Brazil. Por que preço isso nos ficaria, mais tarde o sabermos, visto como — ai de nós! — foi a Inglaterra a medianeira na solução da questão. O que me causa nojo é ver o entusiasmo de alguns pelos bons officios da Inglaterra. Ao que nós chegámos! O ladrão que nos rouba constantemente, que nos insulta, que nos espesinha, que nos espreeita as colonias para acabar de completar com ellas o seu imperio, já nos soccorre, já nos auxilia, já se tornou procurador da nossa honra.

E como certos canalhas esquecem o que é tão recente, e como a imbecilidade e a immoralidade do paiz acceitam tudo quanto se passa!

Sucia de... patriotas!
Enfim, vamos andando, que não tarda a carroga do lixo para levar este paiz ao Panthéon da historia.

— O rei, que esteve incommodado no dia da partida da expedição para a Africa, já hontem andou passeando de carruagem descoberta.

Sua magestade está muito abatido. — O sr. José d'Azevedo foi nomeado director geral da Instrucção Publica. Temos todos muito que nos instruir com este sr. José d'Azevedo.

— As comissões provisórias, eleitas no congresso, para organisarem ao sul do paiz o partido republicano, trabalham activamente para a conclusão dos seus trabalhos. Ha muito que esperar dos nossos correligionarios de Lisboa.

Jocelli.

Dr. Manso Preto

Ao entrar no prélo o nosso jornal, é nos communicada a noticia do subito fallecimento do nosso illustre correligionario e querido amigo dr. Jose Joaquim Manso Preto. Foi victima d'uma apoplexia.

Não nos é possivel, por absoluta falta de tempo, dar neste numero uma desinvólta noticia da vida d'este prestantissimo cidadão, que foi um modelo de virtudes civicas e domesticas. Fal-o-hemos no immediato, limitando-nos hoje a dizer que é profundissima a dôr que nos feriu pela sua morte, já como amigos devotados, já como republicanos, e a enviar um sentidissimo pezame a seus illustres filhos.

CONVITE

A comissão municipal dos republicanos de Coimbra tem a honra de convidar todos os seus correligionarios a incorporarem-se no cortejo funebre do dr. José Joaquim Manso Preto, á hora a que fór anunciado.

Dr. Dias da Silva

Tivemos o prazer de receber a noticia de que está melhor da doença que ha tres mezes o tem afastado da cadeira, que tão proficentemente estava regendo, o nosso querido amigo e erudito lente da faculdade de Direito, sr. dr. Manuel Dias da Silva.

Foram convidados a colaborar na Arte Portuguesa os nossos collegas Antonio Augusto Gonçalves e dr. Teixeira de Carvalho.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves publicará brevemente nessa revista artistica um estudo sobre o pulpito de Santa Cruz.

Sabirá hoje da Sé Cathedral, pelas cinco horas da tarde, a procissão do Senhor dos Passos. Percorrerá o antigo trajecto, por concessão feita pelo sr. Bispo-Conde à propria commissão que primeiro lhe tinha pedido licença para o modificar.

Realisar-se-ha no dia 30 do corrente mez o acto de licenciado do nosso amigo dr. Alvaro José da Silva Basto.

A sua dissertação inscreve-se — Da forma da terra. Nella argumentará o sr. dr. Sousa Pinto.

O curso do sr. Basto, cheio de provas brilhantissimas, faz prever um acto esplendido.

Realisam-se hoje as eleições dos corpos gerentes da Assembleia Recreativa d'esta cidade.

Ha grande animação entre os socios. A Assembleia, nos ultimos mezes, tem atingido um desenvolvimento enorme.

Os esforços inteligentes e valiosissimos dos nossos amigos José Duque e Cassiano Ribeiro têm sido coroados do mais animador resultado.

Brevemente se inaugurará a sua nova e magnifica installação na rua de Ferreira Borges.

Felicitemos a Recreativa com todo o nosso enthusiasmo pelos progressos já obtidos e pelos que promete, de futuro, ainda attingir.

Todos os jornaes d'esta cidade se tem referido aos magnificos livros de missa que o nosso presadissimo amigo Adriano Marques acaba de receber da Belgica e tem à venda na sua Casa Havana.

Tivemos occasião de os ver e admirar, e confirmamos, em verdade, as encomiasticas referencias dos nossos conterraneos.

Passa amanhã o anniversario da communa. O partido socialista d'esta cidade commemora-o singela mas eloquentemente.

O Instituto

O primeiro numero d'este anno do Instituto, que temos à vista, é o primeiro em que se quer accentuar a influencia dos novos elementos que entraram para a sua redacção e de que havia a esperar uma reforma a fundo, tanto na parte technica e disposição typographica, como na boa escolha do original.

Não pôde ainda dizer-se que a commissão tenha realiado o programma prometido, porque, se a disposição typographica anterior era antiquada, é todavia certo que era perfeita. Como innovação, o arranjo typographico do Instituto, que é uma innovação feliz, não é todavia perfeito, sendo necessario reformar o typo do titulo de modo a uniformisar com o emblema, feito em traços grossos e energicos, que ligam pouco com o typo escolhido, de traços delicados e finos.

As gravuras escolhidas na Imprensa da Universidade estão gastas do uso e são exemplares — apenas curiosos. O cul-de-lampe da poesia de Louis Pilate foi collocado desastrosamente, e a pagina é do peor effeito.

O arranjo typographico da poesia de Eugenio de Castro é tambem detestavel.

Isto pelo que diz respeito à parte technica.

Na parte litteraria, nessa todos os nossos louvores, applaudindo sem reserva o minucioso e trabalhado estudo de Vasconcellos, sobre a Sé Velha; os versos de Eugenio de Castro, curioso capricho de artista e de erudito; e a bibliographia tão curiosa. E' da maior importancia historica o manuscrito das obediencias dos geraes dos jesuitas, que se começa a publicar no presente numero, e que no momento actual representa um acto de coragem muito para applaudir.

Parabens.

O commissario de policia d'esta cidade andou, no espectáculo de sexta feira ultima, a fazer rondas de simples guarda.

Procurava s. ex.^a occasião para realisar algumas prisões. Não a encontrou.

Desgraçadamente, achou-a hontem.

Fizeram exame de pharmacia no Dispensatorio da Universidade os srs. João Marques Namorado, de Alter do Chão; e Jacintho Moniz, de Ponta Delgada.

Foram approvados.

A companhia de zarzuela, que proximamente se estreia no theatro-circo d'esta cidade, tem um largo repertorio. Alem de varias peças de valor conhecido, como El Rey que rabió e o Duo da Africana, compõe-se, entre outras, de La chosa del Diabo, Processo de la Bella Chiquita, La Bayadera, Verbena,

e da Espada de Honor, brilhante quadro militar, em que são notabilissimas as manobras d'um numero exercito feminino, que, seguramente, despertará em Coimbra o mesmo enthusiasmo que, todas as noites, tem causado em Lisboa.

A companhia equestre de D. Michaela Alegria parte amanhã para o Porto.

Na sexta feira ultima apresentou um novo trabalho—As doze damas romanas, revestidas de armaduras d'ouro.

Comquanto inferior à espectativa, este numero despertou algum enthusiasmo e foi bisado.

Hontem, foi repetido.

Hoje, despedida da companhia, o espectáculo offerece grandes atrativos e algumas novidades.

Não percam os entusiastas a occasião.

Parece que ainda antes das ferias de Paschoa dará a companhia do theatro D. Alfonso, do Porto, algumas recitas n'esta cidade.

Entre outras, levará à scena o applaudidissimo Brasileiro Pancrácio.

Foi despachado recebedor da comarca de Elvas o sr. Guilherme Augusto Rocha, filho do sr. sollicitador Rocha Ferreira.

O acto de licenciatura do nosso dedicado amigo, sr. dr. Antonio dos Santos Lucas, correu brilhantissimo, como tinhamos previsto e era de esperar em face do seu passado.

Com effeito, s. ex.^a, que um dos redactores d'este jornal teve o prazer de conhecer desde os seus triumphos magnificos nos primeiros annos dos preparatorios, no lyceu da Guarda, obteve na faculdade de Mathematica dois partidos e dois premios, e na de Philosophia um premio, dois accessits e uma distincção. Além d'isso, teve na faculdade de Mathematica, por occasião da sua formatura, 18 valores.

Tambem em Lisboa fez muito distintamente o curso de engenharia.

Não nos causou, porisso, admiração o seu acto de sexta-feira ultima. Entretanto, foi-nos muito grato verificar, como amigos de s. ex.^a, que os seus extraordinarios creditos foram confirmados e elevados com esta prova difficil e complicada, de que sahiu coroadado de louros.

Chega amanhã a esta cidade o sr. dr. Bernardino Machado, illustre professor da faculdade de Philosophia.

Gymnasio de Coimbra

Realisa-se na proxima quarta feira, 20 do corrente, no Gymnasio d'esta cidade, um brilhante sarau, a que assistirão os socios e suas familias.

Esta associação, por todos os moti-

vos digna dos maiores elogios, apresenta os multiplos exercicios d'uma classe de alumnos, mostrando assim o empenho que tem em prodigalisar às creanças todos os meios de educação physica, tão necesarios e proveitosos naquellas edades.

Além d'esta classe elemental, o sarau é abrilhantado pelo concurso de varios socios, havendo trabalhos em argolas, em parallelas, em trapezio e arame, o que tudo nos faz prevêr uma noite de verdadeira festa e de delirante enthusiasmo, como costumam ser sempre as soirées dadas n'aquella sympathica aggremação.

E' de esperar que a concorrência seja, como de costume, selecta e numerosa, e que se passe uma noite alegre e festiva.

Falleceu o antigo bedel da faculdade de Philosophia, José Alves de Carvalho. No seu passado de grande liberal descobrem-se vestigios de perseguições despoticas semelhantes às que hoje ameaçam os republicanos.

Que descanse em paz.

O tribunal do commercio, na sua sessão de ante-hontem, homologou duas concordatas: a do sr. Antonio d'Almeida e Silva e a do sr. Antonio Mendes Cravo.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 7 de março de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, vicepresidente da camara.

Vereadores presentes: — João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manoel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos; — José Correia dos Santos, substituto.

Feita pela presidencia a declaração de não ter havido sessão no dia 28 de fevereiro, por não ter reunido numero legal de vereadores para funcionar, arrematou a camara em praça os impostos dos generos a consumir na freguezia de Trouxemil até o fim do corrente anno civil.

Tratando-se da thesouraria da camara e prestando a presidencia esclarecimentos acerca das disposições do novo codigo administrativo sobre o assumpto, mostrando por um lado não haver conveniencia na passagem, já auctorizada, da thesouraria do municipio para a recebedoria da comarca, e por outro não poder fazer-se desde já a nomeação de thesoureiro privativo, por isso que o novo codigo não está ainda em execução, resolveu-se consultar o chefe do districto acerca das medidas a tomar.

Apresentada uma nota da liquidação da conta do fallecido thesoureiro, a

guardas-francezes, não faremos mal nenhum; desçam as pontes!

— Desçam as pontes! repetem os combatentes.

As pontes desceram, e a multidão precipitou-se.

A guarnição estava formada no pateo, as espingardas encostadas à parede. Os invalidos ficavam à direita, os Suissos à esquerda. Os primeiros applaudiram, mas os seus uniformes recordavam o combate, e o combate evocava as victimas; o povo respondeu aos seus applausos com ameaças.

Os segundos, pelo contrario, vestidos com fatos de panno, foram tomados por prisioneiros: saltaram-lhes ao pescoço.

Com um frac branco, a cabeça descoberta, a mão apoiada n'uma bengala de castão d'ouro, M. Launay esperava sem dizer nada.

Um negociante da rua Noyers-Saint-Jacques, chamado Chalot, reconheceu-o e prendeu-o.

Elle puxa d'um punhal e quer-se matar; seguram-o; e levam-o.

E' enorme a desordem dominada por duas correntes de gritos:

— Onde estão as victimas? Traze-mos-lhes a liberdade!

— Os prisioneiros para o Hotel-de-Ville!

Rebuscam-se os cantos e os recantos da prisão; soltam-se os prisioneiros e levam-se em triumpho; tiram-se

qual ficou transcripta na acta, resolveu-se dar quitação aos herdeiros do fallecido, depois de lavrado o competente termo, que ficará transcripto na acta da proxima sessão ordinaria.

Mandou enviar ao commissario de policia, para o devido procedimento, uma participação acerca de uma aggressão feita por um carreiro a um empregado da camara, encarregado de trabalhos para a canalisação das aguas.

Auctorizou a reparação da casa da escola de Vil de Mattos, orçada em 2\$125 réis.

Auctorizou a construcção de travessas enrelvadas para derivação das aguas da rua de Lourenço d'Almeida Azevedo, obra orçada em 35\$000 réis.

Resolveu pedir superiormente o pagamento do subsidio do governo para o asylo dos cegos, em Cellas, relativo aos annos de 1894 e 1895, bem como das despezas feitas com a limpeza e conservação do edificio do governo civil em 1893 e 1894.

Auctorizou alguns reparos no caminho da feira das Neves, orçados em 15\$000 réis.

Mandou fazer doze camisas para os asylos do asylo de Cellas.

Mandou intimar um proprietario de Valle de Linhares para levantar terras cahidas de um predio para o caminho publico.

Mandou descontar o vencimento de dois dias a um vigia dos impostos, por irregularidades no serviço, sobre que foi ouvido.

Auctorizou a reparação de um muro de suporte ao caminho de Banhos Seccos, que ha pouco desabou com o temporal.

Attestou acerca de cinco petições para subsidios de lactação a menores.

Auctorizou diversas avencas para consumo d'agua até o fim do corrente anno.

Auctorizou o pagamento de trabalhos em diversas obras municipaes.

Despachou requerimentos, para trasladação de ossadas no cemiterio da Conchada; para a collocação de letreiros e taboetas em varios estabelecimentos; para a renovação do pagamento de taxas de covatos no cemiterio; para o deposito provisorio de materiaes na alameda da rua Oriental de Mont'arroyo; para a abertura de serventias entre propriedades particulares e as estradas do Ameal e de Ceira; para a vedação de dois predios em S. João do Campo, sem occupação de terreno publico; e para uma pequena alteração nas janellas de um predio a construir na rua do Tenente Valadim.

Tomou conhecimento da correspondencia recebida, e indeferiu dois requerimentos dirigidos à camara, sendo um para o reembolso do preço por que foi arrendada a limpeza do logar de Arzilla e outro pedindo o abono de parte das despezas que o empreiteiro das obras de terraplenagens da rua de Lourenço d'Almeida Azevedo é obrigado a fazer para que lhe seja recebida a empreitada.

as cadeias e as chaves e levantam-se ao ar como tropheos. Todo o mundo se abraça, chora, grita: tudo enlouqueceu.

Já de rua em rua e de praça em praça a grande nova atravessou Paris. Os que não tinham combatido, querendo tambem uma parte do combate, andavam aos encontros aos que acabavam de vencer...

Foi uma hora de cahos, ao fim da qual appareceram sobre o mar humano algumas cabeças pallidas, as dos prisioneiros levados em triumpho, e algumas cabeças ensanguentadas, as dos guardas que os vencedores não tinham podido proteger todos...

Santerre, findo o combate, tornara a montar Sans-pareil, e sorria de alegria ao encontrar ao seu lado Labroche e Galaud, seus bons companheiros.

Então dirigindo-se à turba de Saint-Antoine:

— Meus amigos, estaoute ha necessidade de luz. Ponde luminarias! Eu encarrego-me de fornecer lanternas a quem as não tiver!

— Sim, sim, senhor Santerre!

— Eu fui ferido, senhor Santerre!

— Senhor Santerre, olhe o que eu trago!

O que assim fallava trazia uma cadeia partida.

(Continua).

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1780—1792

VI

A PRIMEIRA FAÇANHA DE CADET TRIGOT

Alguns homens corajosos, dirigidos por um carpinteiro, sobem ao tecto d'um pequeno edificio da guarda, ao lado da primeira ponte levadiça. Cortam as cadeias à machadada e fazem descer a ponte. A multidão passa; está no primeiro pateo. A guarnição descarrega; as fleiras dos assaltantes rareiam.

O echo da fuzilaria chega ao Hotel-de-Ville. Os senhores eleitores enviam uma nova deputação.

Esta deputação perde-se no fogo e no fumo. Uma segunda, com o procurador da cidade à frente, avança com tambor e bandeira. Os soldados, avisando-a do alto das torres, arvoram por sua vez a bandeira branca. O povo segue a deputação; vai a penetrar na praça: uma descarga da guarnição falla-a parar.

Ainda mortos e feridos. Então o enthusiasmo transformou-se em furor.

— Se for necessario, os nossos cadaveres encherão os fossos.

E todos se precipitam, sem abrigo, contra as pedras e fogo.

Os canhões estão apontados. Formam-se duas columnas, uma de guardas-francezes, a outra de operarios e de burguezes. Santerre faz adeantar carros de palha, a que os do seu bairro põem o fogo. Um obstaculo para a defeza, mas um obstaculo tambem para o assalto. Os mais avançados deliberram; alvitram-se meios... As espingardas dos Suissos e dos invalidos continuam a abaixar-se e a levantar-se, apontando à multidão do povo...

Os combatentes apinham-se. Chegam sem cessar. Paris inteiro sobe para a Bastilha...

Trazem uma rapariga nova para junto da fortaleza.

— E' a filha do governador! grita uma voz.

— Deve ser queimada viva, se o pae se não render! responde uma outra voz.

Um dos assaltantes lança-se sobre a victima designada, agarra-a nos braços, leva-a e volta a combater. Chama-se Bonemer.

Havia então oitenta e oito feridos e oitenta e tres mortos.

Dentro, os soldados estavam divididos.

— Devem render-se! diziam os invalidos.

— Devemos resistir! diziam os Suissos.

O governador, de Launay, sombrio, dizia para si, baixo: — Devo morrer!

De repente agarrou n'uma mecha de canhão; aproximou-se do paiol.

Dois dos seus officiaes saltam sobre as espingardas e põem-lhe aos peitos as baionetas.

— Abaixo as pontes! Abaixo as pontes! gritava o povo.

A fuzilaria continuava a responder-lhe.

Os canhões de fóra começavam a atirar sobre as cadeias da ponte levadiça.

De Launay pegou n'uma pena e escreveu:

«Temos vinte mil cartuchos; senão acceitarem a capitulação, faço saltar a guarnição e o bairro inteiro.»

Escrepto o bilhete fel-o passar por um dos postigos da ponte levadiça.

Como poderão chegar-lhe os assaltantes, separados do muro da cidade pela por um fosso?

Trazem uma prancha; estendem-na sobre o parapeito; alguns põem-se em cima a fazer contrapezo, e, com o passo firme, um desconhecido arrisca-se sobre o caminho movel. Ouve-se um tiro; cae morto no fosso. Maillard, que o seguia, faz as suas vezes, agarra o bilhete e entrega-o a Elie, que o lê em voz alta e o espeta na ponta da espada.

— Palavra de soldados, dizem os

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.
Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LOJA DO POVO

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietário o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chailemantas de merino, merinos francezes, armures pretos e uma variada collecção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, proprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

FRANCISCO FRANÇA AMADO
ANTIGA LIVRARIA ORCEL
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

COIMBRA

Novidades litterarias

Dr. Antonio de Vasconcellos — Viriatho (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol.	350
Eugenio de Castro — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar. 1 magnífico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho	800
Manuel da Silva-Gayo — Os Novos. 1 — Moniz Barreto 1 vol.	400
Alberto Pinheiro — Alva. Com um prefacio de Eugenio de Castro. 1 vol.	700
Manuel Anaquim — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol.	500
Alvaro de Albuquerque — Matinaes (verso) 1 vol.	500
Sousa Ribeiro — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol.	500

Assignaturas para todos os jornaes de môdas nacionaes e estrangeiros

A. J. LOPES DA SILVA

Repertorio Juridico Portuguez

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 155000 réis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatna permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

MENDES MARTINS

DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES

1 volume em 8.º, 400 réis

PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL

1 volume em 8.º, 600 réis

A VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

CODIGO DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR Decreto de 24 de janeiro de 1895
3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alfabético

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do Codigo do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na fôrma, pelo governo.

Preço **200 réis**
(FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

QUESTÕES PRATICAS DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL
ou
Collecção de casos julgados

por José Maria de Freitas

1 grosso vol. 1\$000, pelo correio 1\$050 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

Interpretação e construcção litteral DAS FABULAS DE PHEDRO

por Um antigo professor de latim

1 volume..... 700 réis

A' venda na casa editora de F. França Amado, Coimbra—e em todas as livrarias do paiz.

Bomba para incendio ou jardim

19 Vende-se uma quasi nova e por metade do seu valor. Quem pretender dirija-se ao sr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

FORNO

18 Arrenda-se o antigo e bem conhecido forno no Adro de Baixo ou rua dos Esteireiros. 30 a 34.
Para tratar, na mesma casa 2.º andar.

OFFICIAL DE SAPATEIRO

17 Precisa-se d'um para a Louzã, com boas habilitações, e que na falta do mestre corte qualquer obra. Dá-se bom ordenado, cama, meza e roupa lavada. Não deve trazer familia. Qualquer pretendente dirija-se à loja dos srs. Augusto Erse & Filho, na Louzã.

Marçano

16 Precisa-se de um com prática de fazendas brancas, proximo a ganhar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo

43, Praça do Commercio, 45
COIMBRA

BENGALAS

15 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

PHAETON

14 NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

13 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.



7 AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Aranjo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92—Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

6 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

AOS MESTRES D'OBRAS

12 Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2º,50 X 0º,35 a 0º,65 de largo, e 0º,04 a 0º,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.
Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Arrenda-se

11 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario.—Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

Fernão Pinto da Conceição CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

10 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

9 NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continua o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado. Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continda a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

Amendoas! Amendoas!

CONFEITARIA E MERCEARIA

Innocencia & Sobrinho

91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

5 Enorme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. *Grandes descontos aos revendedores.* Enviaem-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

Neste estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscoutos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Gerez e Champagne, genebra, licores, etc., etc.

Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

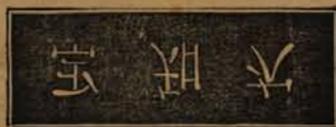
247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

4 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

3 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampilha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344:000\$000

Fundo de reserva 225:000\$000

2 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, moblias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Vinho de mesa puro genuino

1 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 0/0.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 9

COIMBRA — Quinta feira, 21 de março de 1895

1.º ANNO

Os Lentes e a Academia de Coimbra

Dois factos, recentes ainda, continuam pondo em evidencia os lentes e estudantes da Universidade de Coimbra.

Um refere-se á reprehensão dos lentes que, no uso pleno dos seus direitos, por actos que encontram garantia nas leis do paiz, fizeram manifestações de character politico adversas ás instituições monarchicas.

Outro diz respeito aos representantes da Academia de Coimbra se terem recusado a favorecer intuitos politicos, menos dignos, do governo, solicitando do rei uma concessão.

A comissão dos estudantes encontrou ao seu lado toda a Academia. Assim era de esperar. Com a generosidade que caracteriza os novos, apesar das suas muitas imprudencias e leviandades, os estudantes haviam deliberado que o nome de João de Deus jámais devia ser, por honra d'elle e de todos, o pretexto de qualquer acto politico. Por mais generosas que fossem as idéas de quem pretendesse manifestal-as, entendeu-se e bem que não era opportuna a occasião, porque a homenagem prestada ao poeta e ao mestre era bastante como symptoma do culto aos grandes principios da humanidade, e abrigava assim as mais puras e honestas crenças dos corações juvenis. Independente, livre, correcta no seu proceder, a Academia foi unanime em seguir a linha, que a mais elementar noção de dignidade traça aos que se presam. É assim, entre o servir de pretexto a uma especulação com que o rei folgaria e os estudantes se amesquinhariam, e seguir o mais correcto procedimento, sacrificando o prazer de um dia de descanso e a pratica d'uma boa acção, a Academia não hesitou. Sentiu não poder realizar os seus bons desejos, mas por unanimidade o seu voto foi: que, n'um momento excepcional como o da homenagem a João de Deus, os estudantes se deviam conservar absolutamente libertos de todas as vergonhas, que deprimem constantemente o character da sociedade portugueza.

Este foi o procedimento dos estudantes.

Vejamos o dos lentes.

Nenhum dos professores reprehendidos deixou ou deixará, desde que cada um se traçou uma linha de proceder, de seguir o caminho que a sua consciencia impõe. No partido republicano de Coimbra, organizado e disciplinado, ninguém absolutamente receia as consequências dos seus actos, ninguém declina a mais insignificante responsabilidade. Nenhum dos lentes reprehendidos solicitou o apoio dos seus collegas! Ninguém pediu auxilio!

Mas a verdade, a triste verdade, segundo informações que reputamos seguras, é que, havendo em varias faculdades, em algumas até a maioria, professores que entendiam que se devia protestar contra a circular do governo, porque os lentes republicanos, nos actos que lhes foram censurados, procederam ao abrigo

da lei, fazendo mesmo aquelles professores algumas tentativas nesse sentido, uma parte do corpo docente levantou embaraços que não puderam ser superados. E assim deixará a Universidade passar impune, peor ainda, despercebido, um attentado contra a liberdade de pensamento de alguns de seus membros. A Universidade, como não se manifestou publicamente, collocou-se na triste condição de lhe perguntarem se desconhece os direitos politicos dos cidadãos portuguezes.

Os lentes, com todas as garantias de independencia, com uma situação definida na sociedade, com o dever, moral, pelo menos, de representarem, como élite intellectual, um protesto contra todas as violencias de um poder ilegal, desorientado e scientificamente inferior, os lentes deixaram os seus collegas abandonados, expostos a todas as eventualidades, que uma excepcional situação pode trazer-lhes. Não que os perseguidos se arreceiem, mas porque é deprimente para uma alta corporação scientifica ver alguns dos seus membros sujeitos ás mais injustificadas vinganças.

Felizmente, diga-se de passagem, que, principalmente de 1890 até hoje, nenhum estudante se viu isolado nos seus actos politicos, e tem tido collegas que, por uma elevada comprehensão de dignidade, se tem sacrificado pelos perseguidos!

Mas, a gravidade do que se passa, não consiste em os lentes republicanos, que absolutamente confiam em si, se verem abandonados pelos seus collegas que não protestam contra a offensa que lhes foi feita.

A gravidade do facto não está na incoherencia de se deixarem violar direitos, que tantas vezes se invocam e justificam; é certo que tudo isto tem importancia, mas a grande, a enorme gravidade de tudo quanto se passa consiste em que, pertencendo ao lente, por direito e por dever, uma excepcional missão educadora, tendo de acompanhar a exposição de principios scientificos com a pratica de uma orientação social, toda guiando-se pelos mais nobres principios de civismo, desinvolvendo os caracteres a par do aperfeiçoamento das intelligencias, os estudantes estão colhendo um pessimo exemplo, que mais ainda prejudicará uma sociedade, cuja crise mais afflicta é, por certo, a moral.

É a dolorosa impressão de quanto vimos dizendo torna-se mais flagrante, quando se vê o seguinte: — os estudantes procederem como é de suppor que mestres sollicitos os tivessem ensinado, e os mestres ficarem collocados n'uma situação, que parece resultado de outros factos, que todos admiram ainda não tivessem feito perder á mocidade as suas mais nobres aspirações.

Com magua o dizemos, os estudantes desejariam poder afirmar que todos os seus grandes actos os deviam a exemplos colhidos na corporação docente da Universidade. Infelizmente para este desgraçado paiz, têm de afirmar que, procedendo dignamente, a si proprios o de-

vem. Pouco importa! Impondo-se cada um o seu dever, isolados quasi, os estudantes melhor podem retemperar o seu character, e com orgulho dizer ao paiz, em nome da liberdade e da justiça, que conte com elles.

E o professorado universitario, não tendo dito publicamente que idéas neste momento o inspiram, para fazer alguma coisa, receba, para fecho da obra, o sr. João Franco, em sessão solemne, na sala dos capellos, como segundo marquez de Pombal, reformador da Universidade!

Numa conversa em que se fallava do zelo epileptico do commissario de policia pela ordem e pelas instituições, alguém dizia:

Aquelle Ferrão parece um artigo de fundo das *Novidades*.

Mas muito mal escripto, amigo, com muita agua...

Sim, você tem razão, o vinho está uma miseria!

Tudo falsificado...

Idiotas!

As *Novidades*, cuja influencia todos nós conhecemos nos actos do imperador da Allemanha e do Czar de todas as Russias, esse jornal que na Europa mantem a ordem inspirando Canovas, Crispi e varios chancelleres de ferro, não descuram a missão que lhes foi imposta pelo destino, e aconselham horrores capazes de fazer tremer os proprios cafes.

Jesus! que aquelles artigos até parecem soldados da municipal.

Como a situação da Hespanha não é a que o nosso refinadissimo Navarro deseja, na esperança de que algum dia possa florescer nas lamas de *nuestros hermanos* qualquer syndicato, ahi temos as *Novidades* clamando que a ordem periga e é necessario que o governo portuguez metta na cadeia alguns agitadores.

Assim se evitará que nas ruas corra o sangue, accrescenta o valente articulista.

E o thema desinvolvido com raciocinio de cabo de policia, em nome das ordens recebidas, apavora os revolucionarios.

Claro que se o palavriado é ridiculo, a intenção nem por isso deixa de ser indigna.

Todavia como ás denuncias d'aquelles cretinis é facil resistir e como ás suas ameaças não vale a pena retorquir, façamos votos ao Altissimo para que os conserve assim espavoridos e tremulos, fallando á Europa ameaçada pelos jacobinos.

Espavoridos e tremulos, dissemos nós. Foi uma preocupação de phrase, pois o final do artigo das *Novidades* a que nos vimos referindo, attinge as raizas do stoicismo.

Ora vejiam:

«O egoismo e a prudencia pessoal, que são os caracteristicos da epocha, recommendavamos escrever de outro modo. Mas nós tivemos sempre um profundo desprezo por todas as cobardias e por todas as popularidades faceis. Não sabemos se isso é a nossa fraqueza, se a nossa força. Mas é o nosso feito, e nelle nos quedaremos.»

Toda esta apparencia de coragem provem da ameaça, aos das *Novidades*, e que elles jámais esqueceram, de que baloocariam numa corda, suspensos de um candieiro.

Ameaça imprudente no fim de contas, para aquelles a quem a propria *blague* assusta.

Para que enforcá-os?

Para ainda depois de mortos rouba-rem a corda?

MARTINS DE CARVALHO

A profunda impressão que não só em Coimbra mas em todo o paiz causou o facto de se filiar no partido republicano o velho liberal e honrado decano dos jornalistas portuguezes, Joaquim Martins de Carvalho, cada vez se accentua mais. Sendo numerosas e de valor as adhesões que o partido ultimamente tem tido, nenhuma d'ellas causou tanto abalo no espirito publico. E era justo que assim succedesse.

Trata-se d'um cidadão benemerito

Academia de Coimbra preferindo ao prazer de algumas horas, que na sua idade tantos attractivos tem, o cumprimento do que entendeu e bem que era dever seu, mais o é o d'esse respeitavel ancião que, depois de ter gasto uma já longa vida em promover a felicidade do seu paiz, ainda agora se apresenta disposto para novos trabalhos, para duras provações, a fim de evitar que sejam annullados os resultados obtidos pelos generosos esforços da sua geração.

Honra a Martins de Carvalho!

A sua nobre attitude merece que



que, tendo luctado sempre e com a maior hombridade e energia pela conservação e desinvolvimento das instituições liberaes, havendo sacrificado por ellas a sua liberdade, ainda agora, já no ultimo quartel da vida, quando vê a nação dominada por um atroz e abominavel despotismo, quando vê, no meio do mais dissolvente egoismo e da mais revollante cobardia, baquear as instituições por que tantos sacrificios fez, levanta um protesto energico, vehemente, contra essa monarchia perdida que parece apostada a fazer desaparecer com as instituições a propria nacionalidade.

Ora este acto não podia deixar de commover essa consciencia nacional, que na historia se affirmou d'um modo tão brilhante e que hoje parece completamente obcecada no immundo lodagal em que as suas classes dirigentes lançaram o velho Portugal, porque é uma lição cruel e um grande exemplo.

Cruel lição para os actuaes representantes da geração a que pertence esse velho e honrado liberal, que sem pudor se bandelam com os grupos mais reaccionarios ou se prestam a ser esbirros d'um governo, filho predilecto de palacianas intrigas, que implantou de facto o despotismo calcando sem o minimo escrupulo todas as leis, praticando sem vislumbres de dignidade as mais repugnantes prepotencias!

Cruel lição para os cidadãos que, devendo cooperar d'um modo efficaz para a regeneração moral do seu paiz, ou se mantem numa criminoza indifferença, ou, o que é ainda peor, sem consciencia apoiam as maiores injustiças, sem vergonha se sujeitam ás mais vexatorias imposições, sem dignidade se curvam perante os actuaes depositarios do poder, ambiciosos sem valor!

Bello exemplo, poderoso incentivo para a nossa mocidade que compartilha das desgraças do paiz sem compartilhar das responsabilidades que pesam sobre as suas classes dirigentes!

Se, além de correcto e digno, foi nobre o procedimento da nossa querida

todos os liberaes portuguezes lhe rendam preito e homenagem.

Cumpra gostosamente esse dever a redacção da *Resistencia*.

Como se levantaram duvidas sobre a authenticidade dos livros santos, d'onde extrahimos os psalmos referentes ao sr. José Joaquim, suspendemos por hoje á apothese biblica do enfermeiro da Universidade.

Não se altere, porém, o sr. Resurreição e confie, que embora tenha de servir-se d'uma gastua, ha de abrir a porta do Pantheon da Historia.

Bagatellas

Desde muito que no regimen da sociedade portugueza se adopta este salutar principio: onde houver uma lacuna, um buraco, — não tem duvida! — tapa-se providamente com um bocadinho de papel e a pinceladas de massa!

Commissões, syndicancias, reformas, relatorios, legislação que se atropella, são ainda a consequencia do mesmo judicioso preceito. O paiz economicamente esburacado acha-se remendado a papel!

Sempre e em tudo papelada!
É assim, que, de longe em longe, os monumentos nacionaes despertam a attenção governativa e logo uma commissão surge, para em seguida baixar ao limbo, depois da vistosa exhibição dos noticiarios.

Em 1880 foi alinhavado, a pedido do governo, pela *Real associação dos architectos e archeologos portuguezes* um rol descarnado e miseravel, a que se deu o nome pomposo de — inventario dos monumentos nacionaes.

Os deputados srs. Rodrigues de Freitas e Consiglieri Pedroso por muitas vezes pediram providencias urgentes, para acudir ás cousas d'arte, que iam por agua abaixo. Deram-lhes promessas e evasivas.

Numa das ultimas sessões parlamentares de 1887 o sr. Fuschini chamou

a attenção do ministro para este abandono; e o sr. Navarro respondeu, que o governo—nem um momento—descurava esse assumpto, a que dava a maior importancia!

O discurso da corôa na abertura da sessão legislativa de 1891 prometia que o governo ia tomar a peito e applicar as suas poderosas faculdades sobre este descuido assumpto. Tudo poeira!!

Vem, pelo fim, a actual *Comissão dos monumentos nacionaes*, resuscitada pelo sr. Pedro Victor e reforçada pelos ministros subsequentes com alguns prestimosos membros; mas o tempo vaê correndo em cortezias liturgicas e polemicas de campanario, e a *digna commissão* não se resolve a entrar proficuamente na materia.

Tal qual o prégador que subiu ao pulpito, para declarar aos ouvintes, que não podendo prégur o sermão d'aquella festa, fossem ler o do anno anterior, que se achava á venda em todos os kiosques!...

As edificações militares e religiosas, e os poucos palacios solarengos que restam, são interessantes e suggestivas, como documentos artisticos e paginas de historia patria, estão por esse paiz adiante a desabar. O castello de Bragança, com os seus paços municipaes *romanticos*, o delizioso castello de Leiria, o de Porto de Moz, o castello de Obidos, que a camara offereceu a uma rainha, com o mesmo direito com que qualquer de nós lhe poderia offerter o rio Mondego, ou a torre da Universidade, tudo isso e muito mais rue de anno para anno. O paiz está coberto de destroços d'uma extrema e sarcastica belleza!

O que se dá com os monumentos architectonicos e objectos d'arte succede com tudo que sejam documentos historicos de qualquer ordem.

Os manuscritos dos archivos estão em alguns depositos a apodrecer, sem investigação systematica e sem catalogação util. Diz um relatório official que do cartorio da Sé de Braga foi ha annos vendida a um bate-folhas da localidade porção de pergaminhos, sem que possa calcular-se o alcance do prejuizo.

São casos vulgares! Quando Alexandre Herculano andou pelos archivos do paiz a escolher os documentos mais preciosos, para serem depositados na Torre do Tombo, os conegos da Sé da Guarda recusaram-se á entrega dos seus, sem haver quem a isso os compellisse.

Pois, segundo um testemunho escripto, de todo o ponto respeitavel, todos esses pergaminhos e muitos outros foram encontrados totalmente destruidos pela agua das chuvas que invadia as estantes!

Ha poucos mezes noticiavam os jornaes que alguns empregados da camara municipal de Bragança tinham vendido em proveito proprio quantidades de antigos documentos e pergaminhos de valor. A imprensa fez reclamações estrepitosas e pediu punições severas, torturas de fogo e patibulo, contra os execraveis bandidos.

Mas que aproveitaria á boa causa, ao interesse nacional, que os culpados soffressem ou não o supplicio de Ravailac, se tudo continuaria á matroca, no mais absoluto desprezo, sem garantias de vigilancia futura, de inventariações e responsabilidades definidas?...

Porque está provado que os Marios e os Syllas, que têm gerido a cousa publica lusitana, têm perante a arte e os archivos a mesma opinião fanatica do Califa Omar ao incendiar a bibliotheca de Alexandria:—Se es-a porcaria não rende votos, nem alimenta espítoes, nem dá pasto a pavorosas, para que diabo poderá servir?!

Partido municipal

A calúnia vil, que não achou resposta ao nosso artigo sobre o *partido municipal*, anda desviando as attensões e procura attenuar-lhe o effeito, dizendo baixinho que nós trazemos para a imprensa a vida particular do sr. presidente da camara, e afirmamos que s. ex.^a tem enchido os seus cofres á custa do municipio de Coimbra!...

Repellimos esta insinuação baixa. Conhecemos particularmente o sr. Ayres de Campos, sabemos o amor com que educa seus filhos, a atmosphera de affecto e respeito de que cerca sua virtuosa esposa, conhecemos a honestidade de sua vida particular e achamos offensivos da dignidade do sr. Ayres de Campos os ridiculos receios que andam mostrando os seus correligionarios politicos.

O sr. Ayres de Campos é honesto na sua vida particular, mas tem por uma pessima administração lesado o thesouro municipal. Este facto não nos é indifferente, e seremos inexoraveis na apreciação que fizermos sobre a sua vida de presidente da camara. A sua vida particular é-nos indifferente; já o escrevemos. Se fallamos no palacio, nas bibliothecas e nas collecções, é porque os seus amigos politicos affirmam que palacio, bibliothecas e collecções serão um dia franqueadas ao publico para estudo, e que a sua casa será de futuro um inzeu de Coimbra. Por ahí toda a gente o diz, embora nós o não acreditemos.

O sr. Ayres de Campos n'esta questão cobre-se com o nome honrado de seu pae. E' tactica velha e sabida.

Quando s. ex.^a apresentou a candidatura para vereador, espalhou *lambem* que iria continuar a obra de seu pae, revolver o pó dos archivos e publicar documentos para a historia politica de Coimbra. E quando alguém lhe fazia notar a difficuldade da obra e lhe dizia: oh! homem, mas você não sabe ler, s. ex.^a respondia cheio de generosidade: mas mando vir de Lisboa gente que leia bem.

Era necessario que S. Ex.^a entrasse na camara municipal; invocou o nome honrado e benemerito de seu pae, entrou, e nós temos passado mezes e annos á espera de taes publicações; no archivo ninguém bolou, e nem mesmo se publicou o que o pae, o bom Ayres de Campos tinha prompto a entrar no prelo.

Agora invoca de novo o nome de seu pae, sem reparar que faz avultar mais a sua ridicula insignificancia.

De resto o nosso artigo calou no animo publico, ninguém achou um só argumento contrario, e é o proprio sr. Ayres de Campos quem fez constar que não se pensa na criação d'um partido medico municipal.

Pois se se não pensa, já se pensou.

Vaa muito bom!

O sr. Reitor da Universidade, que intimou a demissão ao nosso amigo dr. Antonio Coimbra e que entregou aos lentes republicanos a circular reprehendendo-os por usarem dos seus direitos politicos, representa no congresso nacional de tuberculose o sr. João Franco.

Depois d'isto resta ver quem, em qualquer occasião, terá coragem de representar o sr. reitor.

Dr. Manoel Marques de Lima Figueiredo

Sepultou-se hontem no cemiterio da Conchada o cadaver d'este distincto engenheiro, que era primo do nosso amigo sr. dr. Henrique de Figueiredo, illustre lente da faculdade de Mathematica.

Não obstante a hora a que se fez o enterro não permittir que muitos funcionarios publicos podessem assistir a elle, foi numerosa e selecta a concurrencia, acompanhando o cadaver da estação de Coimbra ao cemiterio muitos lentes da Universidade, o sr. presidente da camara, commissario de policia, inspector da companhia real dos caminhos de ferro de norte e leste, os chefes das estações de Coimbra e Coimbra B com os seus subordinados, etc., etc.

Á familia do fallecido, e designadamente ao sr. dr. Henrique de Figueiredo, enviamos o nosso pesame.

LITTERATURA E ARTE

PRESEPIO

Um velho palacio abandonado. O alto das columnas carcomidas do vento e da chuva, coroado de uma roda d'anhos, as mãos dadas, as azas abertas formando uma abobada de penas. Os seus vestidos bordados cobrem as velhas columnas de flores de ouro e prata.

Ao fundo, perto da janella, recordando-se na cortina azul do céu, a VIRGEM NOSSA SENHORA levanta alto o MENINO pegando-lhe com os seus cabellos louros.

A sala está cheia de Reis e de pastores. O ar cheira a alfazema e romaninho. Andam as flores da serra pelo chão ao lado das pedras preciosas. O ouro voa dos sacos desatados aos pés dos esravos a suar, novos e fortes, o corpo dourado do pó como se tivesse sido afagado por azas leves de borboletas.

De pé deante da VIRGEM um pastor, que, depois de beijar os pés do MENINO e adorá-lo, se ia a levantar e caíria se não fóra sua filha e um Rei novo que correrá a ampará-lo. Ao baixarem-se encontraram-se as suas cabeças e não poderam desligar-se por que descera as suas mãosinhas n'uma benção o MENINO a brilhar entre os cabellos da Virgem como n'um relicario d'ouro fino.

E abraçaram-se sob a benção do MENINO e no abraço do PAE até que o Rei pôde fallar. Então disse a tremer El-Rei:

— Senhor! Eu amo tua filha.

O velho pastor levantou a cabeça assustado e deu como MENINO a olhar para elle muito firme; ria um riso fundo e doce como velludo a sua boquinha sem dentes.

O rosto da virgem mal se via, encoberto pela aureola dourada do MENINO, pallida e nova, como o sol d'inverno; apenas ao cimo espreitavam os seus olhos negros a tremer e desfazer-se em ternura, como as azas das borboletas pretas.

Cabeça baixa, continuava dizendo o REI:

— Nem eu sei como isto foi. Amo-a desde que vos encontrei na fonte em que pararam a beber nossos cavallos.

Ao grito que deu tua filha quando tu cahiste, olhei e vi-vos a sahír do bosque perto de palmeiras, cançado de vir ao longe da serra a pé.

La a beber, apeei-me e dei-te o vinho generoso pela taça de vidro antigo em que mandara escrever a oração da felicidade um MAGO meu avô que soffrera muito. Tu puzeste os beijos a tremer aos bordos da antiga taça roída de beberem tantos meus avós a quem fugira sempre a felicidade. Taça por que eu hebera triste, tanto tempo, sem encontrar o que buscava, sempre a olhar o velho vidro irisado de manchas, como as da agua que, nas flores das virgens em que mora o SILENCIO, dorme enroscada seu somno de reptil á sombra funebre das arvores verdes, manchas de que se alimentam as flores sombrias que dão a morte, e em que bebem seus amores as cobras más, manchas em que parece boiar á tona d'agua o ouro, a prata, o aço e o sangue a apodrecer.

Córava-se pouco a pouco o teu rosto, como um rochedo alto em que começasse a dar o sol. Tua filha, mais sosegada, voltou-se para mim, e eu senti o seu olhar descer e alagar-me o peito n'uma onda macia e espessa de velludo. O coração ou parara, ou me fugira.

Amava-a já, agora é que eu o sei! Acabaras de beber e davas-me a taça fragil de vidro antigo.

Olhei-a, parecia nova. Fuzilavam como raios d'ouro as letras mysteriosas da oração, desabrochavam as flores d'esmalte, corriam os cães atrás dos veados a fugir-lhe, a ladrar ás aves a gritar prezas em arabescos d'onro.

As bailadeiras dançavam e eu ouvi pela primeira vez o hymno d'ouro que subia dos dedos dos seus leves pés carregados de aneis, mal pousados pela ponta a voarem sobre o chão; comprehendí então o encanto d'aquelles braços a arquearem-se em abraços, a atracção d'aquelles corpos a fugirem, os labios cheios de beijos a darem-se, as palpebras a fecharem-se demoradamente, como pétalas de flores carnivoras, sobre o olhar a agonisar d'amor.

Atraz vinha a PRINCEZA, rodeada de musicos a tocarem uma musica estranha e simples, hymno d'amor todo feito de notas altas, gritos de cordas tensas quasi a partir-se.

O seu rosto sorria-me, e era o seu rosto o rosto de tua filha, e o seu sorriso era o sorriso d'ella.

O corpo dourado resplandecia através dos seus vestidos transparentes de

Prinzeza, cheios de flores bordadas a prata e ouro, quasi a rasgarem-se ao peso das pedras preciosas, a orla enrugada pelo vento, como o calice franzia das flores.

Muito me custou a desprender-me da sua bocca aguda fechada a prender os beijos que ao canto dos labios lhe levantavam a carne a querer fugir-lhe!

Perturbado, desviei a vista, e li d'uma vez só a inscripção mysteriosa que dá a felicidade, e que ninguém, nem mesmo um MAGO, pôde ler senão uma vez na vida.

Como me enganára tanta vez a decifral-a!

Ouviam todos attentos. Os pagens, o corpo em arco a relezar a anca forte, comprimiam entre o peito os barretes cheios de prata e ouro em bordaduras, a cabeça inclinada, a tremer os labios em que borboleteavam os beijos.

O REI beijava os pés do VELHO e ia fallando humilde, com um grande peccador que estivesse a confessar ao PAPA algum peccado grande.

— Eu mesmo te ajudei a montar o meu cavallo, e metti tens pés sujos da lama dos caminhos nos estribos d'ouro burilado, a maravilha das minhas joias que fizeram cegar mais de sete oriveis a gravel-os. Mais d'um perdeu a vida antes de acabar o engaste complicado d'uma só das pedras preciosas conquistadas em guerras longas pelos guerreiros meus avós.

Agazalhei os teus hombros com o meu gibão de purpura, e fiz apear dous dos meus pagens mais nobres para te segurarem os joelhos.

Eu ia adiante ao lado de tua filha, segurando na sella do cavallo, tímido, cabeça baixa sem me atrever a olhar, como um rei vencido que levasse outro em triumpho.

Os tejos meus iam desfiando os meus vestidos d'ouro e seda e os ladrões dos cardos roubavam-me as esmeraldas e rubins que cahiam dos bordados a desfazer-se.

Nunca me pareceu tão facil o andar n'esta viagem tão longa.

Tres vezes me perdi no caminho; que empallidecera a ESTRELLA no céu cheio do brilho dos olhos de tua filha.

Parára; na sala silenciosa e escura as pedras preciosas escutavam o olhar cheio de lagrimas.

T. C.

Dr. J. J. Manso Preto

A morte inesperada do illustre e honrado liberal, o dr. José Joaquim Manso Preto, o bom—doutor Manso—, como toda a gente lhe chamava, o republicano intransigente e austero que ao culto sublimado da generosa Idéa votou a sua vida inteira, dá-nos a impressão dolorosa de mais uma lacuna aberta na ala sempre nobre, mas cada vez mais rarefeita, dos caracteres immaculados.

Baqueou inesperadamente, de surpresa, e por isso maior foi o doloroso assombro que sobre todos caiu.

Mas o dr. Manso Preto não era só um lídimo caracter de honestidade inconcussa; foi d'um grande valor intellectual, que affirmou por muitas vezes d'um modo brilhantissimo.

De volta em 1834 do exilio forçado, para onde fóra impellido com seus paes em 1828, pela perseguição odiosa do absolutismo ovante, após a restauração liberal, em 1835, começou a frequentar os estudos preparatorios, que em 1837 terminou, matriculando-se em outubro d'este anno, aos 14 annos de idade, em mathematica e philosophia, fazendo uma carreira brilhante em que o seu talento superior se affirmou de mais á mais, constantemente. Formado em mathematica em 1843 e matriculando-se no 6.^o anno, teve de interromper a respectiva frequencia, em virtude da revolta de 8 de março, em que a academia despenhou um papel importante, concluindo a sua carreira academica no anno lectivo seguinte, em que realison os seus actos grandes, que foram notaveis pelo vigor de espirito, elevação de intelligencia e cultura scientifica, recebendo as informações correspondentes ás actuaes de M. B. 16, tanto na formatura como em liceaceado e em theses.

E assim, bem novo ainda, aos 21 annos, recebeu o grau de doutor em

mathematica, apesar das perturbacões politicas que deferiram, intermitentemente, os seus trabalhos academicos.

Nomeado, pouco tempo depois engenheiro d'uma companhia de caminhos de ferro, distinguu-se logo pela elevação do seu talento e primorosa honestidade do seu caracter.

Sucederam-se as commoções populares de 1846, em consequencia do que aquella companhia suspendeu os seus trabalhos.

Em 1855, concorreu o dr. Manso Preto á cadeira de mathematica, creada no anno anterior para o lyceu de Coimbra, conquistando por superiores provas publicas o logar de professor, que exerceu com a maior proficiencia até 1880, em que se jubilo.

E mostrou então, mais uma vez, o seu incontestavel e incontestado valor como escriptor e homem de sciencia, publicando diversos trabalhos para o ensino secundario da mathematica, sobre o que nada se havia ainda escripto em harmonia com o programma official; e publicou então:—*Elementos de trigonometria rectilinea, Elementos de algebra e Lições de cosmographia*, trabalhos pelos quaes o illustre professor foi eleito socio effectivo do Instituto de Coimbra.

Mas se o dr. Manso Preto se notabilizou como professor, salientando-se pelo seu elevado talento, não é menos digno de ser apontado ás gerações d'hoje como um exemplo que se impõe a todos, pela honesta integridade do seu caracter purissimo, que se manteve firme sempre, sobranceiro ás alliciações da politica, sereno perante os europeus com que a duplicidade costumava abrilhantar as consciencias venaes.

Na suprema inflexibilidade do seu caracter honestissimo, não se desviou uma linha do caminho, que desde bem novo lhe traçaram as suas convicções politicas, tendo consagrado ao ideal republicano todas as suas forças e energias do seu espirito, combatendo pela causa republicana, ora abertamente ora á frente das lojas carbonarias.

E, se, ha annos se encontrava affastado das luctas mais aceras da nossa vida politica, acompanhava, comtudo sempre as vivas campanhas do nosso jornalismo, com o enthusiasmo viril e energico das suas crenças sinceras, que o passar dos annos não conseguira apagar jámais.

E, pois, uma vida immaculada, que o partido republicano contava, com orgulho, no numero dos mais honestos, dos mais sinceros, dos mais prestimosos, que nós hoje deploramos tão sinceramente, tão sinceramente o bom dr. Manso-Preto alimentava na sua alma d'arminho o culto generoso do Ideal por que nos guiamos.

E os republicanos de Coimbra, que sentiram, como todos os republicanos do paiz, a morte do seu venerando correligionario, que era o decano dos republicanos portugueses, depez eram sobre o respeitabilissimo feretro uma corôa de saudades. O nosso talentoso collega e distinctissimo quintanista de medicina, Antonio José d'Almeida, em nome dos repulicanos, fez á memoria venerada do dr. Manso-Preto as saudações da nossa viva saudade, com o colorido de linguagem e eloquencia calorosa do nosso fundo sentir.

Dr. Guilherme Franqueira

Vem fixar a sua residencia em Coimbra este nosso illustre amigo e correligionario, que tem exercido as funcções de clinico municipal na Louzã, onde o seu primoroso caracter é extremamente apreciado.

«O Correo da Noite»

Diz elle: «Os ministros continuam a querer sacrificar as instituições.»

Perdão! Toda a gente vê que os ministros continuam a defender as instituições. E o mesmo querem os progressistas, pois lamentam o perigo do rei.

Razões estas, se não tivessemos outras, para que se delimitem por uma vez os campos; monarchicos com o rei, republicanos com o povo.

E depressa que se foi a chuva e não ha portanto razão de ser para os comícios da colligação liberal.

E um conselho ao *Correo da Noite*: deixe-se de papões.

Fica tão mal esse expediente a partido de homens já crescidos!...

João de Deus

Da *Sociedade João de Deus*, de Abrantes, recebemos um numero unico publicado em homenagem ao immortal poeta do *Campo das Flores*. Distinctamente collaborado por alguns escriptores, salienta-se nesta publicação um soberbo artigo de Theophilus Braga, onde se aprecia á luz d'um criterio superior, a obra monumental de João de Deus, em que vibra, numa synthese grandiosa, a alma popular.

Esta homenagem será, por certo, uma das mais gratas a João de Deus.

Carta de Lisboa

19 de março de 1895.

A situação política geral parece complicar-se, por causa dos acontecimentos da Hespanha. Parece complicar-se em um modo de fallar. O governo é que deseja aproveitar-se da occasião para de alguma forma perseguir os republicanos. E nesse sentido já as *Novidades* de segunda feira publicam um artigo aconselhando violências. O artigo das *Novidades* é mais uma prova de que os monarchicos, medrosos das consequências da liquidação, estão dispostos a jogar as ultimas. Assim é bom. Fazer uma republica, por accordo, de forma que no dia seguinte sejam todos nossos correligionarios, é um perigo. De resto uma commoção violenta pôde ser um correctivo moral e animar a inercia d'este povo.

Adiante e nada de medo, muito embora seja conveniente que o palavriado, a basofia e a ineptia não auxiliem por qualquer forma os desejos do governo. — Espera-se que breve rebente a bomba do sr. Burnay contra o sr. Navarro. Esperemos o que dirá o nobre conde e o que replicará o nosso querido conselheiro, que vai ser nomeado par do reino.

— Não se falla, por agora, em reforma eleitoral. Diz-se que menos feroces contra os progressistas, os homens do governo pensam até em acalmal-os. Veremos o que se passa.

— Ainda se fazem alguns comícios da colligação liberal. Agora houve um em Odemira. Parece que o unico resultado aproveitavel da ida dos republicanos alli, foi formar-se uma commissão municipal do partido republicano. Estimaremos que seja o inicio da organização das outras commissões, ao sul do paiz.

— Tem sido aqui muito commentada a adhesão do velho liberal, Joaquim Martins de Carvalho, ao partido republicano. Todos admiram o seu honrado proceder e se entusiasmam por ver um velho responder altivamente ás provocações d'um poder desorientado. É de admirar isto, quando tudo está podre e bem podre.

Jocelli.

Felicitação

A commissão executiva do partido republicano d'esta cidade foi felicitar o velho liberal e illustrado redactor do *Contribuente*, sr. Joaquim Martins de Carvalho, por se haver illiado no partido republicano.

O membro d'essa commissão e nosso collega Alves Moreira fez sentir ao nosso prestigioso correligionario que a sua nobre attitudo havia sido recebida com o maior enthusiasmo, que todos os liberaes lhe rendiam um preito d'admiração e que esperavam d'elle, designadamente a commissão republicana de Coimbra, os mais valiosos serviços.

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCO REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

VI

A PRIMEIRA FAZANHA DE CADET TRICOT

A figura de Santerre enchia-se de alegria, ao ver todos estes rostos negros illuminados pela victoria, todas estas mãos sujas de polvora que se estendiam para apertar as d'elle.

De repente:

— Oló! Labroche! diz elle, que diabo é feito do nosso homem de *Champagne*?

— Cá está, senhor. Foi eu que o demorei. Queria a toda a força trazer-me ás costas. Eu não queria, mas elle teve medo que eu fosse esmagado.

Não é assim Cadet?

A pequena Jeany, dos braços de Cadet, adeantou-se dominando a multidão.

Quando chegou perto de Santerre e quasi á altura da sua cinta tomou um arsrto entendido e disse:

— Ganhou bem o seu dia; papa, a quem elle nunca deixou, respondendo por isso...

Emygdio Navarro

Diz o *Journal du Commercio*:

«Nota-se alguma ansiedade pela publicação, que já aqui annunciámos, da resposta do sr. conde de Burnay ao sr. conselheiro Emygdio Navarro.

«Tenham paciencia, está para breve.

«A demora comprehe de-se, desde que se saiba que essa replica tem de constituir um ou mais numeros illustrados.»

Que não demore senhor conde, que não demore senhor Navarro.

E por uma vez que o povo saiba quem lhe roubou o lenço.

O sr. Emygdio Navarro, diz-se, vai ser nomeado par do reino. E que duvida ha nisso?

Nós entendemos até que elle devia ser nomeado par do rei. Sem offensa aos dois...

O Principe Real, Progressista!

O nosso collega *Tribuna Popular* diz a respeito do anniversario do filho mais velho do sr. D. Carlos:

«Como monarchicos liberaes que somos, saudamos jubilosamente o galante principe no dia do seu anniversario, porque Sua Alteza representa ainda para nós uma ridente flor de esperança a desabrochar, neste annuviado do da patria, tão insombrado e triste para todos que a amam sinceramente.»

O estylo é precioso e requerebrado, mas a idéa excede tudo quanto a phantasia mais alada podesse conceber.

Leram bem? E inacreditavel!

A' espera que o menino seja homem, para que o paiz se salve!

Oh! sr. D. Carlos, veja como a intriga vai florescer no Paço, com as idéas progressistas do menino!

E não ha remedio senão attendel-o quando elle começar a gritar:

—Papa, Papá! Eu quero os progressistas!

E o pae atrapalhado — O' menino, queres antes um cavallinho de pau?

— Não senhor! não senhor! eu sou uma ridente flor de esperança, quero os progressistas!

Até onde leva a imaginação?

E a proposito, não haverá por lá no *Tribuna* quem responda ao nosso artigo intitulado — O Rei?

Elle é papá da flor!

Conferencia

No proximo sabbado (23), pelas 7 horas e meia da noite, o erudito lente do Curso superior de lettras, o sr. G. de Vasconcellos Abreu, realisa nas salas do *Instituto de Coimbra* uma conferencia, p'la qual s. ex.^a presta a sua homenagem de commemoração ao acontecimento historico da descoberta da India.

Os convites facultam a concorrência de senhoras.

A summula da conferencia, que é como se segue, mostra a grandezza e e-

vação do assumpto e o quanto deverá ser notavel a preferção, desenvolvida por um professor de tão levantada reputação scientifica.

CONFERENCIA DE 1895

A phenomenallidade, a alma e o eu, no Budhismo

Parte I — *Theorias cosmogonicas*: 1. Motivo e assumpto d'esta conferencia. 2. A cosmogonia na litteratura. O codigo Manava. 3. A lenda cosmogonica segundo o codigo Manava. 4. O mytho do Ovo-de-ouro. O Ovo-do-mundo no Calevala, no Livro-das-Mortos, em Aristofanes, na Chandogua-Upanixada. 5. O hymno cosmogonico por excellencia do Rigveda. 6. Transformações do mytho do Ovo-do-mundo: a teia de Zeus, a arvore cosmogonica, o elephante mythico do budhismo, o monstro marinho das catacumbas. 7. O mytho da arvore-do-mundo. A arvore-da-ciencia-e-da-vida. A arvore de Budha é arvore-da-ciencia-e-da-vida.

Parte II — *Doutrinação philosophica*: 1. O Átman, a phenomenallidade. Resumo da doutrina upanixadica fundamental do budhismo. 2. O budhismo não é uma philosophia no sentido geralmente acceto. 3. O Vedanta é uma das origens do budhismo. O budhismo é doutrina ethica. 4. O mal; cessação do mal. Origem sanquia do budhismo. 5. A impermanencia. A natureza do homem. 6. A *Via-media dos oito passos*. Como se chega á extincção absoluta do desejo e da tristeza. 7. Os aggregados ou escandas no homem. 8. A phenomenallidade idealista de Budha. 9. Consciencia da alma e do eu. 10. As condições da consciencia mostram que ella é illusoria. 11. Erro dos que julgam existir alma individual. 12. A alma no estado de queda. A alma suprema, o Átman. 13. Como se conserva a unidade absoluta do Átman e se coaduna com os estados de queda. 14. O Nirvana. A alma humana. 16. Corolarios no campo especulativo e pratico, no budhismo e em philosophias posteriores. 16. Resumo. 17. Conclusões.

A' altura!

Foi nomeado director geral da instrucção publica o sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco.

Achamos bem Sobre a competencia scientifica d'esse celeberrimo politico julgamos que não haverá duas opiniões no paiz. Quanto á sua honestidade nem fallamos. E' bem conhecida a sua alcinha...

Estamos porém, convictos de que a nomeação não causará o menor abalo no professorado.

Pois fica com um bom director!

O REI

Fallamos nelle a proposito de uma representação, que a camara municipal do Porto lhe vai dirigir contra a reforma administrativa. Esta idéa surgiu

de-se. Novo ruido de trancas; novo ruido de passos; tudo ficou de novo silencioso.

A luz, segura por uma creada velha, illuminou o interior d'um armazem, em que se alinhavam em estantes desde o chão até ao tecto fardos de panno escuro.

Depois o armazem desapareceu na sombra, e appareceu cheia de luz a sala que se lhe seguia.

Deante d'uma meza, em que se tinha servido o jantar sem ninguem lhe ter tocado, estava um velho, o rosto cheio de cuidado, com uma casaca esverdeada, de abas quadradas golla quadrada sobre que pousava um pequeno rabiço. Este velho levantou-se e as suas mãos estenderam-se a tremor para as do rapaz.

— Esperava-te! disse elle.

E havia na inflexão da sua voz todo um mundo de caricias e de censuras.

— Venho do Hotel-de-Ville — disse o rapaz. Retirei-me o mais cedo que pude.

— Bem! Ceemos!...

O rapaz sentou-se e poz-se a comer com vontade sem dizer uma palavra. Quando acabou.

— Margarida, disse o velho, amanhã levantarão a meza; deixa-nos.

Esteve alguns momentos ouvindo os passos da creada na escada, e depois:

— Tu estavas lá em baixo, não é verdade?

de uma reunião do senado portuense, reunião de que entendemos melhor nada dizer.

Mas homemsinhos de Deus, depois de em tantos comícios terem appellido para a soberania do povo, porque o rei os não attendia, como voltam agora a achar o rei capaz de os ouvir? Lá o sabem, não é verdade?

E vamos a ver a representação com o palavriado do estylo e a official figura de rethorica d'estes documentos: — o coração de D. Pedro IV.

Nem que o rei a estas horas tenha tempo de pensar nas visceras conservadas em alcool constitucional!

Mas aguardamos, que lá diz o *Correio da Noite*, severo e grave como um conselheiro Accacio demolidor:

«A camara municipal do Porto vem representar a el-rei. E' ainda uma ultima homenagem, que este, para felicidade do paiz e da monarchia, fará bem em reconhecer.»

Reconheça real senhor, reconheça! Senão os progressistas... esperarão mais tempo o dia da sua ascenção ao poder.

Mortagua, 16 de março de 1895

A convite da camara municipal d'este concelho, teve logar, no edificio da mesma camara, uma reunião dos 40 maiores contribuintes, parochos e presidentes das juntas de parochia, para apreciarem a nova reforma administrativa. O honradissimo presidente, com toda a imparcialidade e isenção de politica, historiou artigo por artigo, a parte da reforma que mais directamente offende os concelhos d'esta categoria. Em seguida o vice-presidente mostrou á assembleia o que a camara tem feito para sustentar as regalias e autonomia d'este concelho, desde que os jornaes começaram a referir-se ao novo codigo administrativo, classificação, suppressão de concelhos, etc. Disse mais que na sessão transacta propozera á mesma camara para se representar ao chefe do Estado para que este concelho ficasse classificado em 2.^a classe.

Depois d'este cavalheiro fazer as considerações que o caso lhe suggeria, pediu a palavra o sr. dr. José Henriques Gomes, distinctissimo medico e chefe do partido republicano neste concelho, que frisou em termos claros á assembleia os enormes inconvenientes d'essa *mayonnaise* chamada reforma administrativa, que em tudo se parece com os auctores; esses dictadores de papelão que o paiz ha de expulsar para a Cochinchina quando se acabar de convencer da obra nefasta que este desgraçado paiz lhe tem supportado.

O illustre deputado por este circulo, tão admirado no parlamento como nos comícios, onde tem fallado como membro da colligação liberal, com a sua palavra quente e vibrante mostrou a todos os que tiveram o prazer de o ouvir, em face do novo codigo administrativo, os perigos que ameaçavam este con-

— É, meu pae.

— Conta-me o que se passou!

O rapaz contou a tomada da Bastilha.

O velho escutou-o sem o interromper.

— Quando tu não estás em casa, disse elle por fim, estou desassocegado. Henrique, não te tenho senão a ti.

— Meu pae...

— O logar d'um negociante é na sua loja.

— O logar d'um cidadão é no *forum*.

— Se te matassem n'estas revoltas...

— Morreria com a consciencia de ter cumprido o meu dever.

— O teu dever é ficar ao pé de teu pae.

— Não! porque acima da familia ha a patria, como acima da patria ha a humanidade.

O velho levantou-se outra vez; um sorriso illuminou a sua face austera.

— Cá estás! disse elle, bendito seja Deus! Henrique, abraça-me. Vai descansar agora que deves precisar.

— Boa noite, meu pae!

— Boa noite, meu filho!

Quando o rapaz se achou no quarto, tirou do bolso d' dentro da sua casaca uma rosa murcha, que collocou num copo d'agua sobre a meza. Tentou dar alguns passos; os labios mecheram-se como para pronunciar algumas pala-

celho, que nada deve, tendo uma vida desafogada. Ficando em 2.^a classe ficaria sobrecarregado com despesas que julga inuteis, e ficando em 3.^a tiravam-lhe todas as regalias que actualmente possui.

Alem d'estes cavalheiros fallaram ainda outros de que não podemos tomar nota, mas todos se pronunciam acrememente contra a nova reforma e dispõem a reagir por todos os meios.

Por fim resolveram por unanimidade protestar contra a nova reforma administrativa, e não fazer mais representações ao chefe do Estado.

Ficaram encarregados de redigir o protesto os srs. dr. José Henriques Gomes, republicano; Antonio de Mattos Ferreira Frias, progressista e Antonio de Moraes Ferraz Branquinho, chefe do partido regenerador e antigo governador civil.

Juiz de Fora.

Bibliographia

O sr. Felix Magalhães, do Porto, brindou-nos com o offerecimento d'um seu livro recente — *Os Poetas* —, que vai annunciado na secção competente.

Aprecial o hemos brevemente.

Offerecido pelo seu auctor o illustre medico cirurgião sr. Diogo Nunes, recebemos um exemplar do *Resumo de Philosophia e do Pequeno dicionario dos principaes termos de philosophia*.

É um valioso auxiliar para todos os que se dedicam ao estudo d'esta disciplina.

Custam apenas 200 réis as duas obras.

Acabamos de receber o 26.^o volume da *Bibliotheca do Pimpão*, que vem interessantissimo. Entre uma grande variedade de assumptos, sempre jocosos e criticos, insere uma secção de prestidigitación, com gravuras explicativas, e que muito deve agradar aos amadores d'aquella sorte de divertimento.

Recebemos e agradecemos o n.º 5 da esplendida *Revista Theatral*, que se publica quinzenalmente em Lisboa.

Insere os artigos seguintes:

ESTUDOS E DOCTRINAS — Palestrando... — por Augusto de Mello.

ENTREACTOS — Perfil, por Laim.

REVISTA DOS THEATROS: Theatro de S. Carlos, *Manon*, por A. M. — Theatro do Gymnasio: *A madrinha de Charley*, por Joaquim Miranda.

CORRESPONDENCIAS — Do Porto, por V. de S. Boaventura. — De Paris, por Garcia de Miranda. — De Londres, por Jack. — De S. Petersburgo, por Luiz L.

VARIETADES.

Na *Bibliotheca Dramatica* interrompeu a publicação do *Saltimbanco*, de Antonio Ennes, para dar á estampa o applaudidissimo e, a todos os respeito, notavel *Paraiso Conquistado*, do festejado escriptor dramatico Lopes de Mendonça.

A *Bibliotheca Popular de Legislação* com sede em Lisboa, de que é proprietario e editor o sr. A. J. Rodrigues, acaba de expor á venda o *Codigo Administrativo*, approvado por dec. de 2 de março corrente.

Esta util publicação tem grandes vantagens sobre todas as que se editaram em Lisboa, pois é a unica que traz indice, e que contem todas as rectificações e erratas inseridas no *Diario do Governo*. — Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido. Veja-se o annuncio correspondente.

Recebemos e agradecemos o n.º 6 da excelente revista quinzenal *O Cenaculo*, revista critica e litteraria que se publica em Coimbra.

vras; mas a fadiga venceu-o; deixou-se cair meio vestido sobre a cama e adormeceu profundamente.

Se o visse dormir, a velha Margarida juraria que elle tinha para vinte e quatro horas a ficar assim com os olhos fechados sem movimento.

Todavia, mal as primeiras luzes da alvorada tingiram de azul os pequenos vidros da janella, elle abriu os olhos. Saltou abaixo da cama, e poz-se a vestir tão rapidamente, que parecia, fazendo-o, querer recuperar o tempo perdido a descansar.

Depois de vestir a camisa mais fina e o seu mais bello fato, mirou-se ao espelho. Viu o nariz curto e largo, os labios espessos, os olhos negros e cançados, a côr palida; então disse com uma certa melancolia:

— Não sou bonito.

Mas um pensamento atravessou o seu espirito; o sangue voltou-lhe ás faces, o seu olhar animou-se, os labios modelaram-se para fallar, a sua alma saltou-lhe no sorriso e no olhar, a physionomia illuminou-se.

— Quero! — disse elle.

E desceu com o passo firme a escada de madeira cujos degraus rangiam.

(Continúa).

Bibliotheca do Pimpão
Volume XXVI

Preço por cada volume mensal, 100 réis.—Assignatura annual, 12000 réis.

Homenagem a João de Deus

Numero unico, publicado pela Sociedade João de Deus de Abrantes.

Acha-se á venda em;
LISBOA—Livraria Rodrigues—Rua Aurea, 186 e 188.

PORTO E COIMBRA—nas principaes livrarias.

ABRANTES—livraria de Antonio Salgueiro.

Preço 50 réis

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvedo por Dec. de 2 de março de 1895.—Edição conforme a official.—Publicação da Bibliotheca Popular de Legislação rua da Atalaya, 183-1.—Lisboa, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

Preço 240 réis

FELIX MAGALHÃES
OS POETAS

Plaqueta em 25 paginas, formato 16.º primorosamente impresso na typographia occidental, do Porto.—Preço, 200 réis

25 ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida. Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Bombeiros Voluntarios
DE
COIMBRA

Para os devidos effeitos se declara que não é a Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios, d'esta cidade, que tracta de passar accções para pagamento de dividas.

Coimbra, 19 de março de 1895.

O presidente,
José d'Oliveira Serrano.

POMADA DO DR. QUEIROZ



20 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

ESTABELECIMENTO

DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE
João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

19 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-raios, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofo, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, couchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moihos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

LEILÃO

25 NO dia 24 do corrente, pelo tribunal do commercio vae á praça, no proprio local, pela hora do meio dia, o estabelecimento de mercearia do fallido Antonio Corrêa da Costa, no largo da Feira, n.º 4 e 6.

A venda far-se-ha em globo ou aos lotes não havendo no primeiro caso lançador.

Presta todos os esclarecimentos o administrador da massa fallida, Antonio Francisco do Valle.

LIVROS DE MISSA

22 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA
COIMBRA



AGUIA D'OURO
FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

21 Roupas completas para homem, de 55000 réis para cima!
Alta novidade!

OFFICIAL DE SAPATEIRO

18 Precisa-se d'um para a Louzã, com boas habilitações, e que na falta do mestre corte qualquer obra. Da se bom ordenado, cama, meza e roupa lavada. Não deve trazer familia. Qualquer pretendente dirija-se á loja dos srs. Augusto Bese & Filho, na Louzã.

FORNO

17 Arrenda-se o antigo e bem conhecido forno no Adro de Baixo ou rua dos Esteiros, 30 a 34.
Para tratar, na mesma casa 2.º andar.

PHAETON

16 Na rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

CALDEIRA DA SILVA
CIRURÇIAO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

15 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.
Colocação de dentes artificiaes por preços modicos.

Marçano

14 Precisa-se de um com practica de fazendas brancas, proximo a ganbar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo

43, Praça do Commercio, 45
COIMBRA

BENGALAS

13 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fnebres e de gala. Filas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.



6 AS verdadeiras machinas **SINGER**, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Fernão Pinto da Conceição

CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

12 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

11 NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continua o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attensões devidas e proporcionando lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis.

AOS MESTRES D'OBRAS

10 Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2^m,50 X 0^m,35 a 0^m,65 de largo, e 0^m,04 a 0^m,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.

Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Arrenda-se

9 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario.—Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

5 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

4 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampilha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.—Chá medicinal de Hamburgo.

Amendoas! Amendoas!

CONFEITARIA E MERCEARIA
Innocencia & Sobrinho

91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

3 Enorme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. *Grandes descontos aos revendedores.* Envia-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

Neste estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscoitos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Gerez e Champagne, genebra, licores, etc., etc.
Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!

Vinho de mesa puro genuino

2 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaza ao freguez.
A. Marques da Silva.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

1 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

“RESISTENCIA,”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 28700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 28400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este journal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 10

COIMBRA — Domingo, 24 de março de 1895

1.º ANNO

O CAMINHO

É incontestável que, se o partido republicano tem tido ultimamente um desinvolvimento extraordinário, é esse facto devido principalmente aos escandalosos processos de governo seguidos pela monarchia. Ao desapparecimento do culto monarchico perante o desinvolvimento da instrucção, á não adaptação á nossa monarchia do celebre argumento baseado no principio da transmissão hereditaria, accresce a falta de partidos fortemente organizados em que chefes de valor, verdadeiros homens de estado, tenham idéas e planos definidos sobre as questões que mais seriamente interessam á economia nacional e a força sufficiente para os levar a effecto.

Por combinações palacianas em que não entram como factor as denominadas indicações constitucionaes, têm-se succedido no governo todos os partidos, têm-se organizado ministerios extra-partidarios, e o resultado tem sido inalteravelmente o mesmo: progressivo agravamento da crise economica e financeira, crescente desinvolvimento da corrupção e da immoralidade; definhamento successivo da instrucção; constantes humilhações perante as potencias estrangeiras.

A experiencia tem sido longa e de molde a produzir a inabalavel convicção, que o nosso bom povo exprime pela singela mas significativa phrase: *Tão bons são uns como os outros.*

Descendo de que a monarchia possa levantar a nação do imundo lodaçal em que a precipitou, alguns cidadãos cuja consciencia não permite que assistam, cobardeamente indifferentes, ao miseravel esphacelamento da sua gloriosa patria sem tentar um ultimo esforço para a salvar, filiam-se no partido republicano como a unica esperança de redempção que nos resta.

Não nos iludamos; é este o facto que principalmente tem determinado o enorme movimento, contrario ás actuaes instituições, que se nota no paiz.

A esse movimento deve dar-se a consistencia, a força que só póde derivar d'uma superior orientação do partido, servida por uma disciplina inquebrantavel. Para que os cidadãos que abandonam a monarchia em virtude dos erros, dos desvarios, dos crimes que constituem a sua norma de proceder, se mantenham firmes no partido republicano e cooperem efficazmente para a consecução dos seus ideaes, é necessario que vejam n'esse partido o que a monarchia não tem: planos bem meditados de reorganização social e uma organização adequada para a sua execução.

Sem isso nada conseguiremos.

É urgente, pois, que os espiritos superiores do partido, além da lucta contra o regimen do favoritismo e da corrupção que se pavoneia impavido no meio da dissolvente anarchia em que vive a nação, completem com a possivel rapidez a organização dos poderosos elementos de

que elle dispõe, os estudos sobre as condições do paiz e sobre os planos da sua reorganização.

É esse o caminho em que devem proseguir inalteravelmente e com empenho sempre crescente, para que o partido reúna as melhores condições de luctar victoriosamente como partido de governo.

Felizmente que os trabalhos já realizados e os que estão em via de realização nos convencem de que, dentro de curto prazo, o partido ha de ter a sua unidade d'acção devidamente assegurada pela cohesão de todos os seus elementos nos centros mais importantes e que, uma vez organizado, discutir-se-hão as reformas que hão de constituir as bases do seu programma, sobre que sabemos que já existem trabalhos importantes.

E para que todos esses trabalhos sejam coroados do melhor exito, deixemos de explorar só os desvarios e as loucuras da monarchia, de seguir nos seus processos de combate as tortuosas sendas dos partidos monarchicos que pretendem o governo, de luctar com elles pelo restabelecimento de fórmulas que sempre foram desacatadas; empreza facil mas que só poderia determinar um engrandecimento transitorio do partido, de resultados nullos e talvez perigosos para o futuro d'elle e do paiz.

Cooperemos todos com a energia de que somos capazes para uma solida cohesão dos elementos vivos da nação de modo que, depois d'uma mudança de instituições, se não adoptem no governo os processos de que usou a monarchia e a desacreditaram, e se excluam do exercicio das mais importantes funções os corruptos que actualmente exploram a nação; envidemos todos os melhores esforços para que a existencia e o desinvolvimento do paiz sejam garantidos por meio de instituições adequadas ás suas condições.

Seja este o pensamento que anime todos os nossos actos, e para a sua completa realização não nos poupemos nem a esforços nem a sacrificios.

Foram concedidos feriados na Universidade, no lyceu e no seminario d'esta cidade, para terça e quarta feira proximas.

João Franco não queria dar estes dias de descanso academico, por saber emfim que os estudantes são republicanos e não querem nada com o r. i. Mas cedeu a instancias... que agora não queremos apreciar.

Gabe-se

Diz o nosso collega *O Tempo* que o governo receia mais a opposição que elle lhe faz do que a de toda a outra imprensa da opposição. Não dovidamos de que seja assim, principalmente porque tem a inspiral-o a bella administração do sr. conselheiro Dias Ferreira que, entre muitas outras prendas, até não lhe faltou a de se deixar lograr pelos regeneradores.

Pobre estadista! Foi-se o tempo em que o paiz acreditava em ti, e agora procuras apoiar-te no p-ço.

Estimaremos que sejas muito feliz... cá por certos motivos.

Para que se saiba

Declaramos do modo mais categorico, e desafiámos seja quem for a que nos prove o contrario, que os leutes republicanos não praticaram acto algum pelo qual mostrassem que ligavam a minima importancia á circular do governo, ou se afastaram por qualquer outro motivo das normas seguidas até hoje.

Ao «Correio da Noite»

A este collega fazemos as seguintes perguntas:

— O rei é realmente responsavel pelos actos dos seus ministros?

Se assim pensa, para que diz que o rei está illudido e o governo compromette a monarchia?

— O rei é irresponsavel e os ministros illudem-no?

Estão para que diz, como ainda ha pouco, que o rei tolera e afaga os ministros e usa do maior favoritismo para com elles?

Pedimos-lhe que nos responda, tanto mais que temos immenso desejo de conversar com varios progressistas sobre logica e historia do constitucionalismo em Portugal.

Mysterio!...

Silva Pinto escreve na *Voz Publica*:

«Effectivamente, muito se conta á ultima hora, em todos os pontos onde se allude a politica, e o norte do paiz é considerado, mais uma vez, o foco dos mysterios. Abstenho-me de citar os commentarios. Se alguma coisa tem gravemente inutilizado grande somma de sacrificios, é a intemperança de lingua. Um bo-cadinho de mysterio é sempre útil.»

É a nossa doutrina. Que os republicanos se requeiram de que todas as grandes revoluções têm triumphado por meio do segredo mantido cuidadosamente e feito manter com severidade.

O principe real

Os jornaes progressistas não tiveram outra ideia, para celebrar o anniversario do filho mais velho do sr. D. Carlos, senão especulem com elle, considerando-o esperança para o paiz, e dirigindo assim remoqueos ao pae.

Nada temos com as intrigas palacianas, mas estamos no nosso direito de achar nojeita uma especulação d'esta ordem.

Alguns, porém, ingenuos, ainda, esperam qualquer acto sincero dos filhos de Passos Manoel.

Pobre homem com tantos filhos...

A Academia de Coimbra e a Republica

Como temos demonstrado, a Academia de Coimbra, de accordo com as outras Academias do paiz, sente hoje que só a Republica póde salvar Portugal do abysmo de miseria e de inconfessaveis vergonhas, para que o tem impellido a monarchia. Se fosse preciso juntar alguma coisa aos fundamentos d'essa verdade, bastaria ler estes eloquentes periodos com que, na presença do rei, e coberto de unanimis applausos de todos os seus collegas, terminou o seu discurso o nosso correio-gonario Alexandre Bra, a filho, no sarau celebrado em D. Maria em honra de João de Deus:

«Mas, se em volta de nós tudo é perdido, não deixemos nós passar com o entusiasmo d'esta hora o nosso entusiasmo sagrado. Um nobre combate, cheio de tragicas pugnas, nos espera; para a vida nos chamam desconhecidos caminhos; e convencam-nos todos de que, deixada a nossa capa de estudantes na nossa derradeira hora de mocidade, temos de vestir uma pesada armadura de combatentes, frudida em audacia, temperada em sacrificios. Os braços, que hoje se levantam para saudar e applaudir, têm de robustecer-se para a lucta, e é n'elles que temos de erguer a patria envileci-

da para que a tornemos digna do Poeta que hoje consagramos. Que não é elle que tem de baixar-se a levantar-a, mas ella que tem de erguer-se para que possa merecel-o.

«E só assim não morrerá um povo que tem poetas como elle, e onde ha quem os saiba sentir.»

Palacianismo torpe

Ácerca do principe real, que fez oito annos, escreve a imprensa monarchica, com e sem subsidio do paço ou da policia:

«Os professores de Sua Alteza são os primeiros a mostrar-se admirados da sua intelligencia reveladora e que tudo deixa a esperar, e do seu caracter, já com linhas, que surpreendem, apesar da sua idade.

«Veiu a Primavera e fez annos o Principe. E' bom signal, não é assim?»

(Do *Correio da Manhã.*)

«As primeiras manifestações da juvenil intelligencia do principe Luiz Filipe são reveladoras da linha d'um caracter e são uma promessa e uma esperança.»

(Das *Novidades.*)

«Herdeiro d'um grande nome e de levantadas virtudes o joven principe, com a sua amavel e encantadora expressão, é já uma esperança que todos saudam. Que o futuro cheio de felicidades confirme essa esperança. São esses os nossos votos mais sinceros. São tambem decerto os que no dia de hoje formulam Seus Augustos Pais.»

(Do *Correio da Noite.*)

«Saudamos o principe D. Luiz, e que o perfume que se exhala da sua innocencia seja propicio á paz nacional!»

(Do *Jornal do Commercio.*)

E basta, que este perfume da folha do sr. Burnay, mais suave que a prosa do nosso *Tribuna*, passa a fazer-nos dores de cabeça!

Sucia de cretinos!

O sr. Emygdio Navarro, vae fazer conferencias sobre vinhos.

Assumpto permanente: *Processos de falsificação.*

Entendamo-nos!

O *Correio da Noite*, orgão do sr. José Luciano de Castro, chefe do partido progressista, diz o seguinte, depois de palaviado vario em resposta ás *Novidades*:

«Escusado é recordal-o. E é por isso que em Portugal monarchicos e republicanos se reúnem sob as dobras da bandeira de D. Pedro IV e de Passos Manoel, para combaterem pela restauração das garantias e liberdades legaes.»

A estas palavras, insidiosas ou tolas, temos que responder o seguinte:

1.º A proposito de bandeiras, diremos que a de D. Pedro IV era uma gazua com que elle abriu a porta de Portugal, e a de Passos Manoel, de quem os progressistas, falsificando as certidões de idade, se dizem filhos, era embora romantica e já não accetavel hoje, um symbolo puro como a alma d'aquelle homem que se envergouharia de ver todos os monarchicos dos tempos actuaes.

2.º Que os republicanos nunca podem envolver-se n'outra bandeira que não seja a sua, e não a farão desaparecer para se abrigarem á sombra das bandeiras e bandeirolas progressistas.

3.º Que a ambição dos republicanos não é o restabelecimento das taes liberdades legaes, tão invocadas pelos progressistas, pois essas liberdades estão, pelo espirito da Carta, pelos usos dos reis e pelos costumes dos ministros monarchicos, á disposição dos governos, que em todos os tempos do regimen constitucional as têm violado.

Com bandeiras, convença-se o *Correio da Noite* que não leva o arraial por deante.

Experimente balões e buxo,

Partido municipal

Não é máo repetir e fallar alto, quando se conversa com surdos.

Afirmámos que a criação do partido medico municipal era um esbanjamento e uma inutilidade.

A população de Coimbra está bem provida de medicos, as classes indigentes são soccorridas, como em poucas partes do paiz, com solicitude e competencia pelos facultativos da Santa Casa da Misericordia; o medico municipal não teria doentes para tratar; porque os pobres têm medicos e remedios, os operarios as suas associações, e não seria a simples qualidade de medico municipal que daria a alguém a clinica que lhe fuge. A vereação de Coimbra não tem auctoridade, n'esta boa terra ou fóra d'ella, para passar attestados de competencia e de saber.

O medico municipal não teria um doente, o seu logar representaria uma inutilidade, um esbanjamento dos dinheiros publicos.

O sr. Ayres de Campos ouve tudo isto, chora cheio de *perrice*, como uma creança malcreada, a quem não deixam fazer as vontades, e põe-se a berrar que é boa pessoa, bate o pé, e chama-nos máo.

Na duvida que alguém lhe estranhe o proceder, grita: *que não appareceu ahí na cidade por acaso ha cinco ou seis annos por uma manhã de primavera ou estio* —, que não é nenhuma creança.

Pois se não é, parece-o.

Afirmámos que as ruas da cidade não são conservadas, nem reparadas: O sr. Ayres de Campos concorda, e diz que se callem, que esperem, que mais tarde remediará as necessidades mais urgentes.

Fartos de esperar estamos nós! Escrevemos que as estradas ruraes estão quasi inutilizadas, cavadas de sulcos fundos, irregulares como o espinhaço d'um jumento magro.

O sr. Ayres de Campos encavaca, e diz que esta affirmação é uma injustiça revoltante, e que lhe fazemos uma insinuação malevola.

Nós gritamos ao sr. Ayres de Campos que a administração municipal vae mal, e o sr. Ayres de Campos responde-nos que *no seu coração a maldade não acha albergue*, que é uma boa pessoa, e que já o pae era o mesmo. Mas o que temos nós com as boas qualidades do sr. Ayres de Campos, o que vem fazer a exploração do nome justamente honrado de seu pae? Para que tenta enternecer o publico, e impor-se á piedade como o herdeiro de um nome glorioso, para que mercadejar com o seu nome, como um fidalgo arruinado com os pergaminhos, seus titulos de nobreza antiga?...

Quem se discute é o sr. Ayres de Campos presidente da camara municipal, e cumplice da má administração da vereação actual.

Escrevemos nós — «Sem passado que os recommende, em constante politiquice de burgo sertanejo, de ruins entranhas e pessimos instinctos, têm, n'uma administração desgraçada, deixado depauperar o thesouro municipal, esbanjando a riqueza publica em obras de utilidade propria, consentidas por todos, sem que ninguém se lembre de que a violencia é permittida em legitima defeza».

E repetimol-o, porque é a nossa opinião, porque é a opinião de Coimbra, e porque os tribunaes superiores têm por mais d'uma vez feito sentir ao sr. Ayres de Campos, á camara e

LITTERATURA E ARTE

AS BOAS FADAS

É meia noite! É meia noite!
Lavam as fadas a cantar.
Sem ter agora aonde se acote
Vae Dom Rodrigo a galopar.

Mas o corcel aventureiro,
Cavalleiro! não pode andar:
—Deixam as fadas de lavar,
E vem cercar o cavalleiro...

Todas vêm vestidas de neve,
Todas põem-se a cochichar...
O cavallo não pôde andar,
E contra as fadas quem se atreve!

—Cavalleiro de branca pluma,
Loiros cabellos, aonde vaes?
Docemente pergunta uma,
Cujos olhos refulgem mais.

—Desce do teu cavallo arteiro,
Has de vir conosco dansar...
Aonde vaes tu, ó cavalleiro,
Por esta noite de luar?

—Deixae passar o cavalleiro,
Que se não pôde desmontar!

—Aonde ides de esporas de ouro,
Arreios de prata e collar?
Disse a do cabelo mais loiro,
Com vagalumes de luar...

E responde-lhe o cavalleiro:
—Quem me pudera demorar!...

Uma então saltou-lhe á garupa
E começou de o abraçar...
E as outras upa! upa! upa!
Em farandolas a dansar...

E todas todas, todas todas,
Começaram de rodear
O cavalleiro que ia ás bodas
Por uma noite de luar...

Que pressa tens? Damos-te beijos,
Porque não te queres aprear?

—Tenho a Flôr dos meus desejos
Numa torre, á beira do mar,
Para amanhã, mal nasça o dia,
Mal nasça o dia, irmos casar...

Então as fadas á porfia:
—Cavalleiro! podes passar.

Julio Brandão.

CARTA

Sr. redactor da Resistencia.

Peço a v. o obsequio de publicar no seu
conceituado jornal a carta que segue, copia
d'uma que na mesma data envio ao sr. dr. An-
tonio Augusto da Rocha, presidente da Com-
missão Promotora do Congresso Nacional de
Tuberculose, pelo que desde já lhe fica muito
obrigado o

De v. etc.

Victor José de Deus

Coimbra, 23 — 3 — 95.

Ill. ex. sr.

Extranhando o facto de o meu nome conti-
nuar a subscrever documentos emanados da
Comissão Executiva do Congresso Nacional de
Tuberculose, quando é certo que a minha
demissão foi pedida e dada em fim de favoreci-
mento, tem esta por fim o declarar, mais uma vez,
que me julgo, para todos os effeitos, desligado
de qualquer resolução tomada depois d'essa
data e livre, portanto, de qualquer responsa-
bilidade que d'essas resoluções possa advir.
Com a maior consideração

De v. ex.

Victor José de Deus.

Coimbra, 23 — 3 — 95.

Vae entrar no prelo o poema de
Eugenio de Castro — Sagrador.
A impressão vae correr muito acti-
vamente de modo a que o poema seja
posto á venda no mais breve prazo
possivel.

Congresso Nacional de Tuberculose

Reune hoje n'esta cidade e continua
nos dias 25, 26 e 27, o congresso na-
cional de tuberculose.
As sessões realiam-se na sala dos
Capellos, da Universidade.

Politica estrangeira

O que presentemente mais preocu-
pa os espiritos reflectidos, que no
vasto cosmorama da politica do mun-
do vão seguindo os acontecimentos e
estudando os phenomenos que succes-
sivamente se enlaçam e encadeiam,
reflectindo-se d'uns povos n'outros po-
vos, é a situação gravissima da visin-
ha Hespanha, enredada nas perturbações
internas que a abalam e na attitude
hostil dos Estados-Unidos que a affron-
tam.

A insurreição da ilha de Cuba, o
soberbo florão americano que a mo-
narchia hespanhola tem conservado na
corôa da sua realza, mas que hoje vê
proxima a soltar-se do engaste, é mais
grave pelos factos que a acompanham,
do que as communições diplomáticas
têm deixado entrever.

As expedições frequentes de tropas;
os combates repetidos com os revoltos-
sos; o nome prestigioso que para os in-
surrectos têm os seus chefes; e, sobre-
tudo, o espirito de independência que
ha largos annos vem animando os po-
vos de Cuba, aspiração favorecida pela
poderosa republica dos Estados-Uni-
dos, que nunca soffreu de animo leve
o dominio hespanhol n'aquelle opu-
lento despojo das suas possessões ri-
quissimas da America, — tudo isto
mostra bem o quanto ha de grave nos
acontecimentos de Cuba.

A pouco e pouco foram-se libertan-
do as colonias americanas da Hespan-
ha, e hoje não lhe resta já n'aquellas
paragens se não a formosissima Cuba,
que bem depressa, talvez, formará
uma nova republica sob a protecção
dos Estados-Unidos da America do
Norte.

As consequencias d'este facto, in-
evitavel, por mais que a isso se oppo-
nha a Hespanha tão distante, são in-
calculaveis para os nossos visinhos da
península, e, naturalmente, não de re-
flectir-se em Portugal immediatamente.
Se, ha bem poucos annos ainda,
se viu a sobreexcitação que abalou a
Hespanha na questão das ilhas Garo-
linas, empolegadas pela Agui Real da
Allemanha, impulso vibrante que hy-
pnotizou em delirio toda a familia hes-
panhola, o que não será dado prevêr
na hypothese probabilissima de, em
pouco tempo, Cuba se furta ao do-
minio estranho, sentindo-se cheia de
energia e de alma para viver autono-
ma e livre?...

É esta interrogação, que se dese-
nha sombria e inexoravel no fundo,
tenebroso já, da dynastia Bourbonica.

A par d'esta gravissima situação, e
por causa d'ella, são o mais delicadas
possivel as relações entre os governos
de Madrid e de Washington.

Este, pretextando o injustificavel
direito de na Cuba revoltada se fazer
livremente o commercio d'armas, nega
que a Hespanha possa oppor-se a que
osurrectos se abastegam de armas
e de munições de guerra. Por isto, e
porque, ou por engano ou por neces-
sidade, um navio hespanhol descarre-
gou sobre um navio americano, a im-
prensa norte-americana incita o go-
verno do seu paiz a que tome á Hes-
panha severas contas. E assim vemos
o paiz visinho a braços com um con-
flicto internacional gravissimo de que,
por duvida, sairá hounrosamente.

Que os norte-americanos não são os
mouros de Melilla.

E mesmo d'estes...

Não deixa menos apprehensões a
má situação interna, a quem sobre ella
por um pouco detiver o espirito.

Os ultimos acontecimentos, de que
são corollario legitimo as violencias
repressoras que ora lá se vêem, factos
deprimentes do brio d'uma classe que
tem por dever ser primorosa e hon-
rada, — o assalto repugnante e cobarde
de bandos de militares armados ás re-
dações d'alguns jornaes, que ousa-
ram fazer reparos á sua estranha co-
bardia perante a insurreição de Cuba,
assalto de energúmenos desaforados

Pobres soldados!

Informam os jornaes de Lisboa que
parte dos expedicionarios á Lourenço
Marques regressou agora n'um es-
tado lastimavel. Claro que isto não
é muito culpado o governar, pois o
maldito clima d'África é bastante para
quebrar a mais robusta organização.

Isto não quer dizer que as expadi-
ções não podessem ir muito melhor
organizadas.

Não fossem os esforços quasi sobre-
humanos dos medicos, em Lourenço
Marques, que mais desgraças teriamos
a lamentar. Passemos adeante.

Sabem como foram recebidos os des-
graçados que de lá voltaram, esses
bravos militares que foram defender
a honra do paiz, que todos parecem
ignorar?

Sabem como foram recebidos os sol-
dados, em quanto o rei, chefe supremo
do exercito, gosava de dia a recepção
no paço, e á noite a recita de gala em
S. Carlos?

Oíçam:

«Chegados ao Tejo, ninguém os foi visitar
a bordo; o governo nem um escalor pôz á sua
disposição!

«O encarregado da visita da alfandega, ven-
do o desprezo á que os governantes votaram
aquellos homens que em Africa arruinaram,
talvez para sempre, a sua saude em prol da
patria, commiserou-se da sua penosa situação,
e transportou os no seu escaler.

«Chegados a terra, dois carregadores tiveram
de conduzir em braços para a casa do despacho
o sargento Silva, tal é o seu estado de
saude.»

«O sargento foi d'alli transportado ao quar-
tel n'um trem pago á expensas do sr. thesou-
reiro da alfandega e seu ajudante.

«O procedimento havido para com estes
soldados por parte do governo, foi muito comen-
tado por todos quantos assistiram ao desembarque.»

«Foi dirigido pelo sr. Silva, chefe do servi-
ço maritimo d'alfandega, um officio ao consel-
heiro do almirantado, expondo os factos e di-
zendo que a alfandega não tinha escaleres,
nem qualquer outros meios de transporte para
serviços identicos.»

E será a estes e outros soldados que
o governo ha de aconselhar que fuzi-
lem o povo!

Oíçam todos os portuguezes a mise-
ria de tudo quanto se passa!

Esteve em Coimbra o sr. Antonio
Arroyo, inspector das escolas indus-
triaes do norte.

Partido Republicano

Tratam os nossos correligionarios do
sul de organisar o partido nas regiões
abaixo do Mondego com a maior acti-
vidade. Ainda bem!

Por hoje daremos noticia da com-
missão municipal republicana de Ode-
mira, ácerca da qual nos dizem
d'aquella villa:

«N'uma importante reunião, effectuada com
assistencia dos srs. Jacintho Nunes e Alves
Correia, foi eleita a comissão municipal re-
publicana, que ficou assim constituída:

Effectivos: José Julio Antonio Paes Falcão,
quarenta maior contribuinte; Augusto Neves
Santos, proprietario; João Augusto Alão, qua-
renta maior contribuinte; José Ferreira da
Silva, quarenta maior contribuinte; Eduardo
Rodrigues, proprietario; Pedro José Simões,
quarenta maior contribuinte.

Substitutos: Jacintho Paes Brito Falcão,
proprietario; Joaquim Eduardo Julio, prop-
rietario e commerciante; José Barreiros Simões,
commerciantes; Pedro João Costa, proprietario;
Eduardo Paulo Barrallos, industrial; João Cos-
ta, proprietario; José Jacintho Paes, artista.

A comissão executiva ficou composta dos
srs. José Julio de Brito Falcão, Augusto das
Neves Santos e João Augusto Alão.»

Brevemente daremos conta de tra-
balhos identicos em Setubal, onde se
esperam adhesões do mais alto valor.

O *Elmano*, hi-semanario republicano
d'aquella cidade, diz a este respeito
no seu artigo editorial:

«O partido republicano está-se disciplinan-
do, dissensões. Brevemente virão a Setubal
membros do directorio recentemente eleito,
afim de se elegerem as commissões parochias
e a municipal, as quaes procederão ao recen-
seamento geral do partido n'esta cidade.

«Conta-se com numerosas adhesões de gente
afastada das luctas politicas e d'alguns cava-
lleiros que até aqui tem militado nas patrul-
has monarchicas.»

Assim vae alastrando a organização
que no norte tantos resultados benefi-
cos tem já produzido.

Tambem em Santarém, Lisboa, Por-
talegre, Alenquer e outras terras se
estão preparando trabalhos eguaes.

E' conveniente que a organização
do partido se torne geral para que
assim se possa em breve eleger o dire-
torio definitivo e supremo do partido.

aos seus parciaes que o seu procedi-
mento foi incorrecto, injusto, crimino-
so. São os tribunaes do paiz e não
nós, que disseram pela primeira vez,
que o sr. Ayres de Campos era crimi-
noso e dos de peor especie, porque
é reincidente no crime. *Têm sido os
tribunaes do paiz que têm condemnado
os actos do sr. Ayres de Campos como
crivados de politiquice de burgo ser-
tanejo, de ruins entranhas e pessimos
instinctos.*

E é depois das sentenças dos tri-
bunaes que o sr. Ayres de Campos
vem, com uma audacia inconsciente,
dizer que é um perfeito cavalleiro,
incapaz até de sorrisos velhaes!

Não censuramos os melhoramentos
feitos n'uma ou n'outra parte da ci-
dade; o que estranhámos é que elles
só se fizessem na proximidade dos
bens de s. ex.^{aa} os vereadores, o que
não poderá ser honestamente explica-
do, senão admitindo que s. ex.^{aa} não
vêem um palmo adeante do nariz. E
toda a gente conhece a esperteza de
s. ex.^{aa}!

Esperava o sr. Ayres de Campos
que correria este processo em silencio!
D'esta vez não succedeu assim; e o sr.
Ayres de Campos não poderá allegar
as qualidades reconhecidas de insigni-
ficancia e incompetencia para se de-
fender mais tarde, afirmando não ter
visto o desperdicio, nem lhe ter occor-
rido alvitre a apresentar ao ministro.

Dissemos a s. ex.^a o que deverá
fazer: s. ex.^a não nos agradece e vae
aproveitando a occasião para dizer
das suas boas qualidades, distrahiendo
o publico com rhetorica avariada,
como escamoteador de feira, a ver se
tira a sorte a limpo sem ninguem per-
ceber.

D'esta vez engana-se; porque toda
a gente viu o jogo, e toda a gente lhe
conhece os *compadres*.

A sorte não se faz!

A Reacção

Parece certa a subida de Canovas
ao poder, em Hespanha.

Assim temos um governo de força
no paiz visinho.

Precioso ensejo para que o governo
portuguez prosiga no caminho que en-
cetou.

Lição a todos os patriotas, para que
attemem bem no que espera este des-
graçado paiz.

Se ainda resta vergonha e coragem
ao povo portuguez, que todos se unam
para resistir á reacção que se prepara.
Muita prudencia mas muita decisão.

O sr. José d'Alpoim

O sr. José d'Alpoim, o mesmo que
fez aos republicanos as mais violentas
accusações no parlamento a proposito
da jornada de Badajoz, e que depois
d'isso não duvidou unir-se com elles,
para andar a rouxinolisar palavriado
barato da revolução franceza em comi-
cios de guarda chuva, insurgindo-se
contra o governo, começa agora a con-
cordar que se podem fazer as pazes
entre o governo e os progressistas.

Não admira que assim proceda, o sr.
José d'Alpoim.

Pelo menos nós não esperamos vel-
senão como um ambicioso inutil e ha-
nal, cheio de pontos de exclamações
nas suas correspondencias e dando-se
ares de jocoso a fallar na sua gordura,
para a qual, diga-se de passagem, o
orçamento contribue bastante.

Este senhor, que anda pelos comicos
de gravata vermelha, reproduzindo-se
em edição barata de Jacobino de casa
d'hospedes, mas que não deixa, como
depois do comicio de Lisboa, de offer-
recer os seus serviços ao sr. João
Franco, antes de vir prégar sermões
ao norte, não perde a occasião de pre-
judicar os republicanos.

E todavia ha muitos ingenuos que
acreditam na democracia do sr. Alpoim.
Porque?

Talvez por elle ir ao paço depois
da comedia a que se prestou, na cele-
bre sessão parlamentar contra os repu-
blicanos, receber os parabéns do rei
pela sua rhetorica avariada e ensaiada
com os versos do *D. Jayme*?

Carta de Lisboa

23 de março de 1895.

Discute-se cada vez mais se a reforma eleitoral será ou não publicada. Parece que o governo, cobarde como sempre, está agora disposto a procurar uma transacção com os progressistas. Ora no partido do sr. José Luciano alquem está disposto a transacções. Por exemplo o sr. José Alpoim, o sr. Resano Garcia, o sr. Elvino de Brito e mais algum.

O sr. José d'Alpoim «querido amigo das *Novidades*» até ensaiou no *Primeiro de Janeiro* algum palavrado n'esse sentido. Emfim veremos o que pensa o resto do partido progressista, principalmente o do Norte.

Que o governo tem medo e alguns progressistas sentem saudades do poder, é certo. Pode ser que o príncipe real se metta agora no caso, visto dizer-se que o pequeno é progressista. Tem graça, mas o facto é que a tática dos jornaes dos filhos de Passos Manuel consiste agora em causar dissensões políticas na familia real. Por este processo a intriga tanto ha de ferver no paco, que até o ajudante do depennante das gallinhas de S. M. virá um dia a ter peso na politica monarchica. Mas alquem me informa depois de quanto escrevo, que o governo não tem tal medo e a reforma eleitoral ha de ser publicada.

Veremos. Em politica portugueza é tudo mais incerto que na roleta, dizia-me hontem um monarchico, que nunca perde.

Um jornal d'aqui, a *Folha do Povo*, faz revelações gravissimas sobre o monopolio dos phosphoros. Se houver ainda um pouco de vergonha n'esta terra, tanta como a de nm cão, a justiça precisa de averiguar se são verdadeiras as accusações feitas por aquelle nosso valente collega, que diz tudo sem dó nem piedade a respeito da sucia de syndicateiros.

Veremos o que isto dá. Pelos costumes da terra não dará mais nada, se não dinheiro aos especuladores.

O rei do Congo foi recebido pelo sr. D. Carlos. Consta que a magestade negra teve uma conferencia muito importante com o ministro dos estrangeiros, D. Alvaro anda colhendo apontamentos para escrever um livro intitulado:

A evolução da mulher considerada em suas relações com o fato do homem. O livro é portanto inspirado na *Toilette*, que usa o ministro dos estrangeiros.

Jocelli.

A respeito da recepção do rei do Congo Preto, D. Alvaro Agua Rosada, pelo rei do Congo Branco sr. D. Carlos de Bragança, alquem dizia:— Aquelle Carlos Lobo d'Avila é incansavel em approximar-se das potências. Bello diplomata!... Até os pretos lhe servem!

Torneio velocipedico

Realisar-se-hão amanhã, pelas 11 horas da manhã, cinco corridas de velocipedes, promovidas pelo *Cyclo-Club* d'esta cidade.

A ordem do torneio será a seguinte:
1.^a corrida (Velocipede), nacional, 1 volta, partindo da Estrada da Beira e seguindo por Santa Clara, Quinta das Lagrimas, Conraria, Ceira, Portella até ao ponto de sahida: 13:300 metros. Tres premios: medalhas de vermeil, prata e cobre.

2.^a corrida (Juniors), nacional, 1 volta, 13:300 metros. Tres premios: medalhas de vermeil, prata e cobre.

3.^a corrida (Resistencia), 2 voltas, 26:600 metros. Tres premios: medalhas de ouro, prata e cobre.

4.^a corrida (Campeonato de Coimbra), 1 volta, 13:300 metros. Quatro premios: medalhas de ouro, prata e cobre e uma larga fita de seda branca, offerecida pela esposa do nosso amigo João Vieira, illustre professor de desengo da Universidade, com uma pintura a oleo representando um vôo de andorinhas entre pecegueiros em flor: pintura d'um toque aristocraticamente fino e delicado. Tivemos occasião de ver essa formosissima fita, que, sem duvida, constitue o premio de mais requintado gosto d'este torneio.

Eis, talvez, o motivo por que, n'esta 4.^a corrida, só podem tomar parte socios do *Cyclo-Club* residentes em Coimbra.

5.^a corrida. Fitas (offerecida ás damas d'esta cidade). Sômente terão admissoão n'esta corrida os corredores que tiverem entrado em alguma das anteriores.

Estão inscriptos, entre outros:

—Para as 1.^a e 3.^a corridas: Eduardo Minchin, Manoel Ferreira e Luiz Neves, socios do *Club Velocipedista de Portugal* com sede em Lisboa, Benedicto Ferreira e Carlos Placido, membros do *Velo-Club do Porto*, José Bento e Albano Custodio, socios do *Club Gymnastico e Velocipedico Figueirense*.

—Para a 2.^a corrida: Carlos Bleck, Sousa Junior e Correia de Sá, de Lisboa, Augusto Motta e Joaquim Chrysostomo Pinto da Silva, de Coimbra.

—Para a 4.^a corrida: José Motta, Camillo Vieira, Julião Sarmento, Matheus Monteiro, Benjamim Braga e Antonio Sampaio, de Coimbra.

Os premios serão distribuidos por uma commissão de senhoras, á noite, nas salas do *Cyclo-Club*, que estarão vistosamente ornamentadas.

O jury será composto dos seguintes cavalheiros:

Presidente—Commendador Manuel Constantino da Veiga.
Secretario—A. Fructuoso da Silva.

Henrique respondeu com um signal de cabeça á saudação dos tres caixeiros. Passou deante do Rei Dagoberto sem o honrar com um olhar, e afastou se em direcção ao Palais-Royal.

Quando lá chegou ainda não eram oito horas; os cafés começavam a abrir e o jardim estava ainda povoado de aves e creanças.

Primeiro, parou no lugar d'onde tinha partido na vespera para ir tomar a Bastilha. Depois, começou passeando. Ora levantava os olhos para o ceu, ouvindo cantar os passaros, ora olhava para as creanças, e sentia humedecerem-se-lhe os olhos ao vê-las; outras vezes observava, como que absorvido, os jogos de luz na agua do tanque.

Pouco a pouco voltou o movimento. Mulheres atravessaram o recinto; grupos d'homens formaram-se nas saidas; as mezas dos cafés rodearam-se de consumidores; elevaram-se as vozes; fallava-se do que se tinha passado na vespera, da derrota da corte, da victoria da nação, da assembleia libertada, de Paris victorioso...

Mas o passeante solitario não ouvia nada. Tinha voltado ao lugar da vespera, e conservava-se n'uma expectativa silenciosa.

Bateram as oito horas e meia; fez um movimento de impaciencia.

Os tres quartos: á hora, emfim. Mergulhou o olhar na direcção do palacio

Chorometer—Antonio Calheiros.
Starter—Germano Martins.
Draper—Joaquim Pessoa.

Como se vê, a cidade vai amanhã assistir a uma festa em tudo galante.

Pena é que o director das obras publicas n'ella pozesse a nota enfadonha, obrigando a direcção do *Club* a requerer ao rei permissoão para se fechar o recinto da corrida.

Só agora o sr. Franco Frazão impoz esta formalidade, sempre, até hoje, dispensada em quantas corridas de velocipedes se têm realizado em Coimbra.

Bem diziamos nós:
—A recente viagem do sr. director das obras publicas a Lisboa e as suas conferencias com o ineptissimo e ultra-faccioso primo fizeram muito mal a s. ex.^{ta}; alteraram-lhe as funcções.

Haverá cadeiras juncto á meta e que estão á venda nos seguintes estabelecimentos: Mendes d'Abreu, Castro Leão, Joaquim Pessoa e Pharmacia Nazareth.

A ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Michaelis, a quem se devem, sem duvida, os estudos mais importantes sobre Sá de Miranda, virá a Coimbra fazer uma conferencia sobre o poeta.

Tem estado doente o nosso apreciaavel amigo e correligionario João Mendes de Vasconcellos, terceirannista de Direito.

Desejamos do coração as suas melhoras.

Theatro Circo

Teve lugar na quinta feira ultima, como haviamos noticiado, a festa artistica em honra do actor Taborda e beneficio de Santos Lucas.

Lá vimos o velho Taborda, reliquia veneranda do antigo theatro portuguez. Teve ovações delirantes, interminaveis. Recitou com o merito conhecido a scena comica—*Tio Matheus*.

O beneficiado entrou na comedia—*Pela bocca mbrve o peizo*—e foi muito applaudido. Tambem ouviram palmas os actores que do Porto vieram coadjuval-o, notando-se com elogio a correção com que Santos Mello disse a poesia de Guerra Junqueiro—*O Fiel*.

A banda regimental executou dois dos tres numeros que estavam annunciados no programma; não sabendo pessoa alguma a razão por que não executou o terceiro, e succedendo, por isso, este caso curioso de ficar toda a gente nos seus logares, depois de tudo haver terminado!

Melhor fóra que se affixasse á entrada o aviso de que a banda só tocaria as duas peças. Assim se procedeu para explicar a falta do estudante Valente na recitação de cançonetas, e pouco custaria acrescentar duas palavras n'aquelle sentido.

e estremeceu. No rosto manifestou o orgulho:

— Ah! não podia ter-me enganado!
A formosa mulher adeantava-se, com effeito, de olhos baixos.

Fez um movimento para se dirigir para ella; depois, bruscamente, voltou-se e começou a olhar para o lado opposto; depois, voltou-se ainda de novo, lentamente, como se quizesse esperar que ella se approximasse mais para se encontrar em face d'ella.

E ella continuava a caminhar d'olhos baixos, mas o seu sorriso dizia que o tinha visto. As mãos tremiam-lhe.

Levantaram os olhos ao mesmo tempo; trocaram um olhar incendiado

— Bom dia, minha senhora! disse elle.

— Bom dia, senhor!

— A sua rosa deu-me felicidade!... Ella baixou os olhos; sorriu ainda; a sua cabeça fez um pequeno movimento; a mão, pousou-a na cintura...

Permaneceu assim, confusa, commovida, córada; um suave clarão descia-lhe das palpebras e parecia illuminar-lhe as faces.

Elle sentia desejos de se prostrar de joelhos, de juntar as mãos e adorar-l-a.

— Minha senhora, disse elle emfim, — e a sua voz, hontem vibrante e sonora, mal se ouvia hoje, — minha senhora, chamo-me Henrique Lenoir. Meu

Ao principio, os intervallos foram longos e inexplicaveis. Parece que o serviço de scenario não estava bem dirigido.

Apesar d'isto, houve palmas muito prolongadas; e, n'aquelle festa offerecida ao velho Taborda, — ás flores e ornamentos com que se decorára o feio circo, — juntou-se a alegria dos espectadores como feliz complemento da boa vontade e excellentes disposições de todos os que n'ella tomaram parte, sem esquecer a propria orchestra, dirigida por Macedo e Paes.

Parece que a companhia do theatro D. Afonso, do Porto, dará sómente quatro espectaculos. Na quarta feira proxima subirá á scena o *Brazileiro Pancracio*, peça muito conhecida, mas ainda, até hoje, não representada em Coimbra.

A recita dos estudantes do lyceu, em beneficio da sua Philantropica, deve ter lugar ainda antes das ferias da Paschoa.

Não se descreve o entusiasmo febril com que os sympathicos e generosos rapazes proseguem nos preparativos da sua festa!

Sabemos que os ensaios vão adeantados.

Os côros já acertaram—difficuldade mór d'estes trabalhos. Na parte recitativa, quasi tudo está á postos. De modo que, muito brevemente, vamos ter o prazer de assistir a essa recita ao mesmo tempo elevada pelo fim a que mira e atrahente pela feição que a viveza o entusiasmo e a alegria dos rapazes lhe communicam exuberantemente.

Consta-nos que a commissão incumbida de vender os logares do theatro tem já muitos pedidos de camarotes de varias familias de Coimbra, que desejam ver a todo o tranze a festa dos alumnos de preparatorios e auxiliaes na sua plausibilissima iniciativa.

Fialho d'Almeida publicará em breve um livro de critica, editado pelo sr. França Amado.

Tambem se espera para breve uma nova serie dos seus *Gatos*, essa publicação scintillante e macabra, como diz o outro...

Com o brilho, que já esperavamos, realisou hontem, no salão do Instituto, o sr. Vasconcellos Abreu a sua conferencia eruditissima sobre *A phenomenalidade, a alma e o eu, no Budhismo*.

A concorrência era numerosa e selecta. Viam-se na sala, a destacar das sobrecasacas e capas negras, algumas *toilettes* claras de senhoras de Coimbra.

Bibliographia

Continuam sahindo com toda a regularidade as cadernetas do excelente romance—*Os dois Orphãos*—de Adolphe d'Ennery, editado pela casa Bellem & C.^a de Lisboa.
Agradecemos a caderneta n.º 2.

pae é negociante de pannos na rua des Bourdonnais.

—Eu, cavalheiro, chamo-me Joanna de Bernard. Sou viuva d'um conselheiro do parlamento. Minha mãe é a condessa de Dinan.

O rapaz teve o mesmo movimento triste que de manhã, ao seu espelho...
— Não sou bonito! tinha elle dito consigo.

E agora:

— Não sou nobre!

Um clarão passou-lhe pela frente e pelos olhos.

— A senhora condessa de Dinan, disse elle sorrindo, não consentirá nunca em receber em sua casa um eleitor de Paris, um vencedor da Bastilha!...

— Oh! nunca, senhor!

Bruscamente, Lenoir fez um gesto e cumprimentou-a.

— Adeus, minha senhora!

Deu tres passos e voltou-se.

A senhora então viu o seu rosto transtornado: conheceu o desespero n'aquelle coração que batia por ella...

— Senhor! disse ella.

Já elle estava a seu lado.

— Senhor!...

E continuou tão baixo, que tinha o ar de fallar para si só.

— Algumas vezes de manhã, raramente, vou passear ás Tuherias.

E afastou-se sem se voltar.

Associação de socorros mutuos Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho

Balancete da receita e despeza nos mezes de janeiro e fevereiro de 1895

Janeiro

Receita	
Jóias	55900
Quotas	905140
Multas	65000
Diplomas	25200
Juros	35470
Ditos da mora e multa de 3%	150
	1075860

Saldo a favor do thesoureiro 1225938

Fundos existentes em 31 de dezembro de 1894:

em dinheiro	395897	
em escripturas, inscripções e uma letra	9:9705680	10:0105577
		10:2415375

Despeza

Socorros pecuniarios	935640
Pensões a viúvas	375005
Subsidios a invalidos	145580
Ditos para funeraes	215600
Renda da casa d'Associação	205000
Decima de juros	715540
Despezas geraes	125330
	2705695

Fundos existentes em 31 de janeiro:

em escripturas, inscripções e uma letra	9:9705680	
		10:2415375

Fevereiro

Receita

Jóias	55900
Quotas	1795000
Multas	55800
Diplomas	600
Juros	365135
Ditos da mora e multa de 3%	35865
	2315300

Saldo a favor do thesoureiro 65973

Fundos existentes em 31 de janeiro:

em escripturas, inscripções e uma letra	9:9705680	
		10:2105953

Despeza

Socorros pecuniarios	545600
Pensões a viúvas	375475
Subsidios a invalidos	165000
Despezas geraes	65955
	1155030

Saldo a favor do thesoureiro em 31 de janeiro

Fundos existentes em 28 de fevereiro:

em escripturas, inscripções e uma letra	9:0725985	
		10:2105953

Coimbra, 10 de março de 1895.

O secretario,

Joaquim Teixeira de Sá.

Lenoir teve um bello movimento de creança. Lançou-se ao meio d'um grupo, agitando o seu chapu...

— Viva a nação!
A gentil senhora ouviu-o de longe; e, esboçando o seu sorriso encantador: — Bem sei quem é a nação! murmurou ella.

VIII

UM FORNO ECONOMICO EM 1789

N'uma manhã do mez de novembro, Santerre, envolvido num amplo casaco de panno forte, desceu os tres degraus do seu balcão. Era um d'estes dias de nevoeiro, mais desoladores do que a neve e o gelo; um nevoeiro que fazia tremor de frio.

Santerre atravessou o pateo e entrou na cervejaria.

— Olá, aproximem-se! — disse elle. Chamava Labroche, Galand e Cadet Tricot.

Quando os teve todos tres ao pé de si, Santerre levou-os para um canto e, baixando um pouco a voz, o que não estava nos seus habitos, disse-lhes:

— O inverno anuncia-se mal. Em Paris, no mez de julho, demos o exemplo. A provincia seguiu-o: tomou, como nós, as armas.

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

VII

O REI DAGOBERT

Um caixeiro acabava de abrir o armazem; um outro dependurava á porta um bocado de fazenda quadrado, em que estavam bordadas a seda amarella estas palavras: *Lenoir, successor de Lenoir*; um terceiro anda a pendurar n'um ferro fóra a tableta da loja, *Le Roy Dagobert*, pintado em Madeira, uma corôa desdourada na cabeça, vestido de purpura semeada de flores de Lis, com o calção azul voltado do avesso, e nos pés sapatos de fivélas.

O bom rei tinha uns compridos cabellos negros, faces vermelhas, nariz achatado. Muito pesado pra se manter de pé, rangia sobre o ferro que o sustentava ao menor sopro de vento e ameaçava no seu brusco movimento cair sobre os transeuntes. Por isso, mestre Lenoir pagava quatro francos por anno á municipalidade pelo direito de collocar o seu homem de pau á frente do armazem.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

FELIX MAGALHÃES

OS POETAS

Plaqueta em 25 paginas, formato 16.º primorosamente impresso na typographia occidantal, do Porto.—Preço, 200 réis.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvedo por Dec. de 2 de março de 1895.—Edição conforme a official.—Publicação da Bibliotheca Popular de Legislação rua da Atalaya, 183-1.º—Lisboa, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

Preço 240 réis

Homenagem a João de Deus

Numero unico, publicado pela *Sociedade João de Deus de Abrantes*.

Acha-se á venda em; LISBOA—Livraria Rodrigues—Rua Andre, 186 e 188. PORTO E COIMBRA—nas principais livrarias. ABRANTES—Livraria de Antonio Salgueiro.

Preço 50 réis

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO

DO VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS:—Brochado, 300—Cartonado, 360—Encadernado, 400.

MACHINAS de COSTURA
da Companhia Fabril
SINGER
Para FAMILIAS e INDUSTRIAS

19 **AS** verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92—Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana. Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

48 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corós e bouquets, fnebres e de gala. Filas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

POMADA DO DR. QUEIROZ



17 **E**xperimentada ha mais de 40 annos e tantos resultados, já produzidos. Também em S.ª de Lisboa, para geral—Pharmacia Rosa & Viçente, 31 e 33—Lisboa—F.ª Maria Rodrigues da Silva, N. N.—Só é verdadeira, registrada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

Bibliotheca do Pimpão

Volume XXVI

Preço por cada volume mensal, 100 réis.—Assignatura annual, 13000 réis.

QUESTÕES PRATICAS

DE DIREITO CIVIL E COMMERCIAL

ou Collecção de casos julgados

por José Maria de Freitas

1 grosso vol. 13000, pelo correio 14000 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

CODIGO

DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR

Decreto de 24 de janeiro de 1895

3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabeticó

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do Código do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na fórma, pelo governo.

Preço 300 réis (FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

LIVROS DE MISSA

21 **M**agnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA

COIMBRA

20 **A**LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas situas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

16 **E**sta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de para-raios, telephones, campainhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristoile, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corós e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

15 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Amendoas! Amendoas!

CONFEITARIA E MERCEARIA Innocencia & Sobrinho

91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

14 **E**norme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. *Grandes descontos aos revendedores.* Envia-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

N'este estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscoitos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Gerez e Champagne, genebra, licores, etc., etc.

Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!

LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

13 **N**este estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

Arrenda-se

12 **U**MA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario.—Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

AOS MESTRES D'OBRAS

11 **V**ende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2.º, 50 × 0.º, 35 a 0.º, 65 de largo, e 0.º, 04 a 0.º, 12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.

Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Bomba para incendio ou jardim

10 **V**ende-se uma quasi nova e por metade do seu valor. Quem pretender dirij-se ao sr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

Marçano

9 **P**recisa-se de um com pratica de fazendas brancas, proximo a ganhar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo

43, Praça do Commercio, 45

COIMBRA

AOS VIAJANTES

8 **E**m a Casa Havaneza encontra-se uma magnofica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

3 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

2 **E**sta companhia, a mais antiga e segura de Portugal, toma ao, incohyas contra o risco de fogo ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Vinho de mesa puro genuino

1 **V**ende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaz ao freguez. **A. Marques da Silva.**

Grande leilão

Rua do Corpo de Deus, n.º 81 a 87

7 **N**os dias 24 e 25 do corrente, pelas 10 horas da manhã, se fará leilão de diferentes objectos antigos, mobílias de pau preto e outras, imagens e crucifixos diversos, quadros a oleo, gravuras, paramentos, livros, um orgão portatil, uma sineta, um piano para estudo, ferramentas de carpinteiro e serralheiro e muitos e variados artigos que estarão presentes desde as 8 horas da manhã.

Encarregam-se do leilão Adelino de Macedo e José dos Santos Marques, que desde já prestam todos os esclarecimentos.

BENGALAS

6 **U**m sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

PHAETON

5 **N**A rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.



Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

3 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno.....	25700
Semestre.....	15350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:	
Anno.....	25400
Semestre.....	15200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 11

COIMBRA — Quinta feira, 28 de março de 1895

1.º ANNO

A anarquia e as Relações

Que está dominando em Portugal o absolutismo sob a forma anarchica, indubitavelmente a mais funesta, é um facto que todos reconhecem e que não surpreheendem nem commove quem conhece as miseraveis condições em que vive a monarchia.

O governo sentiu que era necessario, para prolongar a duração da monarchia, supprimira constituição, despedaçou o titulo de que derivavam os seus poderes, impôr-se pela força; e, uma vez encetado este caminho, decreta medidas illegaes e violentas, perpetra os maiores attentados contra as garantias individuais, publica códigos em que se consignam principios do mais ominoso despotismo. E logico este procedimento de incapazes que têm a louca presumpção de estadistas, e facéis de prever são as suas consequências.

Mas se nos não surpreheendem nem commove o arbitrio do governo, causa-nos a mais dolorosa impressão ver juizes que, no cumprimento das suas funções em que já mais deviam ter a minima influencia os atrabiliarios processos da nossa politica monarchica, parecem deixar-se arrastar por elles e dão as provas mais evidentes de lastimavel inepcia aliada a um facciosismo sem escrúpulos. Penalisa-nos este facto, e é com a maior repugnancia que cumprimos o dever de o criticar. Não podendo, porém, deixar de o fazer, seremos inexoraveis com os individuos que, devendo ser illustrados e independentes, revelam a mais crassa ignorancia no servil acatamento das prepotencias governamentais, arrastando assim pela lama a sublime instituição que representam.

Temos deante de nós dois accordãos, um da Relação de Lisboa e outro da Relação do Porto, relativos á obrigação de pagar os impostos decretados em dictadura. Em ambos se afirma a doutrina de que os cidadãos, contra o que estatue o acto adicional de 1852, devem obediencia legal a esses decretos.

Tendo a convicção de que essa doutrina é insustentavel em face dos principios que se acham consignados na nossa legislação politica e tributaria, não deixaríamos todavia de respeitar qualquer opinião contraria a ella, quando baseada em razões que de algum modo se podessem considerar juridicas e que fossem logicamente deduzidas. Conhecedor das difficuldades que offerece a exegese das normas juridicas e designadamente das que respeitam ás funções politicas, não temos a louca pretensão de que sigamos sempre a melhor doutrina, procurando, pela ponderação desapassionada dos argumentos adduzidos d'um e d'outro lado, verificar se é verdadeira a que professamos.

Não nos revoltaria, pois, o facto de os nossos tribunales de segunda instancia julgarem improcedentes os embargos dos contribuintes que

intenderam não se lhes poder exigir impostos por decretos dictatorias. O que nos revoltou foram os *considerando* dos accordãos, que são verdadeiramente extraordinarios quer sob o ponto de vista juridico quer sob o ponto de vista grammatical.

Os juizes da Relação de Lisboa entenderam, para justificar um acto do governo em que este calcou uma disposição expressa do nosso código politico, que deviam invocar uma disposição do mesmo código que lhe faculta legislar para as provincias ultramarinas no intervalo das sessões legislativas! Recorrendo a esse argumento, deveriam declarar n'outro considerando—E attendendo a que o continente do reino se mostra menos civilizado que essas provincias e, portanto, merecedor de menos garantias que ellas—, porque não podia deixar de ser essa a razão que tiveram em vista, quando resolveram firmar em tão estulta doutrina a sua deliberação.

Quanto aos desembargadores da Relação do Porto, é difficil dar uma ideia nitida das razões em que fundamentaram o seu accordão, tal é a linguagem de que usaram para as exprimir.

Para que não se diga que inventamos, ahí vae o accordão:

«Accordão, conferindo, em que aggravada foi a agravante, Fazenda Nacional, pela sentença recorrida, que julgou procedentes os embargos de folhas duas, pelos que o agravado, doutor José Paulo Monteiro Cancellia, da comarca de Anadia, se oppoz ao pagamento da contribuição, em que foi tributado, constante da certidão do relaxe a folhas duas do appenso, pelo anno de 1893, na importancia de rs 34.870, com o fundamento de não estar a cobrança autorizada por lei conforme o art. 12 do Acto Adicional.

«Porquanto, se bem que é predicado essencial da exacta administração da justiça que os d'ella encarregados julguem primeiro da tudo sobre a lei para que só ella se observe, e cumpra, no reciproco e simultaneo concurso dos poderes do Estado, que assim guardam os limites, que lhes são proprios, e com elles a harmonia consequente das suas diversas, mas concordes funções; é não menos certo que a lei organica em vigor determina no regimen ordinario da administração publica sejam as tributarias obrigatórias só por anno, perdendo alem d'elle toda a sua força; é por igual indubitavel que a Carta Constitucional, na qual nenhuma outra lei, preleva, o derogou, no art. 145.º §. 34.º, ausentes as córtes, permite ao governo, declarando-se em dictadura no caso de perigo publico imminente, cujo conhecimento lhe pertence para deliberar-se, como ao poder legislativo verbal o na ponderação de tamanha responsabilidade, exorbitar das formas e garantias politicas, assumindo uma autoridade sobreconstituída, cuja manifestação, visto que concedida essa faculdade de superintendencia alheia, o poder judicial tem de acatar para que se não exceda em sua esphera de acção; não inutilise com intempestiva, e incoherente interferencia obstativa medidas extraordinarias, que a lei fundamental prevé, e consente; por isso de justificação presumida, e esperada, emquanto positiva, negativa, ou tacitamente o contrario não fór decidido pelo unico poder competente. Revogam pois a sentença recorrida, julgam improcedentes os embargos, mandam progredir a execução, e condemnam o agravado nas custas.

Porto, 22 de março de 1895.—T. de Quiróz, Figueiredo e H. Pinto.

Podemos garantir que é verdadeiro este accordão conferindo, em que, consignando-se o principio de que ao poder judicial cumpre applicar a lei e julgar primeiro de (1) tudo sobre ella para que só ella se observe, se chega á conclusão de que o poder judicial deve applicar sempre os decretos do governo, sejam ou não contrarios á lei, e até ás disposições de character constitucional!

E os motivos são: que no reciproco e simultaneo (mesmo quando, na linguagem do accordão, as córtes estão ausentes)

concurso dos poderes do Estado, o julgar o poder judicial sobre a lei, para que só ella se observe, é o meio de guardar os limites que lhes são proprios (tambem pôde inferirse da redacção que é pelo concurso reciproco e simultaneo que isso se consegue, o que talvez devesse acceitar-se por ser ainda mais absurdo);

que o acto adicional dispunha que as tributarias obrigatórias só por anno sejam lei; mas que essa disposição está derogada (desde 1826 e portanto antes de nascer) pela carta constitucional, na qual nenhuma outra lei preleva (nem sequer têm a mesma força o acto adicional de 52 e a reforma constitucional de 1885), art.º 145 §. 34, que permite ao governo, ausentes as córtes (cremos que hoje em parte incerta), declarar-se em dictadura, assumir uma auctoridade sobreconstituída (refere-se á carta constitucional, na qual o governo preleva) no caso de perigo publico imminente cujo conhecimento lhe pertence para deliberar-se a exorbitar (lá se vão os poderes conferidos ao governo pela carta, que revogou o acto adicional) das formas e garantias politicas;

que, concedida a faculdade de superintendencia alheia (leve ser a das córtes quando presentes), o poder judicial tem de acatar os actos por que o governo exorbita das formas e garantias politicas para que se não exceda na sua esphera de acção (que, diz o mesmo accordão, é a de administrar justiça de modo que só a lei se observe) e, inutilise com intempestiva e incoherente interferencia obstativa (seja-nos permitido dizer que não percebemos nenhum dos qualificativos da interferencia, nem o modo por que o poder judicial, que só pôde applicar a lei aos casos particulares, inutilise as medidas do governo) medidas extraordinarias que a lei prevé e consente e que por esse facto são de justificação presumida e esperada (que logica! até o Calino se ri), em quanto positiva, negativa, ou tacitamente o contrario não fór decidido (a negativa é inesperada, a tacita é desconhecida como deliberação, a positiva está bem, mas não era precisa porque se presume).

E agora a sério: É necessario corrigir estas aberrações, que felizmente são excepcionaes, mas que ainda assim desacreditam o nosso poder judicial, e tambem a faculdade de Direito, onde se pôde suppor que se ensinaram semelhantes sandices.

Os republicanos hespanhoes

No congresso republicano ultimamente realizado em Madrid foi apresentada a demissão de Zorrilla, chefe dos republicanos hespanhoes. Foi então que o vulto eminente de Zorrilla, a quem a Hespanha deve tanto nome e tanta honra, recebeu uma solemnisima consagração, sendo rejeitada unanimemente a sua demissão.

O espirito superior do intransigente e honrado chefe republicano ha de sentir, no quebrantamento do soffrir que o prostra, um novo alento pelo carinho que todos os republicanos lhe votam.

Reforma eleitoral

Dizem os jornaes que será publicada esta semana a reforma eleitoral, devendo antes d'isso ser sujeita a dois conselhos de ministros.

Diz-se até que já está elaborado o relatório que deve ser presente a um dos conselhos.

Isto de se declarar precisamente quantos conselhos de ministros serão necesarios para discutir a decantada reforma, chega a ser extraordinario! Será só para essa discussão, ou para se pôr data no decreto suspendendo as garantias, a que continúa referindo-se o Tempo?

Parece-nos mais provavel esta segunda hypothese, não obstante ser desnecessario, segundo opinam celebres desembargadores da Relação do Porto, para que o governo exorbite das suas funções não fazendo caso algum das garantias constitucionaes, — declarar suspensas essas garantias.

E mesmo porque este governo quer obras e não palavras...

O sr. Ayres de Campos, que foi nomeado presidente honorario do congresso de tuberculose, levava uma mensagem de felicitação que foi lida na mesa por um dos secretarios, estando s. ex.º presente.

Este facto, que foi muito commentado, levou um congressista de fóra a perguntar a um amigo seu:

—A camara municipal de Coimbra é analfabeta?

Saturio Pires, grammatico!

Encontramos n'uma correspondencia da Guarda para o Tempo:

«Foi remetida para o ministerio de guerra, em manuscrito, a Grammatica Portugueza destinada aos cursos de escolas centrais de sargentos. É auctor o distincto e brioso official sr. Amílcar Saturio Pires, major da 5.ª brigada de infantaria d'esta cidade. Dizem pessoas competentes ser um excellente trabalho.»

Estamos a vêr que essa especialissima grammatica, só para uso dos sargentos, altera as regras fundamentaes da philologia, é escripta em perguntas e respostas, e começa provavelmente d'este modo:

- Sois christão?
- Sim, pela graça de Deus.
- Sois monarchico?
- Sim, para graça do rei.
- Que coisa é ser monarchico?
- É ser discípulo do Festas, e ser concedido e baptizado pelo Santos Viagas, abbade de São Thiago d'Anta e presidente reformador da Camara dos Deputados.

E assim successivamente...

O novo ministro de Portugal nas terras de Santa Cruz será o sr. Thomaz Ribeiro, immortalizado ao plano por todas as donzellias romanticas.

Effectivamente o conselheiro em litteratura está nas condições de servir para edição brasileira.

E se mudar os personagens d'aquelle celebre poema, do qual Castilho dizia estar superior aos *Luziadas*, ainda pôde conseguir que o D. Jayme passe a ser D. Juca.

Os inglezes na India

A Inglaterra, que só á força de ferro e de fogo vae mantendo o seu poder nas Indias, acaba de soffrer mais um desastre com a derrota de um corpo de tropas em Chitral, e receia-se que a esta hora outra columna esteja ahi-quitada.

Embora a Inglaterra use d'um meio summario e prompto de soffocar as revoltas, —metralhando aos milhares os revoltados, comtudo milhares de inglezes vão dormindo o último somno pelos juncaes ardentes da India, immolados á justissima vingança dos indios escravizados.

Por uma vez!

Vae-se definindo a situação.

O governo, sem se importar com o paiz, mas pensando unicamente, sob um ponto de vista muito restricto, em sustentar a queda da monarchia, procede por forma a provocar uma reacção, que já não pôde ser obra de um partido, mas reclama a interferencia do paiz inteiro.

É necessario portanto, que a situação assim definida, seja comprehendida por quem tem o dever de indicar ao paiz a decisão que tem de tomar. Considerar que o governo faz unicamente a sua politica e a dos seus amigos, como qualquer dos que o antecederam, é uma illusão imperdoavel.

Este governo, o que succede pela primeira vez em Portugal, põe uma questão de principios, com todas as suas consequências. Até ha pouco tempo a monarchia não perigava. Os seus processos de dissolução, corrompendo todos e evitando que podessem ouvir-se justos protestos, bastavam a sustentá-la. Mas agora, que passou esse tempo, que já os protestos se ouvem acima da risota dos satisfeitos, o governo, precisando de manter a monarchia, e o rei, com as suas fanfarronadas, desejando aguentar-se no throno, de mãos dadas, tratam de impôr-se e calcar o paiz.

Governo e rei, identificados, significam hoje uma mesma ideia. Corrompem, humilham, exploram, violam as mais insignificantes garantias que o código fundamental concede, e com tudo isto não fazem mais do que pôr em pratica um acto que se traduz n'esta phrase: *O rei defende-se!*

Pois bem! Se contra o paiz o governo defende o rei, os republicanos defendam o povo contra o rei!

Mas como?

O governo ameaça, o governo persegue, o governo mandará fuzilar quando o julgue necessario. Ter medo das ameaças é ridiculo, temer as perseguições é uma cobardia, recetar a morte quando se trata de salvar o paiz é uma infamia!

Portanto não ha outro caminho a seguir senão prepararmo-nos para a lucta. Não alliando-nos com monarchicos descontentes e tão culpados da nossa miseria como os que nos governam, não juntando-nos com quem nos diffamou e accusou de traidores á patria, não perdendo o tempo em comicos ridiculos com que um partido expulso do poder ha quatro annos tenta ameaçar o paço! Tudo isso é contraproducente, immoral, perigoso para o partido que tomou sobre si a responsabilidade de salvar o paiz.

O partido republicano que deve ser um partido de homens honestos, sem responsabilidades nas vergonhas da politica portugueza, tem de seguir um caminho definido, absolutamente intransigente com todas as infamias e com todos os infames, evitando todos os processos de que usam os monarchicos, a intriga, a ambição, o desejo do mando!

O partido republicano precisa concluir a sua organização, seguindo o plano adoptado no Porto por alguns homens que seguem o processo do nosso querido e honrado morto José Falcão, o primeiro de todos os caracteres, a mais lucida de todas as intelligencias que o partido republicano e o paiz têm possuído na politica. Terminar a organização é indispensavel. Saber enfim que podemos escolher uma direcção suprema, eleita por todo o partido, é condição primeira

para que o paiz tome a serio os que pretendem salvá-o.

Consigna-se isto, que depende apenas da energia e do caracter de todos os republicanos, e teremos conseguido pôr o nosso exercito em pé de guerra. Depois atacaremos a monarchia com a certeza da victoria.

General João de Campos

Tem estado n'esta cidade, onde veio visitar seu filho, distincto estudante de preparatórios, o sr. general João de Campos.

É s. ex.^a um distincto cavalheiro, affectuoso e amavel, que ao desempenho a tivo de militar allia os dotes seductores da mais fidalga cortezia.

Prestando-lhe as homenagens da nossa sincera estima, cumprimentamos-o cordealmente.

Dr. Sousa Martins

Referem os jornaes de Lisboa que o illustre clinico e professor, sr. dr. Sousa Martins resolveu desdobrar, em aulas supplementares e facultativas o seu curso de pathologia geral na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, em consequencia de, devido aos dias santos e outros feriados, estarem atrasadas as suas lições.

Assim vae o notabilissimo homem de sciencia, o luminoso espirito de merito inegalavel, cumprindo os deveres que lhe impõe, não já o seu cargo, mas a altissima comprehensão da sua posição suprema no corpo medico do paiz.

Sabemos que alguns professores da Universidade desejariam poder fazer o mesmo.

Joaquim Martins de Carvalho

Continua a despertar o maximo entusiasmo nas fileiras republicanas a adhesão do velho liberal e venerando jornalista, sr. Joaquim Martins de Carvalho.

O directorio provisório de Lisboa, que envia todos os esforços para cumprir dentro de curto prazo a missão, que lhe foi imposta no começo d'este mez, de estender ao sul do paiz a organização republicana iniciada no Porto, acaba de dirigir a esse digno ornamento do nosso partido o seguinte officio:

Venerando cidadão e dignissimo correligionario!

Interpretando os sentimentos do partido republicano e obedecendo aos impulsos da mais sincera admiração pela independencia do vosso caracter de homem, de politico e de patriota, registamos na acta da ultima sessão d'este directorio o voto mais solemne de reconhecimento e a homenagem mais calorosa, que o artigo por vós publicado no *Conimbricense* sobre a epigrapha *Assim o querem, assim o tenham*, poderia inspirar-nos.

Escrivor dos que mais têm honrado a imprensa jornalística, liberal dos que mais têm realçado em valor, probidade e coherencia, comprehendendo a gravidade da politica portugueza e a necessidade de uma reforma urgente nas leis e nos costumes politicos da nossa terra, vós sohestes leal e briosamente declarar que, no momento historico em que o arbitrio affronta a opinião publica e os mais sordidos interesses a prosperidade nacional, pudes a vossa pena e o vosso nome ao serviço da causa republicana.

Rompendo com um passado em que o vosso criterio julgou compativel com a dignidade da patria o regimen monarchico representativo, vós, illustre cidadão, não hesitastes, á hora em que esse rompimento é tanto mais perigoso para nós quanto mais necessario para a salvação dos direitos populares, em dar á causa democratica o prestigio do vosso nome e o auxilio da vossa auctoridade.

E porque esse voto e essa homenagem, mal enunciados logo tiveram espontanea e unanime aclamação por parte d'aquelles que immerecidamente exercem um cargo com que muito se honram, apresso-me a comunicar-vos essa resolução, que pessoalmente me permite, a par do cumprimento de um dever, a satisfação immensa de poder exprimir-vos quanto é sincera e entusiastica a admiração que me inspira o vosso honrosissimo procedimento.

Lisboa, 23 de março de 1895.

O secretario do directorio do partido republicano portuguez,
Horacio Ferrari.

Dr. Silvestre Falcão

Pelo nosso collega o *Louletano*, acabamos de saber que o nosso querido amigo dr. Silvestre Falcão foi de vez e definitivamente preterido pelo sr. Barahona Fragoso nas suas legittimas pretensões ao 3.º partido medico da villa de Loulé. Segundo uma lucida exposição do nosso collega o *Louletano*, vimos no conhecimento de que a guerra promovida a Silvestre Falcão é simplesmente indecorosa. Basta citar o seguinte: tres senadores, um dos quaes ainda na vespera se havia encarregado de angariar assignaturas para uma apresentação em favor de Silvestre Falcão, offereceram-se, em tempo, para na camara se pronunciarem a favor do provimento do nosso querido amigo.

Posteriormente, porém, de chapa, na inconsciencia brutal e esmagadora de subalternos disciplinados, votaram os vereadores a favor do sr. Barahona e contra o dr. Silvestre Falcão.

A velha miseria da politica portugueza...

Silvestre Falcão é um brilhante e lucido talento, cuja carreira academica, independente e honestissima, foi um constante triumpho. Trabalhador, com um caracter immaculado, intelligente e dedicado, os povos de Loulé teriam ao seu serviço um bom medico e um incomparavel homem de bem. Não o quizeram assim os seus representantes municipaes. Não nos entristecemos porém. Silvestre Falcão em qualquer parte do paiz terá entre os homens da sua sciencia um lugar honroso. O que lamentamos, em nome do decoro humano, é a serie de perdas cidades que aos direitos do nosso querido amigo foram armadas pelas politiquices de Loulé, sem conseguirem exovalhar o illustre clinico que continua a sua honrada independencia dos tempos academicos.

O Tribuno Adjectivo

Se alguém perde o seu tempo a ler uma ligeira discussão, que temos lido com o *Tribuno*, não deixe de ler o que se segue, resposta do nosso a todos os respetos lemaventurado collega:

«O nosso sabio e illustrado collega a *Resistencia* decretou a nossa incapacidade para respondermos ao seu deslumbrante, machiavelico, sublime, irrefutavel e nunca visto artigo — o *Rel*, a mais fina e assombrosa maravilha do moderno jornalismo politico, que nos não foi dedicada especialmente, como confessa, mas a toda a imprensa progressista.

Estamos entendidos e edificadinhos sobre a justiça e cortezia do nosso joven e sagacissimo collega.

Obrigados. E cá ficamos, muito *lyricos*, humildes, confundidos e resignados, na tristeza da nossa incapacidade, á espera dos promettidos versos, a que naturalmente, como a muitas outras coisas, não responderemos, pela mesma já sentenciada falta de capacidade.

Oh! precoce, admiravel e esperançoso pimpolbo da republica!...

Em vista do que, só nos resta dizer que o *Tribuno* tem capacidade em... adjectivos.

Garantimos aos nossos leitores que é textual a transcripção que acima fazemos. Portanto, ficamos auctorizados a chamar ao *Tribuno* o adjectivo qualificativo da sensaboria.

Como quem diz adjectivo de si proprio.

Realizou se em Coimbra nos dias 24, 25, 26 e 27 do corrente mez o congresso nacional de tuberculose, que no anterior numero d'este jornal haviamos anunciado.

Felix de Magalhães

Vieo a Coimbra, com demora de 3 dias, o nosso querido amigo Felix de Magalhães, distincto alumno do 3.º ano medico na Escola do Porto.

Prosador distincto, rapaz de raro talento de escriptor, Felix de Magalhães pertenceu, em Coimbra, onde andou frequentando preparatórios ha 7 annos, á ultima geração academica, que alguns homens de talento e de alma audaz produzio.

Como tal o abraçamos, aproveitando a occasião para nelle saudar um modo e brilhante espirito.

Bagatellas

Por tal fórma anda tudo ás avessas n'este original paiz, que, ao visitarmos os monumentos, sobre os quaes os governos estendem a sua protecção restauradora, só nos resta bemdizer esse mesmo desprezo, que tantas lastimas arranca ao imo peito dos homens de boa fé!...

A centelha critica das Obras publicas nas restaurações monumentaes tem sido um expediente das mais barbas e nefastas consequencias.

Ahi estão os factos! ahi está a Batalha, para provar o paradoxo de que o desprezo official chega a ser uma protecção relativa!!

O que se está fazendo no grande templo de D. João I é phantastico e ultrapassa as raias da inaptidão e da audacia!

Como se tolera, em typo gothico de mausoleu funerario em cemitério de provincia, uma celebre capella baptismal ao fundo da igreja; e um pulpito com escadorio em helice tão pretencioso, quanto imbecil!

Como foi possivel que se sancionasse a inaudita extravagancia d'um altar com ornamentações em relevo, d'um desenho calcado sobre motivos de *intarziatura* d'um outro, que lhe faz symetria!

Que confusão de ideias! e que petulancia de desconchavos!

Têm-se fabricado kilometros de *balaustradas* gothicas, que se espalham loucamente por toda a parte, como obra feita, a que é mister dar arrumo! Muitas vezes não sabem rematar os enxertos e cabem nos destemperos mais pueris; sem logica, sem sentimento e sem espirito!

Aquillo só visto! Uma syndicação sensata e justa daria um relatório escandaloso!

As verticaes dominantes da architectura perturbam-se e contraditam-se n'essa superabundancia fastidiosa e lórpa de *balaustradas evidées*, em alinhamentos horizontaes e monotonos, que dão ao monumento um tom de banalidade e *chinoiserie* da peor especie.

Tudo litteralmente erigido de recortes e bicos!...

Onde irá parar tanta estulticia!...

É uma febre, uma obsecção doente, a coragem com que se está alterando o aspecto do edificio com accrescimos arbitrarios!

O effeito maravilhoso da coloração dos vidraes, tão intensa e harmonica, acha-se ridiculamente parodiada em tons dessordidos e lymphaticos, d'uma anemia burlesca. A pintura dos vidros modernos é inqualificavel de troça!

Chegou o desvario á adopção de chapas monochromicas, e padrões geometricos e uniformes de *parquet* barato, sem o mais tenue viltumbre de estylo, de racionalidade, ou de apropriação. É uma pobreza miseravel e uma vergonha para o paiz!

Quanto á escala e combinação das côres, é tudo o que possa conceber-se de mais inculto e crú; de mais catinga e carapinha africana!

Assim se tem affrontado a respeitabilidade e a integridade artistica do esplendido monumento, com o protesto declarado e energico das tres quartas partes dos tres mil visitantes, que alli concorrem annualmente!

Tudo isto seria deploravel, se fossem delictos perpetrados n'um edificio particular, para reprimir os quaes não existe na legislação portugueza facultado o direito da repressão, — a não ser uma lei de D. João V, de 1721!

Mas que se faça á custa dos cofres publicos, a titulo de beneficio n'um dos mais grandiosos monumentos, de que o paiz possa orgulhar-se, é revoltante de inepecia e de ridiculo!

Dizem que a Commissão dos monumentos já se agitou e vae tomar conhecimento do facto. Em seguida obrará, como entender mister, a bem da arte e da patria!...

Um dos seus mais abalitados membros, o sr. Luciano Cordeiro, segundo rosnaram as gazetas, já declarou—

estar tudo optimo. — e alcunhou de *cancan* as opiniões contrarias. Ora ha muito quem diga, que tambem a opinião de sua excellencia sobre o assumpto não será precisamente uma opinião de *cancan*; mas é da mesma cousa menos os *n n*.

A.

Partido Republicano

Continuam activamente os trabalhos d'organização do partido.

Ao norte os nossos correligionarios não descansam.

Brevemente vae eleger-se uma importante commissão municipal em Aveiro.

O nosso partido contava já alli muitos elementos; mas, ultimamente, as adhesões têm sido de tal valor, que não resistimos ao desejo de inserir os nomes dos nossos mais notaveis correligionarios d'aquella cidade, taes como os encontramos no *Jornal do Commercio*. D'elles sahirá, por certo, a maioria da commissão:

Dr. Eduardo Magalhães Machado, medico; dr. Hildefonso Marques Mano, advogado; dr. Manuel de Mello Freitas, medico; José Maria de Mello Mattos, engenheiro; dr. Francisco Conceição, advogado; Padre Bruno Telles dos Santos; dr. Jorge Conceição da Costa, advogado; José Simões Maia, capitalista; dr. Armando da Cunha Azevedo, medico; dr. Joaquim de Mello Freitas; José Gonçalves Moreira, proprietario; dr. Luiz de Mesquita, advogado; Domingos José dos Santos Leite, commerciante; Francisco Antonio de Moura, pharmaceutico; Manuel Gonçalves Moreira, commerciante; Padre Lourenço Salgueiro, João Pinto de Miranda; José Marques d'Almeida, industrial; Joaquim Fontes Pereira de Mello, commerciante; José Casimiro da Silva, professor de ensino livre; Manuel L. pes d'Almeida, agronomo; José Gonçalves Façendas, commerciante; Egleberto de Magalhães Mesquita, silvicultor; Manuel Maria de Mattos, commerciante; Francisco Rodrigues da Graça, mestre d'obras; Carlos d'Oliveira Carvalho, regente florestal; Domingos Luiz Valente d'Almeida, industrial; Manuel Dias Santos Ferreira, proprietario; Manuel Homem Christo, mestre d'obras; Joaquim Martinho Girão, alquildor; Arthur Paes, commerciante; e muitissimos outros.

Em Santa Mariah, de Gaya, a commissão parochial ficou assim constituída:

Effectivos—Joaquim Pereira Monteiro, negociante e proprietario; Pedro Mariano Pinto, industrial; José Pereira Bastos Junior, industrial; Antonio Coelho da Silva, despachante, e Antonio Ribeiro d'Almeida Magalhães, negociante.

Substitutos — João Dias Santiago, proprietario; Joaquim Carlos Guedes d'Amorim, empregado commercial; Alfredo Barbosa da Silva Mello, negociante; Alfredo Ferreira de Castro, proprietario; Manuel Dias Santiago, industrial.

Em quasi todas as outras freguezias do concelho se trabalha activamente para se organisarem as commissões parochiaes.

Em Penella, freguezia importante de Penedono, constituiu-se igualmente, pela fórma seguinte, a commissão parochial:

João Antonio Ferreira, proprietario e maior contribuinte; João Alegria da Costa, proprietario; e José Maria de Gouveia, proprietario, maior contribuinte e commerciante.

Ao sul do Mondego continuam os nossos correligionarios a organizar activamente o partido.

Os nossos dedicados collegas da *Vanguarda* fazem a este respeito a seguinte declaração, que muito folgamos de registrar:

«O nosso querido e auctorizado collega sr. dr. Jacintho Nunes vae dentro de pouco tempo percorrer os districtos de Beja e Evora, para assistir á organização das commissões republicanas municipaes de diversos concelhos.

«O sr. dr. Jacintho Nunes está disposto a continuar activamente os trabalhos iniciados pelos nossos dedicados correligionarios do norte.»

Já em Cezimbra está eleita a seguinte notavel commissão municipal republicana:

Joaquim Philippe da Silva, commerciante e presidente da associação dos logistas; Lino Corrêa, commerciante; Domingos Figueiredo e Silva, solicitador; Arthur Motta, redactor do *Cezimbrense*; Manuel dos Santos Saraiva, proprietario e commerciante; Manuel da Silva, proprietario e commerciante; e Arthur da Costa Rodrigues, industrial.

Assim vae alastrando a organização republicana, que tantos receios tem causado á monarchia. Continuem assim os nossos correligionarios, e conseguiremos facilmente o que tão difficil se atigura a muitos.

Carta de Lisboa

27 de março de 1895.

A declaração dos lentes republicanos de Coimbra, publicada na *Resistencia*, e transcripta por muitos jornaes de Lisboa, causou uma grande impressão.

No Martinho, na Monaco e em outros centros de palestra, era assumpto obrigado de todas as conversas.

A declaração, segundo o que todos pensavam, veiu confirmar a nobre isenção e independencia que tem inspirado todos os actos politicos dos lentes republicanos de Coimbra e o vergonhosissimo campo em que fica collocado o governo, obrigado a engulir a odiosa circular.

—Na Arcada corria hontem o boato de que sahiria brevemente uma ordem do exercito, que traria uma reforma importante com relação á promoção ao generalato. Não sabemos o que ha n'isto de verdade, mas estamos convencidos de que o Festas lançará mão de todos os meios para trepar lá *pra riba*. (1)

—Realisa-se em Vendas Novas uma experiencia de material d'artilheria da casa Maxim, a que assiste a majestade.

Crêmos bem que, com a cooperação scientifica *da ponta da esphera das instituições*, como dizia o celebre capitão, a ballística vae adquirir uma phase nova de progresso e que derivará d'aqui uma verdadeira revolução na arte da guerra.

—A *Vanguarda* tem publicado nos ultimos numeros uma lista do que nos têm custado os membros da familia real desde 1834.

Na conta que vae na bagatella de 11.723:156\$278 reis, comprehendendo apenas o periodo que decorre de 1834 a 1853, não se incluem despesas extraordinarias, taes como conservação e melhoramento de palacios, viagens, etc., etc., que é impossivel calcular porque muitas d'essas despesas são feitas sem que a nação tenha d'ellas conhecimento.

A publicação de todas estas vergonhas tem causado uma impressão enorme em Lisboa e muito susto nas regições officiaes, porque, depois d'uma leitura d'aquellas, quem for honesto fica naturalmente odiando toda aquella *cafila*. Parece por isso que a *Vanguarda* vae ser querellada.

—E fico hoje por aqui. O correspondente habitual da *Resistencia* está doente; e se todas as cartas de Jöcellli parecem pequenas a quem as lê, a minha já terá dado ao jornal, para que gostosamente a envie, a nota da sensaboria, que, ao menos, attenuarei pela brevidade.

Jovas.

Falleceu em Oliveira d'Azeméis a sr.^a D. Maria Amelia de Sousa Carqueja, estremosa mãe do nosso distincto amigo sr. Bento de Sousa Carqueja, proprietario e director do *Commercio do Porto*, a quem enviamos sentidos pezaes.

Sarau no Gymnasio de Coimbra

Correu animado o sarau que uma commissão offereceu aos socios e suas familias.

Todos os numeros foram brilhantemente cumpridos, sendo unanimemente victoriados todos os que n'elle tomaram parte.

Findo o sarau, dançou-se animadamente até ás 4 horas da manhã, terminando por um *cotillon*, marcado magistralmente por Alberto Moraes e ex.^{ma} sr.^a D. Elvira Silvano.

Felicitemos a commissão pelo brilhantismo que deu áquella festa.

(1) Parece que o nosso correspondente se refere á ordem do exercito hontem publicada. As *Novidades* chegadas hontem indicavam que essa ordem traria *caso*. Hoje, todos os jornaes explicam que se tracta d'um anno de castigo, imposto, para ser cumprido no Forte da Graça, a um capitão do exercito expedicionario, que desagrudou ao sr. Ennes e ao illustre Festas.

(N. da R.)

Conferencia

A conferencia realisada no salbado nas salas do Instituto pelo erudito cathedratico do Curso superior de lettras, o sr. Guilherme de Abreu, é das mais memoraveis que alli têm sido pronunçiadadas.

Os logares tinham sido solicitados com o empenho despertado pela alta reputação scientifica do conferente, e a grande sala não foi bastante para conter todas as pessoas que se apresentaram a ouvi-lo.

O thema foi desinvolvido por uma forma tão agradável e impressiva, que manteve suspensa a attenção da selecta assembleia que o escutava, pelo espaço de duas horas e um quarto, sem indicio de fadiga.

Pelo fim o conferente foi aclamado por uma longa e estrondosa ovação de palmas e bravos.

Distribuiram-se, no dia 25 do corrente mez, 46 dolos na Santa Casa da Misericórdia, na importancia de réis 1.800\$000 aproximadamente.

Corridas de velocipedes

Foram brilhantes, concorridissimas por academicos, senhoras, congressistas e cidadãos de todas as classes, as corridas d'inauguração do Cyclo-Club de Coimbra.

A chuva impedira as na segunda feira. Mas, no dia seguinte, o bello tempo, ameno e fresco, attrahiu a Estrada da Beira uma enorme multidão, que promptamente encheu o espaço reservado.

Na 1.ª corrida, velocidade, preparatoria, 1 volta de treze kilometros e meio, coube o 1.º premio (vermel) a Eduardo Minchin, o 2.º (prata) a Manoel Ferreira, e o 3.º (cobre) a S. Neves. Também correram José Caelano Tavares e José Bento Pessoa.

Na 2.ª corrida, campeonato de Coimbra, 1 volta—além de Antonio Sampaio, a quem succedem um desarranjo na machina, entraram os socios do Club de Coimbra—José Bobela Motta, 1.º premio, Camillo Vieira, 2.º, Benjamin Braga, 3.º, e Pinto da Silva, 4.º (sinete de prata).

Na 3.ª corrida, juniores, nacional, 1 volta, ganharam—o 1.º premio Carlos Bleck, o 2.º Carlos Placido e o 3.º Correia de Sá; perdendo Julião Sarmiento e Augusto Motta.

Na 4.ª corrida, a mais notavel e attrahente, resistencia, 2 voltas, ganharam—o 1.º premio (medalha d'ouro) S. Neves, o 2.º Manoel Ferreira, e o 3.º José Bento. Perdeu Eduardo Minchin, por ter sido atacado d'uma caimbra.

Cada volta de qualquer das corridas levou entre 25 e 30 minutos.

Seguiu-se a corrida das fitas. José Bento e Camillo Vieira, foram os que mais conseguiram apanhar.

Dos outros velocipedistas, houve quem tirasse duas, quem agarrasse uma e quem ficasse sem nenhuma.

Seguiu-se a distribuição dos premios. As fitas eram 16. Além da que já descrevemos no ultimo numero, e que foi entregue pelo nosso amigo Pinto da Silva, encontravam-se em exposição bellas fitas bordadas e pintadas offerecidas pelas ex.ªs sr.ªs D. Alice Hans, D. Georgina Mattos, D. Margarida Luvena, D. Maria Luiza Macedo, D. Maria Barata, D. Clotilde Veiga, D. Amelia Baptista, D. Anna Chaves, D. Maria da Conceição Sarmiento (esposa do presidente effectivo do Cyclo-Club), D. Carolina Sousa Pinto, D. Rosa Bobella, D. Maria do Cen Tavares, de Coimbra, e ex.ªs sr.ªs D. Eugenia Rocha, D. Ernestina Joyce e D. Alzira Costa, de Lisboa.

Eram lindos trabalhos, primorosamente levados a cabo em bellas fitas de seda branca, côr de rosa, azul celeste e verde. Aqui velocipedistas pintados, acolá o desenho do club em esplendido bordado, além uns passarinhos a voar, mais adiante arvores em flôr, botões de rosa, etc., etc.

Foram a great attraction d'esta festa magnifica em que se inaugurou o brilhante club de velocipedistas conimbricenses.

Oxalá que os seus esforços continuem a fructificar.

Sabemos que os mirandaceos têm praticado verdadeiras proezas em S. Martinho do Bispo, por intermedio d'um dos seus influentes eleitoraes, que alinha estradas entrando pelas propriedades dos visinhos para alargar as suas.

No proximo numero referiremos alguns factos que nos foram communicados, que são verdadeiramente edificantes.

Depois de um constante e doloroso soffrimento, falleceu n'esta cidade o sr. José da Silva Vildemoinhos, que por muitos annos dirigiu com muito zelo e superior intelligencia a antiga imprensa Independencia, hoje typographia do nosso amigo F. França Amado.

No saimento funebre tomaram parte alguns amigos do fallecido e a corporação dos Bombeiros Voluntarios, sendo o corpo conduzido na carreta.

Transcrevemos do Tribuna Popular o seguinte, em que se faz justiça ao nosso intimo amigo Antonio Augusto Gonçalves:

«Vão começar desde já as obras no museu de archeologia do Instituto, que por occasião do centenário de Sá de Miranda deverá ser inaugurado em sua nova installação.

«Trabalha-se para que seja enriquecido com objectos novos e muito interessantes. O zelo, dedicação e intelligencia do actual conservador sr. Antonio Augusto Gonçalves, a quem a cidade de Coimbra tanto deve, são capazes de fazer milagres.

«Honra-lhe seja.»

arroz que encontrarem. Quanto a ti, Cadet, na tua qualidade de Champagniez, deves conhecer carneiros; vaes à rua de Charonne, a casa do meu compadre Poitevin, e dizes-lhe que te cêda, e compra-lh'os, os dez melhores carneiros que elle tiver no curral. Em seguida tral-os para aqui. Amanhã, meus rapazes, vos direi o resto da minha ideia.

Fez um movimento para sair, mas, voltando-se, disse:

—E' inutil fallarem n'isto a minha mulher; é uma surpresa que lhe preparo.

E o cervejeiro entrou em casa esfregando as mãos.

Durante toda a tarde entraram constantemente remessas de arroz pelo portão da rua de Renilly.

Labroche e Galand recebiam os sacos e armazenavam-nos com cuidado.

Cadet conservava-se debaixo do telheiro no meio dos seus carneiros que tinha encurrallados.

Se não fizesse tão mau tempo, julgara-se-ia em Champagne. Ao seu novo gado dava os nomes dos carneiros que guardava outr'ora; não se tinha em dia de contente, e Luiz Galand—que gostava de se rir,—apontava-o a cada instante aos companheiros da cervaria misturando a sua cabelleira ruiva com a lã dos carneiros.

Pelas 10 horas da noite, Santerre voltou do Club, e encontrando ainda

O sarau

Brilhante o sarau realisado no domingo, no theatro circo, offerecido pelos estudantes de Medicina da Universidade aos congressistas de fora.

A ornamentação do theatro, devida ao sr. Francisco Pinheiro, segundaniosta de Medicina, revelava um fino gosto artistico. Nos camarotes, a sobresahir às côres amarella e encarnada das colgaduras, o tom verde das palmas e cordas de murta produzia um bello effeito.

Apezar do spectaculo estar marcado para as 8 horas da noite, só às 9 é que começou, abrindo pelo Hymno Academico, executado pela orchestra do theatro, regida magistralmente pelo sr. Tovim, quartannista de Medicina, hymno que foi ouvido de pé e saudado com uma prolongada salva de palmas, no meio dos vivas entusiasticos ás academias de Lisboa, Coimbra e Porto, a união academica, etc., emquanto que fora estrelajava uma girandola de foguetes.

O sr. Tovim, com certeza o primeiro talento musical do nosso meio academico, foi muito victoriado.

Seguiram-se por sua ordem os numeros marcados no programma, que foram desempenhados unicamente por estudantes de medicina da Universidade, coadjuvados pelas distinctas actrizes D. Isabel Pacheco e D. Elisa Aragonés.

Carlos Lopes, na cançoneta De Paris, foi muito applaudido e com justiça, principalmente nas allusões que fez a uma certa cabelleira e à camara municipal.

O Gerolschaft-quartett, executado por S. Tovim, A. Pessoa, R. d'Oliveira e S. Pessoa, agradou muito.

Na 1.ª parte do programma, a estudante, composta de 18 executantes e regida pelo sr. Tovim, desempenhou brillantemente os seguintes numeros de musica:

Bons-Vindas—passa calles, offerecido pelo regente aos congressistas;

Pizzicato—polka de Michiels;

Menuet—de Boccherini.

N'um dos intervallos da 1.ª parte o sr. Chaby, de Lisboa, que se achava na platêa assistindo ao spectaculo, foi chamado ao palco onde recitou com aquella graça que todos lhe conhecemos os monologos—O romance d'um homem gordo de Casimiro Dantas, O diñheiro de João de Deus e As recepções da embaixada do conde de Monsaraz. Muito applaudido.

Na 3.ª parte Martins Pereira, quartannista de medicina, que além d'um talento musical de primeira ordem é uma fina alma de artista, executou no seu violino, com uma correcção e sentimento inegalaveis, L'exilé, de A. Samie.

Extraordinariamente suggestionado pelas notas que desprendia das cordas do violino, Martins Pereira, como um desterrado n'uma ilha deserta, sentado n'um rochedo batido pelas vagas e os olhos perdidos nas brumas do hori-

zonte que lhe escondem a patria, parecia evocar saudosa uma imagem que estava longe...

Samuel Pessoa, um violinista de incontestavel merecimento, provou, na execução difficil do Gerolschaft-quartett, a correcção com que interpreta os trechos mais difficéis de maestros allemães.

Melhor musico talvez do que Martins Pereira, mas menos artista.

De resto, todos os rapazes que desempenharam o programma, tanto na sua parte comica como musical, merecem com justiça os nossos applausos.

Finalmente, para dar a nota bohemica, lá estava o Hilario, que, a pedido do publico, cantou uns fados alludindo ao Koch, ao seu bacillus e ao congresso, e deu as damas a seguinte receita para a prophylaxia do terrivel morbus:

..... E vós, ó damas gentis, E' cantar até morrer.

No fim do spectaculo foram levantados vivas aos srs. Drs. Daniel de Mattos, Refoios, João Jacintho e Sousa Martins, vivas que foram correspondidos entusiasticamente.

Continúa no proximo domingo, 31, na Rua do Corpo de Deus, n.º 85, o importante leilão, que annunciámos no ultimo numero da Resistencia e que teve já logar nos dias 24 e 25.

Companhia do theatro D. Afonso

Com o Brasileiro Pancrácio estreou-se ante-hontem a companhia do theatro D. Afonso, do Porto.

Não agradou.

A peça é de pessimo gosto, e os interpretes tiveram ainda a desgraça de pôr mais em relevo todos os seus defeitos.

Por isso, mesmo durante o desempenho, as manifestações de justo descontentamento não poderam ser soffocadas.

Mas a culpa, verdadeiramente, não é dos artistas: é de quem os chama a Coimbra, e os faz preceder de réclames que não merecem. Depois do desastre soffido em Aveiro, como nos informa o Campeão das Provincias chegado hoje é indesculpavel o procedimento de quem superintende no theatro circo.

Muito francamente: a empreza, o arrendatario e o gerente do nosso unico theatro não seguem o melhor caminho; o publico, que tanto parece querer coadjuval-os, merece maiores attensões, melhores companhias e peças pelo menos regulares.

A enchente, demais a mais, era enorme.

Já hontem o mau effeito da vespere se revelou pela extraordinaria diminuição da concorrência. Representou-se o Regimento, peça velha mas bem mais toleravel que o tal Brasileiro.

Bravemente, é levada a scena a re-

No momento em que o carneiro sentiu a lamina a entrar, soltou um pequeno balido, doce como um gemido. Algumas gotas de sangue salpicaram os braços nús de Cadet.

Este parou um instante, assaltado por uma impressão nova.

O cutello tremia-lhe na mão. Venha o outro.

Agarrava o segundo carneiro, segu-rava-o entre as pernas, e degolava-o como o primeiro.

D'esta vez ainda o sangue lhe salpicou os braços; mas o medo havia desaparecido.

Apertava com firmeza nas mãos o cabo do cutello; deixava ver por entre os labios abertos os dentes agudos, e os olhos brillavam-lhe d'um brilho selvagem...

O tolo estava transformado: tinha o ar de quem se achava n'um campo de batalha e se regosijava com o sangue.

A sua voz arrastada elevou-se quando se dirigiu aos companheiros que acabavam de apparecer:

—Terminou a minha tarefa, venham ajudar-me a esfolar estes dois carneiros.

Uma hora depois, as duas caldeiras ferviam sobre o lume, e M. Santene, no meio dos seus operarios, vigiava a cosedura do carneiro e do arroz.

(Continúa.)

vista do anno de 1894, A Corda Bam-ba.

Oxalá que no proximo numero tenhamos mais e melhor a dizer d'esta companhia.

Tem estado entre nós o sr. dr. Frederico Lopes da Silva, medico de um dos partidos municipaes de Ceia.

Egualmente recebemos a honrosa visita do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, illustre cirurgião dos hospitaes de Lisboa e redactor da Revista de Medicina e Cirurgia, que, só como redactor, veio tomar parte no congresso de tuberculose.

A recita em beneficio da sociedade Philantropico-Academica do Lyceu, a que com merecidissimos elogios nos temos referido, realisa-se provavelmente na quarta-feira da proxima semana, 3 d'abril.

Copia da acta da sessão da com-missão districtal de 23 de março de 1895.

Aos vinte e tres dias do mez de março de mil oitocentos noventa e cinco, n'esta cidade de Coimbra e sala da Commissão Districtal, estando reunidos o presidente dr. João José Dantas Souto Rodrigues, o vice-presidente dr. Francisco José de Sousa Gomes, o vogal Antonio Clemente Pinto, o vice-secretario Licenciado Alberto Pessoa e o secretario bacharel Joaquim Gaspar de Mattos foi aberta a sessão sendo lida e approvada a acta anterior. A correspondencia teve o devido destino.—O sr. presidente apresentou a seguinte proposta— Devendo considerar-se desde já em vigor a ultima reforma administrativa nas suas disposições immediatamente exequiveis, como é aquella que se contem na primeira parte do art. 62.º do decreto de 2 de março, comparada com o § 1.º do art. 2.º do mesmo decreto; e parecendo conveniente, em quanto não fór superiormente determinado o contrario, que esta commissão se restrinja a reso ver sobre negocios de mero expediente e sobre aquelles cuja decisão não possa demorar-se sem inconveniente para o serviço publico ou prejuizo de interesses legitimos, até que o governo faça constituir as novas comissões districtaes nos termos do art. 467 do citado decreto; proponho: 1.º que sejam devolvidos ao sr. governador civil a fim de s. ex.ª lhes dar o destino conveniente, o orçamento d'este municipio para o anno corrente e queesquer outras decisões da camara de Coimbra sujeitas à função tutelar, actualmente transferida para o governo;—2.º que n'esta sessão unicamente se trate de assumptos que digam respeito à administração do hospicio e se tome conhecimento dos requerimentos pedindo subsidio de lactação, cujo processo esteja competentemente instruido, nos termos do respectivo regulamento; por interessarem a pessoas desvalidas e a fim de poderem ser incluídos nas folhas do primeiro trimestre d'este anno aquelles que tiveram deferimento;—3.º que d'estas resoluções se dê conhecimento ao chefe do districto;—4.º que a acta d'esta sessão seja lavrada já para que possa ser approvada e assignada hoje mesmo.

Foi approvada por unanimidade; e, em harmonia com esta deliberação, expediu-se a ordem de 300\$000 réis a favor do director do hospicio para pagamento de despesas feitas com o custeamento e obras do mesmo hospicio, e foram concedidos subsidios de lactação por doze mezes a Constancia d'Oliveira, solteira, moradora na rua de Joaquim Antonio d'Aguar; a Carolina Casimira, viuva, moradora aos Palacios Confusos, a Maria Emilia, viuva, moradora na rua do Padrão, a Maria da Gloria, casada, moradora às Portas de Santa Margarida; e a prorrogação por mais seis mezes do subsidio concedido em 24 de março de 1894 a Maria Machado, solteira, dos Carvalhaes de Baixo, freguezia d'Assafarge. Em seguida resolveu-se officiar ao sr. governador civil nos seguintes termos:—III.º e ex.º sr.—Envio a v. ex.ª a copia da acta da sessão de hoje, e, conforme a deliberação tomada n'esta data pela commissão districtal, devolvo a v. ex.ª os papeis que dizem respeito a resoluções da camara municipal d'esta cidade, dependentes da sanção tutelar.—A camara de Coimbra tinha submittido em tempo à approvação d'esta commissão um novo projecto de tração para a linha funicular destinada a ligar a rua da Calçada com o largo de S. João. Ouvindo o parecer do sr. director das obras publicas, e conformando-se com elle, a commissão indicou à camara a necessidade de exigir ao concessionario a apresentação das peças desenhadas e escriptas que faltavam ao projecto. Este negocio está pendente, porque aquella exigencia ainda não foi satisfeita.— Sendo presente o officio n.º 363 de 22 do corrente, da camara municipal de Coimbra, resolveu-se responder pela forma seguinte:—III.º e ex.º sr.—Accuso a recepção do seu officio n.º 363 de 22 do corrente, ao qual me cumpre responder que nesta data foram remettidos ao sr. governador civil todos os papeis que dizem respeito ao projecto do elevador; mas é pouco crível que os concessionarios não conservassem copia dos seus planos, ao menos em rascunho, como todos usam sempre, tanto mais que, enviando somente dois ex-empiaes, deviam saber que ambos elles ficariam archivados, um n'esta commissão e o outro n'essa camara.— Interrompeu-se a sessão para lavrar esta acta, que, depois de lida por mim Joaquim Gaspar de Mattos secretario da commissão, foi approvada e assignada por todos os vogaes presentes.

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

VIII

UM FORNO ECONOMICO EM 1789

—O Inverno começa mal, disse-lhes elle. Em Paris, em julho, demos nós o exemplo. A provincia seguiu-o; e como nós, pegou em armas. N'este ultimo mez, quando os guardas calcaram aos pés as côres nacionaes, fomos a Versailles e trouxemos de lá o rei. Agora está elle conosco, a Assemblêa tambem, e os nossos deputados podem deliberar em paz e fazer boas leis. Estas leis produzirão sem duvida o seu effeito, e em poucos annos tudo irá bem.

E' necessario ainda vivermos assim alguns annos, e os representantes da nação, apesar de toda a sua boa vontade, não encontraram até ao presente meio de dar pão aquelles que o não têm.

Sant-erre tossiu, e continuou: —Imaginei uma certa coisa. Tu, Labroche, e tu, Galand, ide percorrer as mercearias de Paris e do arrabalde, e comprar por todo o preço todo o

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

Abertura de fallencia (1.ª publicação)

Em sessão do Tribunal do Commercio de Coimbra, de 22 do corrente mez de março, foi declarado em estado de quebra o commerciante Manoel Joaquim Pereira, residente na Castanheira de Pera, sendo nomeado administrador da massa fallida João Lopes de Moraes Silvano, e curador fiscal David de Sousa Gonçalves, ambos negociantes residentes n'esta cidade, e sendo marcado para a reclamação dos creditos o prazo de 60 dias.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente, Neves e Castro.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

BENGALAS

Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Contínua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vedde-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho d' 1883.



AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambam ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Annuncio

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, não de vender-se no dia 28 do proximo mez de abril, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, os predios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado de José d'Oliveira Ferreira, morador que foi no logar do Ameal, e fallecido no Brazil, os quaes são:

O dominio util d'uma terra de sementeira com oliveiras, no sitio dos Covões, freguezia do Ameal.

O dominio util d'uma outra terra de sementeira, no mesmo sitio dos Covões, freguezia dicta.

Estes dois predios formam um só prazo de que é senhorio directo Antonio Calheiros de Noronha, d'Oes de Bairro, a quem paga o fóro annual de 9 alqueires ou 118,448 de milho, 9 quartilhos ou 3,132 d'azeite e 2 gallinhas. Foram avaliados, liquidos do fóro, e vão á praça em 356\$800 réis.

O dominio util d'uma casa, no sitio da Zorra, freguezia do Ameal. Paga o fóro de 960 réis annual, em dinheiro, ao senhorio directo, dr. José Soares Pinto de Mascarenhas, d'esta cidade. Foi avaliado, liquido do fóro, e vae á praça em 19\$200 réis.

A contribuição de registro é paga pelo arrematante. São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, Neves e Castro.

PHAETON

NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attentões devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

LIVROS DE MISSA

Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA COIMBRA

Advertisement for SANDALO MIDY medicine, including a small illustration of a bottle and text in Portuguese and French.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Coeta, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Esta casa, sem duxida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de para-raios, telephones, campainhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habeis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de Cimento da Companhia Cabo Mondego que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, taqueiros, cristofo, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moihes e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancelas.

AOS VIAJANTES

Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.

Bomba para incendio ou jardim

Vende-se uma quasi nova e por metade do seu valor. Quem pretender dirija-se ao snr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

Marçano

Precisa-se de um com pratica de fazendas brancas, proximo a ganhar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo

43, Praça do Commercio, 45

COIMBRA

Arrenda-se

UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.º sr. Antonio Augusto Cablas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. —Para tratar rua do Sargento Mór, 31 — Coimbra.

AOS MESTRES D'OBRAS

Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2,50 x 0,35 a 0,65 de largo, e 0,04 a 0,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.

Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Amendoas! Amendoas!

CONFETARIA E MERCEARIA

Innocencia & Sobrinho

91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

Enorme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. Grandes descontos aos revendedores. Envia-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

Neste estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscotos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Gerez e Champagne, genebra, licores, etc., etc.

Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Vinho de mesa puro genuino

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaca ao freguez.

A Marques da Silva.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou ralo, sobre predios, mobilias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

“RESISTENCIA,”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700 Semestre..... 1\$350 Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400 Semestre..... 1\$200 Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amalho — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 12

COIMBRA — Domingo, 31 de março de 1895

1.º ANNO

As verdadeiras incompatibilidades

Foi hontem publicada no *Diario do Governo* a reforma eleitoral. Ainda não podemos ver o decreto, mas, a avaliar pelas bases publicadas nos jornaes, o governo acaba de dar a ultima prova da mais refinada loucura. Parece-nos necessario mettel-o immediatamente em Rilhafoles.

A reforma eleitoral, pelo processo d'eleição que adoptou, obedeceu ao exclusivo intuito de conservar a monarchia e o seu governo querido. Será deputado da nação... quem o monarcha e o governo quizerem.

As opposições hão de ter os representantes que o governo lhes der; e, escusado é dizel-o, não haverá mais logar no parlamento para os representantes do partido republicano.

Assim é que se governa! É assim que as instituições se amoldam ás aspirações do paiz!

Mas o governo quiz mostrar á nação que não obedecia exclusivamente ao intuito de conservar a monarchia publicando o decreto eleitoral, e, para isso, introduziu n'elle algumas disposições novas sobre incompatibilidades parlamentares.

Não podem, realmente, ter outra causa mas innovações, quando o governo acaba de se assegurar, por um modo tão eficaz, a escolha dos representantes da nação.

O phantastico plano concebido no desorganizado cerebro do notavel ministro do reino por obra do indecente intriguista Carlos d'Avila não podia deixar de ser este:— tendo a reorganização eleitoral por fim exclusivo sustentar a monarchia e o seu querido governo, attenuem-se a má impressão que ha de produzir no espirito publico, apresentando, ao lado d'essa reforma, medidas que pareçam dictadas pelo interesse nacional.

Afigura-se-nos ver o sr. Carlos d'Avila, enlevado na sua ideia, a rir-se dos ingenuos que hão de acreditar na efficacia da tal droga das incompatibilidades. Mas desde já lhe podemos assegurar que o seu plano não dará resultado algum.

No estado de descredito em que se acham as instituições, quando constantemente se violam as leis e se praticam impunemente os mais hediondos crimes, não são tres ou quatro formulas publicadas no *Diario do Governo* que levam a confiança ao espirito publico.

Este não pede leis nem decretos. O que elle pede é que haja moralidade e respeito pela lei no governo, que á administração publica presida a mais rigorosa economia. O que elle pede é que sejam severamente punidos os individuos que têm abusado infamemente das suas funções, enriquecendo-se á custa do Estado, protegendo sem escrúpulo companhias arruinadas, tomando parte em sordidos syndicatos.

E como attende a monarchia esse pedido?

Decretando monopolios em favor

dos seus afilhados; chamando para os mais elevados cargos quem livra da cadeia parentes seus adquirindo para o Estado predios onerados; preferindo, em condições mais onerosas, certas companhias de navegação; collocando na administração de companhias professores a quem paga pontualmente o seu ordenado como se estivessem exercendo as suas funções; dando commissões a outros e ordenando que se lhes pague a gratificação de exercicio como se estivessem em exercicio effectivo no magisterio.

E a monarchia, que sem escrúpulos assim está calcando a lei para favorecer á custa do thesouro publico os seus famintos afilhados, ainda tem o arrojo de calcar mais uma vez a esfarrapada carta constitucional para decretar incompatibilidades!

Vê-se bem que conceito ella fórma da nação para recorrer a semelhantes processos.

Mas não ha de tardar muito que a nação lhe mostre que está completamente illudida.

Todos estão convencidos de que não é pelo facto d'um cidadão ser director d'uma companhia, exercer uma determinada função publica, que abusa do mandato legislativo, que corrompe ou se deixa corromper. Não é ali que está a causa fundamental da crise de moralidade que nos affecta, da enorme corrupção que por ali lavra.

Todos sentem que é a falta de comprehensão dos deveres que incumbem á monarchia e de força e energia para os cumprir, e á viciosa organização e pessima orientação dos seus partidos que esses factos são devidos.

Não ha nem póde haver illusões a esse respeito, nem sobre o processo que deve seguir-se para salvar o paiz.

As verdadeiras incompatibilidades com o interesse nacional estão na monarchia, e o que se torna necessario decretar é a sua supressão.

Quanto ás incompatibilidades que foram decretadas no *Diario do Governo*, essas, ha de ser o proprio governo que as decretou, o primeiro a mostrar a sua importancia... não fazendo caso algum d'ellas.

Vae fundar-se um novo partido de dissidentes monarchicos—o *Partido Nacional*.

E se em vez d'um partido, se fundasse, para accomodar os dissidentes, uma penitenciaria!?

Muito bem!

Como dissemos, houve no sarau em honra dos congressistas vivas muito significativos aos medicos mais eminentes, mais sabios e mais honestos de Portugal. Esses vivas, que ali andavam nos labios de todas as pessoas dignas, foram repetidos na Estação Nova, quarta feira ultima.

Manoel Bento, Sousa Martins, Daniel de Mattos, João Jacintho, Refoios e Julio de Mattos, foram victoriados pela sua attitude, pela elevação suprema da sua intelligencia, pelas qualidades inimitaveis de saber e de caracter que os distinguem e pela nobreza de sentimentos de que, dia a dia, vão dando testemunhos eloquentissimos.

Leiam!

A proposito da tremenda patifaria do monopolio dos phosphoros, diz o *Journal de Noticias*, do Porto:

«Que diacho de terror havia de causar ao governo a maioria da camara do Porto, se d'ella fazia parte um individuo que interessa sobremaneira na manutenção do governo, pois assim conta com lucros certos e importantes dos phosphoros? E d'esta maneira se explica todo o retrahimento da opposição. Está paga—cala-se. A sua hostilidade é apparente.»

Basta que os vereadores da maioria da camara do Porto tenham a mais insignificante noção de dignidade, para que venham immediatamente á imprensa levantar esta accusação.

Registamos hoje as palavras dos regeneradores.

Estimaremos, por honra dos progressistas, registrar a sua resposta.

Averiguámos que eram apocryphos os livros santos d'onde extrahimos os psalmos relativos ao sr. José Joaquim. Informa-nos porém um bibliophilo distincto, que existem alguns documentos antigos ácerca do sr. Resurreição.

Descance, pois, que ha de alcançar um logar á mão direita de Deus Padre, como tantas vezes tem pedido. Creia o enfermeiro que a sua voz, apesar do dictado, será ouvida no ceo, onde, pelas bemaventuranças, lhe está reservado o logar competente.

E então?

N'um artigo intitulado *Não mais ao paço*, o nosso collega *A Provincia* diz o seguinte:

«Se o governo não ouve as queixas do paiz, se ao rei não se podem levar as reclamações dos povos, a quem se hão de dirigir os cidadãos portuguezes, offendidos nos seus direitos, na sua liberdade e nas suas regalias?»

«A resposta não é difficil, e o governo é quem se encarrega de ensinar o caminho, que todos devemos seguir.»

«Esperem mais um pouco, e verão as consequências d'esta infame politica ministerial!»

O que nós não sabemos é o motivo por que os fazem esperar mais tempo.

Ainda não estão convictos de que nada conseguem por meio de ameaças, a não ser o desacreditarem-se cada vez mais?

Pois, digamol-o com toda a franqueza, não é necessaria grande intelligencia para isso.

Foi eleito grão-mestre da maçonaria portugueza o sr. dr. Bernardino Machado.

Estê conselheiro inoffensivo, empuñando o malhete, *travesti* em mysteroso, deve dar um bello semsaborão.

Especie de frango molhado, da capoeira do sr. Fuschini.

O nosso querido Alpoim!

Este tratamento dão sempre em casa das *Novidades*, ao deputado José d'Alpoim. Está bem.

A proposito d'este senhor, vejamos o que elle diz, autobiographando-se em jacobino.

«Por mim, desde que trabalho n'esta secção do *Janeiro*, digo com orgullo que nunca, nunca, deixei de defender, com a maior fé, com a maior convicção, com quanto calor eu posso, todas as causas que são inspiradas em principios democraticos. Nunca deixei de estar, na defeza dos seus direitos, ao lado dos meus collegas na imprensa, ainda dos que mais avançados, mais radicaes, são nas suas ideias politicas.»

Isto vem a proposito de alguns jornaes republicanos accusarem os progressistas de frouxos nos seus ataques contra o existente.

Tem razão Alpoim, nunca deixou de defender a democracia. Vão vel o em breve. E então fallaremos...

O rei e os monarchicos

Accusar sómente o governo e pôr de parte o rei, considerando-o irresponsavel, innocente, illudido, é processo habil para quem pretende aproximar-se do throno como um rafeito, mas indigno para quem deseja collocar-se ao lado do povo e fallar-lhe a verdade.

Considerar o rei, principalmente este rei, um ingenuo que não percebe como o Marianno faz colleção de relógios e o José Gatuno têm negocio de lenços, é velhacaria ou estupidez, que, diga-se de passagem, nem o Navarro é capaz de desculpar.

Este rei sabe o que faz.

Com uma bella educação de campino, acostumado ao sol do Ribatejo, um tanto D. Miguel nas acções, muito D. João VI na intelligencia, patusco e fanfarrão, troçando dos velhos conselheiros de Estado, quasi atirando-lhes bolas de papel á careca em dias de reunião do conselho, este rei, já batido na politica, sabe perfeitamente o que faz. Nos ultimos annos da vida de seu pae, elle comprehendeu bem como um vento de ladroeira tinha soprado, espalhando por todo o paiz as sementes do pinhal d'Azambuja. Viu brilhar ao sol as navalhas dos politicos, e ponde saber como ás escondidas vinham limpar as botas ao soberano aquelles que o accusavam em publico.

Conheceu a *chantage*, viu por quanto se pagavam as manifestações á monarchia e como os registos das cadeias se falsificavam, mettendo no Limoeiro o Calcinhas em vez do Lopo.

Ainda rapazola, aborreceu-se talvez, mas aprendeu. Foi feito rei. Começou a atrapalhar-se com a leitura da Carta Constitucional, perguntou para que servia aquelle papelucho e, um bello dia, pôz o seu chapéu d'aba larga, lançou o manto ao hombro como um cobrejão alemtejano, e, ficando as esporas no cavallo, foi-se com o sceptropampilho a picar o toiro portuguez por esses campos sem fim da bandalheira nacional.

Assim começou. A principio hesitante, depois completamente seguro de si, desde que Oliveira Martins teve o mau gosto de escrever aquelle artigo sebastianista, onde o aconselhava a ser um homem. O Bragança actual convenceu-se do papel e decidiu chamar a isto, seu.

E agora ahí o temos. O toiro quer fugir, mas lá vão as chocas a chamal-o. Lá vão elles todos, os que têm sido dos curros ministeriaes desde que o rei-toireiro appareceu em praça. Submette-se o paiz, João Franco assobia, o Festas galopa atropellando generaes velhos e ao longe, muito ao longe, José Luciano, esbaforido...

...José Luciano, montado no jumento das praxes constitucionaes, tropego, orelha murcha:—«O meu rico senhor, aonde vae? O meu rico senhor, deixou cahir o coração de D. Pedro IV, uma joia de familia! O meu rico senhor, já lá vão quatro annos e o burro não póde mais!»

Tudo pára. José Luciano vae chegar-se á falla:—«Isto assim não póde ser! V. M. cae!»

Gargalhada geral, o Bragança pica as esporas, o cavallo espinoteia, chega a todo o galope Lobo d'Avila, ministro *aux écrevisses*, amazona ministerial, e segreda qualquer coisa ao soberano que em voz alta replica:—«Isso sei eu, meu pae é que se assustava com lérias!»

José Luciano empallidece, arma-se

d'um guarda chuva e faz a colligação liberal.

O paiz começa a constipar-se, que a chuva, como a eloquencia, cae a potes.

O burro das praxes constitucionaes desfallece. Amigos fieis de José Luciano, segredam-lhe:—«Temos fome!»

E ouvem-se gritos:—«O rei está illudido, salvemos a monarchia!»

A's segundas, quartas e sextas feiras:—«O rei está illudido, salvemos a monarchia!»

A's terças, quintas e sabbados:—«Não está illudido, é tão bom como elles!»

Aos domingos:—«Como diabo haremos de lá subir?»

E o rei, fazendo a sua politica:—

«Chega-lhes, João Franco!»

Vê-se que o rei *sabe-a toda*, e por isso manda a logica pedir-lhe contas dos seus actos. Aos progressistas não as presta elle, porque bem sabe o motivo das accusações dos filhos de Passos.

Resta, pois, aos republicanos fazer o interrogatorio. Conversemos, portanto, com o rei...

A questão Burnay-Navarro

Cá estamos assistindo como espectadores a esta interessante discussão. Até agora não podemos deixar de dizer, em verdade, que o Navarro está por baixo. Parece-nos até que cada vez se enterra mais com as suas defezas.

Pois se elle até já declara que lhe é indifferente que as cartas do Reilhac sejam verdadeiras ou falsas!...

Congresso republicano em Madrid

Na sexta sessão do congresso republicano reunido em Madrid, onde se discutiu apaixonadamente, foi approved, por maioria de 8 votos, que o partido republicano, **apezar de principalmente confiar nos meios revolucionarios para conseguir os seus fins**, entrasse na proxima pugna eleitoral.

Esta noticia, se por um lado nos leva a consolidar a noticia que em normando fazemos destacar de entre estas palavras, n'outro sentido mostra-nos que ha muito romantismo nos nossos correligionarios que esperam do conflicto da urna uma victoria de mér ostentação.

Verdade seja que só por 8 votos venceram os candidos e lyricos adeptos do combate pela lista.

Bello symptoma que assim depõe a favor de eleições de outro genero e de listas de outro feitio...

E' claro. Os tempos vão mostrando que é sobremodo ridiculo fustigar feras com lenços de assoar!

Fóra da lei!

Republicanos, á lucta!

Acaba de ser decretada a reforma eleitoral, por que o governo do nosso muito alto e poderoso monarcha quiz estabelecer, calcando mais uma vez a carta constitucional, o regimen do despotismo sob as apparencias de representativo.

Por essa reforma, em que se estabelece o processo eleitoral do escrutinio de lista fazendo-se de cada districto um circulo, é completamente impossivel que os grandes centros de população, em que se manifestam sempre os ideaes democraticos, consigam levar ao parlamento um representante. Hão de ser necessariamente annullados os seus votos pelas populações

ruraes, ignorantes, rudes, completamente subordinados ao regedor de parochia e ao administrador do concelho.

Somos os primeiros a reclamar que todos os cidadãos intervenham, pelos seus representantes, na gerencia dos negocios publicos, mas ninguem de boa fé pôde deixar de concordar conosco em que as cidades, grandes centros de civilização, mais rapidamente avançam na evolução politica e portanto estão no direito de escolher, independentemente de outras circunscrições, os seus representantes. Assim se satisfaz a aspiração do povo mais adiantado e se dá exemplo áquelles que, mais afastados da vida intellectual do paiz, se deixam ludibriar.

A reforma eleitoral é feita por maneira que a opinião illustrada não se manifestará. Lisboa e Porto principalmente, grandes cidades democraticas, centros operarios de primeira ordem, já mais poderão iniciar uma campanha liberal e digna perante a urna.

O governo vai á triste gente do campo, desgraçada e tímida perante os grandes regulos electoraes, extorquir o voto com que ha de esmagar a pureza de um ideal livre. De hoje em diante, os republicanos estão excluidos do parlamento. As infamias electoraes, que a despeito da lei e da vigilância dos cidadãos se realisarem nas cidades, redobrarão de audacia e canalhice nas populações ruraes. Assim, tudo será falsificado. Os republicanos não podem já mais lutar dentro da lei, porque o governo não o consente.

O mesmo que succede com os republicanos, succederá com todas as opposições que pretendam lutar honestamente, sem accordos, sem transigências infames, sem os processos odiosos, indignos, miseraveis, usados pelos governos que de tudo dispõem, do dinheiro publico, da força armada e de quadrilhas de ladrões que roubam o voto pela ameaça, pela perseguição, pelas mais torpes violências.

Estão postos fóra da lei, pelo governo do sr. D. Carlos, todos os cidadãos portugueses que dignamente queiram usar dos seus direitos politicos. Só o governo pôde vencer, de hoje em diante, as eleições. O acto eleitoral será uma formalidade. Antes de se votar, já os deputados estão eleitos. E o paiz verá que o governo, falseando tudo, ha de ter ás suas ordens não uma maioria, mas uma camara inteira que lhe fará a vontade ainda de melhor grado do que as que até aqui têm funcionado.

Da opposição entrará na camara só quem o governo quizer. E mais infames, mais indignos serão os pretendidos representantes d'essa opposição, pois, cúmplices no mesmo crime, terão o cynismo de allegar innocencia, quando todos os verão ir de braço dado com os que abusam do poder para violarem os direitos do povo portuguez.

Os republicanos estão fóra da lei. Quem assim os collocou foi o governo. Pois bem, que o nosso primeiro acto seja a abstenção das eleições, e todos os outros sejam também a não observância de todos os decretos illegaes.

O partido progressista

Já emittimos desapassionadamente a nossa opinião sobre a attitude que devia tomar o partido progressista quando fosse decretada dictatorialmente a reforma eleitoral e dissolvido o parlamento. Não repetimos agora o que então dissemos.

Não podemos, porem, deixar de declarar que nos causará a mais profunda magua, que o partido progressista, a quem os regeneradores já chamam *filho prodigo*, soffra, sem levantar um protesto vehemente que não pode ser senão o de abandonar a monarchia, a ultima affronta que está acaba de lhe fazer.

Ha n'esse partido homens illustrados, caracteres dignos e honrados, que decerto modo nos garantem que o partido ha de saber cumprir o seu dever. Em todo o caso já estamos para applaudir ou censurar.

Veremos

Referindo-se á reforma eleitoral diz o *Correio da Noite*:

«Será a ultima loucura, será o golpe irremediavel nas instituições, o fecho condigno do que o governo tem feito em mezes successivos. Esperemos, pois, até segunda feira, que já não temos muito a esperar.»

Nós também esperamos até terça feira para vêr se o nosso illustrado collega continua a considerar o rei como um illudido, e a presar as instituições acima de tudo e primeiro que tudo.

Abstenção

A *Vanguarda*, jornal republicano de Lisboa, que deve estar bem informado acerca das intenções dos nossos correligionarios d'ali, diz, referindo-se á infamissima reforma eleitoral:

«Deante do tudo isto, que nos deixa verdadeiramente assombrados, as opposições têm um unico caminho a seguir: — **desistir por completo e em absoluto de lutar no campo da legalidade.**»

É a unica coisa sensata que têm a fazer.»

Estamos de accordo.

Abandonar a luta no campo da legalidade e seguir o caminho que as circumstancias impõem. Que é tudo menos comícios, palavrado e aventuras politicas sem resultado pratico.

A dissolução da camara dos deputados

Juntamente com a reforma eleitoral foi decretada a dissolução da camara dos deputados.

Pela reforma constitucional de 1885 o poder moderador está inhibido de dissolver o parlamento, eleito em virtude de dissolução, sem que tenha funcionado durante trez mezes no mesmo anno. Esta condição não se verifica, porque a ultima sessão parlamentar foi arbitrariamente encerrada sem que tivesse decorrido o tempo fixado na referida reforma para que assim se podesse considerar, e, portanto, o poder moderador acaba de violar mais um golpe profundo na constituição do paiz, que solemnemente jurou manter.

Mas para que falar na violação da nossa lei fundamental, que em tempo algum foi devidamente applicada? Pensemos em cousas sérias.

Transformação na opinião publica

O nosso collega O *Combricense*, conclue um magnifico artigo assim intitulado:

«Os ministros dizem que querem disciplinar o paiz. Também o conde de Basto quiz disciplinar o partido liberal entre nós; e todos sabem quem é que ficou disciplinado em junho de 1834.

Egualmente o principe de Polignac quiz disciplinar a França em julho de 1830; e ninguem ignora quem é que ficou disciplinado nos ultimos dias d'esse mez.

E enfim o ministro Guizot quiz disciplinar a mesma Franca em fevereiro de 1848; e quem ficou disciplinado n'esse mez todos o sabem.

Querem disciplinar o paiz, rasgando as principaes disposições e garantias da lei fundamental existente, é a maxima das loucuras e das provocações.

A opinião publica está respondendo com firmeza a essa disciplina arbitraria e absolutista, desenvolvendo-se de um modo extraordinario as ideias republicanas.

Veremos quem se engana na tal disciplina.

Perguntas innocentes

Porque se decretariam incompatibilidades para deputados, que não se applicam aos pares do reino?

Porque não seriam comprehendidos nas incompatibilidades os professores de ensino secundario e superior, ao lado dos juizes, militares, etc.?

Porque se abrirá no numero 4 do artigo 4 uma excepção para os delegados do governo, que administram companhias e d'ellas recebem ordenado?

Cremos que a resposta ha de ser cabal, satisfazendo a todos. Mas o absurdo ou o chabacaria parece-nos de tal ordem, que não podemos deixar de a pedir.

Politica estrangeira

Depois dos factos recentes da politica hespanhola, que ha largos dias vêm solicitando as atenções de todos para a gravidade extrema que d'elles resulta, pelo que respeita á situação interna da Hespanha e, porventura, pela influencia natural que hão de exercer na politica portugueza, levando, assim, a um intimo entrelaçamento a politica conservadora na peninsula, — succedem-se na Alemanha acontecimentos tão insolitos e tão perturbadores da paz do espirito que ia reinando n'essa vasta caserna militar, que a Europa inteira tem os olhos fitos n'ella.

A attitude do Reichstag, furtando-se á especiação politica dos conservadores com o anniversario de Bismarck, em que o centro, os progressistas radicaes e os socialistas repelleram por uma votação altamente symptomática as felicitações dirigidas ao Chanceller de ferro, produziu uma impressão profundissima em todos os centros politicos da Europa. As perturbações de d'estes factos naturalmente surgiram, — a demissão do presidente e do vice-presidente do Reichstag, e, principalmente, as afirmações inconstitucionaes do Imperador, saltando sobre quaesquer considerações d'ordem politica para fazer sentir ao parlamento e ao paiz a colera regia, — a peor das coleras, — que lhe ficou estuando no peito; e as dissensões internas que dividiram em dois campos a Alemanha, crearam-lhe uma situação melindrosa e delicada.

E assim vemos agora, em campos estremados, d'um lado, o imperador Guilherme, autocrata e dominador, — mixto incoherente de guerreiro medieval, tribuno rhetorico e demagogo, e de rei constitucional, — commandando, com o impulso indomavel da sua vontade soberana e doentia, a hoste conservadora, com o mesmo vigor e a mesma energia com que, ha pouco ainda, procurava dirigir a onda revolucionaria que não ponde vencer; e do outro, socialistas á frente, enfileiram-se os partidos avançados, reduzindo á verdadeira significação do seu valor como função social, o vulto inconfundível de Bismarck, o qual, se, pelo esforço hereuleo da sua politica de ferro, deu á Prussia a força e o seu prestigio colossal pela unificação allemã, levando a Aguia Imperial ao coração da França, a arrancar de lá nas suas garras potentes a Alsacia e a Lorena, também pelo exaggero do seu conservantismo feroz formou no coração da Alemanha que elle creou, o cancro lethal que lhe está exaurindo toda a seiva, toda a energia; — o militarismo absorvente da força expansiva da sua riqueza.

E o imperador, que todos sabem como, ao receber a herança de Guilherme I, compensou os serviços que á casa da Prussia prestou Bismarck, relegando-o das suas elevadas funções de chanceller do imperio, arrancando-lhe das mãos a direcção superior da politica allemã, está decidido agora a proseguir na politica do exilado de Friedrichsruhe.

Bem o mostra a indignação, que mostrou bem clara, pela decisão do Reichstag, o telegramma que enviou ao principe Bismarck e, sobretudo, a allocução que lhe dirigiu em Friedrichsruhe, onde foi visitado, á frente das tropas que o esperavam já, offerecendo-lhe uma espada de honra com guarnição e copos d'ouro: — Que não achava melhor presente do que offerecer-lhe a espada dos germanos, com o brazão da Alsacia-Lorena gravado n'ella, — *symbolo d'un meio que nunca falha.*

E se os acontecimentos da politica allemã inspiram receios pelo muito que d'elles pôde surgir, maior é a impressão que nasce d'estas palavras symbolicas do imperador Guilherme, que se nos affigura sempre de espada na mão e vestido de ferro.

E assim veremos nós a politica allemã inspirada na orientação conser-

vadora de Bismarck, d'aquelle que o imperador expulsou para seguir a politica aventureira dos seus movimentos impulsivos.

Permanece-se, por enquanto, na expectativa do que surgirá da situação politica da Hespanha.

O ministerio de Canovas, que é a alma do conservantismo hespanhol, já a esta hora tem feito em côrtes a sua apresentação. Terá uma vida constitucional desassombrosa? Poderá, dentro das formulas normaes, obter a approvação dos orçamentos e fixar as forças de mar e terra para o exercicio seguinte, bases indispensaveis para governar?

Se o não alcança está disposto, pelo que declara, a dissolver o parlamento e acceitar as consequências, quaesquer que ellas sejam, que d'este acto resultarem. E veremos então uma larga dictadura no paiz visinho, dictadura forte e sem receios sustentada, se necessario fór, pelo gume acerado da espada de Martinez Campos.

Não será, contudo, motivo para espantos se, pela natural logica dos acontecimentos, cair d'um momento para o outro a actual situação conservadora; bastará que se rompa o conflicto que existe latente com a Republica Norte-Americana, se, porventura, vierem a complicar-se mais as coisas de Cuba, como tudo o leva a crer.

Não são de molde a dissipar receios as noticias que de lá chegam. Nem as tropas legaes lograram ainda um ataque decisivo, nem mesmo um resultado importante, nem os insurrectos mostram desanimo ou quebrantamento de energia. É precisamente o contrario o que sabemos. Os sublevados affluem e resistem; as tropas legaes têm-se esgotado em simples escaramuças insignificantes.

Lá vai partir agora para Cuba Martinez Campos, — a esperanza dos hespanhoes, — com 8.000 homens d'armas e 4:200 contos em dinheiro. Lembremo-nos, porém, de que nos Estados-Unidos ha muitas armas e muito dinheiro. . . E se a poderosa Republica Norte-Americana n'isso tiver empenho, — nem a espada de Martinez Campos conseguirá manter na corôa de Afonso XIII essa riquissima perola a soltar-se.

Deputados por Coimbra

Entre os deputados que o governo fará eleger por Coimbra, será incluído o nome do sr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, para quem o sr. João Franco já pediu votos nas ultimas eleições.

Esse cavalheiro é irmão do honrado estadista, chefe do partido progressista, sr. José Luciano de Castro, e diz que é progressista.

A quem toca.

Eia . . .

O general Martinez Campos julga que a Hespanha é um acampamento que a sua espada, prostituida em aventuras de caserna, pôde alinhar e manter em respeito.

O heroe, em cujo pulso todas as cidades têm encontrado apoio e defeza, apresentou no senado, porque é senador aquelle aventureiro, uma proposta para que já mais houvesse confusão n'um ponto que elle julga indiscotivel na sua erudição de caserna, isto é, para que fique bem assente que os jornalistas que criticarem militares, como militares fiquem sujeitos a um tribunal militar, o que quer dizer de excepção e odioso.

Causa uma melancolia infinda esta opera-buffa de estar um paiz altivo e glorioso como a Hespanha, sumido sob o tacão d'aquelle sargentola que nem sequer tem uma falha de talento por que se imponha ou destlumbre.

Mas em compensação, é sobremodo grotesco que Martinez Campos tenha pretensões a abafar a imprensa hespanhola.

Final, e ainda bem, a gargalhada triumphal. . .

Elevador

Os concessionarios da empreza do elevador declaram, n'uma circular dirigida ao publico, que só foram subscritos 30 contos, e que faltam 18 para o custo total da obra, segundo o ultimo orçamento.

Quando foi aberta a subscrição para a quantia de 70 contos, custo do elevador segundo o orçamento primitivo, os amigos do sr. Ayres de Campos affirmavam que a subscrição seria coberta em Lisboa e no Porto, embora fosse pequeno o numero de subscritores de Coimbra.

Ouvimos dizer também que a subscrição em Coimbra tinha attingido 15 contos approximadamente, não incluindo n'essa quantia as ações com que ficava o sr. Ayres de Campos.

Ora ao sr. presidente da camara ouvimos nós repetidas vezes affirmar, sem a menor hesitação, que a empreza do elevador daria, pelo menos, 12 por cento de dividendo; e, não podendo duvidar de que s. ex.^a estava plenamente convicto do que affirmava, nem tão pouco de que estava seriamente empenhado em que a empreza conseguisse realizar o seu intento, não hesitavamos em acreditar no boato de que só elle subscreveria com 25 contos. Era um bom emprego de capital, e, alem d'isso, o sr. presidente da camara poderia ufaná-lo de ter prestado um optimo serviço a Coimbra.

Pela circular que acaba de ser publicada vemos, porém, que nos pretendiam illudir d'um modo miseravel. Os amigos do sr. Ayres de Campos, que um dia se lembrou de fazer a Coimbra as mais ridentes promessas garantindo as com o honrado nome de seu pae, procuraram cumprir essas promessas á custa dos habitantes de Coimbra, a quem para isso mentiram descaradamente!

Já nem sequer se pôde esperar que a empreza dê 12 por cento de dividendo! Os mirificos calculos, que primitivamente se fizeram, foram agora reduzidos pelos concessionarios a mais humildes proporções: A empreza do elevador dará 8 por cento de dividendo! É verdade que não se inclue n'esse calculo o producto do transporte de mercadorias; é só o de passageiros, e, para que este garanta os taes 8 por cento, basta que haja tres passageiros por ascensão!

Chega a ser inacreditavel! Os srs. concessionarios disporão dos mesmos recursos intellectuaes que o sr. Ayres de Campos, ou supporão que os habitantes de Coimbra são todos idiotas? Hesitamos na resposta.

Havemos de continuar a tratar d'este assumpto em que o sr. presidente da camara e os seus amigos *mirandaccos* têm revelado quanto são honestos e dignos.

E digam que nós queremos pôr obstaculos a que se realice um melhoramento tão importante para Coimbra. . .

Legado

O dr. Manoel Marques de Lima Figueiredo, distincto engenheiro, ha pouco fallecido em Lisboa, deixou a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra metade da terça da sua fortuna que, segundo as informações que temos, é importante.

Esse legado, de que é usufructuario o nosso amigo e illustre lente da Universidade sr. dr. Henrique Manoel de Figueiredo, é destinado á conservação e desinvolvimento da instituição das officinas do collegio dos orphãos de S. Caetano.

Conhecemos de perto estas officinas que têm dado optimos resultados, e que, para se desinvolverem devidamente, necessitam de recursos de que a Misericórdia não pôde dispôr. Não podia ter melhor applicação o legado, e oxalá que elle seja incentivo para que a caridade e a philantropia auxiliem uma instituição que bem digna é d'esse auxilio.

Collegio da Trindade

Está annunciada, pelos Proprios Nacionaes, a venda do Collegio da Trindade. Lá diz o prologo popular — quem porfia mata caça. E nós diremos — tanto se muda de partido que se alcança.

Carta de Lisboa

29 de março de 1895.

Agradeço ao meu amigo que fez o favor de lhes dar noticias d'esta cidade, emquanto eu estive doente. Agora que vou melhor, torno ao meu trabalho e a dar-lhes a massada das minhas cartas.

—A politica está prestes a desembrulhar-se. Se assim não fôr, se tudo continuar como até agora, então francamente já não sei o que se chama cálculo ou previsão. Cálculo, digo eu! Certeza será melhor, pois parece evidente que isto não pôde continuar sem ter uma solução violenta.

O governo vai decretar uma reforma eleitoral, cujas consequências são desastrosas para as opposições. Por um lado, estimo, porque, ficando os republicanos de Lisboa postos de parte nas luctas eleitoraes, é de esperar que o partido aqui siga outro caminho e recupere as forças que tantas vezes malbarata em pequenas questões de voto. Não que os republicanos de Lisboa deixem de seguir o trabalho de organização iniciado pelo norte. Felizmente já os srs. Alves Corrêa e Jacintho Nunes organizaram uma comissão municipal em Odemira e que a comissão provisoria tenciona em breve encetar os seus trabalhos em Lisboa. Mas as eleições caçam e acostumam mal um partido que, n'este momento, tem de ser essencialmente revolucionario. No entanto, se me regosijo com o facto de os republicanos deixarem de ir à urna, não por isso deixo de achar uma infamia a lei eleitoral, como por ali dizem que ella é.

O partido progressista, dizem que se absterá e se dissolverá. Mas também é certo que os progressistas, se o partido se dissolver, formarão em grande numero com os regeneradores dissidentes, um partido chamado nacional, e disputarão as eleições ao governo.

Seja como fôr, como se fazem as eleições e com esta lei eleitoral, só irá à camara quem o governo quizer. Teremos, pois, a bandalheira dos accordos, se algum, com o titulo de opposicionista, quizer entrar no parlamento.

O tal partido nacional de que lhes fallo, parece que será formado por regeneradores dissidentes, progressistas dissolvidos e parte da liga liberal. Gente para a tripulação d'este navio pirata já está indicada. Eis alguns nomes: Mattoso dos Santos, Francisco Mattoso, Elvino de Brito, José d'Alpoim, Ressano Garcia, José Dias Ferreira, Marçal Pacheco, Emygdio Navarro, Augusto Fuschini, Marianno de Carvalho, José de Azevedo,

Correia de Barros, Pedroso de Lima e outros.

Creio que na verdade se lhe pôde chamar um partido nacional. Será uma indigna especulação politica, semelhante à da Liga Liberal que levou ao poder o sr. Antonio Ennes (hoje ganhando 50\$000 por dia!), o sr. Fuschini, o sr. Bernardino Machado, e que empregou alguns aventureiros. Verdade seja que, a avaliar pelos nomes que acima indico, o partido nacional é de gente honrada. Honradissima!

—Continua a discussão entre o Navarro e o Burnay. Por enquanto está vencedor o Burnay, creio mesmo que esmagará o Navarro, o que eu muito estimo; mas depois desejo também que algum arranque a pelle ao Burnay. Porque os dois, no meu entender, são dignos um do outro.

—A camara do Porto cá veio trazer a sua mensagem contra a reforma administrativa. Lá voltou para o Porto sem a lèr. Agora o que fará? Não sei.

—Falla-se aqui muito de casos escuros, patifarias epicas, tudo referente ao monopólio dos phosphoros. O que fôr não soará decerto, que muita gente precisa de dinheiro e portanto muita gente se ficará silenciosa.

—Correm conversas tristes de que ao fim de alguns mezes veremos qual que desgraça em Africa. E tudo vago, dito em voz baixa. Presagios sinistros de grandes tristezas.

—Mas nada de pensar em semsaborias.

Vida alegre, ladrões à solta, politicos insultando-se à luz do dia e indo às escuras de mãos dadas roubar o que encontram, o rei divertindo-se, os syndicateiros do Porto pedindo mais dinheiro, o governo dando para baixo e o povo de bocca aberta...

Um dia a barcaça irá ao fundo! Pouco mais leva, além d'uma choldra de patifes.

Jocelli.

Foram já approvadas, pelas respectivas comissões de revisão, as theses dos licenciados em Direito Antonio José Teixeira d'Abreu e Affonso Augusto da Costa.

Consta-nos que as defenderão no proximo mez de maio.

Camara Municipal

No numero anterior do nosso jornal referimos que nos tinham communicado alguns factos escandalosos praticados em S. Martinho do Bispo por um agente dos nossos muito dignos mirandaceos. Vamos expôl-os hoje em toda a sua singeleza e sem comentarios, que seriam menos eloquentes do que elles.

N'uma propriedade contigua a uma

estrada da Povia, de S. Martinho do Bispo, foi aberto ha annos um fosso, e, sendo o proprietario intimado para vedar a propriedade, foi-lhe dado o alinhamento pelo respectivo empregado da camara. Como o tal proprietario não podesse vedar a propriedade pelo alinhamento dado sem inutilisar o fosso, foi adiando a realisação da obra sob diferentes pretextos.

Tomando posse a camara, de que é muito digno presidente o sr. Ayres de Campos, o tal individuo, que é um importante agente eleitoral dos seus amigos, entendeu que devia cumprir as ordens que recebera da camara anterior—applicando o trabalho braçal, que fôra encarregado de dirigir, em deitar abaixo o silvado que vedava uma propriedade fronteira à sua e pertencente ao sr. José Fernandes. Salvou assim o seu fosso, alargou a sua propriedade e a estrada, tudo à custa do visinho!

Este queixou-se à camara, que resolveu, na ausencia do sr. Ayres de Campos, ir em victoria a S. Martinho do Bispo.

Não apparecendo os camaristas que não são mirandaceos, não houve numero sufficiente para a victoria, encontrando-se em S. Martinho somente o sr. vice-presidente com dois ou tres vereadores.

O sr. vice-presidente entendeu ainda assim que devia ouvir algumas testemunhas acerca dos factos referidos pelo sr. José Fernandes, e, pelo inquerito a que procedeu, convenceu-se de que o tal agente eleitoral mirandaceo tinha praticado verdadeiras torpezas, dirigindo ao sujeitinho phrases niammente severas e certificando-o de que saberia fazer justiça.

Antes, porém, que podesse cumprir a sua palavra, regressou de Lisboa o sr. Ayres de Campos, que resolveu não dar andamento algum ao assumpto, exautorando assim o vice-presidente.

E lá está o agente mirandaceo a rir-se e o sr. José Fernandes a pedir que se lhe faça justiça!

Mas o sr. Ayres de Campos é muito serio, é herdeiro d'um nome glorioso e honesto...

Entre outros distinctos correligionarios nossos, estiveram em Coimbra os srs. drs. Teixeira de Queiroz, de Lisboa, J. Cortezão, da Figueira da Foz, e Ulisses Braga, de Braga, com cuja visita a esta redacção muito nos honramos.

Thesoureiro da camara municipal

Sabemos que intrigas por ahí fervilham para que seja nomeado thesoureiro da camara municipal um cavalleiro que têm as mais altas protecções em Lisboa e até no ministerio. Sabemos também que o sr. Ayres de Campos envia os seus melhores esforços para que essas intrigas sejam coroadas de bom exito, não obstante ser enormemente prejudicado o municipio de Coimbra com a nomeação do tal cavalleiro.

gou na sopeira que tinha posto de parte e ahí deitou tudo o que uma sopeira pode levar de carneiro e arroz.

Esta é a parte da pequena Jenny... Como ella ficará contente! Vou eu mesma levar-lh'a.

IX

UMA PEDRA DA BASTILHA

Quando Cadet chegou ao pé dos seus amigos, encontrou a pequena Jenny a fazer a sua toilette de creança.

O pae estava ausente. Graças à recommendação de M. Santerre, tinha sido alistado entre os trabalhadores de Paris.

A mãe, a um canto, fazia meia.

A habitação tinha perdido o seu ar miseravel e arruinado. Estava, porém, longe de ser confortavel; mas a fada de Jenny, tinha achado meio de ahí dispor com gosto os melhores utensilios e os mais pequenos objectos. Tudo aquillo era tão proprio, que o conjuncto produzia alegria.

O pequeno, confortavelmente vestido, ostentava umas bellas faces vermelhas; a valentia de Jenny, e a sua actividade, a vivacidade dos seus movimentos, respiravam saude. Miguel, á noite, acabado o seu dia, devia sentir-se feliz ao encontrar-se com os seus dois filhos.

A Combate somente, insensível a tudo, guardava o seu ar duro e a sua

Na camara ha alguns homens serios em quem depositamos ainda conffiança sufficiente para acreditarmos que o sr. Ayres de Campos não conseguirá realisar o seu intento.

Em todo o caso veremos e depois fallaremos.

Fez hontem acto de licenciatura na faculdade de Mathematica o sr. Alvaro José da Silva Basto.

Argumentaram: na dissertação, que se intitulava *Fôrma da terra*, o sr. dr. Sousa Pinto, e nos cinco pontos os srs. Drs. Souto Rodrigues, Arzilla Fonseca, Costa Lobo, Henrique de Figueiredo e Luciano P. da Silva.

Vão em breve realisar-se n'esta cidade dois concertos em beneficio de algumas senhoras de Lisboa, que desejam ir à Italia completar a sua educação musical e radicar as disposições excepcionaes, que para a arte lyrica têm revelado e já demonstrado em Lisboa e outras terras do paiz.

A ideia é generosa. Sabemos que a tuna lhe dá todo o seu apoio, e que, nos academicos e população de Coimbra, encontrará um echo de sympathia calorosa.

Porisso auguramos magnifico resultado a todos os que promovem e cooperam n'esses concertos.

Haverá dois grandes concertos vocaes e instrumentaes, no dia 17 d'abril e 1 de maio em que tomam parte:

- Sr.^a D. Maria Madre de Deus Diniz (soprano).
- Sr.^a Claudina Medina de Sousa (soprano).
- Sr. Christiano Telmo (tenor).
- » Virgilio de Sousa (barytono).
- » Julio Caggiani (violinista, rebecca a solo do theatro de S. Carlos).
- Sr. Augusto de Moraes Palmeiro (violoncellista a solo).
- Sr. João Ferreira (pianista).
- Espera-se que a distinctissima *Tuna da Academia*, por especial fineza, se digne tomar parte nos dois concertos.

A assignatura para estes dois concertos está aberta desde já no estabelecimento do ex.^{mo} sr. Joaquim Pessoa; rua Borges Carneiro, 140, e nos mais logares do costume.

Pregos pelos dois concertos: camarotes, 6\$000 réis; fauteuils, 1\$200 réis, cadeiras, 1\$000; geral, 400 réis.

Bibliographia

Lemos com prazer *Os Poetas*, do sr. Felix de Magalhães. É uma aspiração muito sonhada para a libertação da Patria, dedicada ao primoroso poeta João de Deus e ao nosso eminente correligionario e sublime vate Guerra Janqueiro.

Bem quizeramos transcrever algumas linhas do formoso poemeto em prosa. Não o permite a falta de espaço.

Agradecemos, entretanto o delicado offerecimento que o seu auctor se dignou fazer-nos.

impassibilidade de pedra. O tempo podia ter influencia sobre os outros, suavisar a sua dor, trazer-lhes o esquecimento, dar-lhes alegria. Ella, permanecia fixa no dia em que seu filho tinha morrido.

No grande quarto, confortavel e claro, via ella constantemente o cadaver do pequeno Claudio sobre o grabato miseravel.

De tempos a tempos, sem pousar o seu trabalho sabia. No mez precedente tinham-na visto em Versailles sacudindo as grades do palacio e sobre a praça do Hotel-de-Ville, de punho erguido, ameaçando o carro do rei.

Quando seu marido, depois de cear, repetia o que tinha ouvido dizer durante o dia, escutava ella em silencio.

Nos campos tinham-se incendiado castellos; nas cidades tinham-se derubado barreiras.

— Bem! bem! — dizia ella. E' o começo!...

E punha-se de novo a fazer meia, esperando a hora de vingar o seu morto querido.

Jenny indicou-a com o dedo a Cadet. — Deixemol-a tranquilla, — dizia ella baixando; — lá fôra fallaremos.

Guardo o teu optimo arroz para á tarde; a creança almoçou, posso agora sair.

Pegou nos seus laços de *litas* e sentou commodamente o seu irmão,

Temos em nosso poder o Boletim n.º 11 da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães. Corresponde ao mez de fevereiro.

Recebemos e agradecemos o n.º 5 da *Revista das Escolas* publicação quinzenal do Porto, de que é proprietario e director o sr. Antonio de Mesquita.

Publicou-se o n.º 4 do interessante jornal *O Tiro Civil*.

Testemunho de saudade

Passa amanhã, 1 de abril, o primeiro anniversario do fallecimento de minha querida e santa mãe, a sr.^a Michaela Engracia de Jesus Horta.

Ha muitos annos separado d'ella, só raras vezes a abraçava nas minhas rapidas visitas a Coimbra, sendo sempre recebido com o mesmo amor e carinho, por isso a sua perda me foi tão dolorosa e sentida como se nunca me tivesse afastado do seu lado.

Dedicando estas linhas á memoria da querida extinta, rendo-lhe a homenagem da minha profunda saudade e gratidão.

Que a sua alma descanse em paz. Maiorca, 31 de março de 1895.

José Horta da Silva

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 13 de março de 1895.

Presidencia do bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes:—Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos;—José Corrêa dos Santos, substituto.

Apresentado o officio dirigido á camara pela comissão promotora do congresso da tuberculose, fim para que foi convocada esta reunião extraordinaria, leu-se o programma do congresso que annuncia as suas sessões nos dias 24 a 27 do corrente, na sala dos actos grandes da Universidade. Vendo-se que a comissão chama a attenção especial da camara para esta festa da sciencia, esperando que ella tome quaesquer deliberações para uma recepção condigna aos congressistas, resolveu a mesma camara; que durante as noites de 24 a 27 do corrente mez se illumine a fachada do edificio dos paços municipaes, praticando-se os actos de costume se usam em dias festivos; que se envie uma mensagem de congratulação ao congresso; e que considerando festivos os mencionados dias, cessem durante elles os trabalhos da vereação.

E resolveu também fazer sentir ao presidente da comissão promotora do congresso, que em vista dos miniguados recursos do municipio não pôde a mesma camara fazer nos paços do concelho, como desejava, uma recepção condigna aos congressistas, que reconhece vêm honrar esta terra e prestar os seus servicos em prol da sciencia e da humanidade.

metteu-lhe nas mãos um brinquedo, recommendou-lhe que estivesse socoado, e, tendo levantado o dedo para accentuar a sua recommendação, partiu com o seu amigo. Caminhava rapidamente e não fazia mais ruido ao andar do que um passaro o faria.

— Se não tivesses vindo, — disse ella a Cadet, — teria eu ido procurar-te; preciso de ti hoje. Tenho uma ideia nova. Meu pae tem trabalho agora, e o meu commercio vai bem; mas poderiamos decair novamente, e por isso quero fazer economias. Encontrei um meio de ganhar dinheiro.

— Ah! ah! — disse Cadet com interesse.

— Sim, tu verás. Vem commigo. — Onde me levas? — Bem pertó. Á demollção da Bastilha!...

Estava-se demollndo a Bastilha, effectivamente.

Uma dupla fleira de guardas francezes e de soldados da milicia burgueza guardava o vasto recinto desmantelado. Os curiosos apertavam-se em volta, ao passo que um milhar de operarios, armados de picaretas, de alviões, de alavancas, agitavam-se nos escombros. As pedras rolavam com um ruido surdo. O ar estava obscurecido pela poeira...

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

VIII

UM FORNO ECONOMICO EM 1789

E' preciso que, ás dez horas, quando minha mulher tenha acabado a sua toilette, tudo esteja prompto. Guardo-lhe esta surpresa.

E ás dez horas, com effeito, o mestre cervejeiro, depois de ter vestido o seu fato azul, offerencia a mão á senhora Santerre e conduzia-a á plataforma.

—Tens muito frio, o tempo está humido? perguntava a senhora Santerre.

—Não, não, vinde, vinde!

Quando chegou á plataforma soltou um grito de espanto.

A surpresa do seu marido, enchia o pateo.

Era um exercito de crianças seminuas, com as mãos cobertas de frielras, e as faces roxas de frio.

Havia alli crianças de seis e oito annos, de olhos vivos, batendo com os pés no chão e soprando nos dedos; rapazinhos de onze annos, de face doentia, conduziam pela mão um pequeno

irmão, ou irmã que se chegavam a elles para se aquecer. Todos levavam, uma caneca de ferro esmaltado, e uma escudella de barro ou de madeira.

A' entrada da plataforma, havia empurrões, rizados, choros, e fallava-se alto.

Mas, ao fundo, reinava a ordem e o silencio; tinha-se formado cauda, e os que a compunham desfilavam alternadamente deante das grandes caldeiras fumegantes, collocadas sobre trempeis.

Cadet tomava uma a uma as canecas e escudellas e entregava-as solememente aos seus amigos Labroche e Galand, que, com uma colher de ferro, as enchiam de arroz e carneiro. Os companheiros riam de prazer, e havia bem de que, ao ver os rostos alegres das pobres creancinhas esfomeadas.

Algumas não tinham a paciencia de esperar a chegada á rua: tomavam os bocados de carne com os dedos e approximavam os labios do arroz. Mas a maior parte pensava nas mães, e partia correndo, sem tocar na provisão da familia.

Todos se sentiam excitados por o bom cheiro do forno. Os rostos haviam perdido a visagem dolorosa...

O bom e gordo cervejeiro chorava de alegria vendo o successo da sua idela.

Terminada a distribuição, Cadet pe-

FELIX MAGALHÃES
OS POETAS

Plaqueta em 25 paginas, formato 16.^o primorosamente impresso na typographia occiden-tal, do Porto.—Preço, 200 réis

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

ROTEIRO ILLUSTRADO
do
VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

CODIGO
do
PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR
Decreto de 24 de janeiro de 1893
3.^a edição
Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabetico

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta doCodigo do Processo Commercial, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo go-verno.

Preço 200 réis
(FRANCO DE FORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

Interpretação e construcção litteral

DAS
FABULAS DE PHEDRO

FOR
Um antigo professor de latin
1 volume..... 700 réis

À venda na casa editora de F. França Amado, Coimbra — e em todas as livrarias do paiz.

Annuncio

(2.^a publicação)

21 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, hão de vender-se no dia 28 do proximo mez de abril, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, os predios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado de José d'Oliveira Ferreira, morador que foi no logar do Ameal, e fallecido no Brazil, os quaes são:

O dominio util d'uma terra de sementeira com oliveiras, no sitio dos Covões, freguezia do Ameal.

O dominio util d'uma outra terra de sementeira, no mesmo sitio dos Covões, freguezia dicta.

Estes dois predios formam um só prazo de que é senhorio directo Antonio Calheiros de Noronha, d'Oes de Bairro, a quem paga o foro annual de 9 alqueires ou 118,448 de milho, 9 quartilhos ou 3,132 d'azeite e 2 gallinhas. Foram avaliados, liquidos do foro, e vão á praça em 356,800 réis.

O dominio util d'uma casa, no sitio da Zorra, freguezia do Ameal. Paga o foro de 960 réis annual, em dinheiro, ao senhorio directo, dr. José Soares Pinto de Mascarenhas, d'esta cidade. Foi avaliado, liquido do foro, e vai á praça em 195,200 réis

A contribuição de registro é paga pelo arrematante.

São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Neves e Castro.

Editos de trinta dias

(1.^a publicação)

20 Pelo Juizo de Direito da sexta vara civil da comarca de Lisboa e cartorio do quarto officio, e nos autos civeis de justificação avulsa, em que é justificante Carlos Augusto de Magalhães Infante, casado, proprietário, da villa de Cantanhede, correm editos de trinta dias, contados desde a ultima publicação do respectivo annuncio, citando interessados incertos que se julguem com direito á herança de Nuno Leopoldo de Magalhães Infante, solteiro, maior reformado, natural de Coimbra, fallecido em quatorze de janeiro ultimo na rua das Ollarias numero vinte e cinco, freguezia dos Anjos da cidade de Lisboa, irmão do justificante, para na segunda audiencia d'aquelle juizo da sexta vara, verem accusar a citação e seguirem os mais termos do processo, em que o justificante allega: — que o dito seu irmão Nuno Leopoldo de Magalhães Infante falleceu sem deixar ascendentes nem descendentes, deixando testamento em que instituiu o justificante seu universal herdeiro;—que na herança existem dezoito inscripções d'assentamento com os numeros nove mil quatrocentos cincoenta e sete, nove mil quatrocentos cincoenta e oito, nove mil quatrocentos setenta e tres, vinte e um mil seiscentos noventa e oito, trinta e sete mil oitocentos oitenta e um, quarenta e tres mil trezentos quarenta e quatro, quarenta e tres mil trezentos quarenta e cinco, cincoenta mil trezentos e onze, cento e seis mil seiscentos quarenta e tres, cento vinte e um mil quinhentos sessenta e um a cento vinte e um mil quinhentos sessenta e seis, nove mil e cem, nove mil cento e um, setenta e oito mil cincoenta e seis, e um deposito no Montepio geral com o numero quarenta e tres mil quatrocentos quarenta e sete, na importância de duzentos e trinta mil duzentos e sessenta réis (liquidada em trinta de novembro ultimo). Que n'estes termos pretende ser julgado como unico e universal herdeiro do fallecido seu irmão Nuno Leopoldo de Magalhães Infante, e averbarem-se as inscripções em seu nome. Declara-se que as audiencias no referido juizo da sexta vara da comarca de Lisboa se fazem ás terças e sextas feiras, não sendo dias santificados ou feriados porque sendo-o se fazem nos immediatos.

Verifiquei.

Neves e Castro.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

19 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

Abertura de fallencia

(2.^a publicação)

18 Em sessão do Tribunal do Commercio de Coimbra, de 22 do corrente mez de março, foi declarado em estado de quebra o commerciante Manoel Joaquim Pereira, residente na Castanheira de Pera, sendo nomeado administrador da massa fallida João Lopes de Moraes Silvano, e curador fiscal David de Sousa Gonçalves, ambos negociantes residentes n'esta cidade, e sendo marcado para a reclamação dos creditos o prazo de 60 dias.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente,
Neves e Castro.

Bomba para incendio
ou jardim

17 Vende-se uma quasi nova e por mela le do seu valor. Quem pretender dirija-se ao snr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

AOS VIAJANTES

16 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica colleção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Allemanha e Inglaterra.

AOS MESTRES D'OBRAS

13 Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2^m,50 × 0^m,35 a 0^m,65 de largo, e 0^m,04 a 0^m,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos.
Para informações rua dos Sapateiros, 80.

Marçano

14 Precisa-se de um com pratica de fazendas brancas, proximo a ganhar, ou caixeiro que tenha principiado.

Loja do Povo

43, Praça do Commercio, 45
COIMBRA

Arrenda-se

13 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. —Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

7 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de **para-ralos, telephones, campainhas electricas, etc.**, serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofole, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moinhos e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

6 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampilha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

PHAETON

12 NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

11 ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

LIVROS DE MISSA

10 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, pioca, vitella etc.

CASA HAVANEZA
COIMBRA

CALDEIRA DA SILVA
CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

9 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

8 NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continua o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attensões devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado. Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

Tambem já ha e continua a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

Amendoas! Amendoas!

CONFEIARIA E MERCEARIA
Innocencia & Sobrinho

91, R. Ferreira Borges, 97 — Coimbra

5 Enorme sortido de amendoas, fabricadas em esta antiga casa com todo o asseio e perfeição. Vendas por grosso e a retalho. *Grandes descontos aos revendedores.* Enviam-se pelo correio tabellas com os preços e condições de venda a quem as pedir.

N'este estabelecimento encontra-se sempre uma grande variedade de doces seccos e de calda, marmellada, rebuçados, biscoitos, bolachas nacionaes e estrangeiras, chá, café, assucar, manteiga, massas, queijo, bacalhau, polvo, vinhos do Porto, Madeira, Gerez e Champagne, genebra, licores, etc., etc.

Artigos para escriptorio e tabacos.

Amendoas! Amendoas!

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Cordas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

4 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128—RUA FERREIRA BORGES—130

3 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA.

Capital réis 1.344:000\$000

Fundo de reserva 225:000\$000

2 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

Vinho de mesa puro genuino

1 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro.

Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaga ao freguez.

A. Marques da Silva.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administracção
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA